

“(…) Com essas publicações, busca-se conceder voz a esses estudantes e ampliar sua visibilidade nas universidades públicas e em outros espaços sociais. Esses livros trazem os relatos sobre as alegrias e lutas de centenas de jovens, rapazes e moças, que contrariaram a forte estrutura desigual que ainda impede o pleno acesso dos estudantes mais pobres às universidades de excelência do país ou só o permite para os cursos com menor prestígio social.”

Ricardo Henriques

Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade - SECAD

Ministério
da Educação



UFC

Caminhadas

de universitários de origem popular

ISBN 85-89669-08-4



9 788589 669085

Caminhadas de universitários de origem popular

UFC Universidade Federal do Ceará

Caminhadas

de universitários de origem popular

UFC

Copyright © 2006 by Universidade Federal do Rio de Janeiro / Pró-Reitoria de Extensão.
O conteúdo dos textos desta publicação é de inteira responsabilidade de seus autores.

Organização da Coleção: Jorge Luiz Barbosa

Coordenação Técnica: Ana Inês Sousa

Programação Visual: Seção de Produção Editorial da Extensão / PR-5 / UFRJ
Coordenação: Claudio Bastos
Anna Paula Felix Iannini
Thiago Maioli Azevedo

Revisão de Textos: Simone Maria de Paiva Martins

Imagem da Capa: www.imageafter.com

C183 Caminhadas de universitários de origem popular : UFC / Adriano Batista ... [et al.]. -- Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-Reitoria de Extensão, 2006. 164 p. ; 24 cm. -- (Coleção Caminhadas de universitários de origem popular)

Ao alto do título: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Programa Conexões de Saberes : Diálogos entre a Universidade e as Comunidades Populares.

Parceria: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.
ISBN 85-89669-08-4

1. Estudantes universitários – Programas de desenvolvimento – Brasil. 2. Integração universitária – Brasil. 3. Extensão universitária. 4. Comunidade e universidade – Brasil. I. Batista, Adriano. II. Programa Conexões de Saberes : Diálogos entre a Universidade e as Comunidades Populares (Brasil). III. Universidade Federal do Ceará. IV. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pró-Reitoria de Extensão. V. Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

CDD: 378.81

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares

Caminhadas

de universitários de origem popular

Rio de Janeiro - 2006



Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério da Educação

Fernando Haddad
Ministro

José Henrique Paim Fernandes
Secretário Executivo

André Luiz de Figueiredo Lázaro
Secretário Executivo Adjunto

Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade - SECAD

Ricardo Henriques
Secretário

Departamento de Desenvolvimento e
Articulação Institucional

Francisco Potiguar Cavalcante Junior
Diretor



Programa Conexões de Saberes: Diálogos entre a Universidade e as Comunidades Populares

Jailson de Souza e Silva
Coordenação Nacional

Cecelina de Maria Veras Sales
Coordenação Geral do Projeto Conexões de Saberes na
Universidade Federal do Ceará

Maria de Fátima Vasconcelos da Costa
Coordenação Setorial do Projeto no Município de Fortaleza

Manoel Andrade Neto
Coordenação Setorial do Projeto no Município de Pentecostes



Universidade Federal do Ceará

René Barreira
Reitor

Luiz Antônio Maciel de Paula
Pró-Reitoria de Extensão

Célia do Amaral Gurgel
Coordenação de Integração e Movimentos Sociais

Nukácia Almeida

Kelsen Bravos da Silva
Assessoria Técnica

Instituição Parceira:



Observatório de Favelas do Rio de Janeiro

Jailson de Souza e Silva

Dalcio Marinho Gonçalves
Coordenação Editorial da Coleção
"Caminhadas de Universitários de Origem Popular"

Coleção

Caminhadas

de universitários de origem popular

Autores

Adriano Batista

Alan Rodrigues

Allan Patrick

Ana Caroline Andrade Avendano

Antonia Francina Silva da Costa

Antonia Nicelly Pires Marques

Célia Facundo

Daiana Paula Rodrigues de Sousa

Ednaldo Pereira Firmiano

Fábio Teixeira da Costa

Fernanda Rodrigues Machado Farias

Francisca Talitta Muniz Saboya

Francisco Ramos Madeiro Neto

Francisco Wagner Gomes de Sousa

Helano Luz Lopes

Horlleina Firmiano

Jois Maria Mota do Nascimento

José de Paulo Firmiano de Sousa

Leonardo Barros Soares

Lívia Xerez Pinho

Lúcia de Fátima de Sousa Gomes

Luziana da Silva Lima

Manoel Alves

Marcelo de Goes Moreira

Maria da Glória Moraes Aragão

Maria Marcilene

Maria Verusca do Nascimento

Maria Viviane Matos de Lima

Marillia Alves Teixeira

Orleandro Carlota

Patrícia Lianne de Oliveira Almeida

Raimundo Nonato

Raimundo Regivaldo Gomes do Nascimento

Rita de Kácia Marques dos Santos

Prefácio

A sociedade brasileira tem como seu maior desafio a construção de mecanismos que permitam, sem abrir mão da democracia, o enfrentamento da secular desigualdade social e econômica que caracteriza o país. E, para isso, a educação é um elemento fundamental. A possibilidade da educação contribuir de forma sistemática para esse processo implica uma educação de qualidade para todos, portanto, uma educação que necessita ser efetivamente democratizada, em todos os níveis de ensino, e orientada, de forma continuada, pela melhoria de sua qualidade. O Ministério da Educação, no atual governo, persegue de forma intensa e sistemática esses objetivos.

Conexões de Saberes é um dos programas do MEC que expressa de forma nítida a luta contra a desigualdade, em particular no âmbito educacional. O Programa procura, por um lado, estreitar os vínculos entre as instituições acadêmicas e as comunidades populares e, por outro, melhorar as condições objetivas que contribuem para os estudantes universitários de origem popular permanecerem e concluírem com êxito a graduação e pós-graduação nas universidades públicas.

O programa, criado pelo MEC em dezembro de 2004, é desenvolvido a partir da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD-MEC) e representa a evolução e expansão, para o cenário nacional, de uma iniciativa elaborada, na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2002, pela Organização da Sociedade Civil de Interesse Público Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. Na ocasião constitui-se uma Rede de Universitários de Espaços Populares com núcleos de formação e produção de conhecimento em várias comunidades populares da cidade. O Programa *Conexões de Saberes* criou, inicialmente, uma rede de estudantes universitários em cinco universidades federais, distribuídas pelo país: UFRJ, UFF, UFPE, UFMG e UFPA. A partir de maio de 2005, ampliamos o programa para mais nove universidades federais: UFAM; UFC; UFPB; UFBA; UFMS; UnB; UFES; UFPR e UFRGS. Em 2006, o Ministério da Educação já assegurou, em todos os estados do país, 31 universidades federais integrantes do programa.

Essas Universidades, a partir do *Conexões de Saberes*, passam a ter, cada uma, ao menos 25 universitários que participam de um processo contínuo de qualificação como pesquisadores; construindo diagnósticos em suas instituições sobre as condições pedagógicas dos alunos de origem popular e desenvolvendo diagnósticos e ações sociais em comunidades populares. Dessa forma, busca-se a formulação de ações voltadas para a melhoria das condições de permanência dos alunos de origem popular na universidade pública e, também, aproximar os setores populares da instituição, ampliando as possibilidades de encontro dos saberes destas duas instâncias sociais.

Nesse sentido, o livro que tem nas mãos, caro(a) leitor(a), é um marco dos objetivos do Programa: a coleção “Caminhadas” terá 14 livros publicados em 2006, reunindo as contribuições das universidades integrantes do Conexões de Saberes em 2005. Em 2007, teremos 17 novas obras, que reunirão os relatos dos estudantes das universidades que ingressaram no Programa em 2006. Com essas publicações, busca-se conceder voz a esses estudantes e ampliar sua visibilidade nas universidades públicas e em outros espaços sociais. Esses livros trazem os relatos sobre as alegrias e lutas de centenas de jovens, rapazes e moças, que contrariaram a forte estrutura desigual que ainda impede o pleno acesso dos estudantes mais pobres às universidades de excelência do país ou só o permite para os cursos com menor prestígio social.

Que este livro contribua para sensibilizar, fazer pensar e estimular a luta pela construção de uma universidade pública efetivamente democrática, uma sociedade brasileira mais justa e fraterna e uma humanidade a cada dia mais plena.

Ricardo Henriques
Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
Ministério da Educação

Sumário

Apresentação	9
--------------------	---

Memoriais

Parte 1

Luziana da Silva Lima.....	13
Lívia Xerez Pinho.....	18
Francisco Ramos Madeiro Neto	22
Fábio Teixeira da Costa.....	25
Jois Maria Mota do Nascimento.....	29
Alan Rodrigues.....	34
Célia Facundo.....	39
Antonia Francina Silva da Costa.....	42
Leonardo Barros Soares	49
Fernanda Rodrigues Machado Farias.....	55
Francisca Talitta Muniz Saboya.....	59
Maria da Glória Moraes Aragão.....	62
Maria Verusca do Nascimento	64
Patrícia Lianne de Oliveira Almeida.....	68

Parte 2

Adriano Batista.....	73
Horlleina Firmiano	78
Marcelo de Goes Moreira.....	83
Maria Marcilene	88
Antonia Nicelly Pires Marques	93
Orleandro Carlota.....	100

Raimundo Regivaldo Gomes do Nascimento	104
Allan Patrick.....	107
Ana Caroline Andrade Avendano	109
Daiana Paula Rodrigues de Sousa.....	114
Ednaldo Pereira Firmiano.....	118
Helano Luz Lopes	123
José de Paulo Firmiano de Sousa	128
Lúcia de Fátima de Sousa Gomes	132
Marillia Alves Teixeira	137
Raimundo Nonato	143
Rita de Kácia Marques dos Santos.....	148
Maria Viviane Matos de Lima	151
Francisco Wagner Gomes de Sousa	157
Manoel Alves	161

Apresentação

Este livro conduz o leitor à terra, quando o aproxima da realidade e da força da vida, e ao mesmo tempo o leva ao firmamento estrelado, quando partilha sonhos e desejos nesses tempos de descrença e desesperança. A leitura é um convite a percorrer os labirintos da intimidade individual dos autores, mas esses percursos não deixam de ser coletivos, porque tratam de forma recorrente da ousadia da defesa da vida e da afirmação da dor.

A construção desse livro foi, para os autores, um momento de pensar sua própria história, de escolher e selecionar acontecimentos que se tornariam públicos. Foi, principalmente, a tentativa de esculpir sua imagem, de criar um personagem que traz fragmentos de uma vida, revelando momentos de lutas, conquistas, desejos, sentimentos, incertezas, medos, desencantamentos.

Este livro nos instiga a pensar que é possível criar novas rotas, preparar grandes ousadias, desafiar verdades e apostar nas tentativas de auto-superação.

Os trinta e quatro percursos dos estudantes da UFC de origem popular comungam com as expectativas e os sonhos de tantos outros jovens. Constatado isso quando desenvolvo trabalhos e pesquisas com jovens do campo e da cidade e percebo que um sonho muito comum entre eles é chegar à universidade. Ter um curso superior ainda é um mito e uma vontade que povoa a imaginação dos jovens das mais diversas origens.

A mídia, o mercado e a formação escolar informam que o mundo contemporâneo exige qualificação para o trabalho. Esta deve ser obtida através dos estudos, significando mais possibilidades de emprego e uma perspectiva de vida com mais autonomia e garantias socioeconômicas. Essa idéia global de mérito, de esforço próprio para “vencer na vida”, de domínio de certas competências, impele os jovens a interiorizar regras imperativas que moldam o perfil de trabalhador de sucesso. Perseguidos por esse fantasma, muitos jovens se confrontam com a sensação de fracasso e incapacidade.

Compreensivelmente, portanto, a luta pela conquista de uma vaga na universidade é um empreendimento no qual uma parcela significativa da juventude brasileira investe para ultrapassar as barreiras da estratificação social.

A caminhada dos estudantes de origem popular da UFC atesta as inúmeras vicissitudes e, ao mesmo tempo, o vigoroso movimento de construção que move as classes populares em direção a sua emancipação.

O Programa Conexões de Saberes propõe subverter essa ordem e buscar um novo coletivo que potencialize os estudantes a encontrar saídas, a buscar novas formas de pensar e agir. O Programa é uma experimentação de troca e valorização de saberes; ele proporciona aos estudantes uma formação que contempla a diversidade, o múltiplo, a diferença.

O Conexão de Saberes inaugura, com esta obra, o diálogo entre vozes que se fazem ouvir num conjunto diverso de experiências que têm em comum a marca da persistência (alguns chegaram a tentar mais de três vezes o vestibular) e a solidariedade dos familiares.

A experiência daqueles que lutam contra a exclusão, dando-lhe visibilidade.

As histórias de vida aqui apresentadas evidenciam o modo como os autores se percebem e narram suas próprias vidas, trazem várias temáticas, vistas a partir da singularidade dos autores: a labuta familiar, o malabarismo da luta pela sobrevivência e, principalmente, a difícil escalada dos nossos estudantes para chegar à universidade.

Os autores estão divididos em dois grupos, os quinze primeiros são oriundos de bairros populares da cidade de Fortaleza, localizados no entorno de um dos campus da Universidade Federal do Ceará, e os outros vinte são do município de Pentecoste-Ceará.

O primeiro grupo realiza atividades de educação popular, no bairro em que seus membros residem, iniciadas a partir de sua inserção no Programa Conexão de Saberes, e o outro grupo, antes de integrar o Programa Conexão de Saberes, já desenvolvia um trabalho na sua comunidade de origem através do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE).

O Programa de Educação em Células Cooperativas começou, em 1994, em uma pequena comunidade rural do município de Pentecoste, no estado do Ceará, denominada de Cipó. Distante 18km da sede do município e 103km da capital do estado. No início do programa, muitos jovens da região não tinham nenhuma perspectiva de dar continuidade aos estudos, já que lá não havia escolas de ensino médio. Quando concluíam o ensino fundamental, normalmente, paravam de estudar, pois a maioria não tinha como se deslocar para a sede do município ou para Fortaleza (capital do estado), para completarem o ensino básico.

Nesse contexto, a juventude se encontrava sem nenhuma perspectiva de qualquer mobilidade social e de futuro. O sonho da maioria era sair da sua terra para ganhar a vida nas cidades grandes. Com esse sonho, muitos jovens deixavam suas famílias para morar nas periferias das capitais.

O PRECE começou nesse contexto. E teve início como uma simples e despretensiosa iniciativa de um jovem professor (34) da Universidade Federal do Ceará, filho de uma família de agricultores da comunidade de Cipó.

Este livro suscita o debate sobre a universidade pública, trazendo as dificuldades não somente do acesso, mas também da permanência do estudante de origem popular nas instituições públicas. Ele também questiona a qualidade do ensino nas escolas públicas. É um convite à reflexão sobre as desigualdades sociais tão presentes nas vidas dos jovens.

Dra. Celecina de Maria Veras Sales¹
Dra. Maria de Fátima Vasconcelos da Costa²
Dr. Manoel Andrade Neto³

¹ Coordenadora Geral do Projeto Conexões de Saberes na Universidade Federal do Ceará

² Coordenadora Setorial do Projeto no Município de Fortaleza

³ Coordenador Setorial do Projeto no Município de Pentecostes

Parte 1

PROGRAMA
CONEXÕES DE SABERES
MEC / SECAD

Memoriais do grupo de estudantes que desenvolvem atividades na cidade de Fortaleza, nos bairros no entorno do Campus do Pici – Universidade Federal do Ceará – UFC

Luziana da Silva Lima

A semente foi lançada...

As raízes de minha vida: meus pais

Meu pai foi agricultor por vários anos em Senador Pompeu, cidade do interior do Ceará. Como o trabalho na terra mal dava para sua alimentação, ele decidiu vir para Fortaleza em busca de melhores condições de vida. Minha mãe era filha de funcionário da Rede Ferroviária Federal S/A (REFESA). Quando este se aposentou, veio morar em Fortaleza com sua família.

Foi nessa cidade, em 1975, que o amor de meus pais começou e, com menos de um ano, de noivado contraíram núpcias.

Minha mãe passou seis anos sem ter filhos. Pensava que não podia tê-los, mas depois de um tratamento médico conseguiu engravidar. Isso foi uma surpresa para toda a família. Quando chegou o dia vinte e três de janeiro de mil novecentos e oitenta e três, eu, Luziana da Silva Lima, nasci, para a alegria de meus pais, avós, tias e demais parentes.

O caule: educação infantil e ensino fundamental

Em 1987, aos quatro anos de idade, comecei minha vida escolar. Minha mãe e minha tia saíram de casa à procura de uma escola, andaram em várias e não escolheram nenhuma por vários motivos: estrutura física inadequada, grande distância entre nossa casa e a escola, entre outros.

Depois de falar com uma amiga, minha mãe resolveu que me matricularia no Centro Educacional “O Brasileirinho”. Graças a meu avô, que pagava as mensalidades até seu falecimento, pude estudar nessa escola.

Nessa época, comecei a participar da igreja. Realizei minha inscrição para o catecismo e, aos sete anos, fiz minha primeira Eucaristia. Depois, ingressei no Coral Santa Maria Goretti, da Paróquia Imaculado Coração de Maria, localizada no bairro Henrique Jorge.

Chegando ao ano de 1992, vivi um momento de grande incerteza, pois precisaria deixar “O Brasileirinho”. Com a morte de meu avô, meus pais não tinham condições de arcar com as despesas. Eu fiquei triste porque não queria deixar o meu colégio. Então, minha mãe foi falar com a professora Socorro, uma das diretoras da escola, que entendeu o problema e me concedeu meia bolsa de estudos. Fiquei muito feliz e continuei os meus estudos até concluir o ensino fundamental.

Os galhos e as folhas: ensino médio e cursinho pré-vestibular

Ao concluir o ensino fundamental em 1996, fiquei indecisa quanto ao ensino médio: onde iria cursá-lo? A professora de Inglês do Centro Educacional “O Brasileirinho”, Estela

Dias de Holanda, me aconselhou e indicou o Colégio Municipal Filgueiras Lima, onde também ensinava. Eu aceitei a proposta de imediato, já que não tinha outra opção.

Depois de tudo isso, fiz escolha pelo pedagógico. Isso não foi por acaso, pois eu tinha, na verdade, desde menina, um certo gosto pela docência, que jamais se desfez em mim.

No primeiro dia de aula, achei tudo muito estranho, muito diferente do Centro Educacional “O Brasileirinho”.

O Colégio Municipal Filgueiras Lima não apresentava uma boa estrutura física, era muito antigo e contava com um descaso muito grande por parte da Prefeitura. Ele era o único colégio de ensino médio da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Contudo, procurei logo fazer novas amizades. Minhas primeiras amigas foram Josilane e Leidyane. Por coincidência ou não, ainda estudo com Josilane na Universidade Federal do Ceará.

O primeiro pedagógico foi maravilhoso, eu não tive dificuldades nenhuma quanto aos conteúdos, pois vinha de uma escola muito rigorosa que preparava seus alunos para enfrentar qualquer desafio. Como assimilava bem os conteúdos de todas as disciplinas, comecei a ajudar os colegas de sala na compreensão de cada uma delas. Como é bom compartilhar o que aprendi!

No segundo pedagógico, comecei a participar intensamente de todas as atividades do colégio, expandi meus laços de amizade para outras turmas do científico, participei de gincanas etc. Ainda nesse período, fui eleita a líder de minha turma e Josilane, a vice-líder. Todos os sábados, tínhamos reuniões com o pessoal do Serviço de Orientação Educacional (SOE) e fazíamos o relatório dos problemas e das dificuldades enfrentadas durante a semana em nossa sala, contribuindo, assim, para a elaboração de soluções coletivas e construtivas.

O fato marcante desse período foi o início de meu estágio no segundo ciclo da EEF Júlia Giffoni, localizada na Av. Coronel Matos Dourado, no bairro Antônio Bezerra. Esse estágio veio confirmar que realmente tinha escolhido a profissão certa: ser professora.

Outro fato marcante foi que ganhei uma bolsa de estudos integral para estudar Informática no Colégio Pia Marta. Agarrei essa oportunidade com unhas e dentes e aproveitei-a ao máximo, já que meus pais não podiam pagar um curso desse para mim.

No terceiro pedagógico, a professora de Estágio realizou um sorteio das escolas na qual cada aluno iria estagiar. E eu tive sorte, pois fui contemplada com a escola na qual tinha cursado a educação infantil e o ensino fundamental: o Centro Educacional “O Brasileirinho”. Ainda nesse período, fiquei sabendo que a Prefeitura Municipal de Fortaleza iria oferecer no colégio em que estudava um cursinho preparatório para o vestibular. Logo me matriculei no mesmo e comecei a frequentar as aulas.

Ao final desse período, os preparativos da nossa festa de conclusão do ensino médio começaram. Fui escolhida por minha turma para fazer parte da comissão organizadora da mesma. Aceitei e me doe de corpo e alma nessa minha nova missão até que, finalmente, chegou o grande dia, o dia da minha festa de conclusão do ensino médio. Eu estava radiante na festa e, acima de tudo, muito feliz. Estavam dividindo essa alegria comigo minha família, meu namorado Fábio, que foi meu padrinho e dançou a valsa comigo, e vários amigos e amigas.

Depois de concluir o ensino médio, comecei a trabalhar como professora no Centro Educacional “O Brasileirinho” e na Escola 11 de Agosto. Apesar de estar trabalhando muito, ainda sonhava em prestar vestibular para História ou Pedagogia. Lembro-me de que, quando tinha oito anos, passei com minha mãe em frente ao Centro de Humanidades da UFC e falei para ela que um dia haveria de estudar ali. Então, impulsionada por esse

desejo, eu e minhas amigas, Diana, Fábيا, Francisca, Girlene, Geane, Kátia e Veriana, realizamos o teste de seleção do cursinho preparatório para o vestibular da UFC – campus do Pici e obtivemos êxito.

Como não tínhamos condições de pagar passagens de ônibus, todos os dias, nos reuníamos e seguíamos a nossa caminhada até a UFC – campus do Pici, pois já pagávamos o cursinho, que custava 10% do salário mínimo. Durante o percurso, nos divertíamos bastante, falávamos de assuntos diversos (novelas, professores, namorados, fofocas). Era muito divertido.

Nos dias de chuva, era um problema, tínhamos que levantar as calças, ir de chinelas e, durante a trajetória, pulávamos, tentando desviar dos poços de lamas. O pior era que mal os enxergávamos, pois a estrada ficava mais escura ainda em dias chuvosos. Apesar desses inúmeros obstáculos, nunca desistimos de ir ao cursinho.

As aulas do cursinho eram muito dinâmicas e ministradas por professores gabaritados. Eu gostava de todas as aulas, principalmente das aulas de Português com a professora Celina. Era um barato!

Em junho de 2002, prestei vestibular para História na UECE. Fiquei no 8º classificável. Fui para a chamada dos classificáveis, mas só chamaram até o 7º classificável. Voltei para casa chorando e me questionando por que não tinha sido aprovada no vestibular, pois sempre me dediquei aos estudos e nunca havia sido reprovada em prova alguma. Fiquei muito triste. Pela primeira vez, senti-me uma fracassada e sem coragem de voltar para casa, pois teria que contar para meus amigos e minha família que tinha sido reprovada. Mas enxuguei as lágrimas e fui para casa, contei só para meus pais sobre a minha reprovação. Senti que, apesar de tentarem me animar para continuar lutando, ficaram tristes. Não quis comer nada nesse dia, apenas fiquei um bom tempo sentada no batente da cozinha de minha casa, perguntando a mim mesma por que uns conseguem êxito no vestibular e outros, não. Ao refletir sobre isso, fiquei revoltada, fui para meu quarto e joguei todos os livros no chão.

Na semana seguinte, não quis ir ao cursinho. Minhas amigas, vizinhos, professores e, principalmente, meus pais me incentivaram a continuar estudando para ser uma vencedora.

Voltei a estudar e prometi para mim mesma que conseguiria ultrapassar essa barreira chamada vestibular. Realizei as provas da UECE. Fui aprovada para cursar História. Depois, chegou o dia da primeira fase do vestibular na UFC, onde me inscrevi para o curso de Pedagogia diurno. Cheguei às 7h na UFC-História, local onde realizei as provas da primeira fase. O resultado foi o esperado, passei na primeira fase, para minha felicidade e das pessoas que estavam torcendo por mim. Em seguida, comecei a me preparar para a segunda fase. Estudei o que foi possível, pois na época trabalhava nas escolas 11 de Agosto e Centro Educacional “O Brasileirinho”, e tinha muitos planos de aulas para elaborar, cadernos para corrigir, entre outras coisas. Fiz as provas da segunda fase no Colégio Júlia Jorge. E, sinceramente, achava que não tinha condições de passar. Não estava nem mais interessada em saber o resultado.

Em janeiro, mês de meu aniversário, quando saía do trabalho e retornava para a minha casa, várias pessoas me deram os parabéns, mas não diziam o porquê dos mesmos. Acreditei que as pessoas tinham antecipado o dia de meu aniversário.

Quando cheguei em casa, minha mãe e minha tia receberam-me com um grande abraço e informaram que eu tinha sido aprovada na segunda fase do Vestibular-UFC. No início, não consegui acreditar, achava que tudo não passava de um sonho. Era um sonho meu, sim, mas que agora havia se realizado.

Só fiquei triste quando olhei a relação dos aprovados no Vestibular-UFC-2003 e não vi os nomes de minhas amigas. Mas depois compreendi que tudo tem seu tempo e hora, e a minha era agora.

Colhendo os frutos e plantando esperanças: ensino superior

Fui à Comissão Coordenadora do Vestibular (CCV-UFC) com minha mãe, realizei minha matrícula no curso Pedagogia diurno e voltei para casa muito contente. Agora eu era universitária. Comecei a fazer contagem regressiva para o início de minhas aulas na UFC. Mas depois, bateu-me uma preocupação: como vou custear as minhas passagens, alimentação, xerox e livros? Porque, para ser universitária, havia deixado meus dois empregos nas escolas. E agora? Meus pais, vivenciando minha angústia, disseram que eu não me preocupasse, pois trabalhariam em dobro para custear as minhas despesas.

Finalmente, chegou o tão esperado momento. Fui uma das primeiras a chegar. Fui muito bem recepcionada pelo C.A. de Pedagogia e pela coordenadora do curso, Ercília Maria Braga de Holinda. Na primeira semana, foi realizado um Seminário de Introdução ao Curso de Pedagogia, ocasião em que tiramos dúvidas e aprendemos sobre o curso e a “rotina” da Faculdade de Educação.

O primeiro semestre foi uma chuva de novidades. Tivemos o privilégio de estudar com pessoas maravilhosas como as professoras Maria da Graça e Tânia Viana e o professor Domingos de Abreu. Apresentamos vários seminários nessas disciplinas e aprendemos muito com os mesmos.

No segundo semestre, comecei a perceber os problemas da Faculdade de Educação: os professores faltavam muito, as salas não tinham uma boa estrutura, algumas eram desconfortáveis e muito quentes e, nos banheiros, quase nunca tinha papel higiênico. Fui me adaptando a tudo isso, mesmo que bem inconformada.

Para minha salvação financeira, nesse semestre, fui aprovada no exame de seleção para bolsistas do Programa de Educação Tutorial/PET-Pedagogia. Nesse programa, desenvolvi duas pesquisas: “O Dosvox como ferramenta na aprendizagem da língua escrita de crianças cegas ou deficientes visuais” e “Análise das produções escritas de crianças de escolas particulares e de escolas públicas”. Ainda no grupo PET, desenvolvi também atividades de monitoria e ensino.

No terceiro semestre, ministrei juntamente com o bolsista do PET, Ranieri Leite, o curso de Internet e seus recursos educacionais para os alunos recém-ingressos na UFC. Apresentei minhas pesquisas em diferentes Encontros de Iniciação Científica e de Extensão, nas várias instituições de ensino superior de Fortaleza, tais como UFC, UECE e UNIFOR.

No quarto semestre, os frutos começaram a vingar: participei de dois projetos de Extensão da UFC: “Acessibilidade e inclusão: abrindo janelas para a educação de pessoas cegas através do DOSVOX” e “Informática Educativa”. Proferi uma palestra sobre o projeto “Acessibilidade na UFC”, juntamente com a tutora do PET-Pedagogia, Ana Karina Moraes de Lira (PHD), na Faculdade Integrada da Grande Fortaleza. Quanta alegria! Sinceramente, não pensava que fosse possível uma aluna negra e de origem popular, como eu, ser palestrante numa faculdade.

Ao final do quinto semestre, solicitei meu desligamento do PET-Pedagogia, porque a remuneração destinada aos bolsistas atrasava muito e eu necessitava da mesma, mensalmente, para arcar com minhas despesas na faculdade.

Atualmente, sou bolsista do Programa Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares, cuja proposta é estimular uma maior articulação entre a instituição universitária e as comunidades populares, proporcionando trocas de saberes, experiências e demandas entre as duas, através de ações de seus estudantes de graduação de origem popular. Também sou estagiária do Centro de Referência do Professor – Biblioteca Virtual Moreira Campos, onde ministro oficinas e cursos na área de Informática Educativa, às terças, quintas e sextas-feiras. Aos sábados, ensino Informática no Projeto Khouse Raízes da Vida, que visa à inclusão sócio-digital de pessoas da terceira idade na nova sociedade da informação.

Não pretendo parar por aqui, tenho muitos planos e sonhos a realizar. Um deles é fazer mestrado em Informática Educativa e Novas Tecnologias. Acredito que, com muito esforço e força de vontade, realizarei esse e outros sonhos, se assim Deus permitir e quiser.

Livia Xerez Pinho

Nasci no dia 11 de dezembro de 1982, em Fortaleza, meus pais são José Claudérbio e Mônica, ambos possuem nível superior – ele é contador e jornalista e ela, economista doméstica. Tenho uma irmã mais velha Lana e um irmão mais novo Diego. Devo à minha família, principalmente meus pais, todos os bons momentos que vivi e por terem se esforçado tanto para me proporcionar uma boa educação.

O desejo de entrar para escola

A vontade de ir para escola começou quando Lana, que é mais velha do que eu apenas um ano e oito meses, começou a frequentá-la. Eu tinha muita vontade de ir junto, principalmente por ser uma escolinha que ficava em frente à minha casa e dava para ver o movimento das crianças chegando e saindo.

No ano seguinte, estava com três anos, minha mãe me matriculou naquela mesma escolinha no jardim I. Nesse período, a rotina era sempre a mesma (brincadeiras, historinhas etc.).

Fui para o colégio Alves Benevides quando passei para o jardim II. Era um pouco maior e a estrutura era melhor do que na anterior, também aproveitei bastante, por já estar maior, aprendendo mais e fazendo amizades. Na alfabetização ainda no mesmo colégio, tive uma professora a quem todos temiam, ela se chamava Mozarina. Esse nome soava em meus ouvidos como “Mazarina”. Ela era ríspida, usava sempre muita maquiagem, roupas de cores fortes, com grandes ampulhetas. O mais curioso de tudo foi que ela já havia sido namorada do meu pai – “não sei como ele pôde”. Várias vezes, senti-me aliviada por ela não ser minha mãe. Apesar de tudo, ela ensinava muito bem e não tive dificuldades para aprender a ler e escrever, mas também não quis participar da festa de Doutor do ABC. Alguns colegas também não quiseram, pois a verdade era que ninguém se sentia muito à vontade com a professora.

No ano seguinte, mudamos para o colégio Julia Jorge maior e com método de educação bastante tradicional; particular, mas não elitizado.

Mudança de bairro, mudança de vida

Quando estava com dez anos, nos mudamos para o bairro Bela Vista, onde moramos até hoje, e, junto com a mudança de residência, vieram a de colégio, de amigos, rotina e a entrada para adolescência, ou seja, minha vida mudou completamente.

Apesar de ser um bairro quase vizinho ao anterior, esse é bem diferente, principalmente no modo de vida dos moradores, que é mais simples, e as pessoas são mais entrosadas. O ambiente parecia de interior, pois as ruas tinham apenas calçamentos e na que moro era só areia, em frente à minha casa havia um sítio que hoje já está ocupado.

Meus pais queriam que estudássemos em colégio perto de casa, então mudamos para o colégio Monteiro Lobato, que era menor e menos tradicional que o anterior, mas o ensino

era mais puxado e os professores eram muito bons. A maior diferença estava nos alunos, no seu comportamento, eram mais bagunceiros, nas brincadeiras e conversas. Adaptei-me muito bem às mudanças, fiz boas amizades e me diverti bastante.

No colégio, fiquei amiga da Lílian. Éramos um grude, e foi assim até entrarmos na faculdade. Foi ela quem me levou para começar a participar da catequese, para crianças de sete e oito anos, da Igreja Nossa Senhora da Penha, localizada no bairro Bela Vista, foi uma experiência muito boa, principalmente para eu conhecer melhor os problemas, as carências e qualidades do meu bairro. Foi também quando comecei a me sentir parte dele. No começo, foi um pouco difícil me responsabilizar por aquelas crianças, era de se esperar que sentisse essa dificuldade, pois tinha apenas 12 anos, depois tudo foi ficando mais fácil.

Sete colégios e sete aprendizados

Quando concluí o ensino fundamental, mudei para a Escola São Rafael, só para meninas, dirigida por freiras. O ambiente era ótimo, me transmitia paz, mas eu não queria ficar mais de um ano, pois era bastante tradicional e destinado à educação não só intelectual, mas principalmente cidadã e espiritual. Naquele momento, já estava me preocupando com o vestibular e queria ir para um colégio que tivesse esse direcionamento como foco principal.

Então, fui para o colégio Evolutivo, também fiquei só por um ano, pois lá não era apenas um colégio, era uma grande empresa com turmas numerosas onde os “alunos eram clientes”.

O colégio Tony estava abrindo uma nova sede no Nort Shopping, que fica razoavelmente próximo à minha casa, então resolvi fazer o 3º ano lá. Era menor, todos os alunos e funcionários se conheciam, os professores eram ótimos, o ambiente bastante atrativo e meu pai havia conseguido abatimento nas mensalidades. A minha turma era junto com a do cursinho (alunos que já haviam terminado o ensino médio). A junção das turmas foi muito importante, pois tinha contato com alguns alunos, que se “matavam” de estudar por já não terem passado no vestibular outras vezes e não queriam repetir a experiência, e com outros, para os quais o fato de estar repetindo os desestimulava e acabavam sempre faltando às aulas. Por isso, resolvi estudar bastante para não passar por toda aquela tensão de pré-vestibular novamente; além do mais, minha mãe havia ficado desempregada no ano anterior e já estava muito difícil pagar as mensalidades do colégio e, certamente, não seria possível pagar mais um ano.

Passsei praticamente o ano inteiro sem saber para qual faculdade prestar vestibular, até que minha mãe me aconselhou a fazer para Engenharia de Alimentos, na Universidade Federal do Ceará. Isso teve uma grande influência pela própria formação dela em Economia Doméstica e por ter cursado também até o sétimo semestre de Agronomia, que são cursos do mesmo centro da Engenharia de Alimentos. Minha formação está diretamente ligada à da minha mãe, se não fosse essa influência, provavelmente, eu teria optado por outro curso. Consegui passar na primeira vez, fui aprovada também no curso de Letras da UECE, mas não podia fazer mais de uma matrícula em universidades públicas no mesmo semestre, então decidi ficar na Engenharia de Alimentos, dessa vez por estímulo do meu pai, que dizia que a Universidade Federal tem mais status. A felicidade só não foi completa para mim e minha família porque a minha irmã, que também havia prestado vestibular, não foi aprovada. Hoje, ela faz Administração de Empresas, em uma faculdade particular chamada FIC.

Não foi ruim mudar de colégio sete vezes, principalmente porque cada um tinha suas particularidades e, assim, pude aproveitar bastante o que todos tinham a me ensinar.

Diferente do que pensava

A atenção que recebia no colégio agora não existe mais. Antes de entrar para a universidade, já sabia que não seria tão fácil como muitos pensavam, mas também não imaginava que seriam tantas as dificuldades, desde falta de verbas e estrutura para realizar certas atividades até falta de compreensão e ética por parte de alguns funcionários e professores. Como, por exemplo, no caso em que tive que faltar uma prova por problemas de saúde e apresentei para a professora exames e atestado médico, ela disse que não ia nem olhar porque já sabia que todos os alunos mentiam e que, se eu fosse fazer a segunda chamada, poderia estudar incansavelmente, mas mesmo assim minha nota não passaria de dois, e foi o que aconteceu.

Universidade pública, algumas vezes, é sinônimo de dificuldades, mas também nos proporciona valores e uma visão de mundo que não sei se ocorre nas particulares. Temos um grande sentimento de responsabilidade por fazer algo que possa trazer melhoras ou, pelo menos, de escolher as pessoas certas para realizar mudanças que possam recuperar a qualidade e o prestígio que a universidade antes havia perdido. Isso vai desde as eleições para Diretório Central dos Estudantes e Centro Acadêmico até eleições para escolha de governantes. Tenho bastante orgulho de ter passado por essas “dificuldades”, pois elas dão um gosto melhor à vitória de uma luta que começou quando tinha apenas três anos e espero que aumente a cada dia.

O crescimento e a formação de metas

O primeiro semestre foi perfeito, eu me sentia ótima sendo “universitária”, passava o dia inteiro na UFC, pois é período integral, mas adorava. Fiz grandes amigas, como a Lorena, a quem hoje considero como uma irmã e tenho grande apreço por toda sua família.

Minha mãe continuava desempregada e o salário de aposentado do meu pai não era o suficiente, então eu fazia bijuterias para vender e ajudar com as minhas despesas pessoais. No ano seguinte, havia acabado de completar 18 anos e, então, resolvi trabalhar, sabia que estava pondo minha faculdade em risco, mas não quis perder essa experiência e queria ter meu próprio dinheiro, pelo menos para tirar as despesas com meus estudos das costas do meu pai e ajudar um pouco em casa.

Foi uma empresa de central de atendimento aos clientes da companhia telefônica, onde trabalhei por dois anos. O primeiro ano eu adorei, as pessoas eram ótimas e lidar com clientes por telefone era bastante interessante, no segundo ano o que antes era interessante começou a ficar estressante. A empresa fez algumas mudanças, inclusive nos horários, trabalhávamos também aos domingos e, algumas vezes, cheguei em casa três da manhã, tudo isso contribuiu para que minha faculdade fosse ficando prejudicada. Junto com os problemas do trabalho, veio também a doença da minha avó Adalgisa, que tinha leucemia, e foi um período de grande sofrimento para ela e toda a família. Houve até um momento em que pensei que estava fazendo o curso errado, pois não me sentia mais estimulada para estudar e não sobrava tempo suficiente para tal. Chegou um momento em que, finalmente, percebi que aquele emprego havia me proporcionado muitas coisas boas, não só materiais como também crescimento intelectual e pessoal, mas já havia chegado a hora de sair, apesar de saber que teria que enfrentar problemas financeiros. Minha mãe já estava trabalhando e ficaria um pouco mais fácil.

Passei um ano só estudando, depois comecei a fazer um estágio no Núcleo de Tecnologia Industrial (NUTEC), localizado no campus da UFC, no qual fazia análises microbiológicas

em alimentos. Foram apenas seis meses, mas o suficiente para aprender bastante, inclusive fazer algumas publicações de projetos de pesquisas junto com minha amiga Sandra. Depois, fiz um estágio no Habib's, em seguida outro estágio em uma indústria de panificação; em ambos trabalhava na área de segurança alimentar e controle de qualidade.

Minha mãe dava aulas de biologia na Associação de Cegos do Ceará, resolvi também dar aulas de química para a turma do supletivo do ensino médio. No começo, fiquei com um pouco de receio de não conseguir passar o assunto, mas os alunos gostavam de minhas aulas e diziam que “eu os tratava como se fossem normais, diferente de alguns professores que pareciam que nunca tinham visto um deficiente visual antes”; com pouco tempo peguei as aulas de física e, depois, de inglês, a pedido deles. Estou lá há dois anos e tenho dois alunos que já terminaram o supletivo e querem fazer faculdade, por isso vêm à minha casa para estudar. Aprendi bastante com eles e, a cada dia, aprendo um novo valor para a vida. Percebi que são capazes de levar uma vida absolutamente normal e serem muito felizes, e que, infelizmente, não é sua deficiência que os impede de crescer e realizar seus objetivos, mas sim a sociedade quem os limita e impede de ocupar seu espaço por não conhecer e não acreditar em seu potencial.

Agora, estou participando do Projeto Conexão de Saberes, com o qual desde o início me identifiquei bastante e percebi que viveria uma experiência bem diferente de todas as outras que me traria grandes aprendizados e, acima de tudo, uma significativa contribuição para minha comunidade. O projeto está sendo também fundamental para que eu possa conhecer melhor a universidade, a minha comunidade e também aprender sobre algumas temáticas como gênero, etnia, acesso e permanência de alunos de origem popular na universidade, entre outros, os quais nunca são discutidos em cursos de Engenharia e, como já estou no último semestre da faculdade, não queria terminar sem antes viver essa experiência.

Minha formatura será no final do primeiro semestre de 2006. Ainda não sei ao certo o que farei depois, mas minha maior expectativa é fazer mestrado depois doutorado, pois pretendo seguir na área de pesquisa.

Francisco Ramos Madeiro Neto

Sou um dos frutos gerados do amor de Antonio Barbosa Madeiro e Regina Maria de Alcântara Madeiro. Meu pai é natural de Quixeramobim, município que fica no sertão central cearense, a 201km da capital. Antônio veio à Fortaleza em 1975, aos 28 anos de idade, com o sonho de construir uma vida melhor. Em 1981, começa a namorar Regina, natural de Fortaleza, dezessete anos mais nova que ele. Em junho do ano seguinte, eles se casam e, quatro meses depois, têm as gêmeas Roseli e Roselena, que nascem prematuramente sete meses após a gestação. Depois de passarem alguns dias na incubadora, Roselena acaba não resistindo à vida fora do ventre da mãe. No dia 22 de novembro de 1983, foi a minha vez de vir ao mundo. Fui batizado de Francisco Ramos Madeiro Neto, uma homenagem ao meu avô paterno.

Minha primeira escola, Educandário 5 de julho, onde estudei até a alfabetização, estava localizada no bairro Demócrito Rocha, bem perto da minha casa. Nos primeiros dias, era levado à força para a escola, fazia um escândalo e chorava desesperadamente, não queria me separar da minha família. Em 1990, fui orador na festa do ABC, achei o máximo subir no palco e representar a minha turma num momento tão importante para nós.

Roseli e eu gostávamos muito de brincar com nossos amiguinhos da rua, mas todas as noites as brincadeiras eram interrompidas por uma voz que gritava: “Vai começar o Carrossel!”, nós corríamos para frente da televisão, ninguém podia perder essa novela que era uma “febre” entre as crianças, eu tinha até um disco com as músicas dos personagens. Além do Carrossel, nós nos reuníamos para assistir ao Chaves e Chapolim, que também fazia muito sucesso entre a criançada.

Em 1991, mudamos de escola, minha irmã e eu estudávamos sempre no mesmo colégio. Ela sempre foi um ano adiantado nos estudos, em relação a mim, por ser um ano mais velha. Fui para a primeira série no Instituto Pernalonga, que logo mudou o nome para Colégio Raul Barbosa. A nova escola, localizada no bairro Pan-Americano, era particular e Roseli e eu só estudávamos lá por causa das bolsas de estudo que eram fornecidas pela firma em que meu pai trabalhava. No mesmo ano, tivemos que nos mudar, fomos morar na rua Paraná, bem próximo de onde hoje é a praça Mauá, no Pan-Americano, que, na época, ainda estava para ser construída. Eu não gostava nem um pouco da nova casa, pois não tinha amigos e nem tinha opções para o divertimento.

Em março de 1992, que alegria, nos mudamos de novo, dessa vez para o bairro Planalto Pici, onde moro até hoje. Fiz novos amigos e, todas as noites, nos encontrávamos na rua para brincar. As brincadeiras eram variadas: “esconde-esconde”, “Jô trepa”, “Jô ajuda”, “carimba”, “vôlei”, “sete pecados”, dentre outras. Certa vez, em 1993, eu brincava no quintal de casa, enquanto minha mãe, que estava grávida, lavava roupas, até que eu subi em um trambolho (aquelas coisas que não se usam mais e são guardadas no quintal) e dei um pulo, eu nem me lembrava que o quintal era cheio de arame farpado para estender roupas. Quando percebi, já estava pendurado pelo pescoço, como se fosse uma roupa, foi o maior grito de dor que já dei

até hoje; sorte minha que o arame se quebrou e eu caí no chão com o pescoço todo ensanguentado. Minha irmã quase que nasce antes da hora, de tão nervosa que minha mãe ficou.

Em junho do mesmo ano, depois de um parto complicado, nasceu minha irmã, Ana Camila. Pra mim, era novidade ter uma irmã mais nova do que eu, mas eu gostei. Em 1994, fui estudar no Centro Educacional São Sebastião. Gostei muito do meu novo colégio, comecei a escrever de caneta, pois já estava na 4ª série. No fim do ano, fiz a minha primeira comunhão, não me lembro se eu fazia idéia de que estava recebendo o corpo de Cristo sacramentalmente presente na hóstia consagrada, mas sei que estava muito feliz. Concluí a 7ª série em 1997 e tive que sair da escola de que tanto gostava, pois não estavam mais aceitando bolsas de estudos e meus pais não tinham condições de me manter em escola particular. Foi difícil de compreender, mas tive que aceitar a idéia de ir para escola pública.

Em 1998, fui estudar na Escola de Ensino Fundamental e Médio Antonieta Siqueira. Estava um pouco desestimulado e, ao chegar lá, fiquei totalmente sem vontade de estudar, pois nunca pensei que poderia ter aulas pela televisão, além disso, a escola não tinha organização, muitos alunos pichavam as paredes, outros não respeitavam os professores nem a direção, enfim, eu nunca tinha visto essas coisas numa escola. Certo dia, fui ao refeitório e quase que me acertam com um ovo cozido na cabeça. No entanto, tinha poucos amigos na sala, a pessoa com quem eu mais dividia as tarefas em equipe era Edvânia, pois nem todos os nossos colegas tinham interesse em estudar.

No mês de abril do mesmo ano, aceitei o convite para ser coroinha na capela São José, eu gostava muito de ajudar o padre nas celebrações, muitos deles acabavam se tornando nossos amigos. No mês seguinte, comecei a participar da Comunidade Católica Vida Nova (comunidade que faz parte da renovação carismática católica) e, logo de cara, estranhei ver a alegria daquele povo, mas fui me acostumando com aquelas músicas e danças. Em setembro, fiz o seminário de vida no Espírito Santo, onde fui conhecendo Jesus, suas obras e seu amor misericordioso para com toda a humanidade. A partir daí, Deus passou a ser o sentido da minha vida.

Quando terminei a 8ª série, tentei mudar de escola, mas não consegui, então permaneci no Antonieta Siqueira para cursar o ensino médio. Tentei tirar da minha mente aquela idéia de que escola do estado não presta, mas era difícil, pois foi uma decepção na minha vida escolar. Ao voltar à escola após as férias, tive perspectivas de mudanças já que a escola estava sob nova direção. Já cheguei me enturmando e vi que da galera da sala eu não tinha o que reclamar. A escola foi tomando outro rumo, tínhamos aulas todos os dias, os professores eram ótimos, então voltei a tomar gosto pelos estudos.

No ano 2000, aconteceram as eleições para prefeito e vereador, mesmo não tendo ainda a obrigação de votar, optei por participar desse ato, pois eu desejava mudança. Votei pela primeira vez e, ainda que o candidato que recebeu meu voto tenha perdido, acho que contribuí para o exercício da cidadania. À medida que o tempo passava, a minha força de vontade de estudar e o meu engajamento na igreja só aumentavam. Convidei a turma da escola para participar do grupo de jovens comigo e alguns deles (Viviane, Daniel, Auberlânia, Cibele e Sâmia) continuam até hoje.

Em 2001, eu estava no 3º ano do ensino médio, fui estagiário da Cagece (Companhia de Água e Esgoto do Ceará), fazendo visitas domiciliares para conscientizar a população da importância de se prevenir a dengue. Eu estudava pela manhã e trabalhava à tarde e, mesmo sem estar preparado – pois a escola não me dava suporte suficiente para entrar numa facul-

dade e, em casa, eu não estudava –, tentei vestibular para o curso de Letras na Universidade Federal do Ceará (UFC) e não passei. Fui convidado para ser padrinho de Ana Kelly, que é filha da minha prima, a celebração do batismo aconteceu na paróquia do Imaculado Coração de Maria, no Henrique Jorge, Roseli é a madrinha, Kelly foi a minha primeira afilhada.

No ano seguinte, era a primeira vez que eu ajudaria a eleger o presidente da República do meu país. Eu estava fascinado com aquela campanha. Recordo-me muito bem quando o então candidato Lula veio a Fortaleza. Eu estava lá, no meio da multidão, caminhamos da Praça do Carmo à Praça do Ferreira, no centro da cidade, milhares de pessoas com um único sentimento: a esperança de transformar o Brasil num país mais humano.

Algumas semanas após as eleições, cinco amigos do grupo de jovens (Nelson, Geovane, Marcelo, Elys, Jaciclea) e eu fomos participar do Congresso Nacional de Jovens da Renovação Carismática Católica, que aconteceu em Goiânia. Conosco foram outras seis pessoas do interior do Ceará, nós passamos em Recife e, aproximadamente, trinta pessoas do estado de Pernambuco se juntaram à nossa caravana. Passamos em Brasília e conhecemos a Catedral, a Esplanada dos Ministérios e o Palácio do Planalto. Nossa passagem por Brasília foi rápida, mas acredito que aquele momento vai ficar para sempre registrado em nossas memórias.

No segundo semestre de 2002, fiz um cursinho preparatório para o vestibular. Eu não tinha idéia para qual curso pretendia fazer, por isso, conversei com minha irmã, Roseli, que estava no 3º semestre de Biblioteconomia, então ela me deu um material que tinha informações sobre o curso que ela fazia, foi aí que eu comecei a me interessar pela área. Pesquisei na Internet e vi que todos os campos do conhecimento precisam de um bibliotecário. Encontrei uma reportagem que dizia que a Biblioteconomia é a área que mais cresce e que essa seria a profissão do futuro. A partir daí, eu me decidi, tentei Biblioteconomia na UFC e passei para o segundo período de 2003.

Iniciei o curso, as pessoas sempre me perguntavam se eu estava gostando, quando eu dizia que sim, surgia outra pergunta: “Você faz o que mesmo?”. Quando eu respondia, as pessoas dificilmente entendiam: “Biblio o quê?” “Economia?”. A cada interrogatório desses, eu tinha que explicar que o bibliotecário não é a pessoa que limpa e “arruma” livros na estante. No início, nem eu sabia explicar, mas hoje sei que o bibliotecário é um profissional qualificado que desenvolve suas atividades em bibliotecas, centros ou serviços de documentação e informação, em arquivos, museus, discotecas, cinematecas, videoclubes, editoras e outros campos correlatos.

Em 2004, no segundo semestre de curso, eu tinha que arranjar um jeito de conseguir dinheiro para me manter na universidade, já que as condições financeiras da minha família não eram suficientes para arcar com as despesas. Então, consegui a bolsa de assistência, que é ofertada pela universidade ao estudante carente. Em troca de uma pequena ajuda de custo, o aluno trabalha auxiliando nas atividades administrativas da universidade.

Mesmo estudando muito para vencer cada semestre, continuei envolvido nas atividades religiosas, participando do grupo de oração e também sendo catequista na minha paróquia. Em 2005, me envolvi no projeto desenvolvido pelo Ministério da Educação, chamado de Conexões de Saberes, com o objetivo de estimular maior articulação entre a instituição universitária e as comunidades populares, proporcionando trocas de saberes e experiências entre as duas partes. Através do Conexões de Saberes, espero poder contribuir para uma maior atuação dos moradores do meu bairro em políticas públicas e fazer com que a população acompanhe o crescimento social do Brasil.

Fábio Teixeira da Costa

Tabus, experiências e crescimentos: caminhos e descaminhos de um vida...

Chamo-me Fábio Teixeira da Costa, nasci em Fortaleza, em 26 de março de 1976. Meu pai se chama Rubens e minha mãe, Cícera. Tenho cinco irmãos: os gêmeos Rubens Filho e Francisco Neto, de trinta e quatro anos; Carlos Manoel, com vinte e quatro anos; e duas irmãs: Alexandra, com trinta e cinco anos, e Silvia Raquel, com trinta e dois. Durante toda minha juventude, sempre tive e tenho minha mãe (mãe) como figura principal e sempre presente em minha vida.

Atualmente, sou aluno do curso de Estatística e Matemática Aplicada da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Contatos iniciais e experiências profissionais na esfera acadêmica

Como aluno dessa Universidade e através da mesma, desempenhei diversas atividades de extensão. Em 2000, fui bolsista da Pró-Reitoria de Extensão, tendo como coordenadora a professora Walda Viana B. de Moura, atual responsável pela Coordenadoria de Ação Comunitária, onde trabalhei na análise dos projetos do referido setor.

Como bolsista de extensão, tive a oportunidade de desenvolver a técnica de formulação de um projeto, bem como a prática de softwares aplicativos, como Word, Access e Excel. Também pude conhecer pessoas com quem fiz laços de amizade, que são funcionários e professores da UFC. Tal amizade serviu para diminuir a distância, e até mesmo a antipatia, que eu tinha de alguns docentes e funcionários da instituição.

Esse sentimento de distância foi fruto dos contatos iniciais que tive com eles, que, para mim, deveriam ser receptivos e calorosos. Entretanto, foram decepcionantes. Imagine um calouro oriundo de escola pública, que, ao entrar na universidade cheio de expectativas, esperanças e perspectivas, se achando um vitorioso por passar no vestibular, se depara com uma triste realidade: o distanciamento entre ele e os demais colegas de sala. Distanciamento esse que se ressaltava mais no aprendizado, durante o qual os professores lhe cobram ensinamentos que, segundo eles, deveriam ter sido aprendidos nas séries iniciais do ensino fundamental e médio. Mas, os professores não levavam em conta que o ensino dado numa escola pública, infelizmente, não é o mesmo dado numa escola particular. Alguns professores aconselhavam até um tempo de permanência integral na faculdade; quando, na verdade, existem vários motivos que impedem o estudante de assumir essa prática. Outro fator de decepção e distanciamento eram as questões: Será que você está no curso certo? Quando se queria ouvir: quais suas dificuldades? Queremos detectá-las e nos esforçar para extingui-las.

Minha segunda experiência de trabalho foi em 2001, como professor temporário de matemática, em uma parceria entre a Pró-Reitoria de Extensão da UFC e a Prefeitura Municipal de Fortaleza, quando ensinei de quinta à oitava série do ensino fundamental, na escola Torres de Melo, que fica no bairro do Mucuripe. Um fato curioso foi que a cada experiência de trabalho que tive ao longo dos anos através da universidade, sempre me deparava com “situações-teste”. Chamo assim porque é assim que as via! Como se Deus pegasse e me colocasse em determinados locais em que eu precisava ou deveria estar!

Nessa escola situada no bairro do Mucuripe, bairro de muitas belezas, como hotéis luxuosos oferecidos aos turistas, contrastando com o grande número de pessoas que vive na mais triste miséria, me via dentro da favela, com crianças e adolescentes muito pobres, que expunham em sala de aula brigas horríveis que aconteciam em sua vizinhança, com tanta naturalidade que me chocava. Logo eu que passava longe de favela e que não suportava nem sequer ouvir o programa de televisão Barra Pesada. Antes da experiência que tive de ensinar nesse colégio, eu via os adolescentes que moravam nas favelas de Fortaleza como delinquentes ou pequenos infratores.

Durante os seis meses em que trabalhei como professor temporário na escola Torres de Melo, não recebi nenhum pagamento, em virtude do atraso no repasse de recursos aos docentes. Foi somente no final do contrato que recebi os pagamentos retroativos, referentes aos meses trabalhados. Mas, apesar disso, não deixei de dar aula um dia sequer, porque sabia que os alunos ficariam sem ter aulas por bastante tempo e seriam muito prejudicados.

Ensinando em escola pública, pude observar que os problemas existentes de aprendizagem e de falta de estrutura, como bibliotecas, laboratórios de informática, química e física, que despertam o interesse pela ciência e ajudam a compreender melhor os assuntos abordados em sala de aula, existem ainda hoje, como na época em que fui aluno de escola pública.

Com o intuito de nivelar os alunos das séries que ensinava com os assuntos exigidos na disciplina, elaborei um projeto de aulas de reforço e, com a autorização da diretora da escola, coloquei-o em prática.

Ocupei uma sala que estava sem utilização e, nos dias em que não tinha aula para ministrar, ficava tirando dúvidas dos alunos. Embora a demanda de alunos que procuravam tirar dúvidas não fosse grande, percebi que aos poucos iam tomando consciência da necessidade do estudo em suas vidas.

Essa experiência como professor temporário na escola Torres de Melo foi muito enriquecedora, pois assim como passei a ver as crianças e os adolescentes que moram em favelas de um modo bem diferente da visão que tinha antes; com o meu trabalho contribuí, mesmo por um curto período, na sua conscientização pela busca por uma educação de qualidade.

No segundo semestre de 2001, me via novamente em uma “experiência-tabu”, em que meu contato com a periferia e casebres bem pobres não se limitaria a quatro paredes como a sala de aula, mas dessa vez tinha de ir ao encontro de velhos, adultos, jovens e crianças em seus domicílios. Trabalhava agora no Cartão do Cidadão, da Prefeitura de Fortaleza, cadastrando famílias nos bairros. Tive a oportunidade de conhecer um pouco mais suas vidas, pois o questionário era extenso e obtínhamos o histórico da vida de cada morador, além do diálogo que se mantinha, onde se ouvia sobre seus sonhos, aspirações, queixas, tristezas e alegrias. Trabalhei no bairro Antônio Bezerra e na Bela Vista, onde moro. Posso dizer que hoje me sinto bem mais morador do bairro que antes.

Pré-UFC

Antes de entrar na universidade, estudei no cursinho pré-vestibular da UFC, situado no campus do Pici e que na época era gratuito, mas agora infelizmente é pago, impossibilitando muitos alunos carentes de cursarem. Na época do cursinho, refletia muito sobre como seria a universidade e achava que poderia ser monótono e entediante passar vários anos estudando em curso. Hoje, vejo que pode ser dinâmico o universo que é a universidade, onde, aliado ao conhecimento, está aquilo que se pode fazer de posse do mesmo.

Vejo a faculdade, que é ponte para a construção de um profissional-humano, cidadão, consciente de seus direitos e deveres para com a comunidade.

Espiritualidade e ciência: a busca pelo transcendental no mundo científico

Venho de uma família católica e, desde pequeno, era incentivado à prática do catolicismo, através de idas a missas e prática de ritos católicos. Esse foi um dos motivos que me fez, ao entrar na UFC, me engajar na PU (Pastoral Universitária), que era composta por vários universitários e que tinha como local de suas reuniões a Faculdade de Educação da UFC, pelo fato de os mesmos serem em sua maioria da UFC. Hoje, ela está desativada por falta de membros.

Adolescência: período marcado por descobertas e vida em comunidade

Na adolescência, recebi o sacramento da Crisma na paróquia do Carlito Pamplona, bairro onde morei durante dezenove anos. Após a Crisma, junto com minha irmã Raquel, duas amigas, Helena e Rosimeire, e uma religiosa chamada Irmã Regina, fundei o Grupo de Jovens MEJ – Movimento Eucarístico Jovem. No ano de 2005, dia 3 de agosto, completei quinze anos de sua fundação.

O grupo tem como objetivo engajar os jovens da comunidade nos trabalhos da Igreja, assim como dar formação político-social, através de palestras dadas por profissionais da área. Participei desse grupo durante nove anos e, nos últimos anos de minha permanência no grupo, limitei-me à função de instrumentista.

O choque de idéias que tive com o pároco da Igreja e com o Conselho Pastoral, que defendiam uma liturgia conservadora, aliado à mudança de bairro (fui morar na Bela Vista) fizeram com que eu me afastasse do Grupo MEJ, como membro ativo, considero-me ainda membro do grupo de coração e mantenho até hoje os vínculos de amizade criados.

Ainda na adolescência, surgiram as paixões, a busca pela identidade. Interessei-me pelas artes, passei a desenhar, mas logo deixei de lado o desenho e encontrei na música a arte que me permitiria expressar sentimentos e emoções, contornando a minha timidez. Dediquei-me ao aprendizado do violão, chegando a participar de concursos e eventos de música no bairro.

Lembranças de um mundo quase perfeito

Durante a infância até os quatro anos, morei no bairro Pan-Americano, ao lado do bairro em que hoje resido, Bela Vista, em uma casa cedida por meu avô materno. Senti muita tristeza com a mudança para o Carlito Pamplona, pois tinha em minha casa no Pan-Americano meu mundo. O jardim e o quintal de minha casa eram meus lugares preferidos, onde brincava, às vezes, sozinho, outras com meus irmãos, primos ou vizinhos. Atribuo esse apego à casa

durante a infância à educação dada por meus pais, que, por trabalharem fora, sempre nos alertavam a não sairmos de casa por causa dos perigos que existiam “lá fora”.

Acredito estar aí o motivo de na infância e adolescência e até mesmo nos dias que transcorrem eu ser uma pessoa reservada, bem menos hoje que na adolescência, isso graças ao esforço pessoal, na busca de mudança de um comportamento que me prejudicava. Lembro-me de várias cenas de minha infância e acredito ser a melhor fase da vida.

Futuro do presente: atitudes, projetos e realizações

Encontro-me aos vinte e nove anos, em uma fase de reflexões, decisões e atitudes. Um processo de amadurecimento, bem mais acelerado agora que na adolescência, está cobrando de mim novas vivências e um traçado de metas a realizar-se em curto prazo. Tenho hoje como prioridade em minha vida a aprovação em um concurso público e a conclusão do meu curso na universidade. Também tenho como objetivo cursar o mestrado em Economia Agrícola na UFC.

Sinto-me feliz por estar participando do Projeto Conexões de Saberes, um projeto audacioso e de extrema necessidade à comunidade acadêmica originada da periferia e à população carente de Fortaleza.

Jois Maria Mota do Nascimento

Meu lugar no mundo

Se há seis anos me dissessem que eu seria universitária, daria uma boa gargalhada. O porquê disso você descobrirá se ler as próximas páginas. Seja bem-vindo(a) à minha história!

Quem sou eu?

Sou de origem simples. Filha de pessoas oriundas de Beberibe e Acaraú, interior do estado do Ceará, que vieram para a capital em busca de um futuro melhor. Sou filha única de Edílson Ribeiro do Nascimento, carpinteiro de obra de construção civil, e Francisca das Chagas Mota do Nascimento, ex-costureira. Nasci em Fortaleza, cidade na qual sempre vivi, no Dia Internacional da Mulher, oito de março de 1982, e me chamo Jois Maria Mota do Nascimento. Graças a Deus, aos meus pais e a meu avô materno, principalmente, consegui alcançar alguns sonhos e tenho o apoio para lutar pela concretização de tantos outros.

Primeiros passos

Logo nos meus primeiros dois anos e meio de vida, minha mãe me levou pela primeira vez à escola. Não tenho muitas lembranças disso, mas sei que, nessa época, morávamos em uma casa que pertencia a meu tio Francisco, no bairro Autran Nunes, periferia de Fortaleza, e certo dia meu pai trouxe consigo uma caixa de papelão. Dentro dela havia um gatinho que chamamos de Zé Mimi. Estou falando dele, porque esse gatinho teve muita importância na minha vida, na verdade, ele se tornou meu fiel companheiro. Junto às felizes brincadeiras do meu avô, Zé Mimi contribuiu para que eu não me sentisse solitária.

Como meu tio precisou vender a casa, tivemos que nos mudar. Fomos morar em um bairro vizinho chamado Antônio Bezerra. Fui estudar em uma pequena escola particular. Nos fundos do enorme quintal da casa da professora Rita, foram construídas duas salas de aula. Era a escola. As crianças se sentavam ao redor de duas mesas e tudo era alegria. Estávamos na alfabetização, no ano de 1988, e eu estava aprendendo a ler. Era uma criança que estava começando a entrar no mundo das letras e essa experiência era incrível. Nunca esqueci um inusitado sábado de lazer que houve nessa escola. Quando esse dia chegou, eu mal pude tomar café da manhã de tão ansiosa. Imagine um bando de crianças pulando sobre uma enorme tábua, com trajes de banho, cantando o “Ilariê” da Xuxa. Era um banho de mangueira, já que não havia piscina. Mesmo assim, nós adoramos! Desse tempo de alfabetização, carrego comigo o cheiro da minha cartilha e ainda hoje adoro o cheiro de livros novos.

Depois que terminei a alfabetização, mudamo-nos novamente. Dessa vez, fomos morar em outro bairro que também não era distante: Henrique Jorge. Agora tínhamos a nossa própria

casa. Além disso, a vizinha tinha uma porção de filhos e eu me sentia muito feliz em poder brincar com outras crianças fora da escola. Mas fiquei apavorada quando minha mãe me matriculou na Escola Senador Fernandes Távora. Uma escola pública que, para mim, era enorme e bem diferente do que eu conhecia até então. Foi lá que conheci minha primeira melhor amiga. Seu nome era Alice. Como todas as outras crianças, nós brigávamos e, depois de um ou dois dias, tudo era brincadeira novamente.

Nesse tempo, minha mãe resolveu que já estava na hora de me interessar mais pelos assuntos da Igreja. Então, comecei a ir aos sábados para o catecismo. A reunião consistia basicamente em decorar rezas. Para a criançada, isso era muito monótono e logo apareciam os primeiros bocejos. Eu adorava mesmo era quando o catequista contava várias histórias e nos ensinava a ver o lado dos outros. Minha mãe só as contava quando eu era menor. Em minha casa, os livros nunca foram prioridade e eu tinha que me contentar com os didáticos. Assim, era mais fácil entender por que não devíamos fazer coisas que pudesse magoar nossos colegas. Foi assim que, aos nove anos, fiz minha primeira comunhão, na Capela São Luís Gonzaga, com o Padre Almeida. Meus pais ficaram orgulhosos quando fiz a primeira leitura da missa e eu me senti linda com a roupa que a minha própria mãe fez e muito feliz em receber o corpo de Cristo.

Estudei no Fernandes Távora até a quarta série, sempre contando com a amizade de Alice. Desse tempo, não tenho muitas lembranças, mas as que tenho são geralmente de brincadeiras. Eu não gostava de perder nenhuma aula, não somente pelo conteúdo, mas pelo prazer de estar com outras crianças.

Agora sim: “lar doce lar”

Em 1993, mudamo-nos novamente. Fomos para o bairro Planalto do Pici, onde moro até hoje, também próximo aos outros bairros nos quais eu já havia morado. Foi interessante porque participamos do início de seu desenvolvimento. Nós mesmos construímos nossa casa logo após a ocupação. Resolvemos nos mudar porque meus tios Francisco e José já moravam no Planalto do Pici e, para nós, era muito importante ter a família reunida. Mas o que eu mais gostei foi o fato da minha mãe agora me deixar brincar na rua. Era uma grande sensação de liberdade!

Nesse ano, Zé Mimi morreu deixando triste toda a família.

Fui estudar no Colégio Antonieta Siqueira, que se situa no bairro Pici e, como fica próximo a minha casa, eu ia a pé. Fiquei triste por saber que não veria mais minhas amigas, principalmente Alice. Mudanças desse tipo me assustavam. Ter que fazer novas amizades! Como seriam as pessoas nesse novo colégio? Como seria estudar pelo sistema de televisão? Mas nos primeiros dias de aula já fazia parte de uma turminha só de meninas. Éramos seis e, juntas, nos divertimos muito, pois apesar das brigas éramos amigas mesmo. Elaine se tornou minha nova melhor amiga. Era em sua casa que nos encontrávamos fora da escola.

No bairro, eu também tinha as minhas melhores amigas. Edvânia, Fernanda, Gabriela e eu ficávamos horas brincando de boneca e casinha. Com o passar do tempo, Gabriela começou a se envergonhar disso e pouco a pouco foi se afastando de nós. Estávamos crescendo!

Nessa época, o Padre Almeida já havia começado a construir em nosso bairro a Capela Santo Antônio, da qual fiz parte por um bom tempo. Depois de construída, foram surgindo seus grupos. Eu me integrei ao grupo de jovens. Era a primeira vez que fazia algo ligado à Igreja conscientemente. O que quero dizer é que era a primeira vez que escolhia participar

da Igreja. Foi uma experiência incrível, pois, além disso, participei da catequese e do grupo de cânticos, e cantar é algo que gosto de fazer até hoje.

No JUCC, para mim, o mais importante grupo de jovens, fizemos coisas muito boas. Só as reuniões não eram suficientes. Nós íamos a bairros mais “chiques” de Fortaleza, como o bairro de Fátima, pedíamos ajuda, que geralmente era em alimentos, e depois fazíamos bingos na Capela. Ajudamos muitas pessoas. Fizemos, inclusive, uma festa para as crianças carentes do Planalto do Pici, no Dia das Crianças. Aprendi a me importar de fato com o próximo a partir de então.

Teleceará, jois, boa noite...

Em 1997, minha turma e eu fomos remanejadas para o Colégio Estadual Presidente Humberto Castelo Branco. Foi uma grande mudança. Era uma escola pública onde só havia o segundo grau, localizada no bairro Itaoca, mais próxima ao centro da cidade. Elaine e eu pegávamos ônibus juntas e ficamos ainda mais amigas. O colégio era bem maior que o Antonieta Siqueira e lá estudavam pessoas de vários lugares de Fortaleza.

No ano seguinte, Elaine e eu fomos aprovadas em uma seleção para estagiar na empresa de telefonia do Ceará, a Teleceará. Isso acarretou uma reviravolta em nossas vidas. Tínhamos dezesseis anos, estudávamos e trabalhávamos à noite, ganhando R\$ 241,00 mensais, bem mais que o salário mínimo da época. Passei a me sentir uma mulher madura e responsável. Minha mãe, no entanto, sofreu muito com todas essas novidades, pois sempre fomos muito ligadas e agora eu passava o dia inteiro na fora de casa. Afastei-me da Igreja.

Meu terceiro ano foi muito difícil. Comecei a faltar às aulas devido ao cansaço de ter que me dividir entre o estágio noturno e os estudos. Por uma bobagem, a minha amizade com Elaine chegou ao fim, assim como, mais tarde, o estágio na Teleceará, que, devido ao processo de venda das estatais no governo FHC, passou a se chamar Telemar. Uma das condições para se manter no estágio era estar estudando e eu já havia terminado o segundo grau e era menor de idade para ser contratada.

Bom dia, senhora! Em que posso ajudar?

Concluído o segundo grau em técnico em administração, era hora de dar um novo rumo a minha vida. Consegui um emprego como vendedora em uma loja no bairro Jôquei Clube, bem perto do Planalto do Pici. Nesse mesmo tempo, comecei a participar do grupo Santa Helena ligado somente aos cânticos na Capela Santo Antônio. Era uma maravilha ir para os ensaios depois de um dia cheio de clientes chatos. Ouvir outras pessoas cantando com a gente era ótimo!

Uma das vendedoras da loja passou a comentar sobre vestibular e faculdade e eu, que até então só havia ouvido falar desses assuntos por alto, passei a me interessar e fazer perguntas. A partir daí, dois lados em mim entraram em conflito. Se eu quisesse voltar a estudar, teria que pedir demissão, jamais poderia conciliar o estudo com a minha carga horária de trabalho! Um lado me dizia: “Fica com teu emprego porque ele te garante no final do mês teu salário e assim tua independência!”, e o outro me dizia: “É hora de conhecer novas coisas, é hora de seguir em frente!”.

Mas fui me acomodando no emprego até que recebi um cheque sem fundos, de R\$ 311,85 (mais de um salário), em uma venda realizada por mim e pela sobrinha da dona da loja. Ter de pagar esse valor sozinha foi “a gota d’água” para mim. Foi assim que pedi demissão da loja. Era preciso atender ao chamado da sala de aula.

Abrindo os olhos e a mente

Resolvi que entraria na universidade. Como fiz o segundo grau técnico em administração, não vi as matérias física, química e biologia, era preciso estudar. Em 2002, matriculei-me no cursinho particular do Colégio Agapito dos Santos, pago com o dinheiro que tive direito pela demissão. Recebi o apoio de toda a minha família e amigos.

Uma nova turma de amigos estava formada, ganhei uma nova melhor amiga: Jaqueline. As aulas eram bem mais dinâmicas porque não eram baseadas apenas em decorar coisas e sim em entendê-las. Eu começava a abrir realmente os olhos para o mundo ao meu redor, à medida que aprendia tantas coisas. Esse ano foi mais frutificante do que todo o segundo grau, pois eu tinha sede de saber! Mais uma vez, afastei-me da Igreja.

2002 também era ano de eleição para presidência da República e governo do estado. A disputa entre os partidos era bem acirrada. Fui mesária e, por isso, não pude mostrar no dia da eleição que queria votar em Lula, pois este representava pelo menos a esperança de um tempo melhor para a nação. Mesmo com a derrota do candidato do PT para governador do Ceará, houve uma grande festa com a vitória de Lula.

Finalmente, fiz as provas do vestibular da UFC e, depois de uma espera tão angustiada, recebi um telefonema me dizendo que eu havia sido aprovada para o curso de Letras. Meu avô e eu pulávamos abraçados no meio da sala, feito duas crianças. Ele, um senhor de oitenta anos analfabeto, nem entendia direito o que era universidade, mas ficou feliz porque sabia que era importante para mim.

A universidade e eu

Estamos agora no ano de 2003. Nunca os dias demoraram tanto a passar como os que antecederam o início das minhas aulas. Não sei descrever meu primeiro contato com aquele novo universo no qual me inseria. Fiz muitos amigos, tantos que nem me atrevo a citar todos aqui. A troca de experiência e a amizade foram fundamentais para sobreviver ao primeiro semestre tão complicado. Tantos textos difíceis de autores que eu nunca havia ouvido falar! Depois de falar dessa minha aflição com um amigo que já estava quase se formando, ele me disse: “Aqui você vai se inteirar de coisas que só irá encontrar nesse curso, coisas importantes para a vida profissional, mas principalmente para a sua formação como pessoa. Não desista! O curso de Letras é bom!”.

Logo após o primeiro semestre, sofri uma grande perda. Meu avô faleceu, abalando toda a família. Assim como ele falava que iria acontecer, não teve tempo de me ver formada. Seu corpo descansa em Acaraú, seu lugar de origem. Trata-se de uma cidade litorânea que fica a 220km de Fortaleza.

Alguns semestres se passaram. Fiz duas vezes testes para monitorias das disciplinas “Linguística: Fonética e Fonologia” e “Fonologia do Português”, assunto que muito me interessou na área da Linguística. Infelizmente, passei apenas na prova escrita e, como só havia uma vaga, fui eliminada na entrevista. A bolsa da monitoria seria importante para me ajudar a permanecer no curso. Durante alguns meses, tive minha primeira experiência como professora em uma pequena escola primária próxima a minha casa, mas não foi tão proveitosa quanto imaginei que seria. Não dava nem para chamar de salário o que eu ganhava por mês, na maioria das vezes atrasado, além disso, eu ensinava geografia, matéria bem distante da minha área.

Hoje, depois de uma seleção, faço parte do projeto Conexões de Saberes da UFC, que me trouxe a possibilidade de atuar no meu bairro a partir dos conhecimentos adquiridos no curso de Letras e também das minhas experiências de mundo. Através desse projeto, espero que possamos render bons frutos para o Planalto do Pici. Tanto no campo da leitura e escrita como nos outros abordados pelos demais bolsistas.

Hoje, reconheço que meu amigo do primeiro semestre tinha razão. Estou cada vez mais apaixonada pelo meu curso, em especial pela Literatura. Quero realmente abraçar a carreira de professora, assim como fazer pós-graduação. Minha dúvida é que área devo seguir: Linguística ou Literatura? Ambas, apesar de bastante distintas, chamam muito minha atenção!

Agradeço por ter encontrado pessoas pelo caminho que me deram apoio para chegar onde estou. Um dia, um professor me disse que viemos para esse mundo por dois motivos: para sermos felizes e úteis. Espero continuar na caminhada para isso! Acho que estou na direção certa para encontrar meu lugar no mundo!

E isso não é o fim, é apenas o começo!

Alan Rodrigues

Das origens

Nasci em Costa-Marques no ano de 1985, cidade do interior de Rondônia. Porque saí de lá com seis anos lembro poucas coisas além do fato de que estudei as séries iniciais em colégio de freiras. Tudo era legal, minha casa com as criações de galinha, patos, entre outros. O lugar de que eu mais gostava era a casa da minha avó, maior que a minha casa e com mais gente, às vezes minha mãe brigava comigo, pois quando terminava a aula eu não queria ir para casa e sim para a casa da minha avó, brincava na rua até tarde, subir nas árvores de qualquer coisa. Ir ao rio lavar roupa com todos. São essas as saudades do meu tempo de menino... Levar carão.

Tive pouco contato com meus avôs, pois, infelizmente, um deles morreu antes que eu o conhecesse; o outro também faleceu quando tinha seis anos mais ou menos. Foram homens fortes, sobreviventes, de muita fibra e coragem para enfrentar a mata fechada e explorar o que ela podia oferecer. Tenho orgulho disso, foram pobres em busca de um sonho, de melhores condições.

Com uma de minhas avós não tinha muito contato, assim como toda a família do meu pai; mas é com a parte de minha mãe que tenho uma maior afinidade, por ter sedo criado lá (Costa Marques-RO). A minha avó materna é descendente de índios. Guerreira e batalhadora, trabalhava duro, lavando e passando para terceiros para ajudar a sustentar a casa. Hoje, ela já não pode fazer isso, mas faz doces para vender. Meu orgulho não é por serem pobres, mas pela coragem, pela batalha da vida deles.

Minha mãe não é muito diferente disso, começou a batalha cedo. É dela que tenho mais satisfação em falar, pois foi nosso sustento de afeto, experiência de vida, e boa parte do que aprendi nessa vida foi com ela.

Das escolas

Minhas séries iniciais foram em escolas particulares, até a quarta série, até em colégio de freiras nessa época. A maior parte desse período foi em Vilhena, também em Rondônia. Já da quinta até a segunda série do ensino médio, estudei em escolas públicas. Foi nesse tempo que as coisas começaram a mudar e a complicar minha percepção com relação a minha existência.

Na escola, não era muito popular, sempre fui de poucos amigos e de pouca conversa, posso até dizer que aqueles que se tornaram meus amigos tiveram sorte, pois sou de poucas palavras com quem não conheço direito, mas com quem conheço tenho a língua até muito solta. Minha saga escolar começou em escola religiosa. Numa delas completei o jardim, era assim que se chamava, na época, o que hoje chamam de alfabetização. Nesse período morava em Costa-Marques.

Na 1ª série estava morando em Vilhena e estudei até a 5ª série na mesma escola, de 1992 a 1996. Essa escola era particular, uma das coisas mais legais era a sua estrutura e as atividades desenvolvidas nesse local. Tinha piscina, parque e um enorme salão onde todas as atividades comemorativas eram realizadas.

Uma lanchonete foi comprada depois de muitas discussões na família e, após uma experimentação, um amigo da família cedeu uma lanchonete durante o carnaval na cidade e essa experiência foi muito boa. Isso seria um investimento familiar para melhorar nossas condições, de fato aconteceu com muitos sacrifícios. Tinha um movimento bom e isso era uma faca de dois gumes. Bom pelo lucro, ruim pelo cansaço físico e psicológico, este último era o pior, pois o cansaço mental é o pior que existe.

Eu era a primeira pessoa a chegar e a última a sair, pois, supostamente, tinha mais tempo; agradeço a isso, pois isso me deu uma enorme noção de mundo. Pois trabalhar em locais como esse, mesmo sendo ambiente familiar, vemos muitas ações de humanos que põem em dúvida o conceito real dessa palavra. O que será que significa ser humano? Perdoar, errar, ser perdoado e fazer tudo de novo sem pensar no passado, no que acabara de fazer ou sofrer.

Nesse tempo, cresci, estudei, brinquei, me tornei o que sou. Cresci muito rápido, me arrependo disso, devia ter brincado mais, ser menos responsável, ter curtido mais minha adolescência ao invés de ter trabalho da forma que fiz, ter fugido de casa, ser irresponsável alguns dias para viver o momento, sem me preocupar com o depois. Isso eu devia ter feito. Mas não fiz porque desde cedo me obriguei a crescer, ter responsabilidade de tudo, principalmente com relação à lanchonete. Cuidava desde o estoque até a venda definitiva, claro que os processos intermediários era eu quem fazia, mas tive momentos legais, como confraternizações natalinas e passagens de ano, além dos domingos que nunca passávamos sozinhos, era uma tradição ter ao menos dez pessoas ao redor da mesa.

Vi muitos casamentos serem feitos e outros desmancharem, enfim as relações de amor, ódio, traições, fidelidades sendo colocadas em prova. Por esse motivo, aprendi a ser do jeito que sou, pois, se eu fizesse algum comentário a mais, poderia provocar a ruína de algumas pessoas, então preferi o silêncio, ser observador e não causar dano a ninguém; parece atitude de fraco, mas é uma atitude de respeito.

Nesse contexto, fiz o restante do ensino fundamental e uma parte do ensino médio em escola pública. Da 6ª à 7ª série, no colégio Machado de Assis, em 1997 e 1998. Foi nesse local que ocorreu o choque da realidade nas escolas públicas. As escolhas deviam ser feitas com cuidado, pois uma ação não pensada podia provocar grandes desastres na vida da pessoa que fizesse uma escolha errada. O mundo das drogas era apresentado a quem quisesse, essa era uma das escolhas que deviam ser feitas, grupos deviam ser escolhidos. Fiquei neutro do momento que entrei até o momento de sair. Foi quando conversei com minha mãe sobre isso e chegamos à conclusão de que eu devia sair de lá. Claro que a escola não se resumia a isso. Nela fiz alguns amigos que deixaram muita saudade, lutas foram vencidas nesse local, como a implantação do ensino médio (se bem que era uma extensão de outro colégio, mas valeu a pena), campeonatos foram vencidos, entre outros fatos.

Da 8ª série ao 1º ano do ensino médio, estudei no Zilda da Frota Uchoa, em 1999 e 2000, respectivamente. Nessa escola, aprendi muito. Era uma escola pública pouco mais evoluída que a anterior, claro que tinha problemas ainda, as atividades que se destacavam eram as Feiras de Ciência: no primeiro ano nossa classe era muito unida e fizemos uma construção que representava as pirâmides dos Maias (civilização antiga da América Latina). Nesse pro-

jeto, participei da construção, a apresentação foi muito boa e ficamos em segundo lugar na classificação geral, e sem a nota de um dos avaliadores, considero que ficamos em primeiro devido a isso; na feira seguinte, fizemos uma representação de um satélite em madeira, com um cenário extremamente futurista, ficou muito legal, mais uma vez participei da montagem e apresentação, sempre gostei disso apesar de ser calado. Nesse ano, ficamos em primeiro, pois todos os avaliadores visitaram nosso trabalho.

O 2º ano foi no colégio Álvares de Azevedo, em 2001. Nesse ano, me dediquei ao esporte, montamos um time de vôlei e fomos campeões estaduais nessa modalidade; iríamos para o brasileiro, mas por falta de patrocínio não fomos, uma tristeza geral do time. O time depois disso foi se dividindo até se acabar, o que foi muito triste, poderíamos ter crescido nesse esporte. Não somente pelo esporte que fiquei triste, mas pelas amizades separadas: cada um seguiu seu rumo. Tive que viajar, mudar-me para Fortaleza.

Tínhamos o Brasil para escolher, então escolhemos Fortaleza, a Terra do Sol, da Luz, e isso tem até demais aqui, pois acho que estou com problemas na visão por causa dessas qualidades da cidade, mas isso agora não vem ao caso.

Esta cidade foi escolhida pelo fato de que conhecíamos uma pessoa no Ceará, mais especificamente em Pentecoste. Quando morávamos em Vilhena, tínhamos uma vizinha pentecostense. Quando ela voltou para sua cidade natal, nós aproveitamos as férias para visitá-la. Foi uma das melhores férias que já tive, apesar de não termos ficado em Pentecoste, pois viemos como alguns amigos que têm a origem aqui em Fortaleza. Passamos uns quinze dias em Pentecoste e o restante aqui, nunca tínhamos saído de Rondônia para uma viagem de férias. Dessa forma, o povo foi muito receptivo, alegre, apesar das inúmeras dificuldades. Então escolhemos Fortaleza para morar.

Da entrada na universidade

Cheguei em Fortaleza, em 2002, e fui fazer o terceiro ano em escola particular, tendo em vista que quase toda minha vida escolar foi em ensino público, tive muitas dificuldades com relação ao nível em que me encontrava. Mesmo assim, consegui me formar, me arrastando, é verdade, fiquei em recuperação em todas as disciplinas. Fato que nunca havia acontecido, mas para tudo se tem a primeira vez.

Então, nesse mesmo ano, fiz o vestibular para Engenharia Civil, não era o que eu queria, mas como tinha escolhido matemática e física como específicas, pois eram as disciplinas em que estava me saindo melhor (menos mal, aliás), tinha que escolher um curso cujas específicas fossem essas. Mas não passei, eu tinha plena convicção de que não passaria nesse vestibular, pois meu nível era muito baixo.

Comecei minha saga nos cursinhos. Não trabalhava e só estudava para o vestibular, e passei a fazer o serviço de casa, pois era quem supostamente tinha tempo, e os valores familiares mais uma vez se mantiveram alterados. Nesse ano, Cândida Sales Pessoa (a quem eu admiro muito, pois a tenho como uma avó, mora em Pentecoste, daí minha relação com essa cidade) começou a morar sozinha, pois sua companhia teve que voltar para sua origem. Então, eu, que “tinha tempo” e “não fazia nada”, fui morar um tempo com ela até que arrumasse outra companhia, que, pelo que sei, também faz o PRECE, então passei uns três meses na casa dela.

Prestei novamente o vestibular, dessa vez, para Ciências Biológicas e, mais uma vez, a frustração: não passei nem na primeira fase e isso afetou profundamente meu lado psicológico.

Minha auto-estima foi para baixo, mas sempre tive aquela consciência de que, se você cair no meio de muita gente, a única coisa a fazer é levantar, sacudir a poeira e seguir em frente, não foi diferente dessa vez.

Começou um novo ano. Arrumei um emprego em um bingo, então por esse tempo desisti de vestibular e de faculdade, estava vivendo aqueles dias e não pensava no futuro, como quem é alienado; então uma nova crise: os bingos estavam ameaçados de fechar, o que aconteceu por um tempo.

Quando isso aconteceu, o sonho retornou e voltei a estudar enquanto os bingos estavam fechados. Até que chegou o fim da intervenção nos bingos e as atividades voltaram ao normal, mas eu tinha alimentado novamente “o desejo” e tive que abandonar esse emprego e correr atrás do tempo que havia desperdiçado. Nesse período, estudei muito em casa e no próprio cursinho, onde me destaquei pelo esforço. Então, chegou o momento da inscrição e eu estava certo de que iria me inscrever para o curso que realmente queria, mas um incidente aconteceu: olhei para a concorrência e desisti, então busquei um curso de baixa concorrência e é o que estou cursando hoje. Alguns amigos me criticaram por causa disso, mas não me importo, pois o importante era entrar na faculdade para deixar de “fazer nada” e dar uma satisfação à minha família. Já era a terceira vez que eu tentava. Não que eles me pressionassem, mas eu me pressionara para esse objetivo; pensei que assim minha vida mudaria, mas isso não aconteceu, continuei com as mesmas responsabilidades e ainda diminuí meu tempo, já que tinha a faculdade para me dividir, então tive que me virar.

Da permanência na universidade

A permanência é uma grande dificuldade no curso de matemática, uma vez que é difícil encontrar professores que tenham algum tipo de prática pedagógica, e acho que existe algum tipo de satisfação em reprovação de alunos novatos, ou até mesmo em deixá-los em uma enorme crise de pessimismo, numa onda de incapacidade. De cara, no primeiro semestre, fui reprovado em duas disciplinas, pela forma que eles falavam, conseguiram fazer com que eu acreditasse na minha incapacidade para como os raciocínios lógicos (em outras palavras, só faltaram me chamar de burro, mas tudo bem, devemos ignorar isso). Mas não era só isso.

Além de ser um curso difícil, existem outras dificuldades encontradas, como o acesso à faculdade, que é relativamente perto, porém não existe ônibus que faça um trajeto que passe perto da minha casa e isso a torna distante. Temos acesso a livros, existem as bibliotecas que estão a nossa disposição, mas o número do acervo é insuficiente para a demanda, às vezes é necessário ficar na lista de espera por dois meses para poder pegar livro. Quando conseguimos pegá-los, já é perto do término do curso e não podemos ficar sem esses livros. Então, quem tem dinheiro compra ou tira xerox, mas quem não tem fica com algumas dificuldades.

Da insatisfação

Meu desejo ainda não se acabou, então continuo na luta para conseguir alcançar meus objetivos. Nem que para isso tenha que abrir mão do que já conquistei. Largar o curso e tentar vestibular outra vez e quantas forem necessárias, pois isso é o que acho que devo fazer. Será certo fazer isso? Acho que a resposta somente o tempo me dirá, não tenho medo disso, pois poderei me arrepender mais ainda por não ter sequer tentado buscar o que realmente quero.

Do programa conexões de saberes

Esse programa está sendo um aprendizado para mim, pois nunca trabalhei com a comunidade de fato, apesar de ter feito parte de um grêmio estudantil no colégio Zilda da Frota Uchoa. Mas estou gostando muito, é uma coisa necessária: as atuações na comunidade em que participo, ser mais atuante não apenas no Conexão, mas também na comunidade de uma forma geral, descobrir a cultura do bairro, o que ele tem para oferecer, são metas que quero alcançar.

Célia Facundo

Sou a Célia, estudante de Pedagogia, participo do subprojeto do Conexões de Saberes, “Viajando com as Letras”, com as crianças do ensino fundamental. O trabalho com as crianças, para mim, é muito significativo, pois elas são muito especiais na minha vida e, nos momentos mais difíceis, aparecem para dar um “colorido” e me fazem olhar a vida de forma mais energética e esperançosa.

Minha origem

Nasci no Bairro Henrique Jorge, em Fortaleza, Ceará. Sou a oitava filha de uma família de oito irmãos. Porém agora somos nove: temos uma irmã adotiva que se chama Stephanie, filha de minha irmã mais velha, que sempre morou com meus avós maternos. Meus pais são pessoas maravilhosas. O meu pai, muito trabalhador, sempre viveu com muita garra e uma de suas características marcantes é a honestidade. É também um pai muito dedicado e sempre presente. Minha mãe, também de muita garra, trabalhadora, afetuosa, enfim, é uma grande mãe. Ambos nos criaram com muita dedicação e amor.

Na infância, brinquei bastante, tive a sorte de ter três irmãos de idade próxima da minha, o Jander e mais um casal de gêmeos, José Maria e Maria José, que chamamos de Maninho e Maninha. E com isso passávamos o dia aprontando travessuras. Também tínhamos muitos amigos na vizinhança, com quem brincamos bastante. Brincadeiras tradicionais feitas no meio da rua, como esconde-esconde, pega-pega, sete-pecados, enfim, uma infinidade de brincadeiras.

Rumo a boa viagem

Quando eu tinha cinco anos de idade, fomos morar no município de Boa Viagem, a duzentos quilômetros da capital Fortaleza. A mudança foi um pouco difícil, mas como eu e os meus três irmãos éramos muito crianças, por um lado aproveitamos bastante a vida no interior. Tomávamos banho no rio (ah, quantas saudades!), pescávamos, enfim, levávamos a vida numa brincadeira. Foi em Boa Viagem que iniciei meus estudos, com sete anos de idade, pois essa era a faixa etária estabelecida pela secretaria de educação do município. Porém, como tinha muita vontade de estudar, aprendi a ler em casa com a minha família. Na escola, a minha irmã Sílvia foi minha primeira professora. Lá cursei a primeira e a segunda séries.

Retorno

Voltamos a morar em Fortaleza quando eu tinha oito anos de idade; moramos por alguns meses no bairro Jardim Iracema. Depois voltamos a morar no Bairro Henrique Jorge, mas demoramos dois anos para voltar a morar na nossa antiga casa e, quando chegamos no “nosso velho habitat”, já não era mais o mesmo. Aconteceram muitas mudanças, alguns amigos tinham ido embora e surgiram novos moradores.

Dei continuidade a meus estudos, no colégio particular, chamado Centro Educacional Cebolinha. Lá cursei a 3ª série, mas tinha muita dificuldade em acompanhar o conteúdo escolar, que era muito diferente do que já tinha visto: o ensino, as disciplinas. Então fui reprovada na 4ª série e refiz no colégio público do município o CIES. E, da 5ª em diante, estudei no colégio público do estado (EEFM Mariano Martins). A minha trajetória escolar foi muito boa, o último colégio era grande, havia eventos culturais bem interessantes e fiz muitas amizades.

Uma busca do sentido da vida

As atividades que me conscientizaram para uma nova compreensão da vida foram as da igreja, concomitante às experiências vividas na escola e na família. E a igreja teve um lado muito forte na minha vida. Fiz o catecismo (a preparação para a 1ª eucaristia), depois o crisma, posteriormente, com os coordenadores da crisma, formamos um grupo de jovem, onde refletíamos o nosso papel cristão sociopolítico na vida. Cheguei até a me preparar para entrar no convento de freiras com a ordem religiosa Salesianas. Mas não cheguei a fazer essa experiência.

Posteriormente fiz parte de um projeto social, com as irmãs da ordem religiosa Coração Eucarístico, chamada Recriando Vida, localizada no Bairro Henrique Jorge. Esse projeto, articulado por essas irmãs, conta com o apoio financeiro de alguns amigos delas, inclusive, um grupo de alemães. Tem como objetivo trabalhar com crianças pobres através de oficinas durante a semana, como: música (teclado, percussão, violão), teatro, bordado, informática. Aos sábados, reúne as crianças para trabalhar algumas temáticas de relações humanas e para o momento lúdico. E esse encontro é realizado por um grupo de monitores, do qual fiz parte por um período de dois anos. Entrei assim que tentei o vestibular pela primeira vez e não passei. Foram momentos riquíssimos de alegrias, amizades, enfim, uma experiência maravilhosa.

Minha trajetória à universidade de forma curvilínea

Quando terminei o 3º ano do ensino médio, não prestei vestibular porque não me sentia preparada, estava em busca de emprego. Já havia trabalhado numa loja de shopping, mas não gostava. Trabalhei também numa locadora de vídeo, que, além de ser meu primeiro emprego, foi muito bom.

Mas nesse período “vago”, como eu ajudava minha irmã nas tarefas escolares, ela me deu a idéia de ensinar reforço escolar. De início, comecei com as amigas dela de classe, depois foi para alguns meninos da minha rua. Tinha um aluno com dificuldades de aprendizagem. Ele estava na 3ª série do ensino fundamental, não sabia ler e não reconhecia as letras. Eu não tinha nenhuma didática, mas fazia de tudo para ajudá-lo. E quando eu o vi ler a letra A., fiquei muito feliz e senti vontade de seguir em frente com meus estudos. Fiz um teste seletivo para estudar a língua espanhola, no Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos (IMPARH) e, quando passei, resolvi seguir mais adiante, fazer o vestibular.

Como o dinheiro do reforço, mal dava para pagar o curso de espanhol, o meu pai pagava um cursinho pré-vestibular para mim. E, nos fins de semana, participava de outro cursinho “O Nossa Vez”, que era oferecido pela prefeitura de Fortaleza. Recebíamos um fascículo com o conteúdo das matérias pelo jornal, semanalmente, em casa e as aulas eram ministradas no Ginásio Esportivo Paulo Sarasate, no sábado, e, no domingo, pela televisão, quando os professores respondiam as questões do fascículo.

Apesar de ser muito cansativo, estudava de domingo a domingo. E no início não sabia qual curso escolheria, porém sabia que tinha inclinação para a área de ciências humanas. E no decorrer do tempo resolvi optar por geografia, pois fui me identificando com a disciplina.

Quando tentei vestibular pela primeira vez, não passei na segunda fase. E, nesse momento, senti o mundo desabar e disse que não ia mais tentar vestibular de novo. Nesse período, através de uma amiga que tinha um instituto de pesquisa, comecei a trabalhar com pesquisa sobre mercado, política e turismo. Foi uma experiência muito boa, tive contato com diversas realidades, com a mídia, empresários e pessoas muito simples. Conhecer essa diversidade de povos foi maravilhoso e, ao mesmo tempo, angustiante. Pois, no papel de pesquisadora, tinha que ser imparcial e de forma alguma podia intervir, sobretudo na pesquisa política. Não que eu fosse partidária, mas me dava vontade de refletir um pouco com as pessoas, em especial as que moram no interior, que só relacionavam a política com a compra de voto.

O vestibular se aproximava novamente, eu não tinha me preparado e, por isso, não passei pela segunda vez. No ano seguinte, resolvi estudar de novo e fiz, por um período, o cursinho oferecido pela UFC. Quando entrava nas instalações da universidade, me dava uma vontade de participar mais ainda daquele universo. Não estudei muito, pois também trabalhava. E nas vésperas das inscrições, a conselho de meu irmão, resolvi tentar Pedagogia, pois ele disse que tinha mais a ver comigo.

Fiz vestibular para Pedagogia e, quando passei para a segunda fase, meu pai pagou um cursinho caro de preparação para a segunda etapa. Finalmente passei e o meu ingresso na universidade foi só alegria, vi irradiado na face de cada pessoa próxima a mim a felicidade por eu ter passado no vestibular. Foi maravilhoso.

A Faculdade de Pedagogia

No primeiro dia de aula, tivemos uma ótima recepção dos estudantes e da coordenadora do curso de Pedagogia, Ercília. Naquele dia, tive uma ótima sensação de que eu tivera escolhido o curso certo. No decorrer do curso, passei por momentos que me fizeram refletir a importância da Pedagogia. Eu tive uma experiência muito difícil como professora. Não estava ainda preparada para assumir uma sala de aula, mas não podia desistir sem antes tentar. Estava vivenciando um momento difícil na minha vida, não estava bem. O resultado na sala de aula foi desastroso e, então, julguei que estava no caminho errado e que ia desistir, mudar de curso. Mas, conversando com uma professora, ela me incentivou a não mudar de curso e a seguir em frente. Então comecei a me dedicar no curso, a estudar mais. E percebi a riqueza do curso.

Passando o susto inicial, percebo o papel do educador. Esse não deve desistir jamais. É uma luta árdua, pois a educação brasileira está entrelaçada a uma hierarquia no processo histórico desde dos primórdios da colonização no Brasil. E hoje olho para esses alunos com um novo olhar, não mais como alunos difíceis, mas crianças que têm suas peculiaridades.

Conexões de saberes

O Projeto Conexões de Saberes foi um presente de Deus na minha vida, pois pôde me ajudar tanto na questão financeira, que precisava para me manter na universidade, quanto na compreensão da própria universidade e no contato com as comunidades com as quais me identifico bastante. E todos esse acontecimentos foram grandes passos vitoriosos na minha vida e creio que virão outros tão bons e melhores.

Antonia Francina Silva da Costa

Superando as dificuldades

Sou a primeira filha de uma família de cinco filhos. Minha mãe é Maria Celma Silva da Costa, filha de duas maravilhosas pessoas: meu avô Manoel Ferreira de Sousa e minha avó Maria Lopes da Silva. Descendente indígena pitaguari cearense, nasceu e sempre viveu no município de Maracanaú. Minha mãe é mulher que já sofreu muito nessa vida. Sempre submissa e dependente do marido, tem uma vida inteiramente dedicada à família desde os 16 anos. Meu pai é Francisco Vitorino da Costa, homem que enfrentou muitas dificuldades desde muito cedo, quando teve que trabalhar para ajudar os pais, já que era o filho mais velho entre cinco. Nasceu no município de Pacajus, interior do Ceará. Veio, ainda muito criança, com os pais, meus queridos avós, Ezaú Felipe da Costa e Maria de Lurdes Vitorino da Costa, para o município de Maracanaú (antes distrito Maranguape), em busca de melhores condições de vida.

Meus pais se conheceram bem jovens, minha mãe com 16 anos e meu pai com 20 anos, aproximadamente. Com pouco tempo de namoro, minha mãe engravidou e eles tiveram que casar, como meu pai não tinha emprego fixo e morava com os meus avós, minha mãe foi morar com eles. Foram tempos muito difíceis.

No dia 13 de junho de 1983, nasci Antonia Francina Silva da Costa, sendo o primeiro nome uma exigência de minha avó paterna por ser dia de Santo Antônio. Tive uma infância pobre, porém feliz, morávamos em um local chamado Olho D'água, em uma vila de casas antigas construídas pelos escravos, que ficava distante das demais casas do bairro e a vizinhança parecia uma grande família onde havia discussões, mas todos se ajudavam. Lembro que nossas casas eram cercadas de mato e bem próximo passava um rio, onde tirávamos água para as nossas necessidades. Quando eu tinha mais ou menos dois anos, nasce minha primeira irmã, mas ela adoece e chega a falecer aos nove meses de idade. A única renda certa que tínhamos era a aposentadoria do meu avô, que ainda muito novo adoece das pernas por causa das condições de trabalho às quais se submetia. Na casa, além de mim, minha mãe, meu pai e meus avós, moravam meus dois tios e duas tias.

Com quatro anos, comecei a estudar em uma pequena creche do bairro chamada São Pedro. Nessa mesma época, nasce minha segunda irmã, Joana D'Arc. Nesse tempo, as condições estavam melhores, pois meu pai já estava trabalhando na prefeitura de Maracanaú como vigilante.

Mesmo com as inúmeras dificuldades, brinquei muito quando criança, minha mãe fazia bonecas de pano e de milho e eu usava tampa de perfume como brinquedo. Era difícil ganhar boneca de plástico. Como meus amigos viviam na mesma realidade que a minha, era muito bom brincar de várias maneiras como pega-pega, elástico, corda, bandeirinha, entre outras.

Com aproximadamente oito anos, passo a estudar no colégio do bairro, a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Mário Barbosa, da 1ª à 5ª série.

Durante a infância, não costumava assistir à televisão, pois onde morava não tinha energia elétrica, só na praça do bairro em que tinha uma igreja e uma televisão pública que funcionava à noite. Havia também um senhor chamado seu Paulo, que tinha uma TV e deixava a gente assistir na casa dele, porém eu só podia assistir se alguém adulto fosse, pois, devido à distância, era perigoso ir sozinha.

Por causa das dificuldades, uma das irmãs do meu pai, com doze anos de idade, foi trabalhar em Fortaleza em casa de família, logo em seguida um dos irmãos do meu pai começa a trabalhar e, em pouco tempo, se casa.

Com todas as dificuldades que eu e a minha família passamos, não chegamos a passar fome, lembro dos pirões de café e dos caldos de caridade que minha mãe e minha avó faziam no fogão a lenha quando não tínhamos nada para merendar, ainda posso sentir o cheiro da fumaça e o choro da lenha.

Depois da doença do meu avô, ele não voltou a ser como antes. Mas, depois de um tempo paralisado, teve uma boa recuperação e podia andar bem. Então, como ele sempre foi agricultor, plantava roçado, no seu plantio que era só para nosso consumo tinha milho, feijão, jerimum outros, quando o inverno era bom ajudava muito a nos manter, principalmente o feijão e o milho que fazia o cuscuz, munguzá, canjica, pamonha e farinha de milho. Eu ia muito a roça na época de colheita, até chegar lá lembro que passávamos por dois rios, no período de enchente complicava um pouco para passar, mas sempre havia um jeito. Lembro que, no roçado, tinha uma barraca onde colocávamos as comidas e água de beber, porque havia dias que passávamos muito tempo lá. Meu avô materno Emanuel também tinha roça e, às vezes, eu ia para lá.

Lembro-me das farinhadas de que tanto meus avós paternos como maternos participavam. Geralmente, muitos da família faziam parte, às vezes era o dia todo e entrava pela noite. Lembrar agora é sentir novamente a quentura do forno onde a farinha e os beijos eram torrados, é rever as pessoas sentadas no chão em círculo descascando as mandiocas, é sentir o gosto da farinha ainda morna.

Sinto o frio das madrugadas em que eu saía junto com meus tios para ir buscar manga em um lugar chamado Rio das Mangueiras, próximo ao pé da serra de Santo Antônio. Era tão escuro que às vezes levávamos lamparina para enxergar.

Eu já tinha sete anos quando nasceu minha terceira irmã, Aline. Nossa família estava crescendo e continuávamos morando com meus avós e minha avó, mãe de meu pai, reclamava muito porque meu pai bebia e não se organizava para conseguir uma casa para morar, lembro de atitudes grosseiras do meu pai com minha mãe e ela sempre agüentando tudo.

Tenho meus quatro avós, pelos quais sou apaixonada e faço o possível para estar perto deles sempre que posso e ainda conheci minhas duas bisavós.

Quando eu tinha mais ou menos nove anos, chega energia elétrica onde eu morava e, logo em seguida, meu pai compra nossa primeira TV em preto e branco.

Depois de um tempo, minha tia, que havia ido trabalhar em Fortaleza e lá se casado, estava se separando do marido. Tinha duas filhas bem pequenas, então minha avó, extremamente abalada com a situação, queria acolher a filha em casa. Sendo assim, houve maior pressão para meu pai conseguir uma casa para que pudesse ficar o espaço livre necessário a minha tia. Minha mãe, há muito tempo, sonhava com um lar só nosso.

Nesse momento, eu já estava com doze anos e tinha consciência dos acontecimentos e me preocupava bastante.

Então, minha tia vem morar conosco e a casa ficou muito apertada, sendo assim meu pai comprou uma casa de dois compartimentos em um bairro vizinho chamado Horto, perto dos meus avós maternos, e logo fomos morar lá.

Senti muita saudade quando fui morar na outra casa, mas, como os bairros eram vizinhos, eu sempre encontrava um jeito de ir para a casa antiga, ficar com meus avós, tomar banho de rio e brincar com minhas amigas.

Começa uma vida diferente na nova casa, que também não tinha energia elétrica no começo. Agora, a família eram meus pais, eu e minhas duas irmãs. A partir de então, pude realmente perceber as dificuldades financeiras de relacionamento da minha família, o quanto meu pai era distante afetivamente de nós, tanto que eu e minhas irmãs éramos mais próximas da nossa mãe. Às vezes, meu pai contava histórias à noite, para mim e minhas irmãs, mas quem estava realmente presente era minha mãe, que contava muitas histórias quando íamos dormir e cantava também. Ela sempre nos contava que nosso bisavô era descendente indígena e que, por isso, tínhamos traços de índio, nessa época ainda não havia o reconhecimento do povo Pitaguari, do qual fazemos parte.

Quando nos mudamos, eu estava concluindo a 5ª série no colégio do bairro onde morava. Continuei estudando lá até o fim do ano e, no ano seguinte, comecei a estudar a 6ª série na Escola Estadual de Ensino Fundamental Carneiro de Mendonça, localizada no bairro onde morava.

Quando cheguei ao novo bairro, fiz novas amizades e brincava muito, brinquei de boneca até os treze anos; aos catorze, minhas amizades eram mais maduras e eu já paquerava na escola. Às vezes ia a festas, pois meus pais não proibiam, recebia convites de namoro, mas não queria porque tinha medo do meu pai, não sabia como ele ia reagir, também tinha medo de passar por sofrimentos amorosos como minhas amigas. Nessa época, já havia feito a primeira comunhão e estava me preparando para o crisma. Nesse mesmo tempo, minha mãe engravidou do quarto filho, lembro que fiquei revoltada, pois as condições financeiras não eram boas.

Meu pai queria muito um filho homem e, dessa vez, nasce o João Marcos. Quando ele nasceu, nossa casa já tinha energia elétrica. Meu pai troca a nossa casa por outra maior e melhor na mesma rua. Com quinze anos, me crismo na igreja de Santa Elizabeth do Horto e sou muito presente.

Com dezesseis anos, termino o ensino fundamental e passo a estudar no centro do município, no Liceu Estadual de Maracanaú, a 14km de distância do meu bairro. Comecei estudando à noite, pois queria o dia livre para fazer algo que ajudasse em casa. Passei um semestre estudando à noite e trabalhei quase dois meses ajudando nas tarefas domésticas em uma casa de família perto da minha, em seguida comecei a ensinar reforço escolar. Estudar no período noturno ficou complicado devido ao perigo, pois ia de bicicleta com alguns colegas, que, às vezes, não iam, então no meio do ano resolvi mudar para o turno da manhã e o reforço ficou para a tarde.

Depois que me crismei, comecei a fazer parte de um grupo de jovens da igreja (Jovens Semente de Deus) que tinha acabado de se iniciar no bairro. Enquanto o grupo durou, aprendi muito e amadureci. É lá onde começo uma amizade muito forte, com uma pessoa chamada Salyanna.

Quando estava no segundo ano do ensino médio, tive aula com o professor Fernandes, que ensinava Filosofia e História, por quem tenho grande admiração, pois foi quem me fez pensar pela primeira vez em universidade, até então eu não tinha a mínima noção da

importância disso. Ele despertou em mim a parte curiosa que estava adormecida e me fez acreditar que era possível chegar lá. Fui alimentando essa idéia e cheguei ao 3º ano com o seu incentivo em minha mente.

O 3º ano foi o pior em relação ao aprendizado, pois faltava professor. Eu e a Salyanna estudávamos no mesmo turno, mas em salas diferentes. Como morávamos no mesmo bairro, resolvemos então estudar juntas no período da tarde para o vestibular. Eu pensava em Psicologia, ela dizia que ia fazer Administração, mas se interessava também por Psicologia.

As coisas não aconteceram como eu previa, pois na mesma época consegui um estágio de um programa da prefeitura (PROECE) que atendia a alunos do ensino médio, com o qual ia receber meio salário e trabalhar quatro horas por dia. Como precisava, não podia deixar de aceitar. Fiquei estagiando em um colégio municipal do meu bairro à noite. Com o estágio, veio a possibilidade de variados cursos, informática, por exemplo. Fiz todos que foram possíveis. Eu só chegava em casa depois do trabalho. Estudar para o vestibular acabou ficando em último plano, tanto que consegui a isenção na UFC, mas, mesmo assim, próximo da prova desisti, por me sentir despreparada.

Foi também no 3º ano em 2001 que fiz uma amizade muito especial com Ruben Weine Viana Neto, mais conhecido como Neto, e dessa amizade iniciou-se nosso namoro a partir do dia quinze de julho desse mesmo ano. Nossas famílias se conheciam desde quando éramos crianças, mas não tínhamos contato até nos encontrarmos todos os dias dentro do mesmo ônibus quando íamos para a escola, ele também estudava no centro do município, mas em outro colégio. Quando ficamos amigos, tínhamos dezessete anos e, quando começamos a namorar, fazia pouco tempo que tínhamos completado dezoito anos, tínhamos a mesma idade, ele aniversariava em maio e eu em junho.

Éramos bem diferentes, no entanto admito que isso me encantou bastante, mesmo ouvindo amigos e amigas falarem que não íamos dar certo, pois ele é muito extrovertido, não tem vergonha de mostrar o que sente e o que é, já eu sempre fui mais quieta e séria. Com todas as diferenças, surpreendemos a todos e estamos namorando há quatro anos e posso dizer que amadurecemos bastante juntos e o nosso amor se intensifica mais a cada dia. Ele me ajudou a perceber o quanto é importante viver cada momento do presente para ter o futuro que desejamos.

Chega o fim do ano e nasce meu quarto irmão, Leonardo David (Leozinho), no dia vinte e cinco de dezembro e, finalmente, minha mãe resolve fazer laqueadura.

Termina o 3º ano e, com ele, o estágio. Salyanna tenta o vestibular para Psicologia, mas não passa, então ela resolve fazer um cursinho pela manhã no colégio Ari de Sá e, a partir de então, resolvemos estudar juntas, pois ela me ajudaria com a orientação do cursinho, já que eu não tinha condições de fazê-lo. Então começa a luta para entrar na universidade pública. Eu trabalhava ensinando reforço durante o dia, à noite ia para a casa dela e estudávamos até mais ou menos meia-noite. Em alguns sábados, virávamos a noite, desde então passei a dormir na casa dela, tomávamos vários estimulantes para não dormir, mesmo assim eu tinha sérias dificuldades para ficar acordada até tarde. Alguns dias, ia mais tarde estudar, pois primeiro namorava com o Neto.

Por todo o ano de 2002, segui nesse ritmo, sendo que no meio do mesmo ano consegui um trabalho informal em que recebia meio salário em um escritório que vendia perfume. Lá, eu trabalhava de 7 às 15h, então isso não impediu que eu continuasse estudando.

Tentei isenção novamente na UFC e consegui os 100%. Também fiz o ENEM pela segunda vez. Chegando a inscrição para o vestibular, achei que não era bom tentar Psicologia,

pois a concorrência era alta, então comecei a analisar os de concorrência menor e me interessei por Economia Doméstica.

Chegou a prova, eu fiz para Economia Doméstica e a Salyanna, para Psicologia. Passei na primeira fase, já a minha amiga não passou, no entanto ela havia se inscrito para Serviço Social na UECE e passou, já eu não passei na segunda fase.

Quando soube que ela tinha passado, fiquei muito feliz, porém sabia que a partir dali não teria mais a companheira de estudo e teria de continuar sozinha. Nesse mesmo ano, ela ia se crismar e me convidou para ser sua madrinha. Cada vez ficamos mais próximas.

Quando recebi o resultado de não ter passado, falei para os meus pais, minha mãe ficou sem saber o que me dizer, mas, mesmo sem entender direito o que era esse universo que eu queria, falou que devia tentar novamente. Já meu pai, que também não entendia muito bem, falou que universidade era coisa para rico, que era melhor eu procurar um emprego, então eu lhe disse que ia continuar insistindo e fazendo bico para me virar.

O Neto, nesse momento, me incentivou a continuar e levantou a minha auto-estima. Como freqüentava muito a casa de Salyanna, tinha uma relação muito boa com os seus pais e sua irmã mais nova, Suiane, a mãe dela, que se chama Ana, conversou comigo quando soube que eu não tinha passado e me falou que eu ia conseguir e se precisasse de algum livro ela me ajudaria. Isso me deixou com mais força, pois soube naquele momento que ela se importava comigo.

Então começa o ano de 2003 e a idéia de entrar na universidade estava cada vez mais fixa em minha mente. Tinha que me preparar para estudar sozinha agora, então peguei todas as apostilas, livros da Salyanna e fiz um calendário de estudos, para recomeçar.

Continuei trabalhando no escritório, durante o dia, e estudando à noite na casa da minha afilhada de crisma. Cada vez mais namorava menos, reconheço que o Neto foi muito compreensivo e me deu um apoio significativo. Ele tinha acabado de terminar o 3º ano e ia também prestar vestibular, já estava fazendo cursinho no Evolutivo.

Chega o meio do ano eu tento isenção na UECE e consigo os 100%, faço a inscrição para Serviço Social, presto vestibular, mas não é ainda dessa vez.

Com mais uma não aprovação, a Ana me fala que vai me ajudar a fazer um cursinho. Nesse momento, fiquei muito feliz, pois sabia que a orientação de um cursinho mais a minha coragem iam permitir o meu acesso à universidade. Naquele momento, agradei profundamente a Deus e a ela. Procurei imediatamente um pré-vestibular em Maracanaú que fosse à noite, porque tinha que continuar trabalhando. Na escola particular Carlos Lobo, ia se iniciar uma turma de intensivo e estava no preço, então me matriculo super empolgada. O Neto não pôde mais estudar no Evolutivo e também se matricula no mesmo curso. Isso me deixou ainda mais alegre, pois íamos nos ver todos os dias.

Tentei isenção novamente. Consigo 70%. No dia da inscrição, já estava certa de que ia fazer Economia Doméstica. Chega a primeira fase, faço a prova e fico bem otimista, tanto que, mesmo antes de saber o resultado, resolvo sair do cursinho em que estava e fazer as específicas e a redação, que eu não sabia, em um curso melhor, tive ajuda financeira para que isso se realizasse. Faltava um mês para a segunda fase e eu inicio a específica no colégio Ari de Sá, indicado pela Salyanna.

Eu me dediquei com toda a minha alma nesse mês, foi uma verdadeira superação de limites. Quando tive a certeza que ia fazer a específica, informei meus patrões sobre a situação e que precisaria sair às 12h do trabalho durante aquele mês. Eles concordaram, podia parecer incrível, mas, cada vez mais, tinha a sensação de que tudo estava dando certo dessa

vez. Então, assim foi, trabalhava de sete da manhã até meio-dia, ia para casa, quando dava tempo almoçava, pegava o ônibus às 12:30, chegava no colégio às 13:45, o plantão de redação começava às 13:30; eu fazia duas redações por dia, o professor corrigia as duas no mesmo dia e me falava o que estava certo e errado, no começo tirava as piores notas, mas a cada dia eu melhorava. Às 17:30, saía do plantão de redação e às 18:30 começava a específica de história, assim que terminava, iniciava a de biologia. Nunca tive tanto professor em tão pouco tempo; às 21:45, terminava tudo, pegava o ônibus no Centro, já recolhendo para a garagem que é perto da minha casa, e chegava em casa às 23:40. No começo, tive medo, porque chegava em casa muito tarde, porém sabia que tinha que enfrentar isso.

Em umas das noites, quando estava no colégio, saiu o resultado da primeira fase, então soube a boa notícia que tinha passado. Fiquei muito feliz, mas a segunda fase me assustava. Nesse mesmo vestibular, o Neto não passou e fiquei triste por ele.

Chega a segunda fase, mesmo depois da prova não dava para ter certeza que tinha passado, o que me restava era esperar ansiosamente o resultado.

Depois de várias semanas, certa noite estava na casa da vizinha quando escuto no jornal das dez a notícia de que tinha saído a lista dos aprovados na segunda fase do vestibular da Universidade Federal do Ceará. Sinto uma sensação de nervosismo e vou correndo para casa, chegando em casa aviso para minha mãe e minhas irmãs sobre a notícia, tento ligar o rádio na rádio universitária, mas não dá certo, então ligo para o colégio onde fazia o cursinho e recebo a grande notícia da minha vida até aquele momento, pois eu tinha passado no vestibular e isso significava muito para mim, eu não acreditava que tinha conseguido. Quando desligo o telefone e olho para trás, minha mãe está me olhando, eu só tenho vontade de abraçá-la. Chorava repetindo: eu consegui. As minhas irmãs também choram e me abraçam e minhas amigas começam a chegar e ligar para me parabenizar, todos torciam por mim, pude perceber naquele dia. O Neto ficou muito emocionado, pois quando chegou me abraçou muito. Em seguida, fomos para casa dos meus avós dar a notícia, pois eu queria compartilhar aquele momento com todos que acreditaram ou não em mim. Isso foi um marco na minha família, pois fui a primeira neta a entrar na universidade.

Depois da alegria de ter entrado na universidade, vem outra dificuldade. Meu curso seria integral, sendo assim eu não poderia mais trabalhar. Logo perdi o trabalho no escritório e fiquei muito angustiada, pois o gasto com o transporte interurbano era alto e meu pai não tinha condições de bancar. Fiquei vários dias pensando numa solução, mas estava difícil, não podia imaginar que tinha conseguido ter acesso à universidade, mas não ia poder permanecer. Cheguei a pensar em pedir ajuda novamente aos pais da Salyanna, mas o constrangimento não deixava; mesmo com todas as dificuldades, fui fazer minha matrícula, porque uma luz lá no fundo me dizia que o esforço não seria em vão. Então, naquele mesmo dia da matrícula, quando chego na casa da Sá à noite para dormir, os pais dela me chamam para conversar e me dizem que vão me ajudar com os gastos da faculdade e, em troca, eu os ajudaria no Mercantil deles nos finais de semana, férias e feriados. Eles realmente acreditavam muito em mim, tenho por eles profunda gratidão por tudo o que fizeram e fazem até hoje por mim, quando me refiro a eles, os chamo de padrinhos e tenho a real certeza de que ganhei uma segunda família a partir do momento em que entraram na minha vida.

Estou no quarto semestre de Economia Doméstica e, a cada dia, gosto mais do curso, encontrei pessoas maravilhosas na universidade, conhecendo o mundo universitário estou aprendendo a ter um novo olhar para a vida.

Sobre a minha ascendência indígena, quero relatar que, depois de muita luta, o povo Pitaguari consegue o reconhecimento pelo Governo Federal, mas ainda há muito por que lutar. Nosso povo, nesse momento, briga por um maior resgate de cultura e por direitos que proporcionem uma vida mais digna que nos foi negada.

Através do Conexões de Saberes do qual faço parte, sei que novas portas se abrirão para que haja uma conexão de diversidade e conhecimento entre os povos.

Essa é a minha trajetória até o dado momento, superei e, por Deus, vou continuar superando sempre que preciso as dificuldades para alcançar os meus objetivos. Dedico-a a minha fé em Deus, minha família, meus amigos e amigas, a família Sousa Silva, meus professores e professoras e ao meu namorado, Neto, a quem amo muito.

Leonardo Barros Soares

ECCE HOMO

*“Sou um evadido.
Logo que nasci
Fecharam-me em mim,
Ah, mas eu fugi.
Se a gente se cansa
Do mesmo lugar
Do mesmo ser
Por que não se cansar?
Minha alma procura-me
Mas eu ando a monte
Oxalá que ela
Nunca me encontre.
Ser um é cadeia
Ser eu é não ser.
Viverei fugindo
Mas vivo a valer.”*
Fernando Pessoa, Poesias inéditas

Tenho diante de mim a frialdade inorgânica da tela em branco do computador. É preciso povoá-la com as palavras que insistem em não se entregar. O imperativo institucional diz: “É preciso que fales sobre ti”. Mas como fazê-lo? O desejo diz: “Afasta-te daí, estás para entrar no misterioso reino das palavras, o incerto reino da cosmogonia humana, corpo sobre o qual vivemos e morremos”. É uma tensão cuja intensidade eu gostaria que permeasse este texto. Tensão fecunda, mobilizadora, criadora. Escrever sobre mim mesmo... Tenho que encarar esse desafio.

Surge em meu pensamento o escritor britânico George Orwell. Para ele, quatro motivos norteiam qualquer trabalho de escritura: o completo egoísmo de quem escreve (desejamos ser comentados, lembrados após a morte), o entusiasmo estético (o prazer e a dor que só quem escreve sabe), o impulso histórico (retratamos uma época) e o propósito político (o poder e o saber articulados nas palavras).

Não obstante esses motivos, acho que meu propósito na escritura de um memorial remete antes à oportunidade única de promover uma parábase, expressão do teatro grego que anunciava o momento em que um ator comentava sobre os bastidores da comédia (ou tragédia)

da qual participava. Um memorial é, portanto, a parábase de uma vida, o momento em que é possível comentar sobre os seus bastidores, seus processos de construção e desconstrução ininterruptos.

Ao lançar meu olhar ao passado, não busco uma identidade, uma essência que perdurou por todos esses anos, dizer “este sou eu e minha história”. Lembrar o que aconteceu “tal qual foi” se me apresenta como um empreendimento fadado ao fracasso. Não quero re-presentar a minha vida. Quero antes que ela ressoe, reverbere em minhas palavras.

Destacar os “elementos importantes” de minha vida se constitui como um artifício metodológico que confere certa inteligibilidade à minha narração, mas nem de longe se apresenta como um recurso totalizante das experiências. Minha vida ocorre também nos interstícios, na intensidade subreptícia do não-dito, a vida viscosa, potência atualizada em cada instante.

Mergulhar na história pessoal, perceber-se como um ser histórico, social e em permanente movimento dos pensamentos, ora dóceis, ora selvagens. O que se encontra ao percorrer a genealogia de uma vida? Quem, o quê ou como se viveu? O que encontrarei? Não sei, mas a ousadia da empreitada me atrai. O que posso aqui é convidar o leitor a segurar a minha mão enquanto, ao nos aventurarmos no rio da vida, buscamos as margens das minhas memórias. O que vivi, sinto no corpo, e espero que vocês o sintam em minhas palavras.

O início da minha jornada é feito no silêncio das fotos, das velhas memórias. Abro os álbuns de família e me transporto para épocas as quais não posso lembrar. Minhas fotos no dia de meu nascimento, em 29 de julho de 1985; o meu batizado (“eu te batizo, Leonardo Barros Soares...”). Fotos com meus pais, Giovanni e Eliane (à época, bem mais magros e com a cabeleira vasta!), com meu irmão Giovanni Jr, um ano mais velho que eu, com tios, tias e meus primos (em especial minhas fotos com meu primo, amigo e quase irmão Daniel, a quem presto aqui sincera homenagem)... As lembranças evocadas lentamente me invadem. Os amigos do bairro, os meus primos que há pouco haviam chegado do município de Icó (sul do estado do Ceará) e que se instalaram em uma casa próxima à nossa... É a deliciosa proximidade familiar que se desvela pouco a pouco diante dos meus olhos.

Uma foto me chama a atenção. Estou de capa vermelha e lancheira, ao lado de meu irmão. O sorriso largo e faceiro denuncia – é meu primeiro dia de aula no Centro Educacional Rosa Gortorno! Lembro-me das aventuras que tínhamos para chegar ao colégio, pois vivíamos no bairro Jardim Iracema, um dos mais pobres da zona oeste de Fortaleza, e éramos obrigados a pegar, em um bairro adjacente ao nosso, um dos dois ônibus de que precisávamos para ir até o centro da cidade, onde se localizava a escola.

Os tempos eram difíceis, pois meu pai era um jovem agrônomo funcionário público e minha mãe, professora em uma escola pública. Minha avó paterna, Tereza, também funcionária pública, veio morar conosco. A renda era complementada com a realização, sob encomenda, de doces e salgados para festas de aniversário. Era a dura batalha cotidiana dos brasileiros, a qual ainda não tinha consciência.

Foi então na referida escola, até hoje administrada por freiras, que fui iniciado nos ritos educacionais tradicionais. O passeio pelos “jardins”, o mistério órfico da alfabetização, a inserção dolorosa no mundo da cultura escrita, o manejo matemático rudimentar da realidade. Os meus coleguinhas de sala, o dia em que chorei na escola, o meu “primeiro amor”, as brincadeiras no pátio, os intermináveis ditados e argüições de tabuada, tudo isso está, de alguma maneira, naquelas fotos, lembranças sussurradas pelas imagens. Ao fim desses anos primevos, obtive a minha honrosa qualificação como “doutor” (do ABC, é claro!).

Eleições diretas, planos antiinflacionários, um “caçador de marajás” que caiu... O mundo da política dava voltas enquanto eu ainda brincava com meu irmão.

Cruzamos a cidade e mudamos de bairro e de escola. Fomos morar no bairro Pio XII (São João do Tauape), zona leste da cidade, em uma velha casa cedida por meu avô paterno. Eu costumava pensar neste lugar como um intermezzo urbano que retrata fidedignamente a realidade de exclusão social em nosso país. Bairro de “classe média”, um pouco mais desenvolvido que o Jardim Iracema, está localizado entre o bairro da Aldeota, um dos mais ricos de Fortaleza, e os bairros Aerolândia e Pirambu, dois dos lugares mais pobres da capital.

O paradoxo social se me apresentava com a força dos cantos africanos que ecoavam em meu quarto. Morávamos ao lado de uma casa humilde, com um terreiro de macumba improvisado no quintal, cuja “mãe-de-santo” era procurada por diversas pessoas de classe abastada para a realização de “trabalhos” diversos.

Após uma breve passagem pelo colégio Juventus, do qual me lembro docemente das caminhadas que fazia, à sombra das imensas (assim me pareciam à época) árvores no caminho, junto a minha mãe e meu irmão, para chegarmos à escola, localizada em um bairro adjacente, meus pais decidiram, sob pena de pesados cortes no orçamento familiar, transferir a mim e a meu irmão para um dos maiores e mais conceituados colégios de Fortaleza: o Colégio 7 de Setembro.

Mudamos assim, em termos educacionais, “da água para o vinho”. Foi nesse colégio que passei nove anos de minha vida (da terceira série do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, transitando entre as suas duas sedes). Para nos manter lá, o regime de contenção de gastos era bastante rígido. Tínhamos o suficiente para nos manter, mas sem nenhum luxo. Sem viagens, roupas novas, passeios dispendiosos ou brinquedos caros. Todos os recursos estavam voltados para a manutenção dos gastos escolares.

As minhas lembranças dessa época são nítidas, e as fotos são dispensáveis. Os anos passavam, seguindo a inexorável marcha do tempo... A Copa do Mundo de 1994, a euforia do Plano Real, as lágrimas vertidas por Ayrton Senna e pelos Mamonas Assassinas... Eu me lembro daquele menino estupefato diante da televisão, vendo as imagens das guerras ainda tão longínquas, tão perfeitamente estúpidas, cruéis e devastadoras. O nosso círculo social era bastante restrito, limitando-se aos parentes mais próximos e aos colegas de sala. Saíamos pouco de casa, minha mãe começava a ter problemas graves de saúde. Como lidar com essa espécie de “ostracismo involuntário” promovido pela escassez de recursos financeiros?

Ah, sim, eu me lembro que foi aí que, inadvertidamente, (re)descobri o fantástico mundo dos livros... Meu prazer nas noites solitárias e quentes de Fortaleza, debruçado sobre qualquer coisa que me transportasse para outros mundos, outras paisagens, infinitamente distantes ou deliciosamente próximas, prazer que, acredito, me acompanhará por toda a vida. Lia tudo o quanto pudesse, de revistas em quadrinhos a livros escolares, compulsivamente, com o prazer dos descobridores de um mundo novo e povoado de vozes, pensamentos, dores, prazeres e desejos.

As entranhas do mundo me fascinaram, e a Biologia foi o primeiro dos meus “amores científicos”. O frêmito quente e mudo do microscópico mundo dos insetos, o pulsar rítmico e também silencioso da terra e da água, a contemplação ancestral das árvores. As paisagens se ampliaram, havia vida debaixo da terra e acima dela, por todas as partes. Era a descoberta maravilhosa de que o mundo é, como diz Clarice Lispector, infernalmente vivo, impessoal, à nossa revelia.

Decidi, então, o que seria quando crescesse: biólogo entomologista. Era um nome muito estranho, quase não conseguia pronunciar corretamente, mas que resumia os meus desejos da época. Queria estudar (ou era brincar com eles?) os insetos. O fato é que, entre um passeio e outro ao Parque do Cocó (parque ecológico de Fortaleza, hoje em avançado estado de degradação ambiental) e os extenuantes dias de provas, a delicada e complexa teia da vida me atravessava e me constituía, como um córrego de água límpida que é parte fundamental para a formação de um rio.

Durante os quatro anos em que estudei na sede do colégio na Aldeota, fiz alguns amigos, adquiri inegáveis capacidades de leitura e escrita, sofri com a perversa lógica da eficiência acadêmica e da disciplina corporal que permeava toda a prática de ensino da instituição.

Mudamos novamente de casa, cruzamos mais uma vez a capital e viemos para o Jockey Clube, bairro da periferia centro-sul de Fortaleza, no qual residimos até os dias de hoje. As lembranças de nossa chegada estão incrustadas nas paredes, nas plantas, no último cachorro remanescente dos três que tínhamos, nos cabelos brancos de meu pai... Em um piscar de olhos, a vida correu com seu relógio invisível, e lá se vão dez anos que estamos aqui...

Nossa casa é bem diferente das anteriores em que moramos. Espaçosa, ainda razoavelmente arborizada e cheia de cores (outrora, quando tínhamos uma floricultura, bem mais que hoje), é um local propício para o desenvolvimento harmonioso de uma dinâmica familiar construtiva e afetivamente coesa. A vivência comunitária é também bastante diferente, pois, em pouco tempo, passamos do círculo restrito de amizades escolares e familiares que tínhamos anteriormente, para uma ampla, rica e heterogênea rede de relações sociais com os meninos e as meninas do bairro, que tinham idades aproximadas às nossas. O mundo se tornou assim, para mim, terrivelmente histórico, concreto, pessoal. Tornei-me um adolescente e adquiri as responsabilidades (e as dores-de-cabeça, claro) da condição de “alguém que não é mais uma criança, mas também não é adulto”.

Mudamos para a sede do colégio que se localizava no centro da cidade, por esta ser mais próxima de nossa nova casa. A sobriedade nos gastos familiares continuou, assim como meu empenho nas leituras e no dia-a-dia escolar. Encontrei lá leais amigos de inestimável valor, alguns que já não vejo há algum tempo, mas que continuam estimados como atores indispensáveis em minha vida. Tenho todos aqui comigo enquanto escrevo essas palavras, silenciosas testemunhas de quanto os amo verdadeiramente.

O “sistema fabril” de produção de indivíduos aptos para o vestibular se tornava progressivamente mais visível e, proporcionalmente, mais intolerável. Comecei a, simplesmente, detestar a instituição na qual estudava, e passei a utilizá-la de forma meramente instrumental, sem requerer da mesma nada mais do que a educação formal. Buscando, ao mesmo tempo, ampliar os horizontes da linguagem e um ambiente menos disciplinador que a escola, ingressei na Casa de Cultura Germânica da UFC, que abandonei ao fim de um semestre, para retomá-la definitivamente alguns anos depois, já no ano em que concorreria para o vestibular. É com muito orgulho que me encontro, à data desta publicação, cursando o último semestre da Casa.

Chegamos, assim, a um ponto particularmente difícil deste memorial para mim. As lembranças desses últimos anos já não estão enevoadas pela distância do passado, eu as sinto na carne com a força de seus ecos no presente. Lembranças assustadoramente nítidas, matizadas com as cores do amor e do ódio, da vida e da morte. Atentados em Nova York, as guerras intermináveis, o ódio entre os irmãos bíblicos, a manutenção do status quo político

no Brasil, as olimpíadas retornando para a Grécia e o século XXI nascendo sob os auspícios negativos do substantivo terror. Muitas coisas aconteceram, e a sensação que tenho é a de ter envelhecido mil anos...

O peremptório (e cruelmente superestimado) ano do vestibular. É incrível a capacidade que os colégios têm de transformar o último ano de estudos de um aluno em uma fabulosa (eu diria também criminosa) corrida do ouro. Para muitos, a bifurcação: “Seja aprovado e terás futuro; caso contrário, tu não serves”. Para mim, um ano difícil (estava sempre muito cansado, desejando ansiosamente que aquilo tudo acabasse), extremamente calculado em quase todos os momentos. No momento da escolha do curso para o qual prestaria exame, hesitei entre tantas possibilidades e optei, no último momento, pelo curso de Psicologia, um dos cursos de maior nível de concorrência da UFC.

É, pois, com a esplêndida notícia da aprovação que o incrível ano de 2003 se inicia. O “presidente-trabalhador” estava eleito, a espada de Dâmocles já não estava sobre a minha cabeça, e um turbilhão de sensações ressoava poderosamente no ar, criando uma atmosfera de felicidade que a tudo envolvia e permeava. Teria, “de quebra”, seis meses de férias, pois fora aprovado para o segundo semestre do ano letivo. O descanso merecido, as festas, as praias e viagens, a namorada. Nunca mais a mesquinha e hipócrita concorrência da escola, nunca mais a formação “goela abaixo”. Era o admirável mundo novo da universidade que se abria para mim.

Mas, no meio do caminho, tinha uma pedra, e das grandes...

Durante os dois últimos anos, o estado de saúde de minha mãe se agravava bastante. A mulher guerreira, corajosa e dinâmica perdia, pouco a pouco, a luta contra a sua fragilidade física. A mãe afetiva e carinhosa, porém, nunca mudou de postura.

Noites intermináveis em hospitais, estado de alerta permanente, a sombra da morte em seu rosto, a via crucis de seus últimos dias no hospital. O eclipse de sua vida deu-se no dia das mães daquele ano. Tinha reservado uma flor amarela que ela tanto gostava, para entregá-la durante nossa visita naquele dia. E então, o vazio e o silêncio, a dor e a saudade... Este memorial é também teu fruto, mãe.

Lembranças que doem silenciosas, como feridas recentes, profundas, inesquecíveis (como é difícil escrever tudo isso sem que as lágrimas não escorram pelo meu rosto!). Calome, pois o que sucedeu reverbera em mim com a potência e a dor de um novo nascimento. Morri e renasci, em corpo novo, prenhe dos ditames dos novos dias.

A vida não parou, ela não pára nunca. Ela nos PRECEde, nos constitui, nos atravessa e nos mobiliza, e continua com sua imanência alegre na fugacidade dos segundos.

Os primeiros dias de faculdade e a estranha (e também cômica) experiência de ser “bicho”. Nova dinâmica institucional (nem tanto, é claro), novos amigos, novos amores, as paixões nossas de cada dia. Sim, o meu memorial é, fundamentalmente, um memorial de minhas paixões: pela família, pelos livros, pelos amigos, pela vida.

Amo é verdade, com a consciência de sua intransitividade e de sua força mobilizadora. Thaís, amo teu nome marinho e a nossa história de páginas infinitas, vivida no silêncio de nossas danças e na cumplicidade de nossas poesias. Viviane, flor de rara beleza selvagem, insustentavelmente leve e intensa, a quem dedico um amor instalado no limiar do instante e com a vocação da eternidade. Amo de corpo inteiro e este memorial é também carne de suas carnes, o eco de seus corpos no vento e nas palavras. Seus nomes estão impressos, de forma indelével, no papel e em minha vida.

Novas veredas acadêmicas também. Gradualmente, construo meus caminhos. Encontrei os valorosos aliados do NUCEPEC (Núcleo Cearense de Estudos com Crianças) na luta pelos direitos das crianças e dos adolescentes. Aprendi com a dura realidade do bairro Santa Filomena (bairro de extrema pobreza da Zona Sul, próximo ao antigo aterro sanitário de Fortaleza), durante minha atuação na ONG 2A Acreditando e Aprendendo. Fiz viagens, participei de estágios, apresentei trabalhos. E aqui estou eu, com muita honra, como bolsista do Programa Conexões de Saberes, a oportunidade de agenciamentos vários entre os saberes popular e universitário, o momento de (re)conhecer afetivamente as comunidades próximas ao meu bairro. Um programa do Governo Federal com extrema relevância social, do qual sinto muito orgulho em participar.

E aqui estou eu, em mais uma das encruzilhadas da vida, mais um ponto de inflexão que joga com as territorialidades, com os padrões fixos de conduta. São os ventos de novas mudanças que se ensaiam nesses dias. Chego à metade do tempo necessário para a conclusão de meu curso e sei que é a hora da tomada de decisões importantes para meu futuro acadêmico. O que irei fazer daqui para frente (memento vivere!)?

Essa é uma outra história, que só poderei contar no futuro, como já feito, quando escrever outro memorial como este. Por hora, chega o momento de conclusão e percebo que já escrevi quase além da conta. Escrita difícil, dolorosa, marcada pelas lembranças e pelas lacunas. Como eu falara no início, a vida nas lacunas, no que não é dito, *Vita Brevis*. E terminar se revela tão difícil como iniciar.

Como saber se o que se fez da vida foi certo ou errado? A pergunta é no mínimo injusta. Não há outra vida para podermos comparar, toda ela se assemelha à feitura de um quadro ou à composição de uma sinfonia, em que cada elemento é constituído de uma singularidade afetiva que extravasa a tentativa de re-produção *ipso facto* do vivido.

Concluo, ainda com muito por dizer, mas não agora, não aqui. *Ecce homo*. Eis o homem.

Fernanda Rodrigues Machado Farias

Tocando em frente

Minha mãe, Maria de Sá Brito Rodrigues, e meu pai, Francisco Machado Farias, são do interior do Ceará e sempre tiveram uma vida dura. Foram a São Paulo em busca de uma vida melhor, o chamado êxodo rural. Chegando ao seu destino, meu pai trabalhou como metalúrgico no ABC Paulista nos anos de 1971 a 1981, época de regime militar, dos governos de Médici, Geisel e Figueiredo, tempos sombrios e de intensa mobilização, na qual se destaca um sindicalista chamado Luís Inácio Lula da Silva. E minha mãe trabalhou como empregada doméstica muito cedo, a partir dos oito anos de idade.

Maria e Francisco se encontraram na grande São Paulo e casaram. Minha mãe já tinha um filho de outro relacionamento chamado Fernando Rodrigues Farias. Meu segundo irmão nasceu em 1973, na capital paulista, e seu nome é Airton Machado Farias.

No ano de 1981, meus pais voltaram para Fortaleza, onde se tornaram comerciantes, donos de um estabelecimento intitulado Bar do Couro. Com onze dias da sua chegada, meu irmão Fernando, aos doze anos de idade, morre vítima de afogamento na Praia do Futuro. Quatro anos depois dessa fatalidade, minha mãe fica grávida e venho a nascer em 1985, momento de transição na história do Brasil, quando o movimento social se une na luta pela anistia e terá início a abertura democrática. No auge desse processo, tivemos a Campanha Pelas Diretas Já, que foi marcada pela mobilização da população brasileira em torno do direito de eleger diretamente seus governantes. O presidente eleito foi Tancredo Neves, sendo que quem assumiu o seu mandato foi o vice José Sarney, ainda sem eleições diretas.

Meu nome é Fernanda Rodrigues Machado Farias, em homenagem ao meu irmão falecido. Nasci no dia 9 de novembro de 1985 e morei no bairro Pan-Americano, onde resido ainda hoje. Em 1989, começo minha jornada de aprendizagem em uma escolinha simpática que se chama Organização Educacional Piagetiana.

Lembro-me de alguns fatos marcantes, são eles: meu primeiro dia de aula, em que chorei muito e meu avô Francisco foi me buscar na escola e me levar para comer guloseimas.

Acontecia, então, no Brasil, a primeira eleição direta, depois de trinta anos, na qual saiu eleito Collor de Mello. Meus amiguinhos de colégio eram Tiago, Miguelina e outros que não recordo. Mas a minha principal amiga nesses tempos foi a Lorena Régia, uma grande companheira de vida.

Pelo fato de os meus pais trabalharem muito, meus avós cuidaram da minha educação. Ficava com eles alguns dias da semana e nos fins de semana. Brinquei muito com meus primos Moglisson e Anderson. Em 1990, Moglisson morre vítima de afogamento. Na ocasião, ele estava perto de mim e nem percebi que tinha se afastado. Foi um acontecimento que nunca vou esquecer, pois ele era meu amigo inseparável.

Estamos agora em 1992, ano da alfabetização, começava a aprender a mágica da escrita e da leitura que me foi ensinada, com muito carinho, pela professora Vanda. Na formatura do ABC, fui oradora da turma por ser primeiro lugar da classe.

Estava em curso a CPI para o Impeachment de Collor, sob forte pressão da população, que, com as “caras pintadas”, foi às ruas exigir “Fora Collor!”. Ele renunciou à presidência antes de o seu mandato ser cassado e Itamar Franco assumiu o país por dois anos.

Comecei a 1ª série no ano de 1993 e sempre me dedicava muito a estudar para ganhar a estrelinha de 1º lugar da sala que, às vezes, era revezado com meu amigo João Batista. Foi o ano em que fui mais vezes ao bairro Pan-Americano, pois queria sempre estar ao lado da minha amiga Lorena.

Na 3ª série, voltei ao meu bairro de origem e o que era mais interessante foi minha Mãe ter deixado eu ir e vir da escola junto com os meus amiguinhos João, Jorge, Natália, Vinícius e Max. Foi em 1995 que minha avó paterna, Ana Maria, faleceu de problema cardiorespiratório, sete dias após meu aniversário. Começava, então, um novo governo no Brasil que passaria oito anos no poder, o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

No ano seguinte, encontro-me na 4ª série, ano de despedida do Piagetiana e um sentimento de que estaria pronta para outros obstáculos na vida, pois o carinho e a dedicação dos seus funcionários me deram muita confiança. Nas férias, fui para São Paulo, terra onde mora grande parte da minha família. Foi a primeira vez em que andei de avião e achei incrível, pois queria ser aeromoça.

Nesse período, comecei a gostar de um menino chamado André, era aquele amor platônico. Junto com isso conheci Alaíris, Elizabeth e Mônica, com quem vivia brincando de patins, a minha prima Suziany e minha amiga inseparável, Lorena.

Iniciei a 5ª série no Colégio Redentorista, num ano de mudanças e dúvidas. A adolescência chegava. No meu primeiro dia de aula, estava muito nervosa, pois o colégio me pareceu muito grande e as pessoas totalmente diferentes. Ao entrar, no basquete e no jazz, comecei a me enturmar.

Estudei no Redentorista na 5ª e 6ª séries. Nesse último ano, o colégio faliu e fui estudar no Colégio Lourenço Filho, em 1999. A minha chegada a essa instituição foi péssima porque não sentia aquele ambiente de amizade do antigo colégio. Tentei aceitar e acabei fazendo duas amigas, a Marcelle e a Jamille. Nesse tempo, comecei a ouvir Legião Urbana e Pink Floyd, as bandas que mais admirava, e também comecei a namorar pela primeira vez. O nome dele era Fabrício. Era coroinha da Igreja São Pio X, onde o conheci.

Em 2000, voltei ao João XXIII. Desliguei-me da igreja e retornei ao Redentorista, que agora se chamava Colégio Competence. Essa foi uma época maravilhosa, de muita brincadeira e diversão com os meus colegas. No final desse ano, meu irmão estava casado e descobri que minha avó estava com câncer. Foi o início de um pesadelo. Acontecia sempre alguma situação difícil e tudo piorou quando descobri que estava com uma doença séria na cabeça, a neoristicercose. Logo depois, meu avô Francisco ficou doente do coração. Vendemos a casa do João XXIII, meu irmão foi para São Paulo e fomos morar em um apartamento no Pan-Americano. Foram dois anos de tratamento, nos quais engordei quase 20kg. Fiquei muito deprimida, pois não conseguia estudar, esquecia tudo e sempre queria dormir, era efeito dos remédios.

Foi nesse tempo que conheci a minha amigona Ilana, Mateus e seu irmão Saulo. A paixão pelo Saulo começou quando ainda namorava o Fabrício. Nós não íamos muito bem...

Em toda essa trajetória, a única amiga de quem nunca me separei foi a Lorena, ficamos juntas cada fase da nossa vida.

No final de 2002, fiquei curada da doença, comecei um regime e nessa época me interessei por política, pelo fato de Lula ter sido candidato. Minha admiração por ele era grande, influenciada pela opinião do meu pai a seu respeito. Fiz campanha para ele. Foi linda sua vitória, acendeu-se uma chama de esperança no coração de cada brasileiro.

Ano de terceiro ano. Estudar, estudar e estudar. Foi a época em que realmente me encontrei, pelo fato de ser um ano de decisões e de vários acontecimentos. Primeiro, emagreci 15kg e sentia minha auto-estima lá em cima. Segundo, fortaleci minha amizade com Ilana, Mateus, Karina e Carol (namorada do Mateus). Éramos inseparáveis. Comecei a conhecer mais o irmão do Mateus, porque ele falava muito dele. Minha paixão pelo Saulo aumentou, mas tinha uma complicação, ainda estava namorando o Fabrício, e o mais complicado foi que minha amiga Ilana estava gostando do Saulo.

Esperei um pouco para tomar minha decisão e chegou um momento em que não deu mais, contei meus sentimentos para ele e então nós “ficamos”. Acabei meu namoro de quase quatro anos com Fabrício e ainda tinha que contar para a minha amiga Ilana o acontecido. Foi extremamente difícil, então contei e pedi para que ela me compreendesse. Aconteceu que nos separamos e só mais tarde nos reencontramos, agora com nossa amizade fortalecida, e eu namorando o Saulo.

Com tudo acertado, sentia que a vida tinha voltado para mim. Foi aí que meu avô Francisco morreu do coração e tudo desmoronou, pois era muito ligada a ele desde criança. Ainda bem que tinha os meus amigos e o Saulo para me amparar. Foi um ano difícil, ainda que decisivo e divertido. Tudo isso me fortaleceu e ganhei forças para estudar para o vestibular. Meu maior apoiador foi o meu grande amor (Saulo).

Então decidi fazer Economia Doméstica na Universidade Federal do Ceará, porque minha prima Andréa fazia e falava muito bem do curso. Como demonstrava interesse por história e geografia, todos ficaram surpresos com essa escolha, pois pensavam que eu ia fazer opção por um desses cursos.

Enfim, passei no vestibular, me sentia a pessoa mais realizada do mundo e ia entrar na universidade no segundo semestre de 2004.

No primeiro dia de aula, foi ótimo, conheci vários lugares e observei que o campus do Pici era imenso. Tudo era muito diferente da escola. A minha prima Andréa me apresentou aos seus amigos e me deu muita orientação para iniciar meus estudos universitários, foi um começo de uma amizade, pois, apesar de sermos primas, éramos até então um pouco distantes uma da outra.

Nesse mesmo semestre, entrei no Centro Acadêmico como apoiadora e conheci várias pessoas novas, entre elas Rebeca e Gabriela. Em Recife, no Encontro dos Estudantes de Economia Doméstica, nos conhecemos melhor e nos tornamos companheiras de luta por um mundo sustentável e melhor.

Junto com o Centro Acadêmico, organizei a Semana de Economia Doméstica, mas infelizmente não pude participar porque cai no banheiro e tive que ser operada. Passei quase dois meses de cama e perdi toda a campanha da Luizianne Lins para Prefeitura de Fortaleza. Acabei o semestre bem.

Quando retornei aos estudos em 2005, sofri uma crise de indecisões, se saia ou não do curso, pois minha família estava passando por momentos difíceis e, mesmo a universidade

sendo pública, tinha despesas. Entretanto, consegui uma bolsa de assistência para cobrir meus gastos e, por isso, continuei na universidade. Foi, então, que me apaixonei pelo curso porque voltei fortalecida dessa crise e admirando as professoras Gema, Celecina, Célia e Amália.

Depois da minha entrada na Associação Alternativa Terra Azul e de um encontro de Ecologia Profunda, do qual participamos, a minha vontade de lutar por melhores condições de vida para as pessoas e o meio ambiente aumentou consideravelmente. Então, meu interesse por política aumentou, porém, por uma nova maneira de fazer política, com a participação de todos e respeito pela diversidade.

Foi então que formamos um grupo de treze pessoas. São elas: Michelle, Jorginho, Gabriela, Marília, Andréa, Aline, Najara, Kátia, Cintia, Janaína, Francina, Kaline e eu. Juntos, nos candidatamos ao Centro Acadêmico para implantar uma nova forma de fazer política e um movimento estudantil diferente. Ganhamos e somos a gestão Participaçãoativa e, com isso, conheci e estou conhecendo pessoas maravilhosas.

Nesse período, o governo Lula encontra-se em crise por conta de várias denúncias de corrupção, mas, mesmo com todas as sujeiras que estão aparecendo na mídia, acredito na pessoa do Lula e analiso que o governo dele é e será o melhor governo do país, apesar de alguns problemas.

Entrei no Projeto Conexões de Saberes e acho interessante a idéia de ter como bolsistas pessoas do bairro do entorno do Pici, bairro que precisa muito de políticas públicas. Tivemos dificuldades no início do projeto porque a burocracia da universidade é muito difícil de ser trabalhada. Mas conseguimos deixar as dificuldades de lado e fizemos a pesquisa do perfil do estudante universitário. Estava ansiosa para começar o trabalho na comunidade e, com êxito, conseguimos fazer uma colônia de férias no Planalto do Pici que foi um passo para chegarmos bem na comunidade.

Continuo com meus amigos do colégio e se somaram aos da universidade e irão se somar a outros que virão. Minha amiga Lorena também ainda está junto a mim e nossa amizade agora conta com o reforço do seu filhinho Pedro Mateus. Mais madura, descobri que o Saulo é o amor da minha vida.

E, então, termino esta trajetória da minha vida até o momento, afirmando que, com a educação e o carinho que recebi dos meus pais, amigos e namorado, sou uma pessoa que quero dar educação e carinho aqueles que o necessitam e sempre tocar minha vida para frente, buscando a superação dos obstáculos e, como o autógrafa de Leonardo Boff (Ecologia: Grito da Terra. Grito dos Pobres) diz em meu livro, me sinto filha da terra e assumo a ética do cuidado... Cada um de nós compõe sua própria história

*E cada ser em si carrega o dom de ser capaz / De ser feliz.
(Trecho da música Tocando em frente, de Almir Sater)*

Francisca Talitta Muniz Saboya

Relembrar o passado é algo bastante corriqueiro a cada instante de nossas vidas, mas relatá-lo é algo mais que surpreendente. Colocar nossas memórias escritas nos faz reviver certos momentos que nos foram marcantes e que jamais se apagaram de nosso pensamento.

Bom, inicialmente vou me apresentar: me chamo Talitta, sou estudante de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, moro em um bairro de classe média baixa, chamado Bela Vista, muito antigo e tradicional da cidade de Fortaleza. Moro com meus pais, na mesma casa e bairro desde que nasci, há mais de 20 anos. Tenho dois irmãos, uma mulher e um homem, ambos mais velhos que eu. Dos três filhos da família, fui a única a ingressar em uma universidade pública.

Antes de falar sobre minha entrada na academia, gostaria de lhes contar um pouco sobre minha simplória vida escolar. Meus pais sempre foram muito católicos e durante 10 anos estudei em uma escola católica de Fortaleza. Era um colégio de freiras e, na época, só estudavam mulheres. Vocês nem imaginam o quanto esse colégio era chato e cheio de rigor. Meu pai contou-me que, no primeiro dia de aula, chamei a Irmã (assim chamávamos as freiras) de vaca! Ora, uma criança de quatro anos, que nunca tinha estudado, ver uma mulher com aqueles trajes só poderia ficar muito assustada. Aprendi muitas coisas durante o longo período em que passei nessa escola, principalmente a respeitar o próximo e ajudar o outro nos momentos de dificuldade.

Saí desse colégio aos 13 anos e fui para outro, localizado no centro da cidade, onde estudei da 8ª série ao 3º ano do ensino médio. Era uma escola particular bastante conhecida e foi onde passei os melhores anos de minha vida escolar. Tenho grandes amigos dessa época, principalmente da turma em que terminei o ensino médio. Pessoas que foram e são muito importantes durante toda minha vida.

Nessa época, que foi de 1997 a 2000, fazia parte de uma companhia de dança chamada CDAJR – Companhia de Danças Janne Ruth, durante quatro anos. Tínhamos um projeto social, Bailarinos de Cristo Amor e Doações, pelo qual arrecadávamos alimentos para algumas instituições filantrópicas durante nossas apresentações. O ballet era tudo para mim, mas tive que deixá-lo de lado para poder me dedicar mais aos estudos, já que em nossa vida temos que eleger prioridades. Entrar numa universidade federal não é fácil e estudar sempre foi algo em primeiro plano.

Arrependi-me muito de ter largado o ballet, mas a recompensa veio depois. A Companhia de Dança também me fez repensar sobre certas questões sociais de nosso país. Até mesmo dentro do meu bairro percebíamos as desigualdades sociais gritantes e atuávamos junto a crianças carentes, oferecendo-lhes um espaço de inclusão e de oportunidade, mantendo-as fora das ruas. Esse fato me ajudou muito a refletir sobre que escolha faria para minha vida profissional.

Retomando a época do meu ensino médio, gostaria de lhes falar um pouco sobre a turma que estudava. Era a famosa 2ª 9ª e 3ª 9ª, e nós éramos conhecidos dentro do colégio. A gente

aprontava muito: escondia os cadernos do pessoal e os tênis das meninas, fazia perguntas ao professor sem o menor sentido, mesclando matemática com história... Chegaram a tocar fogo dentro da sala de aula! Eu até tentava estudar, mas o pessoal brincava demais na hora da aula. O resultado não foi nada surpreendente: praticamente a turma inteira não passou no vestibular. E isso a gente já esperava.

Mesmo com tanta diversão no colégio, sempre fui muito estudiosa, quase uma “nerd”. Dedicava-me bastante quando estava em casa, porque no colégio era um pouco complicado, como já expliquei anteriormente. Nessa época, minha mãe queria que eu tentasse vestibular para Odontologia, um curso muito difícil, caro e elitizado. Não gostava dessa idéia, queria algo mais, algo se que importasse com a real condição de ser humano e não era meu sonho passar o resto da vida trabalhando para ver dente na boca dos outros! Isso eu realmente não queria.

Por iniciativa dela, fiz vestibular para Odontologia, e “graças a Deus”, não passei. E foi quando realmente decidi tentar Psicologia. No ano seguinte, após a 3ª série, fui para o cursinho pré-vestibular. Foi a pior época da minha vida! Não fiz amigos, já que fui para uma outra instituição, e só pensava em estudar, estudar e estudar. Eu mal saía de casa, só pensava em me livrar desse tormento e entrar logo na universidade.

Minha mãe pensava que ia tentar vestibular para Odontologia e eu, muito certa do que queria, me inscrevi para Psicologia. Quando o resultado da primeira fase saiu e ela viu o curso para qual tentei vestibular, me condenou! Ela, até hoje, não aceita a minha condição de futura psicóloga. Mas acredito que está um pouco mais conformada.

Foram momentos ruins em minha vida. Não tive apoio de minha mãe para o que queria fazer. Mas, após o resultado final, quando realmente havia ingressado na UFC, foram três dias de festa na minha família. A filha caçula havia passado para uma instituição pública e federal. Tinha mesmo é que comemorar.

Enfim, entrei na Psicologia e as dificuldades ainda estavam por vir. Meu curso, apesar de ser dentro de uma instituição pública, tem um custo bastante elevado com material e cursos extras. É um curso um pouco elitizado também, entretanto bem mais acessível que outros cursos da área de saúde. Mas acredito que quando se almeja algo para si, os obstáculos são sempre superáveis.

Durante os primeiros semestres, senti dificuldades dentro da Psicologia. Não conseguia me identificar com nada, achava tudo muito subjetivo demais. Também, nos dois primeiros anos, a gente vê somente teoria e ir para a prática se torna um pouco complicado. Mas mesmo assim fui em frente. Pensei em desistir, mas tentar o quê? Foi então que conheci a Psicologia social e comunitária. Percebi que era nisso que gostaria de atuar. Também me apaixonei pela Psicologia hospitalar e comecei a buscar estágios nessas áreas.

O melhor da Psicologia é quando você descobre o que quer fazer e se dedicar. Foi aí, no quinto semestre da faculdade que realmente percebi do que gostava. De tudo o que tinha aprendido durante minha caminhada, dentro e fora da escola, das reflexões acerca do outro e do ser sujeito atuante no mundo.

Como sempre gostei da área da saúde, ingressei em um projeto de extensão chamado PROAGE – Projeto de Assistência em Geriatria e Gerontologia – da própria UFC. Também comecei a estagiar na área hospitalar do Hospital Universitário Walter Cantídio/UFC. Tudo isso aconteceu no meu 6o semestre da faculdade. Foi então que surgiu uma outra oportunidade: atuar dentro de nossa própria comunidade, através do Projeto Conexões de Saberes. Levar nossos conhecimentos para o mesmo local onde morávamos é uma iniciativa arrojada e interessante.

Percebi, então, que estava alcançando o que sempre busquei. Atuar no meio social, dentro da comunidade onde me criei, colocando em prática o que já tinha estudado e aprendido no tempo em que fazia parte da Companhia de Dança, foi algo gratificante. Sei que isso é somente um mero começo, mas para nós, alunos universitários, ter condições de atuar em meio social, nos faz repensar que condições nos levaram a ingressar na Universidade.

Além desses projetos da UFC, também sou monitora de uma disciplina. Tenho muito interesse em seguir a carreira acadêmica. Já fiz pesquisa e estudar é sempre uma meta para mim. A vida acadêmica também é um período repleto de escolhas e se dedicar nesse tempo é fundamental para um sucesso pessoal. Acho que estou conseguindo isso, mas sei que muitas outras situações boas e ruins ainda estão por vir.

Maria da Glória Moraes Aragão

Meu nome é Maria da Glória Moraes Aragão, natural de Fortaleza, capital do estado do Ceará, nascida no dia 4 de setembro de 1694, filha de José Francilino do Nascimento e Francisca Moraes do Nascimento. Eram pessoas simples, demovidas do saber sistematizado, pois ambos tiveram pouco acesso à escola. Meu pai era aposentado pelo INSS e minha mãe, costureira. Dessa união, nasceram seis filhos, sendo dois homens (Assis e Nilton) e quatro mulheres (Neide, Eneida, Eliane, Glória). Sou a caçula da família. Sou casada, mãe de um casal de filhos (Karine e Endryo).

O início da minha vida escolar se deu no ano de 1971, aos seis anos de idade, quando fiz a alfabetização numa escolinha perto de minha casa. Em 1972, iniciei a 1ª série (na Escola de 1º Grau Heráclito de Castro e Silva, escola pública), situada na rua Silveira Filho, s/n, João XXIII. Nos quatro anos posteriores, estudei na mesma escola, concluindo a 4ª série no ano de 1975. Já no ano seguinte, em 1976, aos 12 anos, ingressei na 5ª série (na Escola de 1º Grau General Eudoro Corrêa, escola pública), situada na rua Julia Braga, no bairro da Parangaba, onde estudei até a 8ª série no ano de 1979, agora com 15 anos.

Ao ingressar no 2º grau, em 1980, me encontrava cheia de dúvidas em relação ao curso a seguir, se profissionalizante, que possibilitava um acesso ao mercado de trabalho mais cedo, ou científico, que me daria condições para enfrentar um concurso vestibular e galgar uma profissionalização de nível superior. Depois de muito refletir, ingressei na 1ª série do 2º grau, no Colégio Estadual Liceu do Ceará (escola pública), situada na praça Gustavo Barroso, ao lado do Corpo de Bombeiros do estado do Ceará, bairro Jacarecanga, onde só saí no ano 1982, com 18 anos, concluindo o 2º grau em Auxiliar Técnico de Eletricidade.

Ao término do 2º grau, em 1982, inscrevi-me para prestar concurso vestibular. Como toda jovem que termina os estudos secundários, encontrava-me cheia de dúvidas em relação a qual profissão seguir. Resolvi fazer para Letras, na Universidade Estadual do Ceará, mas não consegui aprovação. Por incentivo de um amigo, no final do ano 1983, tentei novamente o vestibular; dessa vez na Universidade Federal do Ceará, onde fui aprovada em 1984.1, para o curso de Economia Doméstica.

Por motivo de saúde de minha mãe, fui obrigada a deixar a faculdade, para poder trabalhar e ajudar em casa, pois a medicação que minha tomava eram muito cara, meus irmãos casaram e foram morar no Rio de Janeiro e em São Paulo, pois não ajudavam em nada.

Trabalhava os dois expedientes e não tinha como estudar; os anos passaram, minha irmã chegou de São Paulo para nos ajudar, então resolvi voltar à universidade para concluir o curso, mas infelizmente não consegui, havia um período em que deixei de fazer a matrícula institucional, fui informada que era preciso fazer novamente o vestibular, fiquei muito triste, com a esperança de voltar um dia.

No período de 1985 a 1989, enquanto a esperança maturava, trabalhei exercendo diversas funções, que me alargaram a experiência profissional, no Banco Regional de Brasília/BRB, onde fui caixa, atendente de crédito, encarregado financeiro.

Em 1990, me casei, dois anos depois nasceu minha filha (Karine) e, em 1994, meu filho (Endryo). De 1995 até 1998, trabalhei na Trevo Cimento do Grupo Votorantin, no departamento de custos, na Construtora Estrela Ltda, no departamento financeiro.

Em 1999, passei no vestibular da Universidade Vale do Acaraú, para o curso Pedagogia em Regime Especial, Licenciatura Plena, terminando em 2001. De janeiro de 2001 a julho de 2003, exerci o cargo de professora de jovens e adultos no colégio Centro Educacional Opção (atual Escola de 1º e 2º Grau Reverendo Teixeira Rego). Localizado na Avenida João Pessoa. Em 2002, contrato temporário da Prefeitura Municipal de Fortaleza, carga horária 120h, na 1ª série turno da tarde, na Escola Adroaldo Teixeira, no bairro Jockey Clube.

No ano de 2004.1, entrei para a Universidade Federal do Ceará, como aluno especial, no curso de Economia Doméstica. Encontrei amigos meus da época (1984) e confesso que fiquei surpresa, pois os mesmos conseguiram voltar à universidade, sem precisar fazer vestibular. Assim, fui ao departamento do curso pedir orientação e consegui dar entrada no curso, em 2004.2, e fui aceita novamente, graças a Deus estou muito feliz, em estar estudando no mesmo curso.

No mesmo período, participei do Programa Brasil Alfabetizado, através do projeto Alfabetização é Cidadania, em parceria com a Universidade Estadual Vale do Acaraú, tendo participado de 60 horas de capacitação do Programa de Alfabetização/PROFA, com base na educação Biocêntrica, e 240 horas em sala de aula, totalizando 300 horas de atividades pedagógicas.

Em 2005, ingressei no projeto Conexões e Saberes, o qual estou muito feliz em poder participar.

Maria Verusca do Nascimento

Sonhar, lutar e vencer

Se você acredita que sonhos se realizam, leia atentamente este memorial. Porém, se achas que só vencem os nascidos em berço de ouro. Use seu livre arbítrio, me ignore e deixe para trás a minha história.

Raio X

Você poderá estranhar a forma que escolhi para a você me apresentar. Mas foi a maneira que encontrei de lhe mostrar que sou um sonho realizado. “O meu registro civil”. Para você, pode parecer um papel amarelado e velho. Para mim, a minha primeira vitória como cidadã.

Eu, Verusca, filha de agricultores sem terra. Sou a caçula de uma prole de sete filhos. Sendo filha natural de Lavras da Mangabeira, cidade tradicional da região sul do estado do Ceará, localizada a, aproximadamente, 419km de Fortaleza, atual capital do estado.

Se hoje aqui estou, agradeço aos meus pais, por sua dedicação e amor. Foram eles meus primeiros professores e a minha casa a melhor escola que já tive. Ensinarão-me a andar, falar e, principalmente, a amar. Amar ao próximo, amar meus sonhos e amar a vida.

Voltando a falar em escola, quero dividir com você, meus primeiros passos escolares. Em 1988, iniciei minha jornada rumo ao conhecimento. Com uma semana de aula, já sabia escrever meu nome sem nenhum auxílio. Que orgulho!

Tanta criança junta, choro daqui, choro dali, parecia uma orquestra. Também pudera, teríamos que trocar o colo da mamãe pela companhia de uma “tia” que ninguém conhecia.

– Deus, onde eu estou?

– Quero minha mãe.

Acho que todos pensavam e queriam o mesmo.

A partir do segundo dia de aula, já mais adaptada, vi que não era o fim do mundo. Afinal, “não existem estranhos, e sim amigos que não conhecemos”.

Escola de 1º grau Filgueiras Lima, esse era o nome da minha primeira escola, em Lavras. Nessa escola, conquistei poucos amigos, tirando a Nice, minha sobrinha. Só tinha afinidades com Isabelle. Ah! A primeira escola ninguém esquece. Era uma escola estadual, lá cursei até a 2ª série, antes de vir para Fortaleza.

Como havia dito anteriormente, sou do interior do estado. Saí de lá com nove anos de idade, abandonando minha casa, escola, amigos e meus brinquedos. Por motivos que agora não cabe contar. Cheguei em Fortaleza praticamente com a cara e a coragem. Temporada difícil, mas eu venci.

Reconstruindo a vida

Em 1990, chegando em Fortaleza, com muito sacrifício ganhamos uma nova casa. Nova escola, novos amigos. Os brinquedos que deixei para trás foram substituídos por tampinhas de garrafas, caixas de fósforos e remédios... Tenho até hoje a boneca que minha mãe, com muito sacrifício, conseguiu comprar. Para isso, usou o pouco dinheiro que ganhara costurando para fora.

Foi assim, costurando, conciliado ao trabalho pesado da roça, que essa brava mulher, conseguiu criar seus sete filhos e duas netas. Hoje aposentados, meus pais têm amenizado o sol escaldante do tempo da roça. No entanto, continuam na lida. Meu pai faz “bicos” como pedreiro. Mamãe, uma costura ou outra, pois sua visão já não é 100%. Além dos serviços domésticos.

Um dia não muito distante, mudarei este cotidiano que tanto me angustia, ver meus queridos pais trabalhando. Eu quebrarei as correntes.

Adaptação ao novo

No mesmo ano, 1990, já em Fortaleza, tive que encarar mais um desafio. Uma nova escola. Escola de 1º grau Dr. José Bonifácio de Sousa, minha segunda escola. Situada no bairro Planalto Pici, onde moro até hoje. Nessa, cursei da 3ª à 8ª série. Uma escola pública, mas de qualidade.

Foi lá que conheci o André e a Sílvia, meus amigos até hoje. A Sílvia, de tão amiga, entrou para família, casou-se com meu irmão. Foi lá, também, que tive meu primeiro estímulo profissional. Inspirada na ética e dedicação da professora da 7ª série. Na época, sonhava ser professora. Em 1996, tive que, mais uma vez, deixar minha escola, pois naquele tempo só tinha o ensino fundamental.

Eu cresci

Em 1997, já adolescente, cursei o ensino médio no Colégio Estadual Joaquim Nogueira, situado no bairro Parquelândia circunvizinho ao meu. A princípio, achei a escola esquisita, pois lá não tinha crianças.

Eu, uma eterna menina, não sabia como me comportar frente a gente que pensava ser grande. Foi no Joaquim Nogueira que conheci a Denize, minha melhor amiga e, é claro, confidente. Na mesma época, apareceram o primeiro namorado, o primeiro amor, as primeiras desilusões.

O eu profissional

Deixando de lado minhas desilusões amorosas, quero lhe falar das minhas primeiras vitórias no profissional. Em 1999, concluindo o ensino médio, consegui uma vaga no cursinho da UFC (Universidade Federal do Ceará). Que na época era oferecido a estudantes carentes da rede pública de ensino. Dentre os beneficiados, estava eu, por ter as melhores notas da turma. Esse era o requisito para ter direito a uma das 20 bolsas oferecidas pela universidade. Prestei vestibular no mesmo ano, só passei na primeira fase. Até hoje não me perdôo. Mas, a vida é assim, tudo tem seu tempo.

O ano de 1999 foi o mais cansativo de minha jornada rumo ao conhecimento, pois tinha que me virar em mil para dar conta do curso de informática, terceiro ano e cursinho. Chegava

em casa exausta, mas feliz, pois sabia que do meu esforço dependia o meu futuro e daqueles que em mim acreditavam.

Para me capacitar em informática, também tive que passar por várias seleções. Dentre as quais o interessado tinha que ser estudante carente e passar por uma prova de conhecimentos gerais. O curso foi ofertado por uma ONG do bairro “Associação Beneficente Sementinha do Saber”, em parceria com o programa “Capacitação Solidária”, um projeto sócio-educacional amadrinhado pela ex-primeira dama Ruth Cardoso. Nesse curso, além da prática computacional, foram oferecidos módulos básicos de: português, matemática, saúde, inglês e ética profissional.

Empolgada com os novos conhecimentos adquiridos, principalmente em saúde e ética, vi que poderia ir mais longe. Apesar de frustrada por ter sido reprovada no vestibular, não desisti.

Mais uma vez, depois de novas seleções, consegui ingressar em um curso técnico na área de enfermagem. Cursei o mesmo na Escola Estadual Aduauto Bezerra, situada no bairro de Fátima, um pouco distante de minha casa. O curso era gratuito, parceria da escola com o Governo do Estado e MEC.

Terminado o curso, que durou um ano e meio, me sentia uma heroína, afinal eu ajudaria a salvar vidas. Sensibilidade à flor da pele, às vezes me pegava chorando, por não poder amenizar a dor dos meus pacientes. Era assim que eu os sentia, meus. Porque para mim cada paciente era, de certa forma, um parente. Mais tarde, vi que, apesar de ser uma profissão louvável, não era essa a minha grande busca.

Sonho realizado

Ao iniciar esse memorial, perguntei-lhe se acreditava em sonhos, lembra? Também relatei ser filha de agricultores sem terra e que prestei vestibular, mas não passei. Então, você nem imagina que grande sonho realizei não é mesmo?

Chega de interrogações e suspense. Você já saberá quais os meus sonhos mais profundos. Em 1999, prestei vestibular para Agronomia, que dentre vários significados chamarei de ciência da terra. Como falei que tudo tem seu tempo, esse sonho ficou adormecido por dois anos, período no qual cursei o técnico de enfermagem.

No final de 2001, com muita dedicação, mas já sem oportunidade de um cursinho, consegui ingressar no curso de Agronomia da Universidade Federal do Ceará. Torno a dizer que as provações foram muitas, às vezes penso em desistir, no mesmo instante lembro que sonhos se realizam.

Ao chegar em casa, eufórica, contei para todos a minha grande conquista. Meus pais se mostraram neutros, pois para eles o importante é que eu seja feliz. Se esse era meu sonho, que assim fosse. Já meus irmãos, esses sim me estimularam. Estimularam-me a desistir, pois para eles Agronomia não dava dinheiro nem tão pouco reconhecimento público. Eu deveria ter tentado Medicina ou Direito. Queriam também que eu fosse militar. Só assim eu seria um orgulho, já pesou “que moral”.

Fiquei muito magoada e por isso lhes comprei briga. Não sabem eles que, como agrônoma, tenho meus conhecimentos como arma, posso também medicar a terra, sua flora e sua fauna. E, aos homens, posso advogá-los na luta por seu direito à terra e a uma vida mais digna.

Hoje em 2005, estou no sétimo semestre do meu curso, minha amada “AGRONOMIA” sonho realizado que dedico: às mãozinhas calejadas do meu pai, aos olhinhos cansados de

minha mãe e a todas as famílias sem terra assim como a minha, que nunca deixarão de sonhar com uma reforma agrária justa.

Ah! Não poderia deixar de te dizer, encontrei meu grande amor! Nunca deixe de sonhar.

Patrícia Lianne de Oliveira Almeida

Nasci em Fortaleza no dia 25 de junho de 1986. Primeira filha de Fernando Gomes de Almeida Filho e Cila Maria de Oliveira Almeida, fui criada em um ambiente de união e felicidade. Tenho duas irmãs, Priscila e Paulysnara, com quem vivi muitas histórias: a espera do Natal, os ovos de Páscoa e as férias de julho. Elas são o meu tesouro.

Minha família sempre foi muito presente em minha vida, pois ela é muito unida. Todos os domingos, íamos almoçar na casa da vovó e brincar com os primos. Nas férias, viajavamos para o sítio na serra da Meruoca, perto de Sobral, que fica a uns 400 quilômetros de Fortaleza. Infelizmente, o sítio não é mais da família.

Deus também sempre esteve bem presente em minha vida e ele me deu um dom muito especial, que eu agradeço todos os dias: o dom de dançar. Conta minha eterna babá Celina, agora minha madrinha de crisma, que mal aprendi a andar e já vestia as camisolas e calçava os sapatos da minha mãe para fazer apresentações de dança para as minhas bonecas, única companhia que tinha, pois minhas irmãs não haviam nascido ainda.

Reconhecendo o meu desejo de dançar, mamãe me matriculou na academia de dança Marisol, eu tinha só três aninhos. Lembro-me bem das aulas e de que não pude participar do festival, apresentação de fim de ano no teatro, porque minha irmã Priscila ia nascer. Mas esse foi só o começo de uma longa carreira como bailarina.

Aos cinco anos voltei a fazer aulas de ballet, mas agora na academia Janne Ruth, pois era localizada no bairro para onde havia mudado, Bela Vista, em que moro até hoje. Lá pude participar do meu primeiro festival de dança no teatro José de Alencar e, alguns anos depois, participei do projeto Bailarinos de Cristo Amor e Doações.

Apesar do grande apego e ciúme que minha mãe tinha por mim, não dei trabalho para ir à escola; ao contrário, além de dançar, minha outra paixão era estudar e estar naquele mundo da escola... Às vezes chorava quando chegavam as férias. Creio que herdei essa dedicação pelos estudos do meu pai, pois ele me ensinou que a maior herança que poderia deixar para mim era o conhecimento e, por isso, se sacrificou tanto para pagar um bom colégio para o meu futuro.

Voltando à minha carreira de dança, aos oito anos fui dançar em uma academia maior, Ritmos, e foi lá que comecei a ser reconhecida pelo meu talento. A primeira prova disso foi o convite para dançar um solo (coreografia com uma só bailarina) e, a partir daí, percebi que era capaz de crescer e até dançar com os bailarinos adultos. Já tinha experiência com vários estilos: ballet, jazz e sapateado. Foi nessa época que decidi a minha profissão: professora de dança.

Cheguei a época do primeiro amor e a dança ficou um pouco de lado. Por causa da rigidez da educação que tinha em casa, meu primeiro namoro foi escondido por eu não ter coragem de contar aos meus pais, mas era bem nova e logo a paixão acabou.

Passei algum tempo sem dançar, mas sempre estava dentro de apresentações e competições do colégio, além de ser a líder da sala, até que chegou uma grande oportunidade de unir as minhas duas paixões: a dança e os estudos. No colégio em que estudava, Colégio

7 de Setembro, inauguraram uma academia de dança e estavam precisando de um grupo para representá-la. Eu me inscrevi e passei no teste de seleção em primeiro lugar, o que me dava o direito de participar sem pagar nada, contanto que tirasse boas notas. Na época tinha 14 anos.

Tive grandes oportunidades nesses três anos de grupo. Participei de vários festivais de dança, tanto regionais como nacionais, além de me apresentar nos grandes teatros de Fortaleza.

Mesmo gostando de estudar, nem sempre fui uma aluna exemplar, principalmente em história e geografia, mas o que mais me encantava era descobrir coisas novas, conhecer pessoas novas. E assim, com esse desejo de cada vez mais expandir meus horizontes, aos 15 anos, prestei concurso para bolsista nível médio do Banco do Nordeste do Brasil e lá trabalhei por um ano. Cresci muito nesse tempo, pois minhas responsabilidades aumentaram. Além de estudar, tinha que trabalhar e ainda continuava no grupo de dança do colégio, que era realmente o que eu queria.

Depois desse ano tão cheio de novidades, sofri com o ano seguinte: terceiro ano, vestibular à vista. Saí do trabalho e o pior, do grupo de dança também! Senti-me em um grande vazio, mas era o meu futuro que estava em jogo e eu já sabia o que queria há muito tempo, só restava lutar, ia tentar Educação Física na Universidade Federal do Ceará.

A escolha não era bem aceita, pois para minha família e amigos o melhor era Medicina ou Direito, mas aos poucos aceitaram a idéia. E mesmo estudando muito, sempre arranjava um tempinho para participar das olimpíadas do colégio, onde sempre dançava. Aproveitei bem esse ano, pois era o último na escola, e aprendi que para passar no vestibular não era preciso “enfiar a cara nos livros”, mas sim enxergar melhor o mundo à sua volta tentando entendê-lo.

Chegou o dia do resultado. Sempre fui muito controlada e, por isso, não deixei transparecer o nervosismo. Como lá em casa não tinha computador, meu pai ligou para o trabalho e pediu para um amigo olhar se eu havia passado. Cinco minutos depois, o rapaz retornou dizendo que eu não havia conseguido. Meu pai começou a me consolar, dizendo que poderia passar em outras universidades, mas eu disse que não queria e desabei a chorar! Não queria decepcionar minha família, principalmente meu pai. Liguei para minhas amigas e chorei com elas, umas por alegria e outras por tristeza. Nesse dia, minha mãe havia saído com minha tia para o hospital e eu já imaginava como daria a notícia a ela quando o telefone tocou: era um outro amigo do meu pai dizendo que eu havia passado. Foi uma festa!

Agora havia entrado em outro mundo: a universidade. Eram outros métodos, outros amigos, outro ambiente. Com esse ingresso na faculdade, ganhei muita maturidade e comprovei que aquilo era o que realmente queria. Estar lá significa cada dia aprender algo novo e querer participar ativamente de tudo, colocar em prática.

Hoje já exerço a profissão que sempre quis. Dou aulas de dança para crianças de duas escolas e ajudo crianças carentes do meu bairro, assim, retribuo um pouco as bênçãos de Deus.

No momento, estou participando do projeto Conexão de Saberes, onde pretendo aprender mais sobre minha comunidade e como ajudá-la.

Parte 2

PROGRAMA
CONEXÕES DE SABERES
MEC / SECAD

**Memoriais do grupo de estudantes que
desenvolvem atividades no município de
Pentecostes**

Adriano Batista

Meu nome é Antônio Adriano Batista Alves Sousa, tenho 25 anos, sou filho de um casal de agricultores: Francisco Alves Rodrigues e Maria do Socorro Batista Alves. Na família, somos cinco irmãos: Sandra, Cleilsa, Clegilsa, Francisco José Cleusilda e eu.

Os meus pais chegaram à comunidade de Capivara, localizada a 18km da sede do município de Pentecoste e a mais de 100km de Fortaleza, ambas no Ceará, por volta dos anos 1950. Casaram e passaram vários anos morando na propriedade de um fazendeiro local. Nessa fazenda, funcionava o sistema de meia, onde parte do que era produzido pelo agricultor ficava com ele, parte com o proprietário.

A necessidade de um pedaço de terra para produzir de forma digna o sustento da família se estendeu por alguns anos. Porém, antes de eu nascer, em 1980, meu pai, contando com a ajuda do meu avô materno, comprou um lote de terra, desses doados pelo DNOCS, o que melhorou substancialmente nossa renda familiar.

No lote podíamos plantar o que quiséssemos, e foi o que fizemos. Nas terras altas, plantávamos feijão, milho e algodão e, nas baixas, além dessas culturas, plantávamos arroz, mandioca e algumas hortaliças. De todas as culturas, o algodão, naquela época, era o mais valioso, considerado por todos o “ouro branco do sertão”. Dessa forma, a renda familiar melhorou um pouco, apesar de meu pai continuar trabalhando muito, mas, pelo menos, só pra ele; além de que não estava mais subordinado ao trabalho servil da fazenda de ninguém, podendo fazer, entre as atividades já citadas, pescar no açude de Pentecoste, chamado Pereira de Miranda, uma das principais fontes de alimento e renda do município.

Apesar da relativa melhora, tínhamos que trabalhar muito e foi isso que me prendeu no campo durante oito anos; dos cinco, quando comecei a acompanhar meu pai à roça, aos 14, época em que me dediquei mais aos estudos.

Durante esse período, eu pescava, brocava (derrubava as árvores), encoivarava (juntava os galhos que não queimaram), plantava, limpava as culturas e colhia, tudo sob o sol escaldante do sertão, o qual faz o corpo do sertanejo molhar-se completamente com seu próprio suor, além da russara (pêlos urticantes das plantas) que queimava minha pele nas limpas e nas colheitas de feijão.

Quando cheguei à adolescência, fase que, como se fala no interior, os namoros começam a aflorar, eu, como todos os jovens, queria me vestir um pouco melhor. No entanto, nossos pais, que já utilizavam nossa mão-de-obra para sustentar a família, não podiam nos ajudar. Então, fazíamos empreitadas, ou seja, trabalhos diferentes da diária, pois cobrávamos uma certa quantia por um trabalho, o qual podíamos fazer em vários dias ou em algumas horas, dependendo do empenho. Uma das piores empreitadas que fiz foi para arrancar toco, pois esse é um trabalho tão desumano que, no final do dia, o corpo estava completamente desidratado devido à perda de água através do suor. Além disso, os músculos ficavam doloridos e as pessoas que se submetiam a esse trabalho desenvolviam, nos primeiros dias, quadros de febre, que no interior chama-se “rei quebrado”.

Apesar dessas dificuldades, foi aos 13 anos de idade que vivi o momento mais difícil da minha vida, que foi enfrentar a seca de 1993. O que tínhamos para nos alimentar era fornecido pelo governo, através de programas de combate à seca. Essa ajuda chegava através

de uma cesta básica e uma pequena quantia em dinheiro. A nossa contrapartida era trabalhar em projetos de construção de barragens. Como dizia Zé Dantas e Luiz Gonzaga, ao cantar a realidade do sertão, que quando a esmola não mata de vergonha, vicia o cidadão. Mas não nos limitamos a esperar pela esmola governamental e também não nos viciamos. Eu, meu pai, o Francisco José e o Benedito, casado com a Cleiusa e morando conosco no lote, passamos a plantar feijão e jerimum no solo seco da bacia do açude Pereira de Miranda. Porém não tínhamos equipamentos de irrigação adequados para usar, sendo a única solução transportar água em baldes e aplicar em cada cova uma latinha dessas de óleo cheia de água, com pequenos orifícios na parte inferior para escoar devagar o líquido precioso e evitar algum prejuízo às plantinhas. A água também era difícil, levando-nos a buscá-la no subsolo, através de cacimão cavado com a força de nossos braços, porque, mais uma vez, não tínhamos condições e nem as recebíamos do governo em um período de seca.

O que produzíamos era irrisório, pois o trabalho era rudimentar e exigia muito esforço físico de nossa parte, levando-nos novamente a buscar ajuda em outras atividades, como a pesca. Só que, diferentemente de quando o açude estava cheio, tínhamos que nos deslocar em torno de dez quilômetros para pescar de tarrafa, de pé no chão, ou seja, caminhando por dentro da água. Quando íamos à noite, fazia tanto frio que era de doer os ossos.

Dos peixes que pegávamos, uma parte era usada como alimento e outra parte vendida para suprir necessidades. Na verdade, tudo o que produzíamos ainda era insuficiente para nossa alimentação. Cheguei muitas vezes a merendar melancia, a qual o pericarpo nem era vermelhinho como os encontrados nos supermercados, porém muito doce, retirada de uma planta que não se cansava de produzir naquele solo seco e rachado da bacia do açude. Essa planta foi para nós o que o maná do céu foi para os judeus no deserto, pois as frutas que não eram consumidas hoje por estarem verdes, no dia seguinte estavam maduras e apetitosas, à espera do nosso desjejum, além de que eram também a fonte de alimento para muitos animais, como pássaros, raposas e cachorros que vagavam pela caatinga em busca de alimento.

Tangidos por essa realidade cruel, no final de 1993, meus irmãos tinham migrado todos para as cidades, restando apenas eu e a Cleiusa, que era casada. Sem estudo e com pouca perspectiva de uma vida melhor, Francisco passou a trabalhar de garçom em uma churrascaria, Sandra, Clegilsa e Clesilda passaram a trabalhar em casa de famílias em Fortaleza. Mas no ano seguinte, o sertão mostrou sinais de vida e esperança porque o inverno havia chegado para nutrir homens, animais e plantas de água e alimento que brotam do seio da terra com o advento das chuvas e os novos dias mostraram melhoras.

Durante esse tempo, vivi poucos momentos de alegria e satisfação, embora bastante significativos para mim, como o encontro das famílias à noite para contar estórias de trancoso, o que me levava a criar filmes inteiros em minha mente, como também o hábito de dormir com meu pai durante a madrugada, pegando em sua orelha e me esquentando em seu corpo. E, ao amanhecer, ele cantava uma modinha sertaneja que ainda guardo em minha memória, que dizia assim: “Acorda, vamos embora que o pau-branco flora, a sabiá chora e nós temos que ir embora”. Além disso, as brincadeiras de criança, como caçadas, corridas em lombos de jumentos, bandas de lata, enfim, muitas que, hoje, com o advento da televisão, não são mais divertidas.

Devido às dificuldades enfrentadas por minha família e à falta, até então, na região, de incentivo para os jovens prosseguirem estudando e entrarem na universidade na perspectiva de melhorar sua vida e a de sua família, meus irmãos pararam de estudar e migraram para

a cidade em busca do subemprego. Apesar de naquele momento eu continuar estudando, o interesse pelo estudo era pouco e, por isso, muitas vezes tentei também desistir, pois a escola pouco incentivava e as perspectivas tomadas em relação à vida acadêmica eram poucas ou nenhuma.

Não desisti várias vezes porque meus pais não deixaram. Hoje agradeço muito a eles e digo que, mesmo sem terem estudado, sempre me incentivaram a estudar, às vezes desfazendo-se de alguns bens para que eu prosseguisse, e agora eles sabem que todo esforço feito por eles valeu a pena e se orgulham por terem um filho na universidade.

Porém, o caminho trilhado até a universidade foi longo e doloroso. No ano de 1995, quando eu tinha 15 anos e fazia a quinta série, tive que me deslocar diariamente de Capivara para a sede do município, 18km em pau-de-arara, para estudar. Esse foi um ano de muitas dificuldades e pouco aprendizado, pois estava passando pela fase da adolescência e sentia muitas saudades dos meus irmãos, além de as pessoas da cidade discriminarem bastante os estudantes vindo do campo. Portanto, os atrativos da cidade e o romper da juventude me prendiam a esse sistema.

Essa maratona de ir e voltar diariamente para a cidade durou três anos, quando concluí o ensino fundamental. Durante esse tempo, conheci melhor dois amigos muito legais: Antônio Carlos e Cleumir. Nós convivíamos desde a alfabetização, quando estudávamos na escola Margarida Gomes de Araújo, localizada em Capivara. A professora mais antiga da comunidade era dona Lucinha, com a qual aprendi a ler e a escrever as primeiras palavras em sua casa e, depois, com a construção do colégio, fiz até a quinta série. Antônio Carlos e Cleumir estavam sempre rindo e, quando eu estava abatido, sempre encontravam uma forma de me descontraír. Jogávamos bola, conversávamos juntos sobre vários assuntos e um fato interessante que ocorria conosco era a divisão da merenda. Como não tínhamos condições de comprar merenda todos os dias, fizemos um acordo entre nós e com outros colegas para que em um dia da semana um de nós pagasse a merenda.

Hoje, Antônio Carlos está concluindo o ensino médio para obter o certificado e ver se encontra um emprego, o Cleumir, ao concluir a oitava série, partiu para Fortaleza para trabalhar num frigorífico, casou-se e tem filhos. Eu continuei na minha saga pelos estudos, conhecendo um programa educacional que viria mudar minha vida para sempre: o PRECE.

No início de 1999, ingressei nesse programa, que me proporcionou estímulo, motivação, condições didáticas necessárias, tais como: livros, um local adequado para estudar, monitores e facilitadores para retirar minhas dúvidas e, acima de tudo, perspectivas futuras que até então não conhecia. No início, fui orientado a me matricular no antigo supletivo, hoje chamado EJA, Educação de Jovens e Adultos, em Fortaleza, já que no município de Pentecoste só existia o do ensino fundamental.

A cada 20 dias, vínhamos para Fortaleza fazer as provas. Éramos hospedados na IPI, primeira Igreja Presbiteriana Independente de Fortaleza, a qual contribuía com o PRECE. Em cada viagem, gastávamos em torno de R\$ 20,00 (vinte reais), quantia significativa para aquela região, mas que meu pai conseguia para eu vir fazer as provas.

Nesse mesmo ano, conheci minha esposa, Maria Ione. Ela estudava na IPI com outros estudantes precistas. Começamos a namorar na comunidade de Cipó, em um evento promovido entre o PRECE e a congregação local. Apesar da distância, pois ela morava em Fortaleza e eu em Cipó, nos vendo a cada 20 dias na ocasião das provas do supletivo, continuamos namorando. No final de 2000, prestamos vestibular juntos, eu para Biologia, ela para Pedagogia.

Entretanto, fomos desclassificados.

Em maio de 2001, falei com meus pais para que ela morasse com eles, na comunidade de Capivara, distante três quilômetros da comunidade de Cipó, onde se localiza a sede do PRECE, na qual eu estava morando. A ida de Ione para a comunidade tinha como objetivo estudar no PRECE e, claro, ficar mais próxima de mim, pois em dezembro de 2000 tínhamos ficado noivos e as dificuldades financeiras para nos vermos eram muitas. Passávamos até 45 dias nos comunicando apenas pelo telefone, pois, no início de 2000, ela tinha voltado a morar com seus pais em uma cidadezinha chamada Itacima, no município de Guaiúba, região metropolitana de Fortaleza.

Em julho de 2001, recebi uma proposta de trabalho: dar aulas para uma turma da EJA, à noite. Como eu não tinha o ensino médio completo e a Ione tinha o terceiro ano de magistério, eu a indiquei, pois ela ganharia muito mais. Durante esse tempo, começamos a construir uma casa, pois tínhamos marcado o casamento para o final de 2001, como de fato aconteceu. No dia 31 de dezembro de 2001, nos casamos em uma igreja católica em minha comunidade natal, na qual trabalhei como catequista três anos.

Em 2002, estudamos e colaboramos muito com o PRECE, prestando trabalhos voluntários e participando de forma ativa do seu desenvolvimento. No final do ano, prestamos vestibular novamente para os mesmos cursos e, mais uma vez, não obtivemos êxito.

Como o contrato com a prefeitura para ensinar na EJA tinha acabado e também não tínhamos conseguido construir nossa casa e ainda morando com meus pais, Manoel Andrade, coordenador do programa e conhecedor da minha situação, me convidou para novamente morar na sede do PRECE, na comunidade de Cipó, para estudar e atuar como monitor de biologia e coordenar algumas atividades locais, e o programa me concederia uma ajuda de custo. Aceitamos o convite e moramos no Cipó até 2005 e, durante esse período, fizemos vestibular mais duas vezes, obtendo êxito no vestibular de 2005, a Ione para o curso de Pedagogia, após cinco tentativas, e eu para Zootecnia, após quatro, sendo que três para Biologia, um curso bastante concorrido, porém a Zootecnia atendia também à minha perspectiva, que era trabalhar com animais.

Durante os seis anos em que estudei e morei no PRECE, aprendi muito, porém o que mais me marcou foi aprender a compartilhar, pois usávamos o exemplo de Jesus: o que tínhamos, dividíamos, compartilhávamos mutuamente, desenvolvendo entre nós, precisas, um espírito de solidariedade muito forte, capaz de superar todas as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia. O que tínhamos era pouco, mas, quanto mais compartilhávamos, dividíamos, mais o programa crescia, mostrando que podemos construir um mundo melhor, uma sociedade mais compromissada com o seu desenvolvimento igualitário, quando aprendemos a compartilhar o pouco que temos.

E foi com essa metodologia extraordinária de compartilhar cooperativamente os conhecimentos que eu, minha esposa e muitos outros colegas conseguimos entrar na universidade. Não apenas para nos formar, mas para se apoderar das ferramentas do conhecimento e desenvolver de forma sustentável nossas comunidades. Pena que, ao chegar à universidade, não se encontra um local assim, tendo que nos adaptar a um ambiente de competição, o que no início é muito difícil levando um tempo para nos adaptar. Outro ponto é a desmotivação enfrentada por nós com relação a metodologias utilizadas no âmbito da universidade, as aulas expositivas. Tendo nos acostumado a estudar em grupo e retirar sozinho dos livros os conhecimentos, é tedioso passar duas horas só ouvindo o professor falar, sem termos opor-

tunidade de discutir com ele e a classe os assuntos abordados nas aulas, pois acreditamos que a melhor forma de aprender é se encontrar em um ambiente de cooperação, discussão e motivação, além de condições adequadas para o desenvolvimento da autonomia intelectual e da consciência crítica e social. Não sou contra os professores, porém gostaria de vê-los como facilitadores, mediadores, entre os estudantes e o conhecimento e não como quem sabe todas as coisas, o que acaba criando uma certa distância entre educador e educandos, devido à relação de autoridade e “sabedoria” existente.

Tomado como partida minha origem de classe popular essas são apenas algumas dificuldades se comparadas às enfrentadas para entrar, permanecer e retornar a minha comunidade para ajudar os meus, que lá ficaram. Primeiro, precisava trabalhar para ajudar meu pai, segundo, não fui afortunado de ter estudado em uma boa escola, tendo que estudar o máximo que eu podia após os 18 anos de idade, recebendo para isso a ajuda do PRECE, que ainda continua ajudando com passagem para eu ir à universidade e retornar à comunidade. Eu fico me perguntando: e se não fosse o PRECE? Será que eu, filho de agricultor, teria entrado na universidade?

A universidade também tem contribuído com a parte de alimentação e residência, só que esses dois itens não são suficientes, ao meu ver, para um estudante da classe popular, principalmente pela falta de recurso para se locomover na cidade e pelo vínculo que ele tem com a comunidade precisando retornar. E sei que o retorno de um estudante universitário a sua comunidade estimula muito outros jovens a ingressar pelo mesmo caminho.

Hoje, acredito piamente no coletivo e no poder de mobilização e organização do nosso povo, que, se for preparado para reivindicar seus direitos, com certeza nossa juventude no futuro não terá tantas dificuldades, como eu e muitos que estavam e que ainda estão passando pelas mesmas dificuldades, e possa se apoderar de um direito que é seu: o de se educar. E que essa educação recebida, obviamente, do poder público seja capaz de promover o desenvolvimento econômico social e político das comunidades populares.

Horleina Firmiano

Meu nome é Antônia Horleinna Firmiano Barroso, nasci em 27 de novembro de 1981 em Parnaíba, comunidade do município de Pentecoste, Ceará. Sou filha de Antonio Fernando Barroso, agricultor e de Raimunda Horley Firmiano Barroso, doméstica. Tenho quatro irmãos: Orleane, Francisco, Eldair e Eudásio, e um sobrinho chamado Wendel, filho da minha irmã. Meu pai nasceu em Irapuá, Pentecoste, minha mãe em Maranguape, próximo a Fortaleza. Mamãe ainda era criança quando seus pais, José e Guiomar, se mudaram para Várzea Comprida, em Pentecoste.

Meus pais estudaram até o quarto ano do ensino fundamental, pois naquela época existiam poucas escolas, e eram distantes. Casaram-se em 1º de novembro de 1974. Cinco anos depois, nasceu Orleane, a primeira filha do casal. Dois anos depois, eu nasci. Segundo minha mãe, eu era um bebê saudável e não lhe dava muito trabalho. Mamãe conta que antes de viajar para Maranguape, onde ia deixar e pegar trabalho, pois ela bordava, pedia para nossos vizinhos seu José e dona Paulina ficarem comigo e minha irmã. Nessa época, morava com eles uma sobrinha chamada Creuza, que também os ajudava a cuidar de nós. Eles eram muito carinhosos comigo e me tratavam como filha. Todos os dias eu ia visitá-los e, como sempre, era bem recebida. Queriam me criar, mas mamãe não aceitou. Mamãe sempre retornava de Maranguape no mesmo dia, e era muito bom revê-la. Ela é muito batalhadora e habilidosa e papai também. Quando ainda era criança, eles me ensinaram muitas coisas que me ajudaram a ser o que sou hoje. Não eram rígidos, mas nos mandavam fazer algumas tarefas domésticas, pegar água no riacho porque não tinha água encanada em Parnaíba. Eu fazia tudo o que eles pediam, não queria desobedecê-los.

Considero minha infância como a melhor fase da minha vida, pois a aproveitei bastante, brincava com minha irmã, primos e colegas que moravam perto da minha casa. Eu gostava muito daquele lugar, daquela casa e das pessoas, porque sentia que havia amizade, proximidade e muito amor entre todos. Minha casa vivia cheia de gente e minha mãe era muito receptiva, dava atenção a todos. Ao lado da minha casa, tinha um campo grande onde nos reuníamos com nossos colegas para inventar brincadeiras e correr por ele. Quando chovia, eu saía correndo para tomar banho de chuva. Eram dias maravilhosos que deveriam ter demorado mais. Entretanto, não podemos controlar o tempo.

Em 1986, nasce Francisco, meu primeiro irmão, do qual cuidava todos os dias enquanto minha mãe trabalhava. Eu gostava de cuidar dele, era um bebê quieto e muito bonito. Nas noites enluaradas, eu caminhava pelas estradas silenciosas com Orleane e mamãe, que nos contava histórias muito bonitas e misteriosas e cantava músicas do seu tempo de juventude. Às vezes, ela chorava e eu ficava muito triste ao ver aquilo. Ela era muito amável e paciente. Lembro que minha mãe dava aulas para três alunos, isso voluntariamente, e eu era muito interessada naquilo, mas ainda não tinha idade para ir ao colégio, mesmo assim, acompanhava um pouco daquele trabalho. Aos poucos, minha mãe ia me ensinando as letras, para quando ingressar no colégio não sentir muita dificuldade na leitura e ter interesse de estudar. Isso funcionou,

pois a cada dia eu ficava mais ansiosa para entrar na escola. Mamãe nos ensinava a bordar, minha irmã aprendeu rápido, mas eu não tinha interesse nesse trabalho, gostava mesmo era de desenhar. Então, minha mãe fazia uns rabiscos para eu copiar, depois, ela comprou uma caixa de lápis de cores, presente que me deixou muito feliz.

Em 1988, iniciei minha vida estudantil na Escola de 1º Grau São Francisco de Assis, em Várzea Comprida, a 1km de casa. A turma era pequena e, pela manhã, íamos a pé para a escola; eu, minha prima e nossos colegas, acompanhados da nossa professora, tia Maria. O colégio era pequeno, só tinha uma sala, mas era espaço suficiente para a quantidade de alunos.

Em 1989, nasce irmão Eldair, cuidei dele também porque mamãe era muito ocupada para fazer tudo sozinha, Orleane morava na sede do município nesse período, com sua madrinha. Pouco tempo depois, ela voltou para casa e isso foi muito bom. No ano seguinte, concluo a alfabetização no mesmo colégio, porém não continuaria estudando lá, nem minha irmã. Não lembro o motivo. Só sei que não queria ficar sem estudar. Por isso, fui matriculada na Escola de 1º Grau, em Providência, Pentecoste, para iniciar o ensino fundamental. No entanto, não tinha transporte escolar e tínhamos que ir de bicicleta ou a pé, eu, Orleane e nossa colega Cristiane. Nessa época, eu tinha apenas oito anos de idade e não compreendia bem o que ia enfrentar. Acordávamos às 5:00 da manhã, enfrentávamos muito frio e estrada para está no colégio às 7:00. Minha irmã me levava de bicicleta e chegava muito cansada, eram 5km percorridos e, na maioria das vezes, chegávamos atrasadas. Íamos sem merendar, às vezes levávamos merenda para lanchar na hora do recreio. Na volta, passávamos muita sede, fome e só comíamos quando chegava em casa. Aconteceu que não suportei aquele sofrimento e desisti da escola antes de terminar o ano. Minha mãe escreveu um bilhete e mandou para a diretoria do colégio explicando o motivo da minha desistência. Ficamos tristes, mas no momento essa era a solução encontrada. Minha irmã e Cristiane continuaram.

Em 1990, repeti o 1º ano na mesma escola, passando pelas mesmas dificuldades, mas o concluí. No ano seguinte, viemos morar em Fortaleza, numa casa alugada. Meu pai trabalhava em construção civil e mamãe, com bordados. Perto de casa, tinha uma escola onde fomos matriculadas, mas eu não queria estudar nesse colégio, era estranho para mim, não estava acostumada com aquele estilo de vida: trânsito, barulho, movimentação. Fiquei sem estudar e Orleane também. Nesse ano fiz minha Primeira Comunhão.

No final de 1992, meu pai decidiu voltar para o interior, mamãe não queria, e então lhe fez uma proposta, de voltarmos, mas não para Parnaíba, mas sim para nossa casa em Providência, porque ela estava preocupada com nossa educação. Conseguiu convencê-lo e assim aconteceu, foi melhor do que morar na cidade, eu me sentia mais livre. Em 1993, voltei a estudar, fazer a 2ª série, finalmente ia dar continuidade aos estudos, muitas vezes interrompidos. Daí em diante, não tive mais problemas com relação a ir à escola.

No ano de 1995, nasceu Eudásio, meu irmão caçula. Nessa época, minha mãe trabalhava no colégio pela manhã e eu e minha irmã estudávamos à tarde. Para continuar o ensino fundamental, estudei pelo sistema de tele-aula, no ano de 1996, em que o professor da televisão falava e ficávamos ouvindo sem poder tirar nossas dúvidas, não dava para aprender muito, no entanto foi assim até o final do ano. No ano seguinte, quando fazia a 6ª série, pelo sistema tradicional de ensino, lembro-me que, um dia, uma equipe de reportagem foi nos entrevistar em sala de aula, tinha uma filmadora e um microfone. Eu costumava sentar na primeira fila e fui entrevistada, o rapaz me perguntou o que eu queria ser no futuro e eu lhe respondi que tinha o sonho de ser médica, queria exercer uma profissão que ajudasse bastante as pessoas.

Pelo sistema tradicional, estudei até concluir a 8ª série em 1999, quando tinha 18 anos. Fizemos uma festa, para comemorar, estava feliz por está realizando um dos meus sonhos. Eu pensava em prosseguir com o ensino médio, porém na escola não havia sido implantado ainda. No ano seguinte, minha mãe me aconselhou a ir estudar na comunidade do Cipó, num projeto alternativo (PRECE) que já existia há seis anos, mas por não querer me afastar dos meus pais, não fui, mesmo sabendo que deveria procurar meus caminhos, construir meu futuro. Foi então que recebi a notícia da implantação do Tele-Curso 2000 – Tempo de Avançar Ensino Médio, na escola local, esse curso tinha a duração de um ano. A primeira turma foi composta por muitos alunos maiores de 18 anos, oriundos de várias comunidades vizinhas, inclusive eu e alguns colegas que estudaram comigo. Essa era a chance que tínhamos de fazer o 2º Grau ou, então, estudar na sede de Pentecoste a 27km de Providência, viajando durante quatro horas (ida e volta) em um pau-de-arara, de segunda a sexta-feira. Eu preferi fazer o Tele-Curso, cujas aulas eram pela TV, estudávamos em grupos através de um manual e tínhamos um orientador para nos tirar as dúvidas. Estudavam comigo nessa época: seu José Alfredo, hoje, estudante de agronomia e o Regivaldo, estudante de Química Industrial – ambos alunos da UFC. Lembro que toda sexta-feira Regivaldo não estava na sala; um dia lhe perguntei por que faltava sempre nesse dia, e ele me falou que estudava no PRECE, em Cipó, e as aulas começavam nesse dia. Ele fez um acordo com o orientador para ganhar a presença e não ser reprovado por falta. Às vezes, ele me mostrava umas redações que fazia lá e pedia para eu fazer algumas correções, caso precisasse. Então lhe questionei mais sobre esse Projeto do qual participava. Queria saber tudo, desde o local de funcionamento, a metodologia e quem eram os professores. Seu José Alfredo estava perto de nós e o ajudou a me explicar. Fiquei interessada em conhecer, estávamos terminando o curso e eu não queria perder tempo. Quando cheguei em casa, falei para mamãe que ia estudar no Projeto, ela gostou da notícia, pois havia me aconselhado outras vezes a fazer isso, desde quando tomou conhecimento de sua existência. Agora, sim, eu estava decidida a fazer algo que realmente valia a pena. Ouvia meus professores falarem muito em vestibular e até essa data não sabia o que era.

Em abril de 2001, concluí o Tele-Curso. Mas somente no final de maio fui ao Cipó conhecer o PRECE (Projeto Educacional Coração Estudante), pois até então não tinha dado para ir, devido o inverno. Nessa época, havia chovido muito e o rio Canindé, que deságua no açude Pereira de Miranda, estava cheio, impossibilitando a travessia. Então esperei que as águas baixassem e, no dia 29 de maio desse mesmo ano, cheguei ao Cipó, era uma sexta-feira, pois sabia que encontraria o coordenador somente nos finais de semana. Fui ao Projeto pela primeira vez, com minha colega Selma, que todas às vezes em que visitava seus avós naquela localidade, sempre visitava a casa de fazer farinha, onde funcionava o Projeto e hoje é casa do estudante. Ela sempre me falava que tinha vontade de estudar no Projeto, porque achava diferente a forma de ensino desenvolvida por eles. Nesse dia, sua mãe, Elina, e sua irmã, Telma, também nos acompanharam. Dormimos na casa dos pais de Elina e, no dia seguinte, 30 de maio, fui conhecer o PRECE. A sede do projeto, a casa de fazer farinha, ficava no terreno de seu Arão e dona Fransquinha, pais do professor Andrade, então os conheci nesse dia, eram pessoas gentis e acolhedoras. Lá na sede, tinha muitos estudantes que eu não conhecia. Senti um clima agradável entre eles, pareciam estimulados e isso me fez acreditar que tinha ido ao lugar certo. Mas existia um problema, e era comigo, sentia muita dificuldade para conversar com as pessoas. No entanto, isso não foi motivo para desistir, enfrentei meus medos e me aproximei mais de todos. Quando entrei na casa de farinha, fiquei a observar a sua estrutura,

os instrumentos usados na farinhada estavam novinhos. Eu era acostumada a passar naquela estrada e nunca soube que faziam farinha ali. Tinha algumas cadeiras velhas no local, um quadro velho pendurado na parede, uma mesa e um pequeno quarto. Comecei a conversar com o coordenador desse projeto, professor Andrade, que me explicou como funcionava o programa. Falei onde morava, do meu interesse em participar e ele me estimulou muito com suas palavras, eu seria, na época, a primeira pessoa da comunidade de Providência a ingressar no PRECE. Gostei de tudo que vi, fiquei muito motivada; para mim, aquele projeto seria um caminho sem volta, estava decidida a retornar como estudante e não desistir enquanto não entrasse na universidade.

Ao chegar em casa, conversei com minha mãe e disse-lhe que ia estudar no PRECE, ela me apoiou e disse que eu já deveria estar participando há mais tempo. Meu pai também ficou feliz por eu ter tomado essa decisão e me estimulou bastante. Porém, antes de iniciar a jornada, precisava de um transporte para me deslocar até o Cipó, nos finais de semana, não tínhamos nenhum automóvel, nem condições para pagar quem o tivesse. O mais triste era saber que não tinha companhia, convidava as pessoas para participarem, mas ninguém se interessava, só pensavam nas dificuldades e alguns até diziam que eu ia perder meu tempo, mas eu não dava ouvidos a essas críticas; estava disposta a enfrentar os desafios e tinha muita fé de que ia conseguir meus objetivos. Sabia também que tinha de ser forte e persistente. Resolvi falar com Zaca, primo de mamãe que, toda sexta-feira pela manhã, ia para Pentecoste. Perguntei-lhe se me daria carona no seu carro até o Cipó e ele falou que me ajudaria, fiquei muito contente. A ida ficou resolvida, mas não tinha transporte certo para voltar. Uma outra dificuldade que enfrentei foi a falta de recursos para pagar minha alimentação. Nem eu tinha dinheiro e nem o projeto, pois os recursos eram muito escassos e não dava para pagar a alimentação de todos os alunos que ficavam nos finais de semana. Nessa época, alguns alunos do projeto já moravam no Cipó, uns na casa de fazer farinha e outros na residência do seu Arão, inclusive a Marcilene, aluna e professora de redação do PRECE, que me estimulou muito através da sua própria história de vida. Dona Fransquinha, vendo a minha situação, se dispôs a me ajudar, me convidou para morar em sua casa, e quando eu não estava estudando lhe ajudava em algumas tarefas domésticas, em compensação eu recebia alguns benefícios, como hospedagem e alimentação na sua própria casa. E assim comecei minha vida estudantil no PRECE.

A sua metodologia era muito estimulante, pois os próprios estudantes que sabiam um pouco mais ajudavam os outros durante a semana e, nos finais de semana, os professores, ex-estudantes do projeto, já alunos da Universidade Federal do Ceará, retornavam para dar continuidade ao processo educativo. Era um trabalho voluntário que estava dando certo. Aos poucos, fui conhecendo mais sobre a universidade e, cada vez mais, aumentava o desejo de chegar lá. Através dos universitários, o meu sonho era alimentado a cada final de semana. Aprendíamos muito compartilhando os nossos conhecimentos em grupos de estudos.

De 2001 a 2002, fiquei estudando como pré-vestibulanda, mas tive muitas dificuldades de acompanhar o conteúdo do ensino médio, devido a problemas pessoais. As aulas começavam na sexta-feira e terminavam no domingo, ao meio-dia. Na maioria das vezes, não tinha como retornar para casa, então só voltava na segunda-feira, quase sempre no carro que prestava serviços de saúde na minha comunidade.

No primeiro semestre de 2003, fiz uma revisão do ensino fundamental com outros iniciantes do Projeto. Nessa época, passei a morar na comunidade de Parnaíba, na casa de minha

prima Conceição, porque ficava mais perto do Cipó, mesmo assim, a dificuldade não deixou de existir, pois íamos de carro, mas voltávamos, na maioria das vezes, a pé. Essa revisão contribuiu muito para a minha futura aprovação no vestibular. Em agosto desse mesmo ano, fiz o ENEM. Em seguida retornei para o pré-vestibular. No final desse mesmo ano, prestei vestibular pela primeira vez para o curso de Pedagogia, no qual passei em 54º lugar. Era a primeira estudante da comunidade de Providência a ingressar na UFC. Estava muito feliz com esse resultado, pois meus esforços não foram em vão. Tudo isso só foi possível porque recebi muito apoio, da família e dos amigos.

Em 2004, quando entrei na universidade, passei por outros problemas, pois não tinha onde ficar, eu e outros dezenove precisistas. Então, nos hospedamos nas residências de nossos colegas já universitários, enquanto ganhávamos também uma vaga. Mas, como houve resistência da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis em nos aceitar nessas condições, nos mobilizamos juntamente com os demais precisistas já residentes e outros estudantes também solidários com a nossa causa, para sensibilizar a universidade de nossas necessidades. Tínhamos que ser forte e continuar a luta, pois a primeira etapa de nossos sonhos já tinha se realizado – o vestibular. Depois de muita peleja e desgaste, a Pró-Reitoria de Extensão nos concedeu algumas bolsas para que alugássemos uma casa para ficarmos até sair o resultado das residências. Alugamos uma casa grande, próximo à Reitoria, no bairro Benfica, mas as dificuldades não cessaram, pois a casa estava sem água e energia elétrica. Passamos mais de dois meses lutando com a imobiliária que nos alugou, para que regularizasse a situação. Nesse período estudávamos à luz de vela. Um vizinho, Sr. Cláudio, vendo a nossa situação, foi solidário conosco, nos emprestou um lampião a gás e água potável, melhorando assim a nossa situação; outro nos cedeu água de sua própria residência, através de uma mangueira que ele lançava para nosso quintal. Enquanto isso, eu era humilhada nas entrevistas de seleção para as residências. A ponto de uma entrevistadora me sugerir trancar o curso. Mas não me desestimelei, porque sabia que estava lutando por um direito meu.

Nesse período, eu retornava nos finais de semana para minha comunidade, em uma Kombi do Projeto, para ajudar como professora de produção textual os demais estudantes que estavam ali e que também sonhavam com o ingresso no ensino superior. Era uma extensão do PRECE na Providência, onde uma turma de 18 estudantes se reunia na casa paroquial. No domingo, eu ia para o Cipó, muitas vezes na garupa da bicicleta de meu pai, para retornar a Fortaleza na referida Kombi. A partir de agosto desse mesmo ano, os estudantes da minha comunidade passaram a estudar no Cipó nos finais de semana, e isso facilitou bastante meu percurso.

Hoje, já faz um ano e meio que estou na universidade e continuo atuando no PRECE, ajudando como professora de redação na sede do Projeto, em Cipó. Meu sonho não acabou, tenho muitas aspirações. Pretendo seguir carreira acadêmica, fazer mestrado em educação, continuar participando do PRECE e, futuramente, montar uma escola e fazer doutorado. Conseguir minha estabilidade financeira, construir minha casa, ajudar minha família, gostaria de ver meus irmãos na universidade e vou lutar para que isso aconteça com outras pessoas também. Por que a educação é o melhor caminho que temos para mudar nossa vida, principalmente quando acreditamos em nós e que tudo é possível.

O PRECE é muito importante para mim. Espero poder acompanhar todo o percurso de sua existência, colaborando da melhor forma possível.

Marcelo de Goes Moreira

Meu nome é Marcelo de Goes Moreira, nasci em cinco de julho de 1986, em Pentecoste, uma cidade no interior do Ceará, cerca de 80km de distância de Fortaleza, sou o sétimo filho de uma família de oito irmãos, cinco homens e três mulheres, sou o mais novo dos homens.

Nasci em uma época muito conturbada para minha família, pois meus pais, José de São Miguel Moreira e Antônia de Goes Moreira, ambos comerciantes, tinham de trabalhar o dia inteiro para sustentar sua grande família e as condições financeiras que eles passavam não eram muito boas. À medida que fui crescendo, as coisas foram melhorando e a situação financeira foi se estabilizando, não ficamos ricos, mas o que tínhamos dava para viver de modo digno, pois meus pais sabiam organizar a renda da família de modo que não faltasse nada necessário.

Passei os primeiros quatro anos de minha vida em uma casa na rua Tabelião José Ribeiro Guimarães, na cidade de Pentecoste. Era uma rua muito movimentada, onde, todos os dias, podia brincar e me divertir com os amigos que tinha. Pelo fato de meus pais passarem o dia fora de casa, o meu convívio diário era com meus irmãos, alegrava-me muito com minhas duas irmãs mais velhas que sonhavam se tornar paquitas da Xuxa; imagine só, elas tinham até as roupas de paquitas, feitas pela minha mãe. Adorava, também, andar com meus irmãos mais velhos, para brincar de bila, soltar raia, pião e andar de patinete, mas, como era mais novo, sempre me mandavam voltar para casa e não andar atrás deles, pois não devia brincar com os meninos mais velhos, pois podia me machucar. As companhias que me restaram foram a de minha irmã mais nova, que se chamava Mairla – dois anos mais nova que eu – e meu primo Kelton – 1 ano mais novo que eu. Brincava, principalmente com o último, adorávamos jogar futebol de botão.

Quando tinha quatro anos de idade, minha mãe me matriculou na Escola de 1º Grau Tabelião José Ribeiro Guimarães, onde comecei a fazer o jardim de infância. Logo me acostumei com o ambiente escolar, embora tudo lá fosse diferente do que vivera antes. A escola não me causou nenhum estranhamento, nunca chorei quando minha mãe me deixava lá e ia trabalhar, embora a minha professora me causasse um pouco de medo. Nessa época, meu pai sempre comprava revistas em quadrinhos para mim. Eu adorava os quadrinhos dos Trapalhões, da turma da Mônica e da turma do Mickey, mas havia uma coisa que me chateava muito, eu ainda não sabia ler, apenas olhava as figuras, foi quando minha irmã mais velha, Andréa, uma das que queria ser paquita, decidi tentar me ensinar a ler.

Um ano depois, quando já estava na alfabetização, aos cinco anos já sabia ler e não parava mais de ler os quadrinhos, podia ler todos eles quando quisesse, eles apareceram em um momento importante da minha vida, pois foi por causa deles que quis aprender a ler e tenho a paixão por quadrinhos que guardo até hoje. Nesse mesmo ano, nós nos mudamos de casa, fomos morar numa casa na rua Padre José Raimundo, ainda em Pentecoste, cujo movimento de pessoas não era nada intenso. Nessa rua tranqüila em que morei até o final de 2004, é onde minha família mora até hoje.

O tempo foi passando e fui me acostumando com o novo ambiente, fui conhecendo novos amigos, mas nunca deixei de freqüentar as casas dos antigos amigos. Quando tinha cerca de oito anos, minha irmã mais velha, Andréa, foi embora para Fortaleza para trabalhar e estudar em um colégio melhor, pois a educação de Pentecoste nunca foi muito boa, ela foi a primeira da família que se distanciou para cuidar de sua própria vida. No ano seguinte, já com nove anos, aconteceu uma tragédia que marcaria, profundamente, todos os componentes de minha família: meu pai morreu.

Meu pai já vinha enfrentando uma doença no fígado há muito tempo. Embora pequeno, acompanhei o sofrimento de minha mãe, que tentara ajudar meu pai como pôde, eu só podia observar e torcer para que tudo terminasse bem, foi quando, em uma tarde quente, eu estava olhando um livro e minha irmã mais nova entrou no quarto chorando, dizendo que nosso pai tinha morrido. Aquela foi uma tarde horrível, as palavras que ela me disse causaram um choque, não consegui dizer nenhuma palavra, só conseguia chorar. As poucas lembranças que tenho de meu pai são de que ele era um homem sério, ligado a sérias convenções familiares, religioso, não bebia e nem fumava, era muito conhecido e tinha muitos amigos, era trabalhador e, também, um pouco antipático e rabugento, acho que peguei as duas últimas características para mim. Somente muitos anos depois, saberia o nome da doença que causou a sua morte, insuficiência hepática.

Após a morte de meu pai, nossa vida familiar mudou muito, as coisas ficaram muito ruins. Minha mãe estava sozinha para sustentar sete de seus oito filhos. Ela se desdobrava e trabalhava sozinha na loja o dia inteiro, sem ter quem a ajudasse, às vezes, um dos meus irmãos mais velhos a ajudava. Pelo fato de minha mãe passar o dia fora, eu tinha uma certa liberdade para fazer o que quisesse, andava sozinho pela cidade e faltava as aulas, às vezes. Minha mãe não podia estar presente para cuidar melhor de mim, por isso, fui aprendendo a me virar sozinho, a não ser tão dependente. Nessa época, os conflitos familiares se tornaram mais intensos, pois meus irmãos mais velhos já eram adolescentes, com os nervos à flor da pele, principalmente uma irmã mais velha que ainda estava em casa, Marliene, a outra que queria ser paqueta.

Quando eu já tinha cerca de dez anos, estava na quinta série, confesso que meu rendimento escolar não era lá um dos melhores, relaxei muito, preferia conversar com meus colegas a estudar. Nessa época, minha mãe começou a namorar João, o homem que, pouco tempo depois, tornar-se-ia meu padrasto. Após pouco tempo de namoro, João foi morar conosco em nossa casa, o que causou grandes conflitos na época. Eu era uma criança morta de ciúmes pela mãe e que, com minha irmã mais nova, fazia tudo o que pudesse para estragar a vida do meu padrasto, eu o odiava com todas as minhas forças, desejava a sua morte. Com o tempo, esses sentimentos tolos e infantis foram sendo abandonados à medida que fui crescendo e percebendo que minha mãe tinha o direito de ser feliz. Além do mais, João sempre foi uma pessoa muito legal e prestativa com todos nós, nunca quis mandar em mim e em nenhum de meus irmãos, pois sabia que não tinha esse direito. Ela foi como uma bênção em nossas vidas, pois, se não fosse ele, minha mãe estaria até hoje trabalhando sozinha para nos sustentar, ele é a ajuda que temos desde a época que meu pai era vivo, e, pessoalmente, não sei o que seria de nós se ele não tivesse aparecido.

Quando terminei a quinta série, mudei de escola, fui estudar em uma escola particular de Pentecoste, a única particular da cidade, o Centro Educacional João XXIII. A mensalidade não era muito cara, custava cerca de 35 reais, além do mais, a escola era vizinha à minha

casa. A sexta série foi muito difícil para mim, pois tudo na nova escola era diferente da escola antiga. Fiz novos amigos, embora poucos, e tive muitas dificuldades de aprendizado, resultado disso foi que eu quase fiquei em recuperação em matemática, mas, graças a Deus, consegui passar de ano. Mais ou menos nessa época, minha irmã Marliene, já com seus 19 anos, engravidou e foi morar com o namorado, além de que outro irmão mais velho, Márcio, já tinha ido embora de casa, o que diminuiu o número de irmãos dentro de casa e, certamente, os conflitos também.

Na sétima e oitava séries, já tinha me adaptado completamente ao colégio, que não era mais novo, e tinha me tornado um dos melhores alunos da sala. Eu me esforçava para aprender nas aulas, pois sabia que minha mãe dava duro para me sustentar e pagar o colégio para mim e para Mairla. Eu tirava boas notas, mas tinha preguiça de estudar em casa, não tinha o hábito de estar sempre estudando, o que causava muitos aborrecimentos em minha mãe.

No ano 2000, quando ainda estava na oitava série, já tinha 14 anos e comecei a conhecer um movimento social que, futuramente, mudaria totalmente a minha vida. Tudo começou quando Marciano, um outro irmão, ouviu falar do PRECE (Projeto Educacional Coração de Estudante), que funcionava na comunidade de Cipó, a 18km de Pentecoste. Então, ele decidiu ir para lá, até que, no final do mesmo ano, prestou vestibular para o curso de Agronomia na UFC e foi aprovado. A aprovação de Marciano no vestibular me deu a chance de conhecer novos possíveis rumos para o meu futuro, como entrar na faculdade, pois não sabia o que realmente faria na minha vida após o término do ensino médio, mas como ainda estava terminando a oitava série, não me interessei muito em saber mais sobre vestibular e faculdade, na verdade, não sabia nem diferenciar os dois termos. Também não estava a fim de me mandar para o Cipó todos os fins de semana.

Em 2001, estava com vontade de estudar em Fortaleza para ver se me dedicava mais aos estudos, na verdade, eu queria ir porque via que muitos colegas de turma estavam indo embora para estudar em Fortaleza, eles tinham boas condições financeiras e podiam estudar nos melhores colégios de lá, ou melhor, os mais caros. Como minha mãe não tinha condições de pagar um desses caríssimos colégios, consegui me matricular em uma boa escola pública de Fortaleza, que não recordo o nome. Fui morar com minha irmã Andréa e, no primeiro dia de aula, odiei tudo e voltei imediatamente para Pentecoste, eu estava morto de saudades de casa, não agüentei nem uma semana lá. Em Pentecoste, no 1º ano do ensino médio, passei a estudar durante o turno da noite, nos anos anteriores estudava à tarde, e isso foi um fator que colaborou muito para que eu passasse o dia todo sem fazer nada, ou melhor, assistia à tevê, ia para casa de amigos, enfim, estudar que é bom, só nos dias que tinha prova.

Nesse mesmo ano, comecei a alimentar uma paixão que sempre tive, o cinema. Queria sempre ir ao cinema, o problema é que tinha que ir para Fortaleza, pois, em Pentecoste, não tinha cinema, o que se tornava algo muito caro para mim. No segundo semestre do mesmo ano, conheci um colega de sala, novato, que veio de outra cidade e se chamava Tales, e passei a conversar muito com ele, que era um pouco revoltado com a vida, e aprendi a ver as coisas de outra maneira, ser mais flexível. Por exemplo, eu sempre fui muito religioso, ia à missa todo domingo e pensava que o catolicismo era a religião certa, cujas doutrinas deveriam ser seguidas fielmente. Depois que passei a conversar com Tales, já deixei de colocar a mão no fogo por qualquer religião. Acho que, até hoje, ele está procurando uma maneira de provar que Deus não existe, eu não me martirizaria tanto por causa de uma pergunta que nunca terá resposta. Nesse mesmo ano, um outro irmão meu, Marcisto, decidiu participar do PRECE e

ia todos os finais de semana para o Cipó para estudar. No final do mesmo ano, tentou para Engenharia de Pesca na UFC, mas não obteve êxito.

Em 2002, estava fazendo o segundo ano, levando a vida na mesmice de sempre e, pior, o amigo com quem gostava de conversar tinha ido embora. Nessa época, como um bom adolescente deve ser, minhas crises existenciais começaram a surgir e, também, minha rebeldia. Detalhe, até hoje, algumas pessoas mais próximas costumam dizer que sou uma crise existencial ambulante, o que não é totalmente uma mentira. No final desse ano, Marcisto, que ainda continuava estudando no PRECE, prestou vestibular, novamente, para o curso de Engenharia de Pesca na UFC, conseguindo ser aprovado. Além de alegria, a notícia de que outro irmão meu tinha passado no vestibular me trouxe uma certa preocupação, pois minha mãe, que sempre foi uma mulher muito batalhadora e desejava que nós estudássemos para ter um futuro digno, certamente, desejaria que eu fosse o próximo filho a ir estudar no Cipó, algo que eu não desejava.

No começo de 2003, soube da notícia de que o PRECE teria um núcleo de estudos na sede de Pentecoste (zona urbana). Isso me animou bastante, pois não precisaria ir para o Cipó para poder estudar e não queria passar o resto da minha vida tendo um subemprego em Pentecoste, queria estudar e entrar na faculdade, embora ainda não tivesse muitos conhecimentos sobre o que era ela. Matriculei-me no PRECE e segui meus estudos paralelamente aos da escola regular, estava fazendo o terceiro ano do ensino médio. Foi então que algo fantástico aconteceu na minha vida, desde o primeiro dia de aula no PRECE, apaixonei-me pela metodologia inovadora, onde os estudantes se auto-educavam e pela ideologia de cooperação e solidariedade, além do mais, foi no PRECE que conheci os melhores amigos de minha vida. Comecei a ter o hábito de estar sempre estudando, pois aprendi a gostar de estudar, deixando a preguiça que sempre tive de lado. Todas as pessoas com quem convivia no PRECE pensavam igual, queria prestar vestibular no final do ano, foi então que a ficha caiu e percebi que, no final do ano, também ia fazer vestibular e as dúvidas sobre os cursos que poderia fazer começaram a me atormentar. Há algum tempo, tinha pensado em Computação e Letras-Ingês, mas logo tirei Letras de cogitação, pois a idéia de ser professor me frustrava. Depois, pensei em Jornalismo porque gostava muito de escrever. Além desses cursos, pensei em Ciências Biológicas, Química (desde criança queria ser cientista), História e até em Psicologia e Administração. Mas logo fiquei convicto de que, no final do ano, prestaria vestibular para Jornalismo na UFC. No final do ano, prestei vestibular, mas não passei. Isso me frustrou no começo, mas estava ciente de que não desistiria de estudar para passar no vestibular.

Em 2004, comecei meu segundo ano letivo no PRECE. Já tinha concluído meus estudos secundários e estava totalmente livre para me dedicar unicamente ao PRECE. Estava com o nível mais avançado e estudei muito, estudava de manhã, tarde e noite, pensava em vestibular 24 horas por dia. Nesse tempo, não conseguia imaginar como seria minha vida sem o PRECE. Atuava, também, como monitor das disciplinas de português e história, ajudava os estudantes que iniciavam seus estudos no PRECE, além do mais, esse programa mudou o meu modo de pensar sobre educação, pois me preocupava também em achar uma maneira de ajudar a realizar uma mudança social na minha comunidade, talvez ajudando a conscientizar a população sobre seus direitos e deveres, enfim, trabalhar a cidadania. Os meus estudos prosseguiram arduamente e foi, então, que bateu um medo de ser reprovado novamente no vestibular, parece que, quanto mais estudava, mais medo de não passar eu tinha. Pensei bem se faria vestibular novamente para Jornalismo, pois nunca quis trabalhar em rádio ou noticiários

de tevê, sempre quis trabalhar escrevendo, foi então que pensei em fazer para Letras, mas a velha idéia de ser professor me causava medo. Procurei conselhos de amigos do PRECE que faziam Letras e eles me mostraram os outros rumos que um estudante de Letras pode ter além de lecionar. Após várias conversas, decidi fazer vestibular para Letras, pois poderia fazer o mesmo que queria no Jornalismo. No final do ano, fui fazer o vestibular muito tranqüilo e o resultado disso foi a minha aprovação em nono lugar no curso de Letras da UFC, isso me causou alegria, mas, também, preocupação.

No final de fevereiro de 2005, começaram as aulas na faculdade, vim morar em Fortaleza, tudo era totalmente diferente de tudo que tinha vivido antes em Pentecoste. Estava longe da família, morando em uma residência universitária, embora voltasse todos os finais de semana para casa para ajudar no PRECE. O começo do primeiro semestre na faculdade foi terrível, fui abalado por crises constantes, pois não queria, definitivamente, estar no curso de Letras, queria estar fazendo Jornalismo, arrependi-me e queria desistir e voltar para Pentecoste para estudar e fazer vestibular novamente. Eu queria fazer Jornalismo porque queria trabalhar na área de cinema, pensava que só dessa maneira poderia conseguir isso. Decidi continuar no curso de Letras até o final do semestre se tudo não era apenas crise de começo de curso. O tempo foi passando e fui começando a me identificar com o curso. Pouco tempo depois, o fato de manter contato com as diferentes literaturas de todo o mundo (além de escrever histórias, sempre adorei lê-las também) e com as diferentes línguas me apaixonou.

O resultado disso foi que terminei meu primeiro semestre com boas notas e estou preste a começar o segundo muito animado. Planejando, futuramente, tornar-me um roteirista de cinema e realizar trabalhos literários na área de literatura fantástica e existencial. Além do mais, planejo continuar sempre voltando para Pentecoste nos finais de semana para ajudar no PRECE, assim como fui ajudado, sou facilitador da disciplina de redação nos núcleos de Pentecoste e Apuiarés e pretendo continuar fazendo esse trabalho que tanto me fascina e me apaixonou, voltando à minha comunidade para tentar construir uma vida melhor, além de ajudar os pré-vestibulandos a escrever melhor, trabalhar na conscientização política da população pentecostense.

Maria Marcilene

“Tudo vale a pena se a alma não é pequena.”

Fernando Pessoa

Sou Maria Marcilene Oliveira do Carmo, filha do pescador Manuel Barbosa do Carmo e da professora Maria do Socorro Oliveira do Carmo, ambos tiveram oito filhos, todos nascidos em Pentecoste, Ceará, dos quais sou a primogênita.

Irromper dessa união tem sido para mim um orgulho, vivenciei carinho, dificuldades e superações. A garra dos meus pais estava toda voltada para a boa criação dos seus filhos. Em meio a essa realidade, construiu-se em mim uma pessoa sensível e amante dos desafios.

A fugacidade da fase de criação traz-me profundas lembranças de irmã e mãe ao mesmo tempo. Aos sete anos de idade, meus pais davam-me instruções para cuidar das minhas quatro irmãs, enquanto eles trabalhavam fora de casa na parte da manhã. Isso me fez uma adulta precoce “a respeito de assumir responsabilidades”.

E, na mais tenra idade, a adorável cidade interiorana, Pentecoste, foi palco da minha criação. O açude Pereira de Miranda, de onde meu pai tirava o sustento da família, foi usufruído com meus irmãos como se fosse minha segunda casa, os pulos das pedras, a natação, o “tira-fôlego” e os passeios de cano marcaram esses grandes momentos de alegrias.

Fui crescendo, o conhecimento evoluiu, precisei deixar o meu interior para buscar novas perspectivas, mas para ele sempre voltei e voltarei como uma filha grata, disposta a ajudar no seu desenvolvimento social.

Na esperança da vida melhorar

Quando nasci, meus pais moravam numa comunidade rural de Pentecoste, chamada Alto Branco, localizada às margens do açude Pereira de Miranda. Ainda nesses anos, morando ali, nasceram também as minhas quatro primeiras irmãs: Rita Márcia, Marta Helena, Marilene e Meirilene.

Minha mãe lecionava numa pequena escola da localidade, mas não trabalhava com carteira assinada. Para melhorar a sua situação, ela e papai decidiram morar na zona urbana. Na época, eu tinha cinco anos, mudamos para o bairro São Pedro, que fica bem próximo da escola de ensino fundamental José de Anchieta e Silva, na qual minha mãe passou a trabalhar, através de concurso para zeladora, até se efetivar como professora, anos depois. Além da escola, o lugar ficava também próximo do açude supracitado, garantindo também a atividade pesqueira do papai.

Aos sete anos, fui matriculada nessa escola, logo na primeira série, dois anos antes minha mãe havia me ensinado em casa, aprendi a fazer meu nome e conheci a famosa cartilha do ABC. Lembro que, na mesma época, tive problemas de saúde e me ausentei das aulas, por um mês, então a professora Eurilene Bezerra e os meus colegas levaram as avaliações para eu

fazer em casa; fiquei tão surpresa com aquela visita e com meu desempenho nas atividades escolares que passei a me sentir importante para a escola. Estudei nela até a quarta série, foram anos maravilhosos.

O que corresponde hoje ao ensino fundamental dois, na época a escola não oferecia. Mesmo temerosos com a distância e o trânsito, meus pais me matricularam na escola de ensino fundamental e médio Tabela José Ribeiro Guimarães, onde estudei até a oitava série. Foram anos atravessando de bicicleta ou a pé a extensa parede do açude.

Nesse período, além da escola, dedicava-me ao grupo de jovens, coordenado por Ana Maria Teixeira, na igreja do bairro onde eu morava, que aos poucos se transformou numa grande amiga.

Ao concluir o ensino fundamental, mais uma vez mudei de escola, Padre Antonio Moreira, onde estudei somente por ano. Até aqui, só pensava em um dia ser estudante de Direito. Sabedora do meu sonho de ampliar os estudos, a minha grande amiga e também madrinha de crisma, Ana Maria, recém-casada com o professor Manoel Andrade, convidou-me para morar com eles e estudar em Fortaleza.

Meus pais não hesitaram em permitir que eu aceitasse o convite. Novamente mudei de escola, agora estava em Fortaleza, dentro de outra realidade do bairro em que eu morava. Nesse ínterim, minha avó materna, Maria José, almejava que eu fosse morar com ela em Maracanaú.

O verdadeiro despertar de estudante

Sempre imaginei que estudar seria uma extensa escada para mudar de vida. Nunca enfrentei o mercado de trabalho porque espero que a minha formação acadêmica me garanta sustentabilidade.

Sabe-se que, no Brasil, o estudante da classe popular não pode se dar ao luxo de estudar sem trabalhar, poucos têm essa oportunidade. Eu a tive porque meus pais e minha avó Maria, aposentada como professora do município, ajudavam-me para que eu não precisasse.

Chegou o tempo em que finalizei o ensino secundário e meus pais pensavam que, com minha aprendizagem, poderia arrumar um emprego. Apesar de ter sido uma boa aluna para a escola, sabia que o conhecimento que eu tinha não era o suficiente para enfrentar o vestibular, então era muito difícil trabalhar oito horas e estudar durante a noite. Eu pedia para meus pais terem paciência.

Costurando andanças em busca de objetivos

Em meados da adolescência, conheci o recém-formado Projeto Educacional Coração de Estudante – PRECE. A ousadia das pessoas envolvidas nesse projeto me chamava muita a atenção. Na época eu já morava em Fortaleza, na casa de Ana Maria e Andrade. Como eles retornavam todos os finais de semana para trabalhar no PRECE na comunidade do Cipó, em Pentecoste, eu retornava com eles e tinha a oportunidade de visitar esse projeto e a minha família que morava a 18km dali.

Com as minhas andanças naquela localidade, deparava-me com uma casa de fazer farinha, desativada, que acomodava estudantes interessados em estudar. Em todos os lugares da casa, encontrava pessoas com livros nas mãos, compenetrados na leitura, outras vezes, estudavam em grupo, discutindo os conteúdos. Tudo o que presenciava estava voltado para a aprendizagem.

Eu ficava admirada com o que via, mas não me imaginava sendo uma daqueles estudantes. Além de tudo, nem energia elétrica tinha naquela casa, isso seria muito difícil para mim, estudar à luz de uma lamparina ou de uma vela, e o ambiente tinha máquina, forno, um espaço aberto, chão esburacado, sem aparência de escola, aquilo não me era estimulante. Uma realidade totalmente distante da escola em que estudava em Fortaleza.

No entanto, ficava impressionada com a dedicação dos estudantes Adriano Andrade, Noberto Bezerra, Francisco Gonçalves, Carlos Roberto (Beto), Ana Maria, Orismar Barroso, Nacélio de Sousa e Genival Barros. Minhas visitas ficaram freqüentes. Com o tempo, não via mais aquelas dificuldades, percebia os bons reflexos apesar de tudo.

Quando a luz elétrica chegou naquele lugar, os meninos podiam estudar até mais tarde, além disso, aos poucos, eles cresciam na aquisição do conhecimento; inclusive, no tão difícil vestibular, um dos estudantes precisas, Antonio Rodrigues, fora aprovado. Passei anos presenciando o sucesso de cada um daqueles estudantes. Eu comentava em casa para meus pais e meus irmãos o que acontecia no Cipó, eles ficavam admirados com o que eu lhes dizia.

Como em Pentecoste não existia o ensino médio pelo sistema supletivo, alguns desses estudantes se deslocavam para realizar provas quinzenais no Centro de Educação para Jovens e adultos em Fortaleza, e ficavam instalados na residência do professor Andrade. Como eu morava lá, nos encontrávamos quando eles iam fazer provas e, em 1997, chegamos a estudar juntos na preparação para o vestibular durante um mês antes das provas. Por isso, a cada dia eu me envolvia mais com o PRECE, sem fazer parte dele, oficialmente.

Em 1998, um mês antes da realização das provas do vestibular da Universidade Federal do Ceará, aqueles estudantes ficavam hospedados nas dependências da Primeira Igreja de Fortaleza – IPI, que sempre prestou auxílio ao projeto.

Na segunda vez em que não passei no vestibular, fui morar com a minha avó Maria em Pajuçara, bairro da cidade metropolitana de Fortaleza, Maracanaú, onde trabalhei na Paróquia de São Sebastião, por um ano, como monitora de crisma. Mas eu continuava estudando com um grupo de precisas permanentes em Fortaleza, que se reunia na IPI, agora durante a semana, pois Genival Barros e Orismar Barroso moravam na casa da IPI. Com eles, eu e outros estudantes nos reuníamos para aprender com os precisas universitários Antonio Rodrigues, Adriano Andrade, Noberto, Francisco, Beto, Ana Maria e seus demais colegas de faculdade.

Houve um ano em que me afastei do PRECE para estudar num cursinho, já havia voltado a morar na casa do professor Andrade, pois ficava próximo de onde eu estudava. O vestibular daquele ano me deixou muito triste e desiludida. Diante disso, meus pais pediram para eu retornar para casa e arrumar um emprego em Pentecoste. Voltei, não fiz nenhum esforço para arrumar trabalho, pois só pensava em passar no vestibular. Duas semanas após o meu retorno, Ana Maria e Andrade foram conversar comigo e com minha mãe. Ao perceber meu desestímulo diante das derrotas no vestibular, eles, que tantas vezes haviam me motivado a continuar estudando, mais uma vez me fizeram refletir sobre meu sonho obscurecido pelas reprovações.

Naquela ocasião, Andrade me propôs um desafio, compartilhar a minha experiência estudantil com os estudantes do PRECE. Essa idéia me fez perceber que eu poderia vencer as frustrações; ao aceitar a proposta, conversei com minha família e arrumei as bolsas para morar na casa dos pais do Andrade, Arão e Francisca Andrade, em Cipó. No estado de solidariedade, eu aprendia muito e compartilhava meus conhecimentos de História e Língua Portuguesa com os estudantes do Pré-Vestibular Cooperativo e da Educação de Jovens e

Adultos – EJA. Nesse momento, não pensava mais só no vestibular, estava apaixonada pela experiência, isso se tornava mais importante.

Esse era o ano de 2001, muito radiante na minha vida, pois nunca havia experimentado aprender ensinando. Tudo aconteceu justamente na casa de farinha, onde passava a maior parte do meu tempo, estudando em grupo com Carmem de Sousa, Raimundo Regivaldo, Waldey Sousa, Benedito e o casal, Adriano e Maria Ione Sousa. Naquele ínterim, cada instrumento da casa era como se fosse uma ornamentação que contribuía na aquisição do nosso conhecimento. Mas cheguei a presenciar, no mesmo ano, a retirada daqueles objetos, pois aumentava o número de estudantes e era necessário um espaço mais amplo para acolhê-los. Todas as tardes no intervalo do estudo em grupo, Regivaldo, Waldey e Benedito desconstruíam a velha estrutura para fazer a casa de estudante. Foram meses em que os meninos ajudaram a dar nova forma ao ambiente que hoje tem uma estrutura melhor: cinco quartos transformados em dormitórios, um pequeno auditório aberto, uma cozinha com refeitório, dois banheiros e o grande alpendre. Esses espaços, além da sombra dos pés de juazeiros aos arredores, são usados para estudar e acolher os estudantes que vêm de outras comunidades.

Paralelo a essas transformações, que contribuía para o bem comum, adquiria experiência em docência e sedimentava meu conhecimento. Capacitei-me melhor para o quinto vestibular prestado na UFC, no qual, assegurado pela minha dedicação, obtive ótima colocação para o curso de Letras.

A alegria foi muito grande, principalmente para a minha família. Hoje tenho três irmãos que também acreditam e sonham com o ensino superior e também participam do PRECE.

Por que sou professora?

Aos 16 anos, ouvi na escola que para ser advogada eu precisaria fazer uma prova de seleção muito concorrida. Eu queria ser advogada porque a injustiça vista na televisão e no bairro me doíam.

Todavia o tempo foi passando, descobri que as injustiças podem ser combatidas de várias formas e por qualquer profissional. Além disso, o vestibular para o curso de Direito era muito concorrido e uma estudante que sempre foi de escola pública não se sentia capacitada para enfrentá-lo.

Quando pensei em outro curso, lembrei do meu bom desempenho escolar na disciplina de Geografia. Entretanto, Ana Maria, que também desejava fazer o curso de Letras, havia me falado sobre o curso e, como eu gostava muito das suas específicas, Língua Portuguesa e História, optei por ele. Ser professora de Língua Portuguesa seria mais interessante, a minha avó Maria e minha mãe desempenhavam essa profissão e eu as admirava muito. Imaginei que estava no caminho certo.

Ao me envolver com o PRECE, percebi que mediar conhecimentos é uma tarefa muito prazerosa, porque ao contribuir para que o outro aprenda, sinto-me útil e importante para a sociedade.

A universidade

Ser aprovada no curso de Letras foi um grande mérito alcançado na minha vida. A partir dessa conquista, entrei em outro mundo, o das teorias, porque o inverso dele eu já vivia, a prática.

Depois que passei no vestibular, retornei para Fortaleza, onde fico durante a semana e, nos finais dela, volto para a minha comunidade, através do PRECE, para desempenhar o meu trabalho de mediadora na disciplina de Redação, que realizo há três anos, e para ver a minha família.

O PRECE e a universidade têm me aberto muitas portas. O fato de ser universitária me garante outra aceitação na sociedade, e ser precista me garante praticar meus conhecimentos e exercer minha cidadania.

Eu esperava muito mais do que a universidade oferece, imaginava que ela seria mais dinâmica, enganei-me. Apesar das ajudas que recebo do PRECE e da minha família, sofro muitas dificuldades, principalmente o acesso aos livros. O acervo universitário não oferece livros suficientes para as pesquisas e para os empréstimos.

Espero que a universidade pública venha melhorar, escancare as portas para o estudante da classe popular, através de suas políticas públicas, forme pesquisadores e consiga mantê-los produzindo para o desenvolvimento nacional.

As Realizações Pósteras

A faculdade de Letras é muito boa e ampla, estou quase concluindo o curso. Ainda não tenho nenhum trabalho publicado na área, parece que há um mundo em seus departamentos que é proibido, apenas alguns escolhidos podem ter acesso a ele. Mesmo com essa distância que vivencio na graduação, gosto muito do curso e penso que posso usufruí-lo melhor dentro do meu trabalho no PRECE.

Idealizo fazer pós-graduação, publicar trabalhos na área da escrita, com o objetivo de valorizar minha vida profissional e de colaborar com minha comunidade. Pretendo trabalhar na área social, pois acredito na coletividade e no seu poder de construção. Todas as minhas realizações dependem do meu compromisso com o outro.

Antonia Nicelly Pires Marques

Sou a quarta filha de uma família de cinco irmãos. Deveríamos ser sete irmãos, mas o primeiro morreu antes de completar um ano de vida, ele tinha um problema que afetava o desenvolvimento cerebral, então ele não resistiu. Depois que isso aconteceu, minha mãe tinha muito medo que seus outros filhos também nascessem com alguma deficiência física. Graças a Deus, isso não aconteceu. Porém, meu último irmão nasceu morto.

Então, somos cinco, duas mulheres e três homens. Pela ordem de nascimentos, somos: Itamar, Lindo (Joaquim), Nívea, eu e Neto (Manoel). O mais velho é casado e tem dois filhos lindos: o Gabriel e a Giulia, que são o “bem querer” da família.

Meu pai (Benedito Alves Marques), hoje agricultor aposentado pelo INSS, trabalhou a vida inteira cuidando de gado e plantando, e ainda faz até isso hoje, e minha mãe (Terezinha Pires Marques), também agricultora aposentada, é uma pessoa digna de ser chamada senhora do lar.

Nasci no ano de 1983, na cidade de Pentecoste, que fica a 85km de Fortaleza (CE). Porém, fui registrada na cidade de Apuiarés. Quando tinha um ano de idade, fomos morar no município de General Sampaio. Morávamos num lugar um pouco afastado da cidade que se chama Curú, localizado perto de um rio com o mesmo nome. Era uma casa grande, mas não pertencia à minha família, meu pai apenas cuidava e tinha a liberdade de plantar e cuidar de seu gado. Essa casa ficava próxima do rio, então sempre íamos tomar banho lá; era muito bom. Tenho lembranças de um dia em que quase me afoguei, pois o rio estava cheio, a sorte foi que uma senhora, amiga de minha mãe, me salvou antes que eu me afogasse. Lembro também que, quando íamos nos mudar desse lugar, eu, minha mãe e meus irmãos fomos nos despedir do rio, era um lindo fim de tarde, o Sol estava se pondo. Até hoje tenho essa imagem em minha lembrança. Isso aconteceu depois de uns cinco anos que morávamos lá, então meus pais resolveram mudar de cidade de novo.

Nessa cidade, era muito difícil estudar, pois não tinha escola perto. Meu irmão mais velho já não morava mais conosco, pois tinha ido morar na casa de uma tia em Pentecoste, para concluir os estudos. Nessa época, já tinha idade para estar na escola, porém não tinha nenhuma por perto. Meu outro irmão, Joaquim, estudava em General Sampaio, ia a cavalo ou de bicicleta. Minha irmã estudava ali mesmo no Curú, ela ia a pé para a casa de uma senhora que dava aulas particulares para algumas crianças.

Com o passar do tempo, minha mãe matriculou-nos, eu e meu irmão mais novo, no mesmo local em que minha irmã estudava, lembro que tinha muita preguiça de ir para essa “escolinha”, pois íamos a pé, e eu achava muito longe. A casa em que morávamos ficava distante do pequeno município General Sampaio. Para chegar lá era necessário atravessar o rio Curú de canoa. Na época de cheia, era grande a dificuldade, além de muito perigoso. As pessoas tinham sempre que ir à cidade, pois onde moravam não tinha comércio, farmácia, nada perto, tudo do básico que precisávamos encontrávamos na pequena cidade de General

Sampaio. Certa vez, quando meu irmão Itamar voltava de Pentecoste, o rio estava muito cheio e ele quase se afogou, pois a correnteza era muito forte.

Em 1990, mudamos, então, para Paraipaba, que fica, aproximadamente, a 100 quilômetros de Fortaleza. Um dos motivos dessa mudança foi que nessa cidade poderíamos entrar em uma escola regular. Então, meu pai vendeu algumas vacas e comprou um lote de 5, com uma casa no município de Paraipaba, onde moramos até hoje. Lá é muito bom para se viver, a nossa casa tem um quintal grande, com muitas fruteiras. No resto do lote, meu pai produz coco para vender e é assim que ele complementa a aposentadoria para manter a família.

Assim que chegamos em Paraipaba, minha mãe me matriculou no colégio mais próximo. Entrei logo na alfabetização, pois já tinha cinco anos. Eu tinha uma grande vontade de estudar e, até então, meu sonho era começar logo a ler e a escrever. Sempre fui boa aluna e nunca fiquei para recuperação e, muito menos, reprovada. Meus pais, apesar de terem estudado apenas até a quarta série, nos cobravam muito, incentivando os nossos estudos. Então, estudei na escola pública Perímetro Irrigado Curú-Paraipaba, da alfabetização até a sexta série. Meu irmão mais novo estudava comigo na mesma sala. Nesse ano, ele repetiu a alfabetização e eu passei para a primeira série, em que aprendi a ler e a escrever. Eu era uma aluna muito quieta e dedicada, e os professores me adoravam por isso. Não lembro de ter tido nenhum desentendimento com colegas até então. E assim foi na segunda, terceira e quarta séries. Até então, só tirava boas notas, no mínimo oito, mas na quinta e sexta séries, eu tinha uma professora muito chata, ela ensinava todas as disciplinas. A disciplina de matemática começou a ficar mais complicada nessa série, eu e os demais alunos tínhamos dificuldade, mas a professora não tinha muita paciência. Certa vez, ela chegou a nos chamar de “burros”, acho que por isso eu não gostava muito dela, mas, apesar disso, fui aprovada para a sétima série.

Nessa época, meu irmão mais velho já tinha concluído o ensino médio. Ele era diretor de uma escola filantrópica da CNEC (Conselho Nacional de Escolas da Comunidade) em Paraipaba, há alguns anos. A casa em que moramos fica a 4km da zona urbana. O colégio em que eu estudava só tinha até a sexta série, então fui estudar no colégio em que meu irmão trabalhava como diretor, mas no ano em que eu entrei houve alguns problemas internos que ele teve de sair desta escola no final do ano letivo. Como ele era quem pagava meus estudos e de meus irmãos, então, tive de sair do CNEC e fui terminar a sétima série em uma escola pública na cidade: Altina Laranjeira. Apesar de a CNEC não ser uma ótima escola, era a melhor da cidade e tinha o ritmo bem mais puxado, ao qual eu já estava acostumada. Então, no final do ano, quando tive que ir para a escola pública, senti uma grande diferença, pois estava, na verdade, vendo uma revisão de tudo o que já tinha estudado. Na CNEC, não era a melhor aluna da sala, mas ficava entre as melhores, pois sempre tive muita preocupação de não decepcionar meu irmão, não só porque era ele quem pagava meus estudos, mas, também, porque ele e meus pais sempre acreditaram muito em mim, e eu não queria decepcioná-los. Por isso, sempre me dediquei bastante.

No ano de 1998, meu irmão foi trabalhar como diretor do colégio particular Centro Integral de Ensino Paraipaba e Paracuru (CIEP), e eu fui estudar nesse mesmo colégio. Lá, cursei da oitava série ao terceiro ano do ensino médio. Foram quatro anos muito bons em minha vida e muito proveitosos em meus estudos. A 8ª série foi o melhor ano, pois minha turma era considerada a melhor do colégio. Todo ano, tinha a FECIC – Feira Científica do CIEP. Tínhamos que apresentar uma experiência ou algo relacionado à ciência. Era muito interessante. Sempre fui muito tímida e sempre tive a maior dificuldade

em me apresentar para o público. Nessas feiras científicas, fui perdendo um pouco disso, pois nós nos apresentávamos para muita gente, pois era aberto para alunos dos demais colégios da região. Eu gostava de participar, a nota da FECIC valia como nota para as disciplinas de cálculo, eu nunca me identifiquei muito com essas disciplinas, mas me saí razoavelmente bem nelas.

Concluído o ensino médio, e saindo de um terceiro ano bastante turbulento, percebi que não estava tão preparada para enfrentar o vestibular. Esse era o meu grande sonho: desde criança, sempre quis cursar uma faculdade. Não era aquele sonho de ser médica, advogada e nem professora, eu queria mesmo era me formar, ter uma profissão certa, mas ainda não tinha escolhido uma.

Quando terminei o terceiro ano, vi-me desamparada, sem rumo certo. Acho que isso é o que a maioria dos jovens de classe baixa sente quando termina o ensino médio. Não que meus pais e minha família fizessem cobranças exageradas, mas sentia que era a hora de começar a me virar só. Então, queria prestar vestibular, porém não me sentia suficientemente preparada para a temida prova. Naquela época, vestibular, para mim, era um bicho de sete cabeças. Por isso, não fiz vestibular naquele ano. Muitos dos meus colegas tentaram passar no vestibular da UFC, uns passaram, outros não. A maioria faz a UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú, lá mesmo em Paraipaba.

Eu não queria fazer a UVA, pois, na época, só tinha o curso de Pedagogia, e ser professora nunca foi o meu sonho, e também tinha outro problema, a mensalidade dessa faculdade era muito cara, por mais que meus pais fizessem um esforço para pagar, não me sentiria bem vendo eles fazerem esse esforço por algo que, na verdade, não era o que eu almejava. Então, deixei bem claro que queria mesmo era cursar uma universidade pública, mas, para passar no vestibular, teria que, antes, fazer um cursinho preparatório para o exame. Porém, na cidade em que morava, não tinha nenhum cursinho. As únicas coisas que fiz nesse ano em que estava sem estudar, foi um curso de informática, que, por sinal, não concluí, e um de inglês, cujo professor era meu irmão. Minha mãe queria que eu fizesse um cursinho em Fortaleza, mas como eles iriam bancar o cursinho e ainda um lugar para eu morar? Eles não tinham condições para isso.

Então, em meio a isso tudo, foi que ouvi falar pela primeira vez, no ano de 2002, do PRECE. Minha mãe veio toda empolgada falar desse projeto para mim. Ela e meu irmão Joaquim conheceram o PRECE através dos nossos parentes, tios e primos, que moram em Canafístula, que se localiza no município de Apuiarés. Minha tia Vanda falou-lhes que seu filho Leandro tinha passado no vestibular da UFC para o curso de Pedagogia, através do PRECE. Minha mãe viu que essa poderia ser a solução para os meus problemas, pois, se fosse mesmo estudar no PRECE, moraria na casa dos meus tios, e meus pais não teriam muitos gastos comigo.

Quando minha mãe e meu irmão me falaram do PRECE, nenhum deles soube realmente explicar como era o projeto, até mesmo porque eles não o conheciam de perto, só sabíamos o que as pessoas nos falavam. Em princípio, eu era totalmente avessa à idéia de ir morar no interior do interior de Pentecoste, para estudar num projeto que eu não conhecia ainda como era e onde não conhecia ninguém.

Então, demorei um tempo para amadurecer essa idéia, minha mãe e meu irmão me deram a maior força, diziam que eu iria conhecer muita gente legal, iria gostar etc. Para o Cipó, eu não quis ir, pois ficava muito longe de Paraipaba, cidade onde meus pais moram.

Eu, realmente, não aceitava a idéia de sair de casa pela primeira vez, ter que me virar sem a mamãe, que fazia todas as minhas vontades até então.

Porém, em 2003, quando o PRECE implantou um núcleo em Pentecoste, aceitei melhor a idéia de participar do PRECE. Só que, nesse ano, aconteceram alguns imprevistos. Eu fui chamada para trabalhar numa ótica na cidade em que eu morava, então, com a ilusão de ganhar dinheiro, aceitei o trabalho de recepcionista nessa ótica, adiando assim meu sonho de estudar para ingressar em uma universidade pública.

Minha mãe e meus irmãos sempre foram contra eu trabalhar, pois eles queriam que eu estudasse, mas como era eu quem queria, me apoiaram. Mas, graças a Deus, fiquei muito pouco tempo nesse trabalho, somente três meses. A princípio, fiquei arrasada, pois havia passado por toda uma seleção e ficado em primeiro lugar nas provas que fizemos sobre ter noções básicas para trabalhar numa ótica, então, fiquei muito triste. Mas, depois, vi que era o melhor que poderia me acontecer naquele momento, do contrário, eu iria adiar, ainda mais, meu sonho de estudar e, talvez, se ficasse lá mesmo, nunca realizaria meu sonho. Foi aí que o PRECE entrou na minha vida.

Em maio de 2003, comecei a me organizar para estudar no PRECE, no núcleo de Pentecoste. No fim do mesmo mês, meu irmão me levou para Pentecoste, fiz a minha matrícula no PRECE e fiquei morando na casa de meus tios. Foi muito difícil, para mim, sair de casa, pois não gostava muito da idéia de morar na casa de parentes. Então, quando isso aconteceu, chorei muito. Eu queria estudar no PRECE, só não queria ficar longe da minha família, mas nem tudo acontece como a gente quer.

Custei a me acostumar com a metodologia do projeto, tudo era muito novo para mim e eu não entendia direito como funcionava. Imaginava que era um cursinho normal, com professores dando aulas, mas era completamente diferente.

Passei a morar em Pentecoste, durante a semana, estudava no PRECE e, nos finais de semana, ia para a casa dos meus pais, em Paraipaba. Nas primeiras semanas, foi horrível para mim, pois sentia saudade de casa, ainda não conhecia ninguém e não tinha amigos. Por tudo isso, não me sentia bem. E, como sou muito tímida, sempre tive muita dificuldade em fazer novas amizades, mas, aos poucos, fui conhecendo as pessoas do PRECE e fiz as primeiras amizades no projeto. Lembro-me de que conversava muito com os meninos, entre eles o Shycon, e nessas conversas ainda falava muito em desistir, porém, os meninos me incentivavam a continuar. E, assim, o tempo foi passando, no fim do semestre, já conhecia a maioria dos alunos, mas não tinha nenhuma amizade mais forte.

Entrei na turma de iniciantes, no PRECE. E não prestei vestibular nesse ano, pelo fato de eu ter chegado já em maio. Quando entrei no PRECE, queria fazer vestibular somente para testar meus conhecimentos, para ver como era. Em uma das reuniões com o professor Andrade e os vestibulandos, lembro que ele falou mais ou menos assim: “Não façam o vestibular só para tentar, pois, se ficássemos reprovados uma, duas vezes, isso iria nos frustrar”. Isso mexeu profundamente comigo e, naquele momento, decidi não fazer o vestibular naquele ano. Então, passei o ano revisando juntamente com os outros iniciantes, o que foi muito bom para mim e, no final do ano, fui para a casa dos meus pais em Paraipaba. Confesso que, quando entrei no PRECE, foi somente com o intuito de passar no vestibular, mal sabia que esse projeto mudaria a minha vida completamente. Mas, com o passar do tempo, fui mudando meu modo de pensar, não pensava mais só em mim, e sim no todo. Somos como uma grande família, e é muito bom fazer parte desse projeto social.

Enquanto estava de férias em minha casa, fiquei sabendo que muitos precisistas tinham sido aprovados no vestibular da UFC daquele ano. Isso me incentivou a voltar e a passar o ano de 2004 estudando no PRECE, para tentar o mesmo exame no fim do ano.

No ano de 2003, o PRECE era no colégio João XXIII, lá era bom, pois era perto de casa. Em 2004, o PRECE foi para o prédio cedido pelo DNOCS, Centro de Pesquisa em Aquicultura. Ainda hoje o núcleo funciona lá, um lugar muito bom para estudar, o único problema é que fica um pouco afastado da cidade. Nesse ano, já era da turma dos veteranos avançados e viera de Paraipaba decidida a estudar arduamente para passar no vestibular. Apostei tudo o que tinha naquele ano, pois imaginava que não suportaria passar mais doze meses na casa dos meus parentes. Não que lá fosse ruim, pelo contrário, era até bom, o problema era que eu não me sentia muito à vontade, pois nada é melhor do que sua própria casa para isso. Eu cobrava muito de mim mesma e isso foi bom, pois, realmente tinha que estudar.

Tínhamos aula até mesmo nos fins de semana; quantas vezes, no caminho para a pesquisa (local onde estudávamos), com o Sol queimando a minha pele, imaginava que poderia estar em casa, junto a minha família, e me perguntava se aquele esforço todo valeria a pena. Agora eu tive que me afastar um pouco mais da minha família, pois não podia ir todo fim de semana, como fazia antes, do contrário eu perderia aula. Isso foi bom para mim, aos poucos e, sem que eu percebesse, fui aprendendo a me virar sozinha, pois minha mãe e minha família já não estavam por perto a todo o momento.

Aos poucos, fui conhecendo como o PRECE era importante em minha vida, e já não saberia viver longe das amizades que fiz lá. Eu e minhas amigas passávamos a maior parte do tempo juntas. Pela manhã, estudava na casa da Kátya, à tarde, estudava na célula com os meus colegas no PRECE, e muitas vezes, à noite, ou formávamos grupo de estudo na casa de amigos ou íamos para o PRECE novamente. Tínhamos um grupo de estudo de matemática, às terças-feiras à noite, na casa da Isabel. Eram eu Mylana, Ale e Bel. Esses grupos de estudo foram nos aproximando e nos tornamos muito amigas.

E, assim o ano foi passando, eu estudava bastante, na verdade, somente o que podia. Porém, a minha vida não era só estudar, nas horas vagas, que eram poucas por sinal, eu dedicava aos meus amigos, então saíamos e conversávamos bastante, eu, Kátya e a Shell (Micherlene), éramos o trio inseparável. Essa foi a forma que encontrei para preencher um pouco do vazio que sentia por está longe da minha família. Nesse ponto, não tenho do que reclamar, pois sempre pude contar com o apoio dos meus amigos do PRECE. Eles eram os amigos certos na hora exata. Sempre que precisei, me ajudaram, consolavam-me quando eu estava triste e até choravam comigo, se preciso, enfim, me davam a maior força. Eu sempre disse que, além da minha vontade de realizar o sonho de cursar uma universidade, o que me segurava ali em Pentecoste era o PRECE, os amigos que ali encontrei.

Até o meio do ano, ainda não sabia para qual curso eu iria prestar vestibular. Estava na dúvida se fazia ou não para Letras-Espanhol. Só sabia as minhas específicas que eram português e história, pois sempre gostei muito dessas duas disciplinas. Depois, decidi me inscrever para o curso de Biblioteconomia, pois não era muito concorrido e eu tinha gostado do curso. Nesse tempo, já havia feito o pedido de isenção do vestibular e tinha conseguido.

Quando faltava pouco menos de um mês para o dia do vestibular, eu e Mylana, minha amiga, resolvemos orar juntas, para eu ser aprovada. Ela não tentou vestibular nesse ano. Então orávamos por mim e, também, por todos do PRECE que iam fazer vestibular. Isso foi muito importante para mim, era como se, todas as tardes, eu recarregasse as minhas forças.

Lembro-me de que eu chorava muito; desesperada, achava que não ia passar. Mylana me deu muita força nessa época, ela procurava na Bíblia palavras de conforto para mim, palavras essas que me mostravam que eu podia vencer apesar das adversidades.

Não me sentindo segura, apesar de haver estudado o ano todo para isso, foi com muita força de vontade e fé em Deus que fui fazer a primeira fase do vestibular da UFC. Foi uma experiência da qual nunca me esquecerei. Um dia antes da prova, estávamos todos hospedados no CEFET, e a Equipe de Apoio ao Estudante do PRECE cuidava para que tudo ocorresse bem conosco, que íamos prestar vestibular. Estava muito nervosa, era a primeira vez que tentava vestibular, chorava bastante, mas, no dia da prova, estava aparentemente calma, fui durante o caminho todo orando para Deus me acalmar. Na hora da prova, procurei respirar compassadamente, e comia muito chocolate. Comecei a prova pelas disciplinas de que mais gosto, depois fiz as de cálculo, que não gosto muito, e chutei a maioria das questões.

Fui aprovada na primeira fase para Biblioteconomia, na 26ª posição, com 34 acertos. Foi uma felicidade inexplicável, para mim, quando vi meu nome na lista dos aprovados. Foram em média 39 alunos do PRECE aprovados na primeira fase. Logo após o resultado, todos fomos para Fortaleza nos preparar para a segunda fase do vestibular. Passamos duas semanas juntos, uma nas dependências da Igreja Presbiteriana Independente e outra no Seminário Teológico dessa mesma igreja.

O estudo era intensivo, cada qual com as suas específicas e, também, redação. Foram dias inesquecíveis aqueles. Foi tempo de fortalecer laços de amizades. Nunca me esquecerei dos dias em que vivi lá. Sem contar os momentos de distração, que eram muito engraçados. Chegando os dias das provas e todos com os nervos à flor da pele, não tinha como não ter aquele estresse, afinal estavam ali dentro pessoas, cada qual com um gênio diferente, mas correu tudo bem. No dia das provas, estava muito nervosa, novamente, não tinha como não estar, mas fiz o máximo de questões possíveis das provas de português e história e uma boa redação.

Fomos para casa e depois de quase um mês esperando, ansiosamente, o resultado finalmente saiu. Eu devo confessar que não estava muito confiante, por mais que meus amigos e minha família achassem que eu havia me saído bem. Vinte estudantes do PRECE foram aprovados e, graças a Deus, passei para o segundo semestre de 2005.

Como só ia entrar na faculdade em agosto de 2005, quando recomeçaram as aulas do PRECE, fui ajudar o núcleo de Pentecoste. Assim como eu tinha sido ajudada, queria ajudar, também. Esse semestre foi muito bom para mim, pois pude conviver com pessoas maravilhosas, como a Ale, também aprovada para segundo semestre para o curso de Economia Doméstica. Fiquei muito feliz em ter sido aprovada somente para o segundo semestre, pois pude nesse intervalo de tempo ajudar voluntariamente no PRECE, como monitora. Ajudei na secretaria junto com Mylana e cuidei da biblioteca junto com a Thaty. A idéia de, pela primeira vez, ser monitora de três disciplinas soou como um desafio, a principio fiquei um pouco receosa de não conseguir, mas aceitei sem medo, pois sabia que não estava só, e eles podiam me ajudar. Foi uma experiência maravilhosa, pois pude perder um pouco do medo de falar em público e, além do mais, tive a chance de conhecer a maioria dos iniciantes precisistas desse ano. Com alguns até tenho laços de amizade muito forte. Fiquei ainda muito mais amiga da Ale, pois sempre estudávamos juntas para monitorar as disciplinas de geografia e história.

Hoje, prestes a começar o primeiro semestre na faculdade, o que sinto é uma grande ansiedade de começar logo a estudar, de sentir realmente como é ser universitária, pois todos

me falam, mas para mim é novo, pois ainda não vivenciei isso. Sinto também uma grande felicidade por estar realizando um dos meus sonhos, pois, agora, na universidade vejo que posso ampliá-los para alcançar todos os meus objetivos. Vou morar em uma residência universitária e, com certeza, vou gostar muito dessa nova fase da minha vida. Espero que Deus continue guiando os meus passos, como Ele tem feito até agora, para que eu consiga alcançar todos os meus sonhos sem me desviar dos planos Dele.

Orleandro Carlota

Meu nome é Orleandro Carlota da Silva. Sou estudante do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Ceará (UFC). Nasci em Cacimbas, uma comunidade rural, localizada no município de Apuiarés no interior do estado do Ceará, distante cento e sete quilômetros da capital, Fortaleza. Nasci no município de Apuiarés, no dia 8 de outubro de 1985, do casal de agricultores Luciano Alves da Silva e Maria Rita Carlota da Silva. Sou o filho primogênito e tenho mais quatro irmãos (Horlando, Orleilson, Orleilton e Luciana), que ainda hoje são dependentes e moram com os pais.

Minha vida estudantil

Aos sete anos de idade, iniciei minha vida estudantil, numa antiga casa adaptada em escola, com precária infra-estrutura, bem próximo de onde ainda hoje moro. Foi nessa casa que aprendi a ler e a escrever, e estudei até a 3ª série primária. Nessa idade eu não tinha nenhuma noção do motivo pelo qual meus pais haviam me mandado estudar, e acredito que nem mesmo eles entendiam o verdadeiro sentido e a importância da educação para alguém.

Apesar de viver em uma comunidade rural, sempre fui um estudante muito interessado em aprender e descobrir coisas novas, mas era muito impaciente e tinha muita dificuldade em receber instruções, normalmente eu me sentia melhor estudando sozinho. Quando estava aprendendo a ler, minha mãe, que sempre foi interessada pelos meus estudos, com os poucos conhecimentos que tinha, às vezes tentava me ajudar nas tarefas da escola. Eu não aceitava a sua ajuda, e ela reclamava dizendo que eu não aprenderia sozinho, mas eu teimava em acreditar que seria capaz.

Sempre fui muito estudioso e, por isso, meus colegas muitas vezes me pediam para ajudá-los a resolver os exercícios. Minha professora passava trabalho para casa, que depois seria corrigido em sala, mas quase sempre ela pegava o meu caderno e apenas colocava um visto, não corrigindo de fato e, quando alguns estudantes perguntavam por que ela não verificava as minhas respostas, ela respondia dizendo que tinha certeza que estariam corretas.

Quando cursava a 2ª série, certo dia, aconteceu uma situação constrangedora, a professora pediu que desenhassemos um animal vertebrado e um invertebrado. Um dos colegas desenhou um homem como exemplo de animal vertebrado e veio me perguntar se estava correto. Eu falei que uma pessoa não é um animal, por que minha mãe sempre me falava que nós não somos animais. O meu colega se convenceu e apagou seu desenho, mas depois a professora explicou o contrário e eu fiquei com muita vontade de chorar, talvez por ter feito o colega errar, pois, ao invés de ajudá-lo, eu o atrapalhei, ou por me sentir decepcionado pelo equívoco. No momento, senti raiva da minha mãe, porque ela havia me ensinado errado. Hoje, já adulto e como estudante de Biologia, eu posso entendê-la, pois sei que, para as pessoas simples do

interior, animais são apenas os seres irracionais e minha mãe, apesar de toda boa vontade em me ensinar, não tinha estudado para ter conhecimento de biologia sistemática.

Após concluir a 3ª série, tive que ir estudar na escola municipal Nely Ribeiro Luz, na comunidade de Canafístula, onde cursei da 4ª à 8ª série do ensino fundamental. A nova escola já era mais distante e se localizava a três quilômetros de minha casa, por isso eu tinha que pegar o transporte escolar. Esse foi um momento em que fiquei dividido, pois não queria sair da minha antiga escola, mas, para dar continuidade aos estudos, isso se fazia necessário, já que aquela velha casa onde estudei cinco anos só ensinava até a 3ª série. Aos poucos fui gostando da experiência fantástica de estudar em outra comunidade, onde fiz novas amizades, passei a conhecer outras pessoas, a conviver com as diferenças e respeitá-las. Nesse período, já ajudava meu pai na lavoura quando não estava na escola e raramente brincava, pois preferia utilizar o meu tempo livre para estudar.

Quando estava concluindo a 5ª série, em 1998, já gostava muito de matemática e ficava triste e aborrecido porque a professora muitas vezes não resolvia algumas questões de expressões aritméticas dos exercícios do livro. Eu percebia que ela agia assim porque não tinha conhecimento para resolvê-las; mas como ter conhecimento sobre o assunto se ela não havia sido preparada para isso? Hoje isso me parece óbvio, mas naquela época eu me sentia inconformado, apesar de nunca expressar o meu descontentamento.

Em 2001, quando iniciei a 8ª série, a professora pediu que cada estudante escrevesse o objetivo que almejava alcançar num futuro próximo. Eu havia escrito que pretendia ir para a universidade, apesar de não saber exatamente o que seria, mas conhecia alguns estudantes da comunidade que participavam do PRECE, que já haviam chegado lá e eu tinha a certeza que também poderia conseguir. No final do ano, a mesma professora distribuiu cartões com mensagens que ela havia escrito para cada estudante. No meu, havia a seguinte frase: “Sonhos são gratuitos, realizá-los tem um preço”. De repente, lembrei do que havia escrito no início do ano e fiquei pensando se aquela professora estava duvidando de mim, da minha capacidade. Depois percebi que estava equivocado em pensar isso, a mensagem havia sido de estímulo.

Após o término da 8ª série, em 2002, pretendia cursar o ensino médio, mas só era ofertado na sede do município de Apuiarés, a vinte e nove quilômetros da minha comunidade. Havia o transporte escolar que levava os estudantes, contudo, isso era feito à noite, e, durante o período de chuvas, a viagem demorava muito porque as estradas de barro ficavam muito danificadas. Apesar da minha vontade de dar continuidade aos estudos, não pretendia passar por todo esse sacrifício, pois não acreditava que valia a pena. Sabia que não receberia livros para estudar e, possivelmente, os professores estariam desestimulados por falta de estrutura e apoio.

É lógico que, se eu não tivesse outra opção, teria ido estudar em Apuiarés, mas tinha outra opção. Escolhi fazer o supletivo no PRECE, um programa de Educação que ocorria na comunidade de Cipó. Tomei essa decisão porque outros estudantes já haviam feito e já estavam na universidade, e eu também queria ir para a universidade. Outro motivo é que eu podia receber os módulos de ensino para estudar sozinho em casa no meu próprio ritmo e fazer as provas quando me sentisse preparado. Era tudo o que queria, estudar no meu próprio ritmo, e preferia ir, nos finais de semana, de bicicleta, sob chuva ou sol, para a comunidade de Cipó, do que perder tempo viajando de carro todas as noites.

No supletivo, cada disciplina tinha um número específico de módulos e após o estudo de cada módulo se fazia uma avaliação e os estudantes universitários que já haviam concluído o

Supletivo voltavam para a comunidade para dar orientação e aplicar as provas. Isso era bastante motivador, pois eles compartilhavam conosco as suas experiências na universidade.

Em agosto de 2002, com seis meses de estudo, após ter feito 70 provas, concluí o ensino médio, mas tive que esperar mais um tempo para receber meu certificado de conclusão, pois ainda não tinha completado dezoito anos. No segundo semestre do mesmo ano, fiquei revisando o que havia estudado no ensino básico e, no início de 2003, comecei a participar do Pré-Vestibular Cooperativo do PRECE, no qual formávamos grupos de estudos e compartilhávamos o que sabíamos, exercitando a mútua cooperação.

No PRECE, não há a figura do professor propriamente dito, este apenas facilita a aprendizagem dos estudantes, sendo por isso chamado de facilitador, sem contudo utilizar o recurso da aula meramente expositiva. Os facilitadores são os próprios estudantes universitários que já passaram pelo PRECE e que já ingressaram na universidade. Esses estudantes voltavam nos finais de semana para nos ajudar a também passar no vestibular. Nessa época, eu e outros estudantes da nossa comunidade estudávamos na comunidade de Cipó, onde dormíamos e nos alimentávamos. Algumas famílias da nossa localidade ajudavam na alimentação. A partir desse período, passei a me dedicar exclusivamente aos estudos, sem colaborar com nenhuma atividade em casa. As dificuldades eram inúmeras, devido, principalmente, a minha condição financeira, eu dependia e dependo dos meus pais, que são pessoas pobres. Batalhando, vencendo inúmeras barreiras, estava decidido a prestar o vestibular no final de 2003 para o curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Ceará.

Como no Pré-Vestibular Cooperativo do PRECE os estudantes novatos que chegam, apesar de terem concluído o ensino médio na escola regular, necessitam fazer revisão do ensino fundamental, colaborei como monitor de ciências e matemática, já que tinha um pouco mais de conhecimento sobre essas matérias. No final de 2003, prestei o vestibular, mas não obtive êxito. Fiquei triste por não ter conseguido a aprovação, após o esforço que fiz durante todo o ano. Todavia, tinha a esperança de que um dia iria conseguir, e perseverarei na luta.

No ano de 2004, continuei estudando com meus colegas e colaborando como monitor, estava decidido a prestar novamente o vestibular. Apesar de ainda estar estudando para o vestibular, também fui facilitador de pré-vestibulandos nas disciplinas de matemática e química. Foi um ano em que estudei assiduamente e, no final de 2004, prestei novamente o vestibular para Ciências Biológicas na UFC e, dessa vez, obtive êxito. Esse momento foi muito importante para mim, pois representava uma vitória depois de muitos esforços, dois anos de árduos estudos, além do reconhecimento da minha família e das pessoas que acreditavam na minha vitória.

A importância do PRECE para mim

Foi através do Programa de Educação em Células Cooperativas que ingressei na universidade. Durante os dois anos de estudos em que estava me preparando para o vestibular, recebi livros para estudar, embora não sendo em número necessário. Não tinha livros e nem condições financeiras para comprá-los. O PRECE me deu uma melhor perspectiva de vida, através dele me tornei uma pessoa mais solidária e cooperativa, adquiri consciência política e social, aumentei a minha capacidade de reflexão sobre a realidade e tornei-me mais consciente dos meus direitos. A possibilidade de retornar à minha comunidade, todos os finais de semana com a ajuda do PRECE, me permite continuar colaborando como facilitador nas disciplinas de matemática, química e biologia, o que faz com que me sinta útil, principalmente porque

estou ajudando a minha comunidade. Faço isso na esperança de construir uma sociedade mais justa, onde existam pessoas mais conscientes, com vez e voz e com perspectivas reais de uma vida mais digna.

Dificuldades

Meu pai sempre foi agricultor, trabalhando em pequena propriedade rural da própria família, nunca teve condições de comprar outra maior. Estudou apenas até a 1ª série do ensino fundamental, saindo da escola porque precisava ajudar em casa. Naquela época, principalmente na zona rural a única escola que havia, ficava muito distante e na maioria dos casos, a 4ª série era o grau máximo ofertado.

Na minha infância, ajudava meu pai na roça. Não gostava do que fazia, mas precisava ajudá-lo, senão nem o mínimo de subsistência a minha família teria. E o mesmo acontecia com meus vizinhos, muitas vezes eu ficava observando o quanto na zona rural a vida é pacata. Todos os dias, era a mesma coisa: ao amanhecer, os pais de família e seus filhos iam à roça, voltando ao meio-dia; à tarde retornavam, voltando novamente ao entardecer. No próximo dia, o ciclo se repetia. Eu ficava pensando que essas pessoas não mereciam viver dessa forma. A maioria delas não possui consciência crítica, e o grau de estudo é o mínimo possível. Algumas vezes ficava comovido ao presenciar todo aquele processo, no qual minha família também ainda hoje faz parte. Ainda passo por momentos difíceis. Quanto ao ingresso no ensino superior, fiquei restrito ao vestibular da UFC, porque é a única universidade no estado que oferece o programa de residências para os estudantes universitários carentes economicamente. Não teria condições de vir para Fortaleza estudar, sem essa ajuda da universidade.

Perspectivas e objetivos

Pretendo me graduar no curso de Ciências Biológicas e, posteriormente, fazer mestrado, doutorado e, possivelmente, um pós-doutorado. Desejo trabalhar na pesquisa científica, porque é uma área com a qual me identifico bastante e acredito que, através de muitos estudos e pesquisas, podemos promover o desenvolvimento de uma sociedade, utilizando todos os recursos benéficos que a ciência nos pode oferecer, melhorando nosso padrão de vida. Almejo ter uma melhor condição de vida e ajudar meus pais financeiramente. No futuro, espero ver meus irmãos formados. Pretendo desenvolver minha comunidade, colaborando na implementação de projetos que possam beneficiar cada família, melhorando sua condição de vida subalterna e promovendo o desenvolvimento e a inclusão social.

Raimundo Regivaldo Gomes do Nascimento

Sou Raimundo Regivaldo Gomes do Nascimento, nasci em 18 de fevereiro de 1982, na comunidade Mulungu, município de Pentecoste, Ceará. Meus pais, Francisco do Nascimento e Luiza Gomes do Nascimento, tiveram a árdua tarefa de cuidar para que eu e meus quatro irmãos, Regineide, Ednaldo, Lucineide e Lucileide, tivéssemos a educação que eles não tiveram.

Muito cedo ainda, aos sete anos, já trabalhava como ajudante na pescaria com meu pai. Saía cedinho para tirar a “molho”, ou seja, as redes que haviam passado a noite na água, e, quando retornava, trazia o peixe para o almoço, merendava e, em seguida, ia para a escola Maria Tacila de Castro Freitas Araújo, em Mulungu – passava a manhã inteira tentando entender por que tinha que fazer tudo aquilo.

Nesse período, vivia minha infância com muitas brincadeiras, pois, tendo o privilégio de estar no interior, podia andar a cavalo, jogar bola, andar de bicicleta e tomar banho de açude.

O tempo passou e eu já era um adolescente, continuava na mesma escola e terminava a quarta série do fundamental. Como não tinha quinta série em minha comunidade, tive que mudar para o colégio Paulo Ferreira, localizado em Boa Vista, Pentecoste, aí concluí essa série através do ensino de tele-aulas.

Para continuar estudando e fazer a sexta série, tive que mudar para o colégio Maria Ivoneide Rodrigues de Moura, na Providência. Essa comunidade dista 13km de Mulungu e, devido à distância, a prefeitura pagava um carro para nos levar. A rotina de todo dia ter que pegar um carro para chegar à escola, juntamente com o momento da adolescência em que vivia, fez-me pensar que o melhor seria desistir de estudar e ficar trabalhando na roça com meu pai. Comuniquei minha decisão e ele, sendo um homem de poucas palavras, falou que faria um teste comigo: uma semana trabalhando de manhã e de tarde naquele sol escaldante. Essa lição e os bons conselhos dados por minha mãe e o diretor daquela escola fizeram com que eu mudasse logo de idéia e concluísse a série.

No ano seguinte, teve uma turma de sétima série no Mulungu e lá estava eu, novamente, no colégio em que iniciei meus estudos. Infelizmente, ao terminar a sétima série, no colégio em que estava matriculado, não tinha como funcionar uma turma de oitava série e, novamente, tive que voltar ao colégio de Providência, para finalmente concluir o ensino fundamental.

Não quis fazer a festa do término de curso, então meus familiares propuseram financiar um piquenique na praia e tive a oportunidade de, pela primeira vez, conhecer o mar.

Iniciava-se o ano de 1999 e eu tinha que fazer a matrícula no básico, porém só havia o segundo grau na sede de Pentecoste, que fica localizada a 36km da minha comunidade de origem, de maneira que precisaria viajar de pau-de-arara até o colégio todos os dias.

Foi então que um colega, Marcílio, falou-me de um projeto educacional idealizado pelo professor Manoel Andrade Neto, do departamento de Química Orgânica e Inorgânica da UFC, que funcionava no Cipó, uma comunidade da zona rural do município de Pentecoste.

No final de semana seguinte ao que tive a conversa com Marcílio, fui ao Cipó e conheci o professor Andrade, que me apresentou o PRECE e foi, então, que surgiu a possibilidade de fazer o ensino médio via supletivo, já que tinha alguns alunos do PRECE cursando o segundo grau por esse sistema. Porém, naquele momento, o supletivo era inviável para mim, pois era necessário ter 18 anos e eu estava com 17.

Passei a acompanhar as atividades do PRECE nos finais de semana e na expectativa de fazer o supletivo; foi aí que surgiu uma turma do Telecurso 2000 (Tempo de Avançar) na Providência. Fiz minha matrícula e passei a estudar durante a semana, à noite, nesse curso e, nos finais de semana, ia para o Cipó, onde ficava hospedado numa antiga casa de fazer farinha, acompanhando as aulas ali ministradas pelos estudantes do projeto que haviam passado no vestibular da UFC e voltavam nos finais de semana para contribuir voluntariamente com o andamento do projeto. Eles não só nos ensinavam, mas traziam estímulos para continuarmos lutando por nossos sonhos, já que eram da região, filhos de agricultores e pescadores e tinham conseguido.

Quando em 2001 concluí o segundo grau pelo Telecurso 2000, fui morar no Cipó. Considero esse o ano em que mais consegui aprender, pois passava a semana estudando em grupos e no final de semana tirava as dúvidas com os universitários. Além dessa experiência, tive o privilégio de conviver com pessoas que compartilhavam os mesmos ideais e de construir forte laços de amizade com eles.

Nos domingos à tarde, voltava para a casa dos meus pais. Na maioria das vezes fazia o percurso de Cipó ao Mulungu a pé, passando por debaixo de cercas de arame, caminhando em trilhas apertadas e atravessando o rio Canindé, que, no período chuvoso, deságua no açude Pereira de Miranda, principal fonte de subsistência do município de Pentecoste.

Retornava na segunda-feira ao PRECE e continuava o trabalho. Durante esse ano, ajudei como voluntário na construção de três quartos e um pequeno auditório na antiga casa de fazer farinha, que assumiria daí por diante características de casa de estudante. Essa evolução melhoraria o atendimento nos finais de semana, pois os quartos poderiam ser utilizados como salas de aula.

No final de 2001, fiz a prova seleção do vestibular para o curso de Química Industrial da UFC. Esse momento marcou minha vida por ser uma experiência nova e recheada por emoções fortes, sendo o destaque o relaxamento promovido pelos professores precisas na véspera da prova, pois naquele instante recebi apoio moral dos colegas e professores e pude compartilhar com eles toda aquela ansiedade.

Fiz a primeira fase do vestibular e consegui ser aprovado. Porém, na segunda fase do vestibular, que eram as provas específicas e de redação, não me saí muito bem, principalmente, na prova de redação e, então, fui desclassificado. Fiquei triste, mas a aprovação de sete dos meus colegas daquele grupo foi o estímulo para continuar lutando, pois, se eles tinham conseguido, eu iria conseguir também.

Retornei para a casa dos meus pais e passei o ano de 2002 indo, nos finais de semana, para o Cipó. Nesse mesmo ano, um grupo de estudantes da sede do município de Pentecoste passou a vir estudar no Cipó e tive a oportunidade de conhecer outra realidade, pois, sendo eles da zona urbana do município e eu do interior, existia uma grande diferença de costumes e dessa interação pude tirar muito proveito.

Aconteceu também que a estrutura da antiga casa de fazer farinha era pequena demais para o número de estudantes ali reunidos no final de semana. Por isso, não dava para estudar

dentro da casa e a saída foi dividir em grupos e procurar uma sombra debaixo das árvores. O professor passava em cada equipe de estudantes e tirava as dúvidas. Dessa forma, todos eram atendidos.

Trabalhei com muito entusiasmo a redação e, no final de 2002, estava de novo em Fortaleza, capital do Ceará, com um grupo de estudantes do PRECE, para fazer o vestibular da UFC. Não mudei o curso e, dessa vez, estava mais confiante, pois já tinha experiência na bagagem. Deu certo e fui aprovado para o segundo semestre de 2003.

A alegria de ter conseguido uma vaga na universidade sobrepôs-se ao medo de sair do interior e ir morar na cidade. Eu não tinha como me manter estudando e as condições financeiras de meus pais não dariam para cobrir as minhas necessidades básicas. Então, solicitei, à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, o pedido de residência universitária. Passei por um demorado e dificultoso processo de seleção, onde tive que provar que era realmente pobre.

Quando o resultado saiu, já haviam passado, aproximadamente, dois meses do início das aulas e nesse meio tempo, fiquei como agregado em uma das residências, onde tinha amigos morando. Fui aprovado no programa, que garantia, por quatro anos e meio, moradia e alimentação.

Continuo voltando nos finais de semana para meu município e estou envolvido com o PRECE, ensinando a disciplina de química no pré-vestibular do Cipó. Ajudei a criar um núcleo educacional em Boa Vista, ficando responsável pela revisão da disciplina de matemática do ensino fundamental e pela aplicação das provas do supletivo no Jardim, uma comunidade do assentamento de Erva Moura. Sinto-me realizado em poder contribuir para que outros possam realizar seus sonhos e melhorar suas expectativas futuras.

Acostumado a estudar em um sistema cooperativo, me entristeço em ver, na universidade, o individualismo falar mais alto, professores sem qualquer compromisso com o aprendizado dos estudantes, gerando, dessa forma, uma onda de desestímulo. Desse conjunto, tem-se como resultado educandos sem visão de futuro e, o que é pior, acreditando que de maneiras desonestas serão vencedores.

Apesar de tudo, acredito que irei aprimorar meu conhecimento, isso incluindo terminar a graduação. Já estou no quinto semestre, quero fazer mestrado e, quem sabe, doutorado. No entanto, tenho como propósito não esquecer minhas origens e lutar para que haja um desenvolvimento maior naquela região.

Allan Patrick

Meu nome é Allan Patrick Rodrigues de Lima. Nasci no município de Pentecoste, em 21 de janeiro de 1984. Sou filho do militar Sebastião Rodrigues de Lima e da dona-de-casa Maria das Graças Rodrigues de Lima. Morava em Pentecoste com meus pais e com meus irmãos, Júnior e Patrícia, já que, hoje, faço faculdade de Enfermagem na UFC (Universidade Federal do Ceará) e, por isso, preciso morar em Fortaleza, a 88km de minha cidade.

Quando pequeno, fui muito bagunceiro e minha mãe estava sempre por perto para ver minhas ações, pois eu aprontava o tempo todo.

Com meus três anos de idade, fui matriculado numa creche, no Jardim 1 e, nesse mesmo ano, tive um sério problema de saúde e passei cinco anos tomando remédios para que eu melhorasse, pois tive uma convulsão.

Continuei nessa creche e, da alfabetização até a 8ª série, me matriculei no colégio Centro Educacional João XXIII, uma escola filantrópica de Pentecoste.

Nunca precisei de reforço escolar. Contava com a ajuda de meus pais no auxílio de minhas tarefas de casa, principalmente com a participação de meu pai, que nunca me deixou desamparado em relação aos estudos na escola, nem a nenhum de meus irmãos.

Nas aulas, era muito atento às explicações do professor, pois nunca tive o hábito de perguntar já que não fui estimulado para tal ação. O aluno deveria apenas se comportar e prestar atenção às explicações de seu professor, que era encarregado de transmitir os assuntos da aula.

Em 1998, quando cursava a 1ª série do ensino médio, na escola pública Tabela José Ribeiro Guimarães, minha mãe se inscreveu num curso profissionalizante, para se tornar Técnico em Enfermagem. Senti vontade de fazer também, mas não pude, tanto por causa do custo da mensalidade do curso, como pelo fato de que deveria ter concluído o ensino médio para fazer o mesmo.

Em 2000, ano em que terminaria o ensino médio, comecei a cursar o 2º Pedagógico na escola pública Etelvina Gomes Bezerra. Fazia o ensino médio, pela manhã, e o curso de Pedagogia, à noite.

Já em 2001, concluído o ensino médio, tive, novamente, a oportunidade de cursar o Técnico em Enfermagem, curso que duraria, em média, um ano. Continuei com o 3º Pedagógico, à tarde, e com o curso de Enfermagem, à noite.

Nesse ano, tive uma rotina muito fatigante, pois, além das provas e matérias a estudar, havia os estágios no colégio e no hospital, devido aos cursos que cursava.

Minha experiência mais surpreendente num hospital, que, realmente, me testou a sair ou ficar no curso, foi em meu primeiro plantão. Era noite de 1º de novembro e, depois da meia-noite, dia de Finados, acompanhei de perto um paciente falecer. Fiquei estarecido, mas não pensei em sequer desistir. Queria mesmo é ter tido sabedoria para que aquilo não ocorresse. Foi a partir daí que eu me prendi mais a essa profissão.

Concluí esse curso em março de 2002 e meu pai estava preste a conseguir um emprego nessa área para que pudesse atuar. Mas conheci um projeto chamado PRECE, que atuava numa comunidade de Pentecoste a cerca de 18km da sede, chamada Cipó. Fiquei curioso para conhecer esse lugar.

Os jovens que iam para lá ficavam de sexta a segunda, estudando em grupos e debatendo o que estudavam, sem auxílio de nenhum professor, mas com o acompanhamento de um ex-aluno, que já era universitário e tinha como função tirar as dúvidas dos estudantes. As aulas começavam nas tardes de sexta e iam até domingo à noite; os alunos voltavam para casa na madrugada de segunda, já que alguns ainda estavam no ensino médio.

Todos nós que fomos para lá tínhamos que dormir numa casa de fazer farinha e estudávamos embaixo das plantas que enfeitavam a paisagem. Nesse ano, fiquei num grupo de revisão para que, no próximo ano, pudesse tentar vestibular para Enfermagem. Vi que a quantidade de coisas que não eu sabia e que deveria ter aprendido no colégio era muita. Destaquei-me nas áreas de Biologia e de Química.

Em 2003, foi aberto um núcleo na sede da cidade e os estudos eram efetivados no colégio Centro Educacional João XXIII. A estréia do núcleo na cidade teve grande repercussão. Quase 400 jovens e adultos se matricularam no PRECE, mas eles achavam que o projeto era igual a um cursinho convencional. Por isso, houve grande evasão de alunos.

Auxiliava nas células de Interpretação de Texto (Português), Biologia e Matemática. No final do ano, consegui passar na primeira fase do vestibular da UFC para Enfermagem, mas fiquei desclassificado na segunda fase.

Em 2004, o núcleo do PRECE em Pentecoste passou a funcionar no Centro de Pesquisas em Aqüicultura do Dnocs. Era um lugar cuja localização, principalmente para aqueles que estudavam à noite, não parecia muito segura por causa do caminho de terra e pedras, com pouca iluminação. Mas era com o que contávamos.

Atuei como Coordenador de Redação e, mais uma vez, monitor de Biologia, Interpretação e Matemática. Auxiliei também na área de Química Geral, Orgânica e Físico-Química, com poucas aulas para meus amigos que também fariam vestibular.

Do mesmo jeito, outros que sabiam muito a respeito de uma determinada disciplina ajudavam os que tinham muitas dúvidas.

No final do ano, tentei vestibular para UFC e, dessa vez, tentei também para a UECE (Universidade Estadual do Ceará). Fui aprovado na primeira fase das duas faculdades. E, graças à minha determinação e à motivação que recebi de minha família e de meus amigos, consegui obter êxito no UFC, passando para o curso de Enfermagem, que tanto almejava. Não obtive o mesmo êxito na UECE.

Hoje, curso o segundo semestre de Enfermagem e estou gostando muito. Tive algumas dificuldades financeiras na faculdade, pois alguns livros eram muito caros e mesmo o material reproduzido, também, não é barato. Virei-me do jeito que pude e consegui terminar o semestre sem nenhuma nota abaixo da média.

Estou atuando, hoje, no núcleo do PRECE na cidade de Apuiarés, como coordenador da disciplina de Biologia e monitoro a turma pré-vestibular, além de corretor de Redação.

Pretendo atuar sempre que puder no PRECE e auxiliar minha comunidade futuramente, caso conclua meu objetivo profissional, que é trabalhar como Enfermeiro de PSF (Programa de Saúde da Família).

Ana Caroline Andrade Avendano

Meu nome é Ana Caroline Andrade Avendaño. Nasci no dia 8 de fevereiro de 1985 em Fortaleza. Meus pais são Arneide Andrade Avendaño e Luis Antonio Martinez Avendaño. Eles se separaram quando eu tinha dois anos. Tenho dois irmãos: Norma Graciela e Jonathan Charles. Minha irmã faz Química na UFC (Universidade Federal do Ceará) e meu irmão estuda no Pré-Vestibular Cooperativo do PRECE, na comunidade de Cipó em Pentecoste.

Lembro pouca coisa da minha infância. Morei um pequeno período de tempo com os meus avós maternos, em Cipó, e estudei em uma escolinha da comunidade. Minha mãe estava sempre fora de casa trabalhando. Ela trabalhou no jornal O Povo, de 1983 a 2002, como executiva de vendas. Através do jornal, ela conseguia bolsas de estudo para nós, por isso passamos a maior parte da nossa vida escolar em escolas particulares. Em 1987, quando meus pais se separaram, fui morar com uma irmã do meu avô, a tia Raimunda, e meus irmãos moraram com meus avós no Cipó. Minha mãe morava no centro de Fortaleza, na rua Princesa Isabel. Nesse período, estudei na escolinha Professor Ilo Mota. Em 1992, voltamos a morar todos juntos na Princesa Isabel: eu, meus irmãos e a minha mãe.

Eu lembro que, durante esse período, via, todas as tardes, meus irmãos indo para a escola, o que me dava muita vontade de ir também, mas, quando minha mãe me deixou no primeiro dia de aula no colégio Tiradentes, realmente não gostei. Nessa escola, lembro de um fato que aconteceu com meu irmão: depois de mais ou menos seis meses em que ele gazeava aula, foi que ligaram para minha mãe, procurando saber por que ele não ia mais às aulas. Fiz a 2ª e a 3ª séries nessa escola, depois estudei da 4ª à 6ª no 7 de Setembro.

Na minha opinião, esse é um dos melhores colégios de Fortaleza. Eu penso isso hoje, mas, na época, eu não gostava porque todos (ou a maioria) dos alunos sempre tinham dinheiro para ir a vários passeios que a escola oferecia e eu não. Além da clássica “hora do recreio”, em que todos iam comprar lanches na cantina. Eu não lembro, também, de, em nenhum momento (quer dizer, apenas um) da minha infância, pegar em um livro para estudar. Tanto que eu sempre ficava em recuperação, e até gostava disso. Minha mãe estava sempre trabalhando e não tinha tempo de me ajudar nas tarefas ou ver quais livros eu tinha que levar para a escola no outro dia, por isso nunca levava os livros certos. O tempo que eu e meus irmãos tínhamos para desfrutar com minha mãe era sempre nos fins de semana em que virávamos a madrugada jogando videogame com ela ou íamos à praia, sei lá.

Bom, então acabei reprovada na 6ª série. E, como na época os alunos que reprovavam não podiam continuar no 7 de Setembro, tive de ir para outra escola. Hoje, percebo claramente que essa era uma forma de selecionar os “melhores”. Então fui estudar no colégio Academos, um semi-internato localizado na Aldeota. Essa foi outra escola que não gostei. Os alunos de lá se achavam o máximo. A nata da sociedade. Eu e meus irmãos pegávamos um ônibus muito cedo e bem lotado: o Parangaba-Papicu. Nessa época, morávamos no bairro Demócrito Rocha. Só saíamos da escola às 18h, pegando novamente o mesmo ônibus sempre cheio além do limite

permitido. Mas havia algumas coisas boas nessa escola. De manhã, tínhamos aulas normais. À tarde, seriam umas duas aulas de reforço e algum esporte que podíamos escolher entre natação, judô, balé, além de aulas de teatro, dança, comunicação e expressão etc. Eu e meus irmãos escolhemos fazer judô. Mas a falta de dinheiro sempre aparecia, porque não tínhamos dinheiro para comprar os quimonos. As refeições também eram ótimas, balanceadas; apesar disso, a maioria dos alunos vivia reclamando que comia melhor em casa. Não fiz nenhuma boa amizade naquela escola e acho que meus irmãos também não.

Então, no final do ano, graças a Deus, minha mãe não conseguiu mais bolsa para aquela escola e perguntou se eu gostaria de ir para uma escola pública perto de casa ou para o Ginásio Anchieta, que hoje é o Colégio Evolutivo, do bairro Parangaba. A primeira, Escola de Ensino Fundamental e Médio Senador Fernandes Távora, mais conhecida como “Marupiara”, ficava a 10 minutos da minha casa, e a segunda, mais ou menos meia hora a pé. Então, escolhi ir para a escola pública. Meus irmãos também foram para escolas públicas.

Hoje, considero esse período em que estudei em escola pública muito importante, pois pude ver a grande diferença entre os dois sistemas. Uma coisa que não esqueço é que tinha uma professora de Português que escrevia uma besteira qualquer na lousa e saía para fumar fora da sala. Depois fiquei sabendo que ela conseguiu ser eleita a diretora da escola. Em relação à qualidade de ensino, eu nunca estudava, mas sempre tirava notas boas. Pude presenciar também a maior mentira que eram as aulas televisivas. Esse tempo me fez valorizar o ensino e percebi que tinha perdido grandes oportunidades de estudar enquanto tinha ensino de qualidade. Fiz nessa escola a 7ª e a 8ª séries, época em que não aprendi praticamente nada. Os conteúdos pareciam, para mim (ou talvez fossem mesmo), uma revisão de tudo que já tinha estudado nas escolas particulares. Outra coisa que lembro era de um professor que todos odiavam, mas que eu gostava. Ele, assim que chegou, contou sua história: havia concluído o ensino fundamental e o médio naquela escola, mas havia conseguido fazer faculdade de História e, mesmo ganhando menos, ele disse que veio dar aula ali para motivar outros alunos a conseguir o mesmo. Os outros não gostavam, porque ele realmente dava aula, tirava dúvidas, passava e cobrava os exercícios e, segundo nos dizia, o conteúdo era o mesmo que ele ensinava numa escola particular. Ele era, na minha opinião, o único professor de verdade da escola.

Outra experiência que lembro da escola pública foi quando uma professora de matemática novata resolveu mudar um pouco o método das aulas e utilizar o estudo em grupo. Era desmotivante. Ninguém gostava, nem eu, porque eu sempre tinha que ficar explicando para todo mundo do meu grupo e de alguns outros. Não sei se ela desistiu ou foi mandada embora (ouvia boatos de um abaixo-assinado para tirá-la da escola), mas acabou saindo. Nesse ano, em 1999, minha irmã estava concluindo o 3º ano na escola pública Presidente Humberto Castelo Branco e tentou vestibular para Biologia, na Universidade Federal do Ceará, não obtendo êxito.

Depois, em 2000, eu e meus irmãos fomos para o colégio Evolutivo, uma escola particular. Também através de bolsas de estudo. Minha irmã fazia cursinho e tentou novamente vestibular, dessa vez para Química, também na UFC, passando em 2º lugar. Meu irmão nunca gostou muito de estudar e, nesse ano, ao voltar para uma escola particular, teve muita dificuldade em acompanhar os conteúdos e desistiu de estudar.

Fiz nessa escola todo o ensino médio. Então, estudava realmente, pelo menos no 1º ano. Comecei a ficar desmotivado novamente, porque, como eu tinha estudado em uma escola pública nas duas séries anteriores, não sabia sobre muita coisa e tinha muitas dúvidas em algumas disciplinas, principalmente física e química e um pouco de matemática. E tinha

vergonha de perguntar, porque eu parecia ser a única que não acompanhava o conteúdo por ter vindo de escola pública (era o que eu pensava). Mas consegui estudar em casa e não ficar em recuperação. Mas no 2º ano, como as dúvidas foram acumulando, fiquei em recuperação. Nesse ano, gostei um pouco de química por conta de um professor que ensinava muito bem e que gostava de ensinar. O que eu não entendo é que a maioria dos outros alunos não gostava dele porque ele explicava tudo detalhadamente. Nesse ano, nos mudamos para um apartamento de um tio, no bairro Antonio Bezerra. Minha mãe não estava gostando do apartamento onde morávamos antes. Lá, era um local onde morava muita gente da nossa família, todos bem próximos. Ela havia construído uma parte do primeiro andar para morarmos. O apartamento não era rebocado, fazendo com que sempre houvesse muita poeira dentro de casa. Moramos muito tempo aí, de 1995 a 2000. Enquanto ainda éramos crianças, enquanto minha mãe ia trabalhar, uma tia nossa cuidava de nós ou alguma empregada; mas, depois, tivemos que nos virar, o que realmente não dava muito certo, a casa vivia uma bagunça. Então nos mudamos para esse apartamento.

Em 2002, meu tio teve que vender o apartamento onde morávamos, então eu e minha irmã fomos morar com ele no bairro Pan-Americano. Minha mãe e meu irmão foram morar na comunidade de Cipó, no município de Pentecoste. Ela havia resolvido sair do jornal O Povo, já que recebia salário por comissão e não estava conseguindo vender muito. Além de que também estava cansada de trabalhar tanto tempo no mesmo lugar. Esse meu tio, Manoel Andrade Neto, professor de Química da UFC, andava sempre às voltas com um projeto educacional conhecido como PRECE, que ele havia organizado na comunidade. Nós o achávamos um pouco doido por viajar todo fim de semana, num carro velho, por uma estrada ruim, para ajudar um punhado de estudante no meio do calor infernal do interior. E por livre e espontânea vontade. Eu e minha mãe brincávamos dizendo que nós nunca íamos querer isso para nossa vida, mas ela acabou indo para o Cipó, engajando-se nesse projeto, e minha irmã e eu ficamos morando com meu tio. Esse ano foi muito difícil para mim porque sempre fui muito apegada à minha mãe e, como ela estava no Cipó, não nos víamos muito, a não ser que eu fosse para lá no fim de semana, e, também, quando chegava o fim de semana, não queria ir, porque gostava muito de ficar na Internet, conversando com pessoas que viviam em uma realidade totalmente diferente da minha. Talvez seja difícil de acreditar, mas, naquela época, fiz um amigo através da Internet que conservo até hoje. Outras pessoas que me ajudaram muito foram meus amigos do terceiro ano. Eles me deram muita força quando precisei.

Bom, como se sabe, terceiro ano é época de se começar a pensar em fazer vestibular. Eu nunca tive nenhuma aspiração para o futuro. Nunca pensei em exercer nenhuma profissão em especial. E também nunca gostei realmente de nenhuma matéria da escola. Estudava porque tinha que estudar. Mas gostar é outra história. Então, como gosto muito de animais e gostava um pouco de Biologia, comecei a pensar em tentar Biologia na UFC, já pensando em especialização em Biologia Marinha, que eu nem sei se tem aqui. Não escolhi Medicina Veterinária porque é um curso muito concorrido da UECE (Universidade Estadual do Ceará) e, como eu não me dedicava de verdade aos estudos, não teria condições de passar. Então, passei metade do ano estudando para fazer provas específicas de biologia e química no vestibular da UFC. Quando estava perto de fazer a inscrição para o vestibular, desisti da Biologia por conta da disciplina de química, que passei a odiar.

Então, tentei procurar um curso que tivesse as provas específicas das disciplinas que eu considerava mais fáceis, que eram português e história. O único curso que achei que não

era sem graça era o de Comunicação Social. Ah, uma coisa que foi um fruto da minha época de vício na Internet foi o desejo de aprender webdesigner. Eu procurei e, aqui no Ceará, não tem nenhum curso superior de webdesigner ou webmaster. Então, o que teria mais ou menos a ver com o que havia começado a gostar era a habilitação de Publicidade e Propaganda do Curso de Comunicação Social (hoje, descobri que nesse curso não há nenhuma cadeira sequer de algum programa interessante de construção de site ou banners para Internet). Então, tentei vestibular para esse curso em 2002. Quando comecei a estudar para o vestibular, quase não tinha esperança de passar, por ter começado a estudar de verdade só no meio do ano, mas, à medida que estudava, passei a acreditar que poderia realmente passar. Então, fiz a primeira prova da primeira fase, mas, no dia da segunda prova, cheguei atrasada alguns minutos e não pude mais entrar para fazer o teste. Então, como já havia concluído o terceiro ano, fui morar no Cipó com a minha mãe e conhecer e participar, enfim, desse projeto que algumas pessoas da minha família e muita gente de Pentecoste viviam falando.

No começo, foi realmente muito difícil. Eu estava longe dos amigos que tinham se tornado tão importantes para mim. Não havia passado no vestibular, estava morando no interior do Ceará sem telefone e, conseqüentemente, sem Internet. Então, comecei a participar do PRECE no Cipó. Fiz as provas de sondagem e fui monitora, na primeira metade do ano, das disciplinas básicas da Revisão: Português, Matemática, Geografia, Biologia e História. Na outra metade do ano, fui monitora apenas de Português, Matemática e História. No final do ano, tentei vestibular novamente para o mesmo curso, chegando somente até a segunda fase, quando fui desclassificada. A essa altura, já havia aprendido tantas coisas maravilhosas no PRECE – como convivência em grupo, compartilhar conhecimentos, valorizar o que realmente é importante na minha vida, me indignar com as desigualdades sociais –, que uma reprovação no vestibular não ia me desanimar, seria apenas uma oportunidade de aprender mais coisas importantes para a minha identificação como ser humano. Havia aprendido, também, que eu e qualquer outro estudante podemos passar no vestibular, para qualquer curso, basta se dedicar aos estudos e compartilhar conhecimentos.

O estudo em grupo foi outra grande dificuldade que tive. Durante toda a minha vida estudantil, poucas vezes dirigi a palavra a algum professor. Principalmente para tirar dúvidas. Eu não gostava de chamar a atenção de ninguém para mim. Pior ainda a atenção de uma classe inteira. Logo, tinha muitas dificuldades em me expressar. Mais difícil ainda foi, assim que eu cheguei no PRECE, ir logo atuando como monitora, ou seja, teria de explicar o que sabia para os outros. O conteúdo eu sabia, mas como explicar? Ainda hoje tenho um pouco de dificuldade nisso. O interessante desse método de estudo é que ele nos motiva a procurar por nós mesmos as respostas as dúvidas, já que não há professor. Há um orientador, mas ele não está sempre presente.

Então, no ano de 2004, já havia adquirido o hábito de estudar. Além de ser monitora e articuladora de Português e História, participei da coordenação desse núcleo com outro estudante, Adriano Batista. Procurei logo identificar quais disciplinas eu precisava estudar mais para conseguir êxito no próximo ano. Participar da coordenação de um núcleo foi também uma experiência muito importante. Eu não gosto de assumir responsabilidades além da minha capacidade, por isso sempre penso muito antes de garantir qualquer compromisso. Antes de entrar no PRECE, eu era insegura, me achava incapaz de ser responsável por alguma coisa importante. Até que, nesse ano, percebi que poderia fazer alguma coisa de bom para ajudar os outros. Então, aceitei fazer parte da coordenação do núcleo. Nesse período, aprendi muitas

coisas, e ainda hoje estou aprendendo, sobre como trabalhar em grupo e lidar com pessoas de diferentes temperamentos.

Nesse ano, mudei o curso para o qual eu faria vestibular. Como havia escolhido, sem nenhuma orientação vocacional, o curso de Publicidade, consegui as grades curriculares das duas habilitações de Comunicação Social: Jornalismo e Publicidade e Propaganda; já que não valeria a pena mudar radicalmente de curso se já havia passado tanto tempo estudando as matérias específicas de Português e História. Então, gostei muito mais das cadeiras do curso de Jornalismo e, pensando melhor, fazendo Publicidade, eu não teria muito como ajudar o PRECE, porque pensava que aprenderia apenas como vender produtos. E fazer tudo o que o meu cliente (o empresário) quisesse, ou seja, teria que vender até mesmo mentiras. No Jornalismo, teria mil formas de ajudar o PRECE e conhecer muito mais a minha realidade. Tentar descobrir coisas que não via antes e tentar mostrá-las a todos. Então, fiz vestibular para Jornalismo, quando, finalmente, obtive êxito.

2005 está sendo um ano de muitas descobertas para mim. Estou ansiosa para aprender, conhecer cada vez mais. Hoje, o PRECE se transformou em Programa de Educação em Células Cooperativas; fundamos uma organização, o Instituto Coração de Estudante, que envolve outros trabalhos além da educação. Sou responsável, no Instituto, pela equipe de Comunicação e Marketing. Desejo, nesse grupo, em conjunto com outras pessoas, trabalhar para melhorar o gerenciamento da nossa instituição e garantir que ela funcione da melhor maneira possível para podermos sempre atender a todos os alunos que nos procurarem. Estou gostando muito do meu curso. Sou facilitadora da disciplina de Redação no núcleo Cipó, e retorno para lá todos os fins de semana para ajudar outras pessoas a realizar seus sonhos.

Estou morando com minha mãe e minha irmã em uma casa alugada no período em que alguns universitários precisas não haviam conseguido residência universitária.

Daiana Paula Rodrigues de Sousa

Eu, Daiana Paula Rodrigues de Sousa, nascida em 8 de outubro de 1982, exatamente quando fazia 15 anos de morte de Ernesto Che Guevara, na comunidade rural de Irapuá, em Pentecoste, Ceará, em uma humilde casa de pau-a-pique. Sou filha do agricultor José de Paulo Firmiano de Sousa e da agricultora Marta Maria Rodrigues de Sousa. Tenho sete irmãos, são eles: Paulo Gleisson, Luciana, Glauciane, Paulo Ricardo, João Alfredo, Fernanda e Fernando.

Da casa onde nasci não guardo nenhuma recordação, pois quando tinha dois anos meus pais se mudaram para uma casa de alvenaria, distante apenas 600m da primeira, bem mais próxima das casas dos meus avós paternos e maternos e às margens do rio Canindé, afluente do açude Pereira de Miranda, o sexto maior do estado. Às margens desse rio, meus pais tiravam o sustento da casa através da agricultura de subsistência e da criação de pequenos animais e algumas poucas reses.

Durante minha infância, não tive muitos amigos, mas, junto ao casal de irmãos mais velhos e alguns primos, desenvolvíamos brincadeiras e entrávamos em conflito cada vez que nos reuníamos. Entretanto, a minha infância era muito feliz e, por ser a primogênita, sempre me sensibilizava com as necessidades tanto da família como da comunidade, visto que meus pais sempre conversavam com os filhos sobre os problemas que ocorriam na comunidade, o que nos permitia refletir sobre eles.

Minha família é de classe social desfavorecida, meus pais sempre sofreram e ainda sofrem para sustentar os filhos. Mas, desde o nascimento da filha mais velha, que sou eu, eles lançaram como meta dar a melhor educação possível para que eu pudesse me “formar”.

Diante disso, quando completei sete anos de idade, minha mãe me matriculou na Escola de Primeiro Grau Paulo Ferreira, com a professora Maria Luciene Ferreira de Sousa. Essa escola tinha uma única sala de aula e, como atendia estudantes desde a alfabetização até a quarta série, uma de suas salas funcionava em uma casa de pau-a-pique. Sem iluminação, sem carteiras escolares adequadas e com excesso de estudantes das mais variadas idades, essa casa foi a minha primeira sala de aula.

Devido aos incentivos dos meus pais, sempre tive vontade de estudar, e aproveitando os conhecimentos de minha prima Elizângela, que já estudava, meu irmão mais velho, Paulo Gleisson, alguns primos e eu brincávamos de estudar. Como não havia uma estrutura adequada, minha prima, na casa da minha avó paterna, providenciava alguns bancos, um carro de mão como quadro-negro e pedaços de vela de filtro substituíam o giz. Com esses recursos, ela dava aula quase que diariamente e nos motivava a estudar. Essa brincadeira me proporcionou entrar na escola já conhecendo todas as letras e sabendo ler algumas palavras. Eu gostava muito de estudar, mas meu sonho era ser bordadeira, pois nessa época, como hoje, é uma das poucas atividades que geram renda para as mulheres da comunidade.

No ano seguinte, em 1990, cursei a primeira série, com a professora Antônia Barbosa da Rocha e, novamente, por falta de espaço dentro da escola, estudei na varanda. No ano

seguinte, novamente por falta de espaço, fui estudar em uma casa de alvenaria, cursando a segunda série, com a professora Maria do Carmo de Sousa Gomes.

Em 1992, passei a estudar na Escola de Primeiro Grau Maria Tarcila de Castro Freitas Araújo, na comunidade de Mulungu, situada a 2km, aproximadamente, de minha residência. Mas, devido à distância e por não haver transporte, preferi no ano seguinte retornar para o mesmo colégio de antes. Até 1993, sempre estudei em salas de aulas multisseriadas.

Em 1994, em minha comunidade e em suas proximidades, só era ensinado até a quarta série, então o meio mais viável de continuar os estudos era se deslocando, diariamente, em uma F-1000, com, aproximadamente, 15 colegas numa estrada de chão, fazendo um percurso em torno de 12km. O destino era a Escola de Primeiro Grau Maria Ivoneide Rodrigues de Moura, na comunidade de Providência. Esse percurso, durante a estação chuvosa, era feito com grandes dificuldades. Devido às condições da estrada, muitas vezes, nós, estudantes, fazíamos esse percurso a pé e, outras vezes, de bicicleta. Isso se repetiu por três anos, até que a minha antiga escola Maria Tarcila, mais próxima de minha casa passou a oferecer o primeiro grau e eu pude retornar para concluí-lo em 1997.

Ainda estudando na sexta série, tive a oportunidade de participar de um projeto de educação denominado PRECE, que estava acontecendo na comunidade de Cipó, situada há 10km de minha casa. O PRECE havia começado com um grupo de sete estudantes, sob a orientação de um professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), que começaram a revisar os assuntos básicos de algumas disciplinas e, à medida que iam aprendendo, convidavam outros estudantes para compartilhar seus conhecimentos, ministrando cursos.

Meu pai, sabedor desse trabalho, levou-me para participar de um curso de português no final de 1995 que me fez aumentar a sede de saber, então pedi àqueles jovens que me avisassem quando fossem iniciar outros cursos. E, assim, esporadicamente, ia ao Cipó participar dos cursos oferecidos. Isso se repetiu até quando concluí o ensino fundamental.

O envolvimento com os estudantes do PRECE me estimulou a ter mais autonomia e responsabilidade pelo meu próprio destino e, cada vez mais, eu estava convicta de que a minha escola não estava me dando o direito de expressão e me compelia a ser sempre conduzida pelos professores. Portanto, quando concluí o ensino fundamental, resolvi, decididamente, não mais cursar a escola regular e fazer o supletivo do ensino médio no PRECE, mas eu tinha apenas 15 anos e a lei só permite com 18 anos completo. Mas eu não desisti da idéia e resolvi participar do grupo de estudos, dos grupos oferecidos sem me matricular no supletivo, esperando a idade chegar. Graças a uma parceria entre o PRECE e o Centro de Jovens e Adultos de Itapipoca ficou decidido que eu poderia me matricular no supletivo antes da idade, mas só poderia receber o certificado quando completasse 18 anos.

Participar do PRECE não era fácil. Entre a minha comunidade e o Cipó havia um grande obstáculo que aumentava a distância, especialmente no período chuvoso: o rio Canindé, que alimenta o açude Pereira de Miranda. Esse rio, quando cheio, representa fatura na mesa dos agricultores e pescadores da região, inclusive para a nossa casa; por outro lado, aumenta a distância entre a nossa comunidade e a do Cipó. Ao invés dos 2km do período seco, eu precisava percorrer 10km quando o rio estava com água, se não quisesse enfrentar as águas caudalosas e perigosas.

Mas nunca percorri o trajeto sozinha, tive ao meu lado, como companhia, minha irmã Luciana, que hoje já é estudante do PRECE. Depois de algum tempo, meu pai também entrou para o PRECE e Luciana não precisou mais vir.

Comecei a fazer as provas do supletivo em um ritmo muito avançado, devido a minha empolgação que era muito grande, porém tive que diminuir o ritmo porque minha mãe teve um casal de gêmeos, que receberam os nomes de Fernando e Fernanda. Desacelerei os estudos por, aproximadamente, dois meses, para ajudar minha mãe. Contando com esse intervalo, conclui o ensino médio em um ano e nove meses.

Logo após a conclusão do ensino médio, no início de 2002, comecei a participar do Pré-Vestibular Cooperativo do PRECE, que utilizava uma metodologia de estudo em grupo, onde tínhamos a oportunidade de aprender e ensinar ao mesmo tempo. No princípio, meu objetivo prioritário era simplesmente ingressar na universidade e não tinha nenhuma visão da importância disso para minha comunidade.

Essa metodologia de ensino aprendizagem me proporcionou bastante estímulo, visto que cooperávamos entre nós, construindo mutuamente o conhecimento que precisávamos para passar no vestibular. Ao mesmo tempo em que compreendia um determinado conteúdo, e percebia que outros estudantes ainda não haviam compreendido, me motivava a ajudá-los no entendimento do assunto. Em virtude disso, mudei a minha forma de aprender e ver o mundo. Isso foi uma importante conquista e um grande privilégio que só foram superados pela inusitada experiência de estudar no mesmo grupo de estudo com meu pai.

Conhecedora do que havia aprendido no decorrer do ano e curiosa para saber a sensação de participar de um concurso, decidi fazer o exame de vestibular na UFC para o curso de Zootecnia. Meu pai também prestou o mesmo exame, mas para o curso de Agronomia. Fomos classificados na primeira fase, mas, infelizmente, não fomos aprovados na segunda e definitiva fase. Voltando a minha comunidade, eu me dediquei com mais afinco aos estudos, indo quase todos os dias ao Cipó para estudar em grupo e, nesse período, pude colaborar como monitora nas disciplinas de Geografia e Ciências.

Após um ano intenso de estudos enfrentando muitas dificuldades, novamente, eu, meu pai e mais 78 estudantes do PRECE fizemos o vestibular para a UFC, mas dessa vez mudei meu curso para Geografia. Com um recorde de aprovações, foram aprovados vinte estudantes, incluindo eu e meu pai. Um grande privilégio e alegria, para nós, nossa família e nossa comunidade. Ressaltando que até meus irmãos gêmeos, com apenas três anos e sem nenhuma noção do significado do acontecido, ficaram alegres e orgulhosos.

Pela segunda vez, e dessa com maior profundidade, pude perceber o quanto o vestibular é injusto e cruel. Dos oitenta pré-vestibulandos, apenas 20 foram considerados aptos para cursar o ensino superior, e como estudei com muitos deles, posso afirmar que alguns tinham mais conhecimento do que eu. Além disso, seria justo usar o mesmo método de avaliação para as pessoas que tiveram oportunidades diferentes? A tristeza foi superada, porque os que foram desclassificados tiveram força e mantiveram a esperança para continuar estudando. Isso aconteceu, principalmente, porque lhes foi oferecida a oportunidade para colaborar como monitores, já que a experiência e o conhecimento que tinham adquiridos eram bastante úteis aos colegas iniciantes, que também sonhavam em entrar na universidade. Essa estratégia de dar uma função aos estudantes não aprovados possibilita-lhes a manutenção da motivação e dá mais eficácia ao programa.

Comecei a estudar na universidade logo no primeiro semestre de 2004 e, conseqüentemente, tive um grande choque quando cheguei a Fortaleza. Essa cidade, embora localizada a apenas 116km de minha comunidade de origem, representa uma realidade totalmente adversa ao que vivi durante minha infância e adolescência. Quando cheguei na universidade, a única

coisa que me fortalecia era a certeza de que, se resistisse às dificuldades, um dia certamente eu seria recompensada. A realidade era difícil, não tinha nenhuma fonte de renda, faltava material didático e nem tinha onde morar, já que a residência universitária não estava disponível no início do semestre. Assim mesmo, resolvi encarar a realidade, já que não tinha alternativa.

Aos poucos, a situação foi melhorando porque fui morar na residência universitária, passei a me alimentar no restaurante da UFC e recebi alguma ajuda financeira do PRECE. Já no segundo semestre do mesmo ano, meu pai iniciou o seu curso, o que me proporcionou mais firmeza.

Mesmo morando em Fortaleza, continuei pensando na minha comunidade, pois estava consciente das necessidades do povo de minha região de origem, que sempre foi vítima do descaso político e do clientelismo. Devido à falta de conhecimento sobre os processos de reivindicação, ela não apresenta as mínimas possibilidades de mobilidade social e aceita resignadamente a falta de escolas para os seus filhos, ausência de posto de saúde e outros benefícios. A única escola tem apenas duas salas de aula sem luz e ventilação suficientes, e atende apenas às crianças do pré-escolar.

Felizmente, o PRECE me ofereceu a oportunidade de retornar à minha comunidade todos os finais de semana, para, além de me encontrar com minha família, compartilhar o que estou aprendendo na universidade e colaborar para a mudança dessa realidade. O primeiro desafio que enfrentei foi orientar alguns estudantes em um assentamento rural denominado PA Erva Moura (comunidade Jardim), a 4km de minha comunidade.

Nesse mesmo ano, o PRECE fez uma reorganização dos seus núcleos para melhor atender aos estudantes, pois o deslocamento dos universitários para comunidades distantes estava causando mais desgastes do que rendimento. Desde então, passei a ser facilitadora da disciplina de Geografia, da qual outrora eu era monitora, na comunidade de Cipó.

Em dezembro de 2004, algo inovador aconteceu em Boa Vista: um grupo de estudantes dessa comunidade e adjacências demonstrou interesse em estudar no PRECE. Essa região já possuía cinco universitários precistas, que, lembrando do que sofreram pelas dificuldades de deslocamento para o núcleo Cipó, se prontificaram a fundar um núcleo do PRECE na nossa comunidade no dia 5 de março de 2005. Sou secretária e tesoureira do núcleo Boa Vista, no Instituto Coração de Estudante, e realizo pesquisas no LER Laboratório de Estudos Rurais da UFC sobre meu município de origem.

Esse núcleo proporcionou, aos jovens de minha comunidade, a oportunidade de construir conhecimentos na perspectiva de mudar sua realidade e de suas famílias e, aos universitários, o prazer de estar colaborando com seus familiares e amigos. Em minha casa, tenho três irmãos que participam do Núcleo Boa Vista e os demais manifestam seu desejo de participar, elevando a auto-estima de meus pais.

Atualmente, estou no quarto semestre do curso de licenciatura em Geografia e participo, como iniciante, na pesquisa no Laboratório de Estudos Rurais (LER) da UFC. Em virtude do apoio recebido dos meus amigos, da minha família, do LER e até de colegas novos que conhecem minha história, consegui superar gradativamente as dificuldades.

Desejo adquirir conhecimento científico e experiência na universidade, para quando graduada poder retornar à minha comunidade e contribuir para o seu desenvolvimento. Sei que não será fácil, principalmente devido à política local vigente, porém acredito que não estarei sozinha, pois contarei com a ajuda de outros graduados do PRECE, que também têm os mesmos objetivos que eu. Em um futuro bem próximo, poderemos gerar conhecimento, emprego e renda, para propiciar sustentabilidade para mim e para a minha comunidade.

Ednaldo Pereira Firmiano

Meu nome é Ednaldo Pereira Firmiano, tenho 21 anos de idade, sou da zona rural do município de Pentecoste, interior cearense. Atualmente, moro em Fortaleza, estou no terceiro semestre do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. Sou filho do agricultor Edimar Barros Firmiano e da ex-professora Maria Ricardina Pereira Firmiano e tenho um irmão de nome Evanaldo.

Os primeiros anos de vida

Meus pais nasceram e cresceram em Pentecoste, porém, quando jovens, motivados pelo sonho de obter melhores condições de vida e fugindo do sofrimento do campo vieram morar em Fortaleza, no ano de 1981 e, dois anos depois, casaram-se e eu nasci no dia 10 de maio de 1984.

Pouco meses depois do meu nascimento, meu pai perde o emprego e já não dava para morar na capital. Fomos obrigados a ir para o interior de Pentecoste, passamos três anos morando em casa sem ser própria e, durante esse período, moramos em três comunidades diferentes até nos fixarmos na comunidade de Várzea Comprida. Meu pai plantava nas terras de outras pessoas, depois, a colheita era dividida com o dono da terra, que ficava com um terço da produção.

Em 1986, minha mãe começa a lecionar para alunos da comunidade numa classe multi-seriada, até a quarta série. No ano seguinte, meu pai consegue compra sete hectares de terra, onde passou a fazer suas plantações. Era época das grandes safras de algodão, conhecido como o “ouro branco” do sertão. Meu pai começou a construir uma pequena casa de quatro cômodos e, no ano seguinte, nos mudamos para a nova casa, que ainda não tinha sido acabada, sendo concluída, alguns meses depois, com ajuda de alguns políticos em troca de votos.

Em novembro do mesmo ano, nasce meu irmão, e os trabalhos aumentaram para minha mãe, que, além de ensinar, tinha que cuidar dos afazeres domésticos no tempo que restava. Quando comecei a estudar, tinha cinco anos de idade, minha primeira escola foi a escola de primeiro grau São Francisco de Assis, localizada na minha comunidade, na qual minha mãe ensinava, e ela se tornou minha primeira professora, me ensinando até a segunda série, época de muitas brincadeiras.

Em 1993, quando fui fazer a terceira série, passei a estudar com outra professora, até meados da quarta série. Recordo-me que, nessa época, fui expulso da escola, pois tive problemas com alguns colegas e, também, porque essa professora tinha problemas com minha mãe. Para não ser prejudicado, voltei a estudar com minha mãe e ela repassava minhas notas para a outra professora.

Devido ao fato de ser filho de agricultor, desde pequeno meu pai me levava para a roça com o intuito de ajudá-lo a plantar. O salário de professora que minha mãe ganhava era

pouco e tínhamos uma vida de dificuldades, mas, como tive o privilégio de morar na zona rural, podia brincar livremente.

Os próximos anos de escola foram bastante marcantes para mim, pois foi quando comecei a enfrentar as dificuldades, já sem minha mãe por perto. Em 1995, iniciei a quinta série na escola de primeiro grau Paulo Ferreira. A nova escola ficava numa comunidade chamada Boa Vista, distante 5km de minha casa. Tinha que ir de bicicleta ou a pé, com um grupo de amigos. Nessa época, saíamos às seis horas da manhã e voltávamos quase ao meio-dia. O sol bastante quente e a dura caminhada influíram na desistência de alguns amigos. Os sistemas de ensino, naquela época, era o tele-ensino, e tínhamos apenas uma orientadora, porém a televisão nunca prestou e o resultado é que a professora era obrigada a ministrar as aulas em vez de apenas tirar as dúvidas.

Minha sexta série foi em outro colégio, pois a antiga escola não oferecia tal série. A nova escola se chamava Escola de Ensino Fundamental Maria Ivoneide Rodrigues de Moura, distante 12km de minha casa. O percurso era feito de bicicleta, saía cedo e ia para a escola com mais alguns amigos.

No período chuvoso, os problemas aumentavam, pois era preciso levar outra roupa na mochila, pois, muitas vezes, levávamos chuva no caminho ou nos sujávamos de lama. A volta para casa era ainda pior, pois, nas vezes em que não chovia, o sol era escaldante, e a fome aumentava, mas isso não evitava o fato de chegarmos quase meio-dia em casa. Tudo aquilo que enfrentamos era muito desgastante. Novamente, outros amigos acabaram por desistir, mas, para mim, enquanto não estava com fome, tudo não passava de uma aventura: andar de bicicleta na chuva, enfrentando a lama no caminho. Quando o período chuvoso acabou, a estrada ficou bem melhor, permitindo que fossemos para a escola em uma caminhonete. Comecei a fazer a sétima série com 13 anos e, no ano seguinte, terminei a oitava série na mesma escola, sempre viajando de pau-de-arara, agora no período da tarde. O sistema de ensino já não era mais o de tele-ensino, pois já existia um professor para cada disciplina.

Minha comunidade sempre foi muito carente, apenas no ano de 1998 chegou energia elétrica. Até então, quando a gente queria estudar à noite, só conseguia com a luz da lamparina ou com lampião a gás. Minha mãe continuava sendo professora da pequena escola de primeiro grau São Francisco de Assis, mas ela ainda não tinha terminado nem a oitava série, pois no seu tempo de estudo não tinha escola depois da quarta série. Então, minha mãe tinha que estudar à noite, em casa, para poder ir fazer as provas em Pentecoste.

Em 1996, corria um ano político, a eleição era bastante disputada entre os principais candidatos a prefeito. Minha família era do lado do prefeito que estava no poder e isso irritava algumas pessoas. Para nossa infelicidade, o outro candidato ganhou e começamos a sofrer na pele o que acontece quando alguém não está do lado do político que ganha. Em 1998, minha mãe perde o emprego de professora e nossa situação financeira começa a piorar. Agora, meu pai tinha que se esforçar ao máximo para sustentar sozinho a família, pois a agricultura produzia apenas para subsistência.

O ensino médio e o sonho de um futuro melhor

Quando comecei a fazer o ensino médio, ainda tinha 14 anos e na região não tinha escola em que eu pudesse estudar. Agora tinha que enfrentar um longo percurso no caminho para a nova escola e não conhecia ou ouvia falar de universidade.

Para chegar à nova escola Tabelião José Ribeiro Guimarães, que se localizava na sede do município de Pentecoste, a 25km de distância de minha casa, tinha que me deslocar todos os

dias de caminhão pau-de-arara. Saía de casa às 11:30 da manhã e só voltava às 18:00. O carro em que viajávamos ia sempre cheio e as estradas de terra batida complicavam a situação.

Além das dificuldades relatadas durante todo o meu ensino médio, a escola não oferecia um ensino de qualidade, não existia Internet, nem livros, todo conteúdo ministrado nas aulas era passado no quadro-negro e copiado no caderno. Era comum os professores faltarem às aulas e, muitas vezes, passávamos até meses sem ter aulas de determinadas disciplinas.

Durante o ensino médio, houve tempos difíceis, mas mesmo assim encontrei meios para me divertir; foi nessa época que conquistei muito dos meus amigos.

A caminhada era longa, mas encontrávamos disposição para brincadeiras, conversas, piadas e muitas coisas boas que aconteceram na minha adolescência. O grupo que iniciou o ensino médio comigo era formado por quase 20 pessoas, que viajavam no pau-de-arara. Alguns deles não concluíram seus estudos, outros hoje já estão casados ou trabalham por um salário mínimo. Apenas eu e uma prima tivemos a oportunidade de estar cursando uma faculdade.

Na sala de aula, sempre fui um aluno que dificilmente fazia perguntas, pois tinha dificuldades de me expressar e, muitas vezes, colava na hora da prova. Algumas vezes, saía da sala para jogar bola e só pegava no caderno na outra aula e no período de prova. Quase todos os estudantes eram assim, víamos o estudo como uma coisa chata, que éramos obrigados a fazer.

À medida que minha adolescência ia passando, eu começava a criar consciência da situação em que vivia minha comunidade, começava a sonhar com um futuro melhor e pensar no que fazer para alcançar meus objetivos.

Na minha comunidade, poderia trabalhar na agricultura, como acontece com muitos jovens que terminam o ensino médio, ou pedir um emprego a algum político da região. Outra opção que existia era ir para Fortaleza em busca de um subemprego e morar na casa de familiares, porém eu não pensava em nenhuma dessas opções. Os anos se passavam, conversava com os amigos sobre o futuro; foi quando comecei a pensar em fazer parte do exército brasileiro. Em conversa com meus pais, eles apoiaram minha idéia, mas o resto da família não concordava com meu pensamento.

Corria o ano de 2001, eu alimentava o sonho de ir para o exército, mas no mesmo ano aconteceu algo que me fez mudar de idéia e poderia me fazer continuar estudando.

O caminho até a universidade

Em toda a minha vida estudantil, tinha ouvido falar pouquíssimas vezes da universidade, tinha vontade de continuar estudando, mas não sabia como, porém, no final de 2001, conheci um projeto, o PRECE, que tinha como objetivo levar os jovens à faculdade. Comecei a me interessar pela idéia de continuar estudando, mesmo não entendendo direito do que se tratava. Mesmo assim, comecei a conversar com amigos sobre o que estava pensando. Alguns me apoiaram, porém outros deram alguns exemplos de pessoas que já faziam parte daquele projeto, dizendo como era difícil.

No mesmo ano, comecei a organizar alguns pequenos campeonatos de futebol para crianças de minha comunidade e de outras vizinhas. Foi então que o professor Manoel Andrade, da UFC, coordenador do projeto que levava jovens para a universidade, convidou minha escolinha para participar de um torneio na comunidade de Cipó, a 7km de minha casa. No torneio, o professor conversou comigo sobre os jogos e falou do projeto pré-vestibular, me

convidando para participar daquele movimento quando terminasse o ensino médio. Depois disso, comecei a debater a idéia com alguns colegas e minha família.

Em março de 2002, iniciaram as aulas e o local onde íamos estudar era uma antiga casa de fazer farinha adaptada para os estudos, distante mais de 7km da minha casa. As aulas começavam na sexta-feira durante a noite e só terminavam no domingo à noite. Eu não tinha como me deslocar para as aulas, pois o local de estudo era muito longe. Foi então que a minha tia Sônia, que morava a apenas 2km do local de estudo, me convidou para ir morar em sua casa, onde poderia me hospedar nos finais de semana de março de 2002.

Devido à má qualidade de ensino público, onde o governo finge que educa e as pessoas fazem de conta que aprendem, e à dificuldade de acompanhar o ritmo do pré-vestibular, comecei a fazer revisão de todo o ensino fundamental, a partir da quinta série, com apenas cinco disciplinas. Os primeiros estudantes do projeto tinham aprendido a estudar sem ajuda de professores, os que sabiam mais determinadas disciplinas ajudavam os outros, pois o professor Andrade só podia estar com eles nos finais de semana. O número de estudantes era muito grande e não tinha como reunir todos em apenas uma sala de aula, pois a casa em que funcionava o projeto não tinha estrutura para conter tanta gente.

O grupo foi dividido em pequenos grupos formados por, no máximo, seis estudantes do mesmo nível educacional. Fomos estudar à sombra das árvores, onde os monitores, que eram estudantes universitários do projeto, ficavam se deslocando de grupo em grupo, fazendo perguntas e tirando as nossas dúvidas.

Quando um monitor chegava no meu grupo e fazia perguntas, dificilmente eu respondia, pois era muito tímido e com dificuldades para me expressar, porém o método que estudávamos me fez perder a timidez, pois tinha que estudar em casa durante a semana e, no encontro do grupo, nos finais de semana, tinha que debater o que tinha aprendido em casa.

O percurso da residência de minha tia até o local de estudo era feito de bicicleta, em companhia de um primo que morava na mesma casa e também estudava no projeto.

A família de minha tia é formada por três filhos, dois deles ainda com menos de 10 anos, e por minha avó, que é viúva e também morava ali. Algumas vezes, ajudávamos nosso tio na lavoura, pois aquela família, assim como a nossa, não tinha condições de nos manter estudando. Outras vezes, era preciso trabalhar nas plantações de outras pessoas, para poder ganhar dinheiro.

As condições de vida eram muito difíceis. Muitas vezes, fui criticado pela comunidade por não ajudar meu pai na agricultura ou por não ir morar em Fortaleza, mendigar algum emprego. Mas não queria que isso acontecesse comigo o mesmo que tinha ocorrido com meus pais, que quando eram jovens foram morar em Fortaleza e depois foram obrigados a voltar para o campo.

O ano de 2002 foi bastante positivo, mesmo passando por todas essas dificuldades. Aprendi que, muitas vezes, elas são importantes para despertar valores como amizade, solidariedade, valor por minha família, a importância de Deus nas nossas vidas.

Em 2003, depois de alguns dias de férias, retornei aos estudos. O grupo de estudantes do Cipó tinha aumentado, eu já estudava nos livros do ensino médio, aos pouco fui aumentando minha capacidade de expressão, tirava dúvidas com os monitores e respondia suas perguntas.

Devido ao grupo do Cipó ter aumentado, já não dava para atender aos alunos iniciantes nos finais de semana. As aulas teriam que ser ministradas durante a semana e os universitários não podiam vir. Devido ao meu desempenho em algumas matérias, fui convidado para trabalhar

como monitor nas disciplinas de história e geografia com o grupo iniciante. Esse processo me incentivou mais ainda nos estudos, eu era monitor durante alguns dias da semana e nos finais de semana estudava para o vestibular. Depois de alguns meses, passei a coordenar um grupo de revisão do ensino fundamental na disciplina de História.

O vestibular estava bem próximo e, depois de conversar com amigos, optei por fazer para Pedagogia. Como não tinha condições de pagar a inscrição, tive que passar por muita burocracia para conseguir provar que era pobre.

Os meses que antecederam o vestibular foram de muitos esforços no estudo, éramos 38 pessoas da zona rural fazendo vestibular em 2003 e aguardávamos com grande expectativa a hora da prova. Dois dias antes do vestibular, nos reunimos na casa de farinha, conversamos sobre nossas dificuldades dos momentos de estudo juntos e dos sonhos para o futuro. Naquela noite, todos se emocionaram com as histórias contadas e agradecemos a Deus pelas dificuldades vencidas.

No outro dia, pegamos o ônibus e viemos para Fortaleza, onde nos juntamos com o grupo de Pentecoste que também fazia parte do Projeto para esperarmos pelo horário da prova.

No final dos dois dias de prova, conferi pelo gabarito que eu estava garantido para a outra fase do processo seletivo da UFC mesmo antes de sair o resultado oficial. Mas, na segunda fase, tive que esperar pelo resultado oficial, que só foi divulgado em fevereiro de 2004, sendo classificado entre os 20 primeiros colocados para o curso de Pedagogia do segundo semestre daquele mesmo ano.

Enquanto o curso não iniciava, continuei morando na casa de minha tia e atuando como mediador e coordenador de disciplinas no Cipó e na Providência, novo núcleo, que ajudei em sua formação.

Em agosto de 2004, quando o curso iniciou, eu estava preocupado, pois meus pais não tinham condições financeiras de me manter estudando. Foi então que consegui moradia em uma das residências universitárias da UFC para estudantes oriundos do interior do estado. Mesmo assim, meus pais não conseguiam mandar dinheiro para eu poder comprar materiais didáticos. Foi então que, mais uma vez, o PRECE me ajudou financeiramente.

Desde que iniciei o curso, retorno todos os finais de semana para Pentecoste, a fim de colaborar com o projeto, que agora se transformara em Instituto Coração de Estudante, abrangendo vários projetos, entre eles, o pré-vestibular Cooperativo.

Em 2005, continuo retornando à minha comunidade, atuando como coordenador e mediador de disciplina em dois projetos do Instituto e ajudei na formação de mais um núcleo na comunidade de Boa Vista, na antiga escola onde fiz minha quinta série.

Desde 2003, passei a frequentar a Igreja Presbiteriana da comunidade de Cipó e, no final do ano de 2004, tornei-me um de seus membros. Meus pais conseguiram melhorar um pouco suas condições de vida e nossa casa ficou bem maior.

Meu sonho é que, em um futuro próximo, eu possa ajudá-los. Pretendo fazer mestrado em Educação ou Sociologia, ver meu irmão em um curso superior de qualidade e, através do Instituto Coração de Estudante, desenvolver projetos para minha comunidade, a fim de que as pessoas que ali moram possam ter uma boa educação e sejam sujeitos políticos conscientes, para que possam melhorar suas condições de vida.

Helano Luz Lopes

Sou o primeiro filho do agricultor Eliseu Luz Lopes e da professora Ana Célia Luz Lopes. Tenho quatro irmãos: Elton, Alex, Rennan e Ravena. Nasci em 4 de dezembro de 1982, na comunidade de Canafístula, que fica a 105km de Fortaleza e é um dos dois distritos do município de Apuiarés. Essa comunidade é uma pequena vila rural formada por, praticamente, uma única família, a família Luz. Tanto que todas as minhas professoras do antigo 1º grau têm algum parentesco comigo.

O ensino fundamental

Fui alfabetizado pela minha prima Maria Aparecida. Nós estudávamos na sacristia da igreja, pois na época a Escola de 1o Grau Nely Ribeiro Luz possuía apenas quatro salas de aula, ocupadas pelas turmas da 1ª à 8ª série. No ano seguinte, em 1990, passei a estudar na escola, para fazer a 1ª série, com a tia Ivanda. Na 2ª série, um fato que nunca esqueço é da primeira e última vez que coleei. Foi assim: faltando pouco tempo para encerrar a prova, tinha uma questão que eu tinha dúvida na resposta, tinha respondido, mas não tinha certeza. Então, resolvi olhar para a prova do colega ao lado, como a resposta dele estava diferente da minha, apaguei o que tinha escrito e copieei sua resposta. Resultado, tirei nota nove, isso mesmo: troquei a resposta correta pela errada. Minha professora da 2ª série era a Ivonete, que era casada com um primo de minha mãe.

Em 1992, passei a estudar no período da tarde, mas não gostei de estudar nesse horário porque fazia muito calor e a sala de aula não possuía sistema de ventilação. E para piorar, jogávamos futebol na quadra da escola, antes do início da aula. Fazíamos questão de chegar mais cedo só para ter bastante tempo para jogar. A aula começava às 13:00 e tinha dias em que chegávamos uma hora antes. Não sei como suportávamos aquele sol escaldante e o piso da quadra era mais quente ainda, pois não possuía cobertura. Detalhe: jogávamos descalços. Imagine como era entrar na sala, cansados e molhados de suor; o rendimento escolar diminuía bastante. Mas, no dia seguinte, estávamos lá na quadra, antes da aula, para mais uma partida de futebol. Nesse ano, estudei com a professora Giselda Costa, esposa do meu tio.

Na quarta série, praticamente se repetiu como no ano anterior, o mesmo horário de aula, as mesmas brincadeiras na quadra, inclusive, só a professora que era outra, mas tinha o mesmo nome da anterior, Giselda, e também era minha tia. Vale considerar que, apesar de não prestar atenção à aula por não gostar do horário, eu era considerado um bom aluno.

1994 foi o ano em que passei a estudar pelo sistema de tele-ensino, tudo diferente, disciplinas novas, química, física, biologia, história etc. Não existia mais a figura do professor e sim do orientador de aprendizagem. Não gostei muito da nova metodologia de ensino, mas tive que me adequar. Minha orientadora de aprendizagem, nesse e no ano seguinte, foi a tia

Ana Angélica, esposa do tio Edval. Foi nesse ano que minha mãe passou no concurso para professora da rede municipal.

Foi também nesse mesmo ano que eu e meu irmão Elton, pela primeira vez, pilotamos, sozinhos, uma moto. Tudo aconteceu em um domingo à tarde, no mês de outubro. Nosso pai estava deitado na sala. Pensávamos que ele estava dormindo, Então, resolvemos pegar a moto e dar umas voltinhas. O Elton foi o primeiro, apesar de ser mais novo, sempre foi o primeiro tomava a iniciativa, eu era muito cauteloso. Na época, eu tinha 11 e ele 10 anos. Só que nosso pai não estava dormindo, como pensávamos. Ele viu tudo e depois disse que só deixou que a gente continuasse porque sabia que estávamos preparados.

Em 1996, voltei a estudar à tarde, mas dessa vez não jogava futebol antes da aula, o que me proporcionava um melhor rendimento na sala de aula. Considero como minha melhor professora do 1º grau a Sílvia Maria, que esteve comigo na 7ª e 8ª séries. Sílvia Maria é irmã de Maria Aparecida e, pouco tempo depois, viria a se casar com um irmão de minha mãe, o tio Sérgio.

Foi nesse ano que aprendi a dirigir carro. A primeira volta foi num Fiat 147 amarelo, que pertencia ao tio Sérgio. Nessa época, eu e Elton dividíamos nosso tempo fora da escola entre ficar com nossos tios Sérgio e Antonio Célio, ajudando-os com seus carros, ajudávamos a limpar, a consertar etc., e os afazeres domésticos. Como nossa mãe dava aula de manhã e à tarde, a gente limpava a casa, lavava os pratos etc. Só não fazíamos comida, nossa mãe é quem fazia, ao chegar da aula, por volta de 11:00.

Nosso pai, ao contrário da maioria dos outros agricultores, raramente nos levava com ele para a roça. Apenas trabalhávamos na época de plantio. Ele sempre dizia que era melhor estudar do que ir para a roça.

Foi também nesse ano que namorei pela primeira vez. Como eu era muito tímido, a menina tomou a iniciativa. Pediu a uma amiga que marcasse um encontro entre nós dois. E assim foi feito. No dia do encontro, fui com a amiga dela para o local marcado e, para minha surpresa, ela me deu um beijo e disse que ia ficar comigo e, se eu passasse no teste, ela chamaria a outra. Depois de algum tempo, ela disse que tinha passado no teste e, então, foi chamá-la. E eu fiquei esperando no local marcado. A menina, como nem desconfiava de nada, veio e então fiquei com ela também. Isso aconteceu no sábado e, na segunda-feira, ela soube de tudo. Alguém na escola contou. Depois disso acabaram-se as minhas esperanças de viver um triângulo amoroso.

No ano seguinte, em 1997, minha mãe ingressou na faculdade de Pedagogia da Universidade do Vale do Acaraú (UVA), que funcionava em regime especial. As aulas aconteciam nos meses de férias, julho e dezembro, com duração de dois anos. Nesse período, eu e Elton tivemos que tomar de conta de casa por completo, inclusive fazer comida, durante a semana, pois, nos finais de semana, nossa mãe retornava para casa. Além disso, tínhamos que cuidar de nossa irmãzinha, que ainda não tinha quatro anos completos.

O ensino médio

Para continuar meus estudos no ensino médio, tive que sair de casa e ir morar na casa de tia Selma na cidade de Pentecoste, distante 25km de minha comunidade, Canafístula. O ano de 1998 não foi um ano muito bom para mim, pois tive que sair de casa e ir morar em outro lugar, apesar de ter sido bem recebido, não me sentia muito bem, ou melhor, não me sentia à vontade na casa de minha tia. Foi nesse ano que eu e Elton nos separamos pela primeira vez,

pois até então tínhamos estado juntos em praticamente todos os momentos de nossas vidas, tanto dentro como fora da escola. Até quando viajávamos de férias, nosso principal destino era a casa da tia Ana Maria, no município de Palmácia. Aliás, foi lá que demos nossos primeiros passos nas tarefas domésticas, pois ela sempre nos dava algumas tarefas como: limpar os móveis, lavar os pratos depois do jantar etc.

Voltando à separação, foi apenas no colégio. Ao chegarmos, no primeiro dia de aula, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Tabelião José Ribeiro Guimarães, percebemos que havia duas turmas do 1o ano e, ao olhar lista de alunos, vimos que tínhamos ficado em turmas diferentes. Outra dificuldade foi me relacionar com as pessoas, devido a minha timidez. Nesse ano fiz poucas amizades.

Permaneci em Pentecoste até meados do ano seguinte, pois tive a oportunidade de voltar para a casa de meus pais e concluir o ensino médio na Escola de Ensino Fundamental e Médio São Sebastião, em Apuiarés. Isso aconteceu através de um transporte escolar fornecido pela prefeitura do município.

Foi um tempo de muito sofrimento devido à viagem, principalmente na época chuvosa, pois tínhamos que ir em um caminhão pau-de-arara, pois o ônibus não conseguia vencer os vários obstáculos impostos pela estrada de terra. A aula iniciava às 18:30 e encerrava às 22:00, porém saíamos de nossas casas às 17:00 e só estávamos de volta depois de 01:00 da madrugada. Isso porque voltavam conosco alguns alunos de outras comunidades, o que atrasava um pouco a nossa volta. Mas, apesar disso, estava feliz, pois morava novamente com meus pais.

Nessa escola, fiz bem mais amigos, principalmente no 3o ano. Isso porque a nossa professora de matemática, Lucinha Batista, percebendo a dificuldade que a maioria dos estudantes tinha com a sua disciplina, incentivou os que não tinham tanta dificuldade a ajudar seus colegas. Funcionava assim: ela nos dava o exercício e quem fosse terminando ia ajudar aqueles que ainda não tinham terminado. Eu sempre era um dos que primeiro terminava e, a pedido dela e também porque me sentia bem em compartilhar o pouco que sabia, ficava na sala ajudando meus colegas. Diferentemente, a maior parte dos estudantes terminava e ia para fora da sala conversar, só ficavam uns dois ou três, e eu era sempre um deles. Lembro-me que alguns estudantes tinham dificuldades com os conteúdos das séries iniciais, como soma de fração, divisão por números de mais de um algarismo etc.

Nesse ano, fui considerado, por essa professora, o melhor aluno da turma. Não sei se foi por meus conhecimentos na disciplina ou pela minha colaboração com meus colegas. Foi também nesse ano que eu e Elton voltamos a estudar juntos.

A preparação para o vestibular

Em 2001, concluído o ensino médio e com o desejo de continuar estudando, resolvi me matricular no PRECE, que oferecia preparação para o vestibular e fica na comunidade de Cipó, município de Pentecoste, a cerca de 8km da minha comunidade, Canafístula. Na época, não tinha muita idéia do que era vestibular, faculdade. Só sabia que queria continuar estudando para ter melhores perspectivas de vida para mim e para minha família. Não esqueço o empenho e o entusiasmo de nossos pais nessa nova etapa de nossas vidas, minha e de Elton.

Nós tínhamos aula aos finais de semana, iniciando sexta-feira à tarde e encerrando domingo ao meio-dia. As aulas aconteciam numa velha casa de fazer farinha abandonada que não tinha nenhum aspecto de escola. Mas exista ali um grupo de estudantes dispostos a

mudar seus destinos e de suas famílias através da educação. Foi lá, naquela velha casa de chão esburacado, quase sem paredes, praticamente um galpão e ainda com alguns equipamentos utilizados na produção de farinha de mandioca, que iniciamos essa batalha.

Nunca esquecerei o espírito de companheirismo, solidariedade e cooperação que fazia com que os professores, que eram os universitários oriundos do PRECE, retornassem todos os finais de semana para nos auxiliar em nossos estudos. E, principalmente, esse espírito que existia entre nós, estudantes, que tínhamos o prazer de repassar o pouco que sabíamos aos outros colegas, quem sabia um pouco mais de uma disciplina ensinava aos que sabiam um pouco menos. Parecia que não éramos concorrentes no vestibular.

Foi no PRECE que passei a gostar de biologia, pois até então nunca tinha gostado dessa disciplina. E tudo devido a uma flor. Nós estávamos estudando botânica e nosso professor de biologia, Francisco Gonçalves, que era estudante de agronomia, nos levou próximo de uma planta e destacou uma flor. Então começou a mostrar e explicar a função de cada uma das partes daquela flor. E isso fez com que eu me apaixonasse por biologia.

Nesse mesmo ano, a velha casa de fazer farinha começou a ser reformada para melhor abrigar os jovens que ali estudavam. Os meninos que lá moravam, Regivaldo, Tetê e Benedito, dedicavam parte do seu tempo de estudo na semana para ajudar na reforma. Nós que só estávamos lá nos finais de semana também ajudávamos, principalmente no sábado à tarde, após a última aula.

Em outubro, no mês de aniversário do PRECE, a reforma foi concluída. Agora tínhamos uma cozinha, um banheiro maior e com chuveiros, um pequeno auditório e algumas salas de aula que, nos finais de semana, funcionavam como dormitórios.

No início do ano meu pai tinha comprado uma C-10, ano 1976, para fazer o transporte de alunos de duas comunidades vizinhas à Canafístula para a Escola de Ensino fundamental Nely Ribeiro Luz. Como ele sempre tinha algum trabalho na roça, eu e Elton ficamos responsáveis por dirigir o carro. Assim, tínhamos que dividir o nosso tempo na semana entre estudar para o vestibular, fazer o transporte dos alunos e cuidar da casa.

O vestibular

E então chegou a hora do vestibular. Fomos para Fortaleza alguns dias antes das provas da primeira fase, onde ficamos em um alojamento cedido pela Universidade Federal do Ceará, que também nos forneceu alimentação. Ficamos em Fortaleza até a realização das provas da segunda fase. Intervalo de tempo que durou, aproximadamente, um mês. Durante esse período, estudávamos o dia inteiro e também tivemos a oportunidade de ter aulas com alguns professores da UFC.

Um momento de muita alegria para o grupo foi quando divulgaram o resultado da primeira fase. Nós éramos 18 estudantes e todos conseguiram ser aprovados.

Após a realização das provas da segunda fase, voltamos para nossas casas. Depois de alguns dias, foi divulgado o resultado final. Dos 18 estudantes do nosso grupo, sete foram aprovados e conseguiram ingressar no ensino superior. Dentre estes estavam eu, aprovado para o curso de Agronomia, e Elton, aprovado para o curso de Química. Esse foi um momento de muita alegria para minha família.

A partir daí, nos separamos definitivamente, mas apenas nos estudos. Hoje, dividimos o mesmo quarto de uma residência universitária e trabalhamos no mesmo laboratório de pesquisa.

A universidade

Ao ser aprovado para o curso de Agronomia, tive que vir morar em Fortaleza. E isso só foi possível graças ao programa de residência universitária da UFC. Sem esse programa, meus pais não teriam condições de manter os dois filhos na faculdade. Aliás, três, pois nosso terceiro irmão, o Alex, foi aprovado no último vestibular para o curso de Geografia. Ele também foi aluno do PRECE.

Hoje estou no 8o semestre do curso, trabalho como voluntário em pesquisa científica que tem como objetivo a busca de inseticidas alternativos contra a mosca branca, uma praga de grande importância econômica, não só na nossa região, mas também no mundo.

Todos os finais de semana, desde 2002, retorno a minha região para trabalhar voluntariamente no PRECE. Esse ano, eu e mais os outros 11 universitários de Canafístula oriundos do PRECE, organizamos um núcleo em nossa comunidade, onde colaboro com as disciplinas de biologia e física e também sou o tesoureiro.

Pretendo, com os conhecimentos adquiridos aqui na faculdade, desenvolver projetos, principalmente na área agropecuária, que possam de alguma forma promover a sustentabilidade de famílias carentes, que hoje se mantêm com a ajuda dos programas assistencialistas do governo. Para que assim possamos ter uma comunidade mais justa e igualitária.

José de Paulo Firmiano de Sousa

Terceiro filho dos pequenos proprietários rurais Alfredo Ferreira de Sousa e Maria Firmiano Ferreira, sou José de Paulo Firmiano de Sousa, nascido a 12 de outubro de 1960, na comunidade rural de Irapuá, Pentecoste, Ceará. Tenho quatro irmãos: Marta de Fátima, Maria Nazinha, Antônio e Neto.

Sempre fui muito mimado pelo meu pai, que me dava muitos ensinamentos, mesmo antes de ir à escola pela primeira vez. Na época, a situação do sistema escolar era bastante deficiente e, para que eu fosse alfabetizado, meu pai disponibilizou a sua casa e convidou um grupo de amigos para formar uma sala de aula com os seus filhos.

Ao formar uma turma de vinte crianças, entre elas estavam minhas duas irmãs, meu pai convidou uma jovem que detinha um pouco mais de conhecimento na comunidade. A professora convidada iniciou o trabalho educacional no mês de julho de 1966, que durou seis meses, tempo suficiente para ensinar a carta do ABC e a cartilha Nordeste.

Ao concluir esse trabalho, a professora precisou ir embora, devido a alguns problemas particulares. Após esse acontecimento, por falta de professor, fiquei três anos sem estudar. Entre esses intervalos sem estudar, passei a ajudar meu pai na criação de ovinos e na roça.

Sempre gostei de brincar, fui uma criança saudável. Em 1969, uma amiga de meu pai presenteou meu irmão Antônio com uma bola; isso para nós foi uma maravilha, sempre saíamos para brincar nos campos, mas nosso pai não via o jogo de futebol como uma brincadeira adequada, privando-nos muitas vezes de sairmos para a brincadeira. Nessa mesma época, tive a oportunidade de voltar a estudar, agora na casa de um amigo de meu pai, José Martins de Oliveira, que viera morar próximo de nossa residência. A esposa desse senhor foi a responsável por eu recomeçar tudo, pois quase não lembrava do que havia aprendido em 1966.

Devido às dificuldades da estação chuvosa, a escola não registrada só funcionava durante seis meses, na estação seca; então eu estudava um semestre a cada ano, até 1970, quando cursei a primeira e a segunda série, que ficou incompleta. Porém, mais uma vez fiquei sem aulas, pois o casal de amigos mudara para a sede de Pentecoste.

Sem alternativa para estudar, passei a trabalhar com meu pai na agricultura, na qual nós plantávamos milho, feijão, algodão, batata doce, tomate, arroz, abóbora e melancia. Para mim, isso era uma grande felicidade, ser agricultor e ver muita fartura na roça, pois era fruto de um trabalho feito com muito amor, apesar de enfrentar o sol causticante do nosso semi-árido nordestino.

Em 1975, cheguei para meu pai e falei que eu e meus irmãos já tínhamos condições de trabalhar para produzir a renda necessária para custear as despesas da família. Diante disso, ele não precisaria mais trabalhar como antes, e nós, os filhos, encampamos a luta.

Paralelo a esses acontecimentos, eu e meus irmãos saíamos, às vezes, escondidos para jogar futebol. Aos poucos, nosso pai foi aceitando, sendo muitas vezes espectador das partidas de futebol em que eu era titular.

Chegou a fase de rapaz enamorado e, em 1979, conheci uma jovem muito bonita, Marta. Namoramos e, depois de dois anos, resolvemos nos casar, em 1982. Logo veio a primeira filha, Daiana Paula. Seu nascimento deixou-me muito emocionado, por ser um pai muito “coruja”. Isso se repetiu quando nasceram Paulo Gleysson, Paula Luciana, Paula Glaciane, Paulo Ricardo, João Alfredo e os gêmeos Fernanda e Fernando. Para garantir o sustento de minha família, precisei trabalhar muito mais.

Quando casei, continuei morando na mesma localidade dos meus pais, próximo a casa deles. A comunidade sempre foi muito tranqüila; apesar da distância para buscarmos suprir algumas necessidades, era o lugar ideal para a criação dos meus filhos.

Cedo comecei a me preocupar com a educação escolar dos meus filhos. Nesse tempo, já funcionava uma escola municipal, mas muito precária, próxima à minha casa. Consciente das minhas desagradáveis experiências nos estudos, não queria que aquilo se repetisse com meus filhos, não sei se eles teriam coragem de trabalhar no campo como eu, além de deter um conhecimento limitado.

Entretanto, Daiana Paula começou a estudar. Com o pouco conhecimento que eu tinha, procurei ajudá-la nas atividades escolares, dei o melhor que pude para que ela fosse exemplo tomado por todos os seus irmãos. Durante o meio-dia, já me encontrava livre da lida no campo para acompanhar os estudos dos meus filhos. Muitas vezes, ao desempenhar essa tarefa, lembrava da minha infância, quando não havia escola que atendesse a mim e às demais pessoas de minha mesma faixa etária, de minha comunidade e suas adjacências, que hoje, parte delas, não sabe nem ao menos assinar o próprio nome.

Apesar de ser pai de seis filhos nessa época, isso não me impedia de sonhar em voltar a estudar, pois entendia um pouco das disciplinas de história e geografia, além de conhecer toda a tabuada de matemática. Com isso, alimentava mais ainda esse sonho. Contudo, devido a minha idade avançada, tudo não passava de um mero sonho.

Entre os anos de 1990 e 1995, havia campeonatos de futebol, nas comunidades Tamarina, Cipó, Várzea Comprida, Canafístula, Serrinha e Capivara. Por gostar desse esporte, participava como titular do time Boa Vista.

Esses campeonatos eram organizados por meu amigo professor Manoel Andrade, que comentava comigo seu anseio de trabalhar com a educação no esporte. Diante disso, eu imaginava e dizia que seria impossível educar torcida de futebol.

O tempo passou, o Andrade parou de organizar os campeonatos, pois já havia fundado em sua comunidade, Cipó, um projeto educacional, o PRECE.

Durante minhas visitas ao Cipó, que ficava a três quilômetros de minha comunidade, observava o grupo de estudantes que encamparam a idéia do Andrade. As atividades de estudo tinham uma metodologia de ensino diferente da escola tradicional. Ali, eu conseguia ver a escola do futuro dos meus filhos.

Ao surgirem os primeiros cursos, Biologia, Língua Portuguesa, Datilografia e Matemática, já estava lá, com minha filha Daiana, para cursá-los. Ao estar sempre presente naquele ambiente de estudo, conversava muito com os estudantes. Um dia, comentei com um daqueles estudantes, Orismar da Silva Barroso, sobre a minha vontade de retornar a estudar, mas me sentia incapaz de enfrentar a prova de seleção que acontecia a cada três meses, para o ingresso no supletivo fundamental na sede do município. Ouvindo as minhas lamentações, Orismar me incentivava a estudar, dizia que eu tinha capacidade, que tiraria o primeiro lugar naquelas provas, pois ele já tinha feito e conhecia o sistema.

Refleti sobre aquelas palavras e a vontade de retornar aos estudos aumentava. Quando conversava com minha esposa, eu a aconselhava para que ela também retornasse a estudar, pois ela tinha a quinta série. Então, ela foi a primeira a fazer a prova de seleção para o supletivo, em 1997.

Marta foi aprovada em segundo lugar, o sucesso dela foi uma grande motivação para mim. Três meses depois, submeti-me à mesma desafiadora seleção e passei em primeiro lugar e isso foi um grande motivo de felicidade para minha família.

Para que eu e Marta realizássemos as provas do supletivo, seria preciso transporte que nos deslocasse até a sede do município, a trinta e um quilômetros. Todavia, as minhas condições financeiras não eram suficientes para pagar o transporte para nós dois. Então, ela ia de carro pau-de-arara e eu ia de bicicleta, muitas vezes sem dinheiro para comprar um lanche. Além disso, eu tinha que enfrentar o preconceito da comunidade, que dizia: “Velho estudando, serviria apenas para morrer sabido e para aprender a mentir”, mas nada disso me fez desistir. Todas essas dificuldades perduraram por dois anos.

Quando eu e Marta concluímos o ensino fundamental, a Secretaria de Educação do município não oferecia o ensino médio, e estudar em Fortaleza seria muito difícil para mim. Fiquei desiludido, mas no ano seguinte surgiu o Telecurso 2000, numa comunidade próxima, Providência.

Mais uma vez, eu e minha esposa nos matriculamos para estudar, juntos, no ensino médio, porém, antes de as aulas do Telecurso iniciarem, Marta ficou grávida de gêmeos e achou melhor parar de estudar e eu enfrentei sozinho a luta para realizar meu sonho.

Alcançado meu objetivo, não me acomodei só com o que havia conquistado. Ao acompanhar o desempenho dos estudantes do PRECE e com o estímulo que recebia deles, decidi continuar estudando. No entanto, exigia bastante tempo de dedicação e eu precisava trabalhar, mas procurei estudar num outro ritmo, com o tempo que tinha disponível.

Em 2002, recebi uma ajuda de custo oferecida pela coordenadoria do PRECE, pois o projeto sabia da minha vontade de estudar. Em março, participei assiduamente do curso preparatório para o vestibular cooperativo. Mesmo com a ajuda de custo, eu trabalhava. Diante de tudo isso, as críticas da comunidade aumentavam, recebi insultos, fui chamado de vagabundo, mas nem por isso desisti.

Ao estudar em grupo com meus colegas do PRECE, compartilhava as minhas dificuldades que, além da financeira, a estação chuvosa causava sérios riscos ao atravessar o rio Canindé durante as cheias. Mesmo assim, tive coragem suficiente no final do ano para enfrentar o vestibular, com minha filha Daiana, na Universidade Federal do Ceará. Fomos aprovados na primeira fase do concurso: eu prestei para Agronomia e ela, para Zootecnia, porém ficamos reprovados na segunda fase.

Esse acontecimento abalou emocionalmente minha esposa, a qual, ao saber do resultado, tive que me manter equilibrado para conformá-la, sabendo eu, realmente, do que se tratava o vestibular.

No ano seguinte, com mais conhecimento, além de estudar em grupo, passei a monitorar a equipe de estudantes iniciantes, o que me deu melhor aproveitamento. No final do ano, eu e minha filha fomos aprovados no vestibular, eu, para agronomia e ela, para Geografia.

Deparei-me com um momento novo na vida, a aprovação no vestibular privou-me de três noites sem dormir, foi uma notícia importante para mim e para toda minha família. Porém, antes agricultor ou estudante, estive sempre ao lado de meus pais e dos meus filhos, e agora

teria que deixá-los no interior e morar em Fortaleza, para estudar. E a minha comunidade já não mais me critica, hoje, ela me apóia.

Na universidade, vivo outra realidade metodológica de ensino. Outrora, eu estudava em grupo, enquanto a academia trabalha com aulas expositivas. No início, tive dificuldades, mas tenho superado algumas.

Mesmo no ensino superior, continuo retornando à minha comunidade para a família e para o PRECE, no qual dou continuidade ao trabalho educacional, sou facilitador no núcleo Cipó e coordenador do núcleo Boa Vista, recém-iniciado.

Hoje, consigo sonhar com minha comunidade crescendo, tanto na área da educação e da agropecuária. Lembro que quando eu era agricultor, trabalhava com muito prazer e tinha orgulho da profissão, mas, por falta de apoio, senti que não tinha capacidade de continuá-la. Isso foi um dos motivos que me fez estudar. Tudo isso me leva a lutar para que meus conterrâneos consigam trabalhar, estudar e morar no campo, usufruindo uma vida melhor.

Lúcia de Fátima de Sousa Gomes

Eu, Lúcia de Fátima de Sousa Gomes, nascida aos 13 de maio de 1983, na cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Sou a sexta filha do casal João Félix Gomes (vaqueiro) e Francisca de Sousa Gomes, mais conhecida como Neném (professora primária).

Possuo sete irmãos: Sílvia, Raquel, Roberto, Félix, Carmem, João Filho e Edna. Por ser uma família numerosa, meus pais sempre tiveram de trabalhar bastante para possibilitar condições mínimas à nossa sobrevivência. Não tivemos o que queríamos, mas o que necessitávamos, ou seja, meus pais não tinham dinheiro para satisfazer os nossos “caprichos” ou talvez nossos sonhos de crianças, mas nos davam alimento e roupas, além da atenção que nossa mãe nos dava.

Durante os três primeiros dias de vida, eu e minha mãe ficamos na maternidade. Depois disso, voltamos para casa, fomos para um lugarejo denominado Cipó, a 18km de Pentecoste, localizado a 85km de Fortaleza.

Quando nasci, morávamos numa casa de pau-a-pique e, desde cedo, minha mãe saía para trabalhar e me deixava com minha tia Nonata e com minha irmã Raquel (que na época tinha oito anos). As duas cuidavam de mim com muito carinho e me davam muita atenção.

Passaram-se os dias e mudamos para uma fazenda, de propriedade do Sr. Antonio Carneiro, prefeito de Pentecoste, onde meu pai passou a ser o responsável. Lá, construímos parte da história da nossa família e vivemos muitos momentos agradáveis, inclusive o nascimento de meu irmão mais novo, João Filho. Nesse período, minha mãe concluiu o ensino médio pelo sistema Logos II (espécie de supletivo para professores), grávida de oito meses, com muita dificuldade.

Na nova casa, tínhamos oportunidade de brincar, vivíamos admirados com os animais que lá existiam. Nos divertíamos bastante, pois havia muito espaço. Conhecemos várias pessoas, eu diria até que construí as minhas maiores amizades nessa fazenda, durante os vinte anos em que lá vivi.

Minha mãe gostava de nos pôr no colo e contar fatos acontecidos em sua infância. Já meu pai não tinha muito tempo para conversar conosco, pois trabalhava pela manhã e à tarde, e muitas vezes ia dormir muito cedo da noite. Por diversas vezes, ele acordava de madrugada para deslocar o gado para outras comunidades. Ele não foi um pai ausente, apenas se preocupava demais com a nossa sobrevivência, por isso não tinha tempo de brincar conosco.

Minha comunidade

A minha comunidade, Cipó, é constituída por 15 famílias, as casas ficam distantes umas das outras e, apesar das dificuldades enfrentadas, as pessoas recebem muito bem os visitantes e possuem um jeito simples e rústico.

Não sei se é por se constituir de poucas pessoas, mas o fato é que não há condições para uma sobrevivência digna lá. Por ser uma comunidade esquecida pelas autoridades municipais,

não há telefone público e nem água encanada, não possui posto de saúde, quando alguém fica doente é levado para uma comunidade vizinha ou para a sede do município. Muitas vezes, só é atendido se for caso de emergência. Um poço que lá existe foi construído por uma Igreja Presbiteriana de São Paulo.

A terra também sofre muito com as queimadas, por isso muitas vezes possui um aspecto feio. Mas a comunidade também possui coisas boas, como o potencial humano, que deve ser aproveitado, pessoas amáveis e respeitadoras, que não foram acostumadas a reivindicar seus direitos. Hoje, através do PRECE, estão sendo incentivadas a acreditar que seus objetivos podem se tornar reais e começando a se conscientizar sobre seus direitos e a lutar por melhores condições de vida.

O início da vida escolar

Iniciei minha vida escolar em uma escolinha no Cipó, com apenas uma sala de aula. Lá, estudei da cartilha do ABC até a terceira série do ensino fundamental. Minha primeira professora foi minha prima Antônia Barbosa. Sempre gostei de estudar, por isso resolvia todas as tarefas e aprendia as lições com facilidade, além de ajudar meus colegas.

Durante esse período, também estudei com minha mãe, nesse mesmo colégio. Na quarta série, tive de me mudar para outra escola, denominada Manoel de Oliveira Sales, localizada na comunidade de Cacimbas, em Pentecoste, e estudava com a professora Irismar Almeida. A quinta série eu estudei na comunidade de Capivara, próxima ao Cipó, com a professora Lúcia Gomes.

A sétima e a oitava séries eu fiz na cidade de Pentecoste, tendo que me deslocar num caminhão pau-de-arara, além de acordar de madrugada.

Ao concluir a oitava série, eu e minha mãe decidimos que eu não ia mais estudar em Pentecoste, já que havia a possibilidade de estudar em casa e, ao completar 18 anos, fazer o ensino médio via supletivo.

Nesse período, o PRECE já havia surgido. Quando observava aquele grupo, embora não entendesse bem o que estava acontecendo, sentia-me motivada ao ver aqueles jovens, que, apesar das dificuldades, tinham disposição para estudar com insuficiência de espaço físico adequado e também de material didático.

A importância do prece em minha vida

Ingressei no PRECE aos 12 anos de idade. Os estudantes de lá se reuniram para ministrar cursos direcionados à comunidade, tais como: curso básico de matemática, ciências, português, além do curso de datilografia, e eu participei do de língua portuguesa e datilografia.

Quando concluí o ensino fundamental em 1999, recebi um convite do pastor Áureo para fazer um curso de missões no Seminário Teológico de Fortaleza, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Senti-me tocada, então aceitei. Para tanto, recebi uma bolsa de estudos e moradia na residência do seminário.

No início, minha mãe hesitou muito, por eu ser muito jovem, mas ela acabou aceitando. Foi uma experiência enriquecedora, pois me fez crescer como ser humano.

Fui para Fortaleza no carro do Andrade. Os primeiros dias foram extremamente dolorosos, eu parecia um peixe fora d'água, chorava muito com saudade de casa. Por diversas vezes, pensei em largar tudo e voltar para casa, mas seria criticada, principalmente pela minha mãe, já que hesitara em me permitir ir para o seminário.

Aos poucos, fui me adaptando. O pastor conversava muito comigo e me deu forças para continuar, os professores eram maravilhosos e eu ganhei novos amigos. A residência era um local aconchegante, com pessoas receptivas e simpáticas.

No ano seguinte, concluí o curso, fiquei com muitas saudades de todos os amigos que conquistei lá, mas deveria voltar à minha comunidade de origem para dar continuidade aos meus estudos.

Retornei ao Cipó e o PRECE continuava crescendo. Nesse período, o PRECE fez uma parceria com o CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos) de Itapipoca. Dessa forma, a cada 21 dias, professores de Itapipoca iriam ao Cipó ministrar provas do supletivo.

Eu me matriculei no supletivo do ensino médio e fiz diversas avaliações, porém nas provas de cálculo senti muita dificuldade. Por causa disso, passei meses sem fazer provas, não que as pessoas não se dispusessem a me ajudar, é porque realmente eu me sentia desestimulada. Estava quase desistindo, contudo, várias pessoas me incentivaram e se dispuseram a me ajudar.

Conseguí fazer 53 avaliações, mas não continuei, preferi me matricular no Telecurso do ensino médio, mais conhecido como Tempo de Avançar, numa comunidade a cerca de 21km de Pentecoste, denominada Irapuá. Mesmo estando no Telecurso, atuava no PRECE como monitora de interpretação de texto e história e, nos finais de semana, estudava no pré-vestibular e participava de atividades religiosas.

Nesse período, aprendemos muito juntos, pois compartilhávamos nosso conhecimento, de acordo com a habilidade de cada um. Ou seja, os estudantes que se destacassem mais em uma disciplina seriam facilitadores e, assim, sucessivamente. Apesar do período em que passei sem fazer provas, em momento algum me afastei do programa, até mesmo porque nós acompanhamos o surgimento do PRECE e participamos assiduamente de várias atividades.

O vestibular

Em 2003, me submeti aos exames do vestibular. Foi uma experiência enriquecedora e proporcionou momentos inesquecíveis. Desde o mês de março, estudávamos de domingo a domingo. O mais importante é que compartilhávamos nosso conhecimento, havia também troca de experiências. Cada dia que passava, nosso companheirismo aumentava e crescíamos em unidade e conhecimento.

Apesar das dificuldades e limitações enfrentadas, acreditávamos que seríamos capazes de vencer, vencer não significa somente conseguir aprovação no vestibular, mas dizer NÃO a um sistema elitista, que exclui as pessoas desprovidas de condições financeiras e aprova, preponderantemente, aquelas que possuem condições financeiras elevadas.

Cada um de nós, pré-vestibulandos, tinha suas próprias limitações, mas éramos persistentes e não nos curvávamos diante das dificuldades. As principais limitações eram material didático adequado, transporte para locomoção dos estudantes oriundos de outras comunidades, local para os estudantes vindos de outras comunidades hospedarem-se, espaço físico adequado para utilização da metodologia. A alimentação também não era das melhores, porém a direção fazia o máximo possível para que todos os estudantes hospedados na antiga casa de farinha tivessem as refeições básicas do dia.

Apesar desses obstáculos, tínhamos como um dos principais objetivos a aprovação no vestibular. Passou-se o primeiro semestre e chegou o mês de julho, período de férias para os universitários, em que eles deram um intensivo para nós. No mês seguinte, seria o ENEM,

Exame Nacional do Ensino Médio, inscrevemo-nos nesse mesmo mês. Em agosto, foi a prova, que eu gostei e fiquei esperançosa de conseguir aprovação no vestibular.

Em novembro, as fichas de inscrições do vestibular foram levadas ao Cipó, estava em dúvida para qual curso faria, então optei por Pedagogia, porque me identificava com a área e por incentivo dum amigo.

Em 5 de dezembro, viajamos para Fortaleza e ficamos hospedados no CEFET (Centro de Ensino Tecnológico Federal). Nos dias 6 e 7 de dezembro, fizemos a primeira fase do vestibular e recebemos um acompanhamento de perto da equipe de apoio ao estudante, da qual faço parte hoje. Eles providenciaram tudo, desde hospedagem e alimentação até transporte para nos deixar nos locais de prova. Isso foi muito importante, pois havia pessoas com quem podíamos contar independentemente do resultado do vestibular.

Depois do segundo dia de prova, retornamos às nossas casas. Passaram-se alguns dias e ficamos sabendo do resultado da primeira fase. Foram 40 aprovados, dentre eles eu e minha prima Rafelina, que estuda comigo e me ajuda. No dia seguinte, tínhamos de retornar a Fortaleza para nos preparar melhor.

Dessa vez, ficamos alojados no Seminário Teológico de Fortaleza. Passamos 21 dias nos preparando para a segunda fase. Estudávamos muito, de manhã, à tarde e à noite. Mas valeu a pena, pois adquirimos conhecimentos que ficarão para toda a vida. Vinte de nós conseguiram aprovação.

Esses dias foram extremamente pedagógicos, pois melhoramos a nossa convivência em grupo, respeitando as diferenças e particularidades de cada um. Além disso, conquistamos vários amigos de outros núcleos, que continuam nos ajudando até hoje.

Com a aprovação no vestibular, percebi que os demais objetivos viriam com esforço e força de vontade de cada um. No início de 2004, ingressei no ensino superior e, apesar de várias pessoas já terem me falado sobre a faculdade, para mim, universidade era uma coisa nova.

Chegando em Fortaleza, minha irmã, Carmem, convidou a mim e a Rafelina para ficar na residência universitária 125, no seu quarto. Nesse período, aguardávamos o resultado da seleção para residência e o sorteio ainda não tinha acontecido e não tínhamos onde ficar. Os outros precistas também se hospedaram nas demais residências de alguns universitários do PRECE. Certo dia, a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis ficou sabendo que estávamos nas residências e procurou falar conosco. Admoestou-nos, dizendo que, se não saíssemos das residências, não poderíamos participar do processo de seleção para novos residentes. Foi uma situação muito desgastante que gerou um conflito entre todos os precistas, a Pró-Reitoria e até com outros residentes.

Frente à situação, tivemos que sair, urgentemente. Para isso, o pró-reitor Luis Antônio destinou três bolsas no valor de R\$ 150,00 para o aluguel de uma casa por alguns dias, até que saísse o resultado. Fomos para essa casa, que no início não tinha água nem energia. Por diversas vezes, pedimos água nas casas vizinhas e, à noite, comprávamos velas, para poder estudar, enxergando muito pouco. Uma tia da Arneide doou-nos um fogão, uma geladeira e um sofá, todos usados. Também um vizinho, o senhor Carlos, emprestou-nos um lampião. Certo dia, deixamos a porta aberta por distração e um ladrão roubou o lampião. Tivemos que comprar outro para ressarcir o senhor Carlos.

Durante esses dias, dividíamos as tarefas e recebíamos doações de alimentos de outros universitários. Depois de um mês, a água e a energia chegaram. No final de maio, houve o processo de seleção para novos residentes e eu e outros precistas fomos selecionados. Contudo,

a maioria de nós só entrou em agosto, pois tivemos que fazer exames médicos, e os resultados demoraram, adiando a nossa entrada nas residências universitárias. Como residentes, temos alguns privilégios, tais como alimentação, isenção de taxas, e isso é muito importante para nós, que viemos do interior e não temos boas condições financeiras.

Na faculdade, fui me adaptando aos poucos e, já nos primeiros dias, percebi certas deficiências do ensino superior federal, como falta de professores e cumprimento de carga horária. Mesmo assim, estava empolgada, afinal de contas, lutara muito para chegar até ali (universidade). Também comecei a me identificar com alguns grupos dentro da universidade, os quais permaneceram meus amigos até hoje. Recebi muito incentivo de alguns professores, como o professor Domingos Abreu, de Introdução à Sociologia, que acreditava no nosso programa e nos deu incentivos para continuarmos nele.

Recebi muito incentivo do meu irmão Beto, que foi um dos iniciadores do programa e, assim como eu, cursou o supletivo. Ele nos falava que o PRECE deveria oportunizar o nosso ingresso no ensino superior, mas para isso deveríamos ter forças de vontade e determinação. Mesmo sem entender muito sobre o que ele falava, acreditamos em suas palavras. Deu certo, ele hoje é graduado em Agronomia e eu e minha irmã Carmem estamos na universidade, cursando Pedagogia e Economia Doméstica, respectivamente.

Sonhos e aspirações

Ainda continuo atuando no PRECE, nos projetos de supletivo e Incubadora de Células Educacionais, nas disciplinas de língua portuguesa e história, respectivamente, e faço parte da equipe de apoio ao estudante, com outros precistas. Assim, com a ajuda do PRECE, retorno todos os finais de semana para a minha comunidade.

Também faço parte de um grupo de teatro na comunidade de Cipó, que envolve outros estudantes precistas e algumas pessoas da comunidade. Marcelo, nosso professor, nos dá apoio e assistência e há pessoas que me ajudam muito, como a Silvalina, o Felipe e a Jane; nós ensaiamos juntos e trocamos opiniões a respeito dos personagens. Acredito que esse trabalho chamará a atenção da comunidade, pois trata de temas presentes em nosso país.

O que me motiva a continuar participando desse projeto é a força de vontade coletiva de todos os seus participantes que lutam para alcançar seus objetivos. Pessoas persistentes que acreditam num futuro digno e não se conformam com o sistema opressor e manipulador existente no nosso município e em todo o país. Acredito que as razões do sucesso do programa são a disposição e a capacidade que educadores e educandos têm de compartilhar seus conhecimentos.

Espero concluir minha faculdade e fazer pós-graduação. Também desejo retribuir à minha família todo o apoio que recebi e lutarei para que as pessoas da minha comunidade possam viver dignamente e sejam auto-sustentáveis.

A minha esperança é que o nosso município possa oferecer uma educação pública e gratuita de qualidade, de maneira que prepare os estudantes para ingressar no ensino superior e os estudantes a desenvolver sua autocrítica.

Espero que as idéias revolucionárias dos que fazem o PRECE possam desestruturar esse sistema capitalista e exclusivista. Mas, enquanto isso não acontece, continuo na faculdade, recebendo todo apoio de minha família e do meu namorado Ivanilson, que sempre estiveram ao meu lado me incentivando e encorajando para que eu lutasse contra as adversidades da vida. Agradeço, também, aos irmãos e irmãs da congregação do Cipó da Igreja Presbiteriana Independente, pelas suas orações e palavras amigas.

Marillia Alves Teixeira

Sou Marillia Alves Teixeira, segunda filha de uma família de quatro irmãs, sendo uma das grandes frustrações de meus pais o fato de não ter um filho homem. Exatamente por isso, resolveram adotar um menino. Nasci em 1984, na cidade de Pentecoste, a 85km de Fortaleza. Na época, meu pai, José Maurício Teixeira, era caminhoneiro, hoje, ele é comerciante. Minha mãe, Aurilene Alves Teixeira, era costureira, hoje cuida da casa e ajuda meu pai no comércio. Considero-a uma mulher forte, disposta e determinada.

Quando pequena, freqüentei várias creches, esse foi o início de minha vida escolar. Aos três anos de idade, uma creche marcou bastante a minha vida, pois foi lá que aprendi as vogais através de músicas. Eu a considerava minha segunda casa, pois havia refeições, brinquedos e muitas crianças para brincar. A professora da creche era irmã de meu pai.

Aos quatro anos de idade, meus pais me matricularam no Jardim I, em uma escola perto de minha casa. Infelizmente, não gostava de ir, pois sentia muita falta da creche. No ano seguinte, passei para o Jardim II, porém algo não me satisfazia na escola e eu só ia devido à insistência de minha mãe, que não deixava que eu ficasse em casa. E isso fez com que eu passasse pela alfabetização sem saber ler, pois não conseguia me concentrar na aula e, por mais que minha mãe se esforçasse para me ensinar as tarefas de casa, eu não queria aprender, tinha bastante preguiça de pensar.

Os anos que se seguiram foram muito difíceis, pois, como não tinha aprendido a ler como deveria, repeti a segunda série do ensino fundamental e minha irmã, Maraiza Alves Teixeira, me acompanhou. Estudamos juntas da segunda série do ensino fundamental até a conclusão do ensino médio. O mais interessante disso tudo é que o fato de eu estar estudando com minha irmã me motivou a estudar e a passar de ano.

Quando eu tinha cinco anos de idade, meus pais decidiram mudar de casa, pois estávamos crescendo e a casa na qual morávamos era pequena. Apesar da nova residência ser na mesma rua que a outra, era um pouco distante, o que dificultava que eu encontrasse minhas antigas amigas.

Quando nos mudamos, não havia muitas casas próximas à minha, e a maioria das crianças de minha idade era do sexo masculino. Por isso, saía pouco para brincar na rua e passava a maior parte do tempo assistindo à tevê.

Costumava brincar bastante com minhas irmãs e deixávamos a casa totalmente desarrumada. Uma brincadeira que me recordo era de imitar uma sala de aula. Juntávamos algumas amigas e uma de minhas irmãs era a professora, a porta servia de quadro para as aulas e o conteúdo era dado por nível de série.

Em época de férias, gostava muito de viajar para a fazenda de meus avós maternos. Lá me sentia livre, pois espaço para brincar era o que não faltava. Minha avó era professora e ensinava numa pequena escola ao lado de sua casa. Geralmente, eu ficava de férias primeiro que a turma de minha avó e, para mim, era uma atração ver minha avó dar aula. Na escola em que ela ensinava, só tinha até a quarta série do ensino fundamental.

Estudei até a quarta série em escola pública em Pentecoste, mas, na época, a quinta série nas escolas públicas não tinha a disciplina de inglês, e foi pensando na melhoria de nossa educação que meus pais resolveram me transferir para o Centro Educacional João XXIII, uma escola filantrópica do CNEC (Conselho Nacional de Escolas da Comunidade), na época considerada a melhor do município. Foi com muito esforço e dedicação por parte de meus pais que conclui o ensino médio nesse colégio, pois, apesar da pequena mensalidade, eles também pagavam para mais duas de minhas irmãs.

Na quinta série, conheci pessoas que marcaram bastante meus anos escolares, algumas delas são: Cinthia, Alessandra e Germana. Juntas, passamos sete anos. Foram festas, aniversários, alegrias e tristezas, compartilhados ao longo de nossa vida colegial.

Meus pais, preocupados com a educação de minha irmã mais velha, Mauzirene Alves Teixeira, que já estava terminando o ensino médio, conseguiram uma bolsa de estudo em um bom colégio particular em Fortaleza. Ela veio para a capital cursar o terceiro ano e, depois, um cursinho preparatório para o vestibular, a fim de fazer uma boa faculdade. Assim, como ela veio para Fortaleza, eu pensava também em vir.

Depois de dois anos, minha irmã voltou para casa sem obter êxito no vestibular. Nessa época, eu cursava o segundo ano do ensino médio. Para mim, ver minha irmã voltar para casa sem conseguir foi decepcionante, pois ela sempre fora a melhor aluna de sua turma. Nesse momento, percebi que seria impossível passar numa faculdade pública, pois meu desempenho na escola não era dos melhores.

No começo de 2002, estava cursando o terceiro ano do ensino médio. Ao visitar minha avó Nunília, mãe de meu pai, reencontrei um primo, João Firmiano Júnior, que me falou da existência de um projeto localizado no interior de Pentecoste que já tinha proporcionado que várias pessoas ingressassem na universidade. No momento, ele também fez um pequeno comentário: “Sua irmã saiu de casa para a capital, com o intuito de passar no vestibular e não conseguiu, e alguns matutos no interior de Pentecoste haviam conseguido”. Nesse momento, algo dentro de mim se encheu de esperança e determinação. Fiquei ansiosa em saber com detalhes onde ficava e, principalmente, como fazer para participar, mas meu primo não sabia, pois já havia algum tempo que tinha desistido de estudar lá. Mesmo sabendo de todas as dificuldades que enfrentaria, não desisti. Comecei a perguntar sobre o projeto a algumas pessoas conhecidas.

Quando fiquei sabendo do projeto, o que mais me motivou a procurá-lo era saber que, no município pequeno em que eu morava, as perspectivas de vencer na vida eram mínimas; as jovens de minha idade tinham pouca opção de futuro. Muitas estudavam para serem professoras, outras arrumavam emprego em alguma loja. Não que a profissão de professora fosse ruim, mas, no interior, só ensina quem é do lado do prefeito. Caso não seja, só se consegue emprego através de concursos municipais, mas, mesmo assim, acontecem fraudes. Sem contar que um professor no interior ganha muito pouco.

No início das aulas, fiquei sabendo por uma colega, Aline Perdigão, que haveria uma reunião na comunidade de Cipó, na qual havia o pré-vestibular daquele projeto que eu tinha ouvido falar. Na reunião, haveria uma pré-matrícula para que os coordenadores tivessem idéia de quantas pessoas queriam participar. Quando soube da reunião, incentivei várias amigas a participarem também, inclusive minha irmã, que estudava na mesma sala que eu. De início, meu pai não permitiu que fôssemos, pelo fato de ser um pouco afastado da cidade, porém, eu o convenci da importância dos estudos em nossa vida.

Fomos para a reunião e lá encontramos várias pessoas conhecidas. A reunião foi dirigida pelo coordenador do PRECE, Manoel Andrade Neto. No momento, havia alguns universitários que contaram sua trajetória até conseguir passar no vestibular, e isso fez com que eu ficasse cada vez mais motivada.

A casa em que foi ministrada a reunião era uma antiga casa de fazer farinha, próxima à fazenda do senhor Arão Andrade. Lá, fiquei sabendo que as aulas seriam nos finais de semana e que um caminhão sairia sexta-feira à tarde de Pentecoste para Cipó. A volta seria segunda-feira de madrugada, pois o carro que levaria os pré-vestibulandos também serviria para os universitários que iam para Fortaleza estudar. Nesse momento, vi que não seria fácil, pois, além de passar toda a semana estudando no colégio, agora passaria também os finais de semana. De início, minha família, principalmente as irmãs de meu pai, foi contra nosso ingresso no projeto, pois não acreditava que daria certo. Porém meus pais já tinham permitido e isso era um forte motivo para seguir em frente.

No primeiro final de semana em que viajei para o Cipó, estava bastante ansiosa, pois não sabia se ia gostar da nova metodologia. De início, devido à demanda de estudantes vindos de Pentecoste, foi aplicada uma avaliação diagnóstica para selecionar algumas pessoas que apresentassem um bom conhecimento, para trabalhar como monitores, pois os universitários eram poucos e não seria possível atender a todos aqueles jovens. Não tive nenhum problema em aprender o conteúdo, pois o colaborador, universitário ou monitor, dizia qual era o capítulo a ser trabalhado e nos dividia em grupos para que pudéssemos ler. No final da aula, juntava os grupos e explicava tirando nossas dúvidas.

Apesar de ter estudado em um colégio melhor, meus conhecimentos não foram suficientes para que me tornasse monitora e isso me chateou bastante, pois compreendia que o que eu sabia era muito pouco. Comecei meus estudos no projeto com uma revisão do ensino fundamental. Estudava os livros da quinta série, nas disciplinas de matemática, geografia e história, e com um da sexta série de ciências. A disciplina de português era produção de texto. Ao longo dos finais de semana que iam se passando, percebi que, naturalmente, eu passava as matérias que aprendia para as outras pessoas que estavam com dificuldades; um processo natural do sistema. Os estudantes se ajudavam na compreensão das matérias. Aos domingos pela manhã havia uma disciplina extra, na qual estudávamos uma parte da Bíblia e tínhamos lições de cidadania. Essas aulas foram de fundamental importância para me solidificar no projeto.

Havia muitos momentos de descontração. Tínhamos a tarde de sábado livre e, com isso, aproveitava para fazer várias outras atividades, como a prática de esportes: vôlei, futebol, caminhadas, andar de bicicleta e nadar; outras vezes descansar, conversar com os amigos ou até mesmo adiantar o conteúdo para a próxima aula. Foi um ano totalmente diferente de todos de minha vida. Em nenhum momento, pensei em desistir, pois às vezes quando estava desanimada me atentava para os estudantes de Cipó e via quantas dificuldades eles enfrentavam e isso me motivava a estudar cada vez mais. Uma das maiores dificuldades para mim era a volta, pois no domingo dormíamos muito tarde, estudando, e, na segunda-feira de madrugada, o frio era insuportável.

Mesmo sabendo que no fim do ano haveria vestibular, não quis tentar, pois achava que não tinha conhecimentos suficiente. Mesmo assim, resolvi fazer o pedido de isenção da taxa do vestibular junto à universidade, caso mudasse de idéia. Pensei várias vezes em concorrer para adquirir experiência, porém, recebi vários conselhos dizendo que quando se presta

vestibular sempre se espera passar e acumular várias reprovações não era nada estimulador. Mesmo ganhando 100% de isenção não me inscrevi.

No Cipó, conheci um jovem, Elton Luz Lopes, que chamou bastante atenção pelo seu modo descontraído de ser. Começamos a namorar e estamos juntos até hoje. Na época, ele tinha prestado vestibular na UFC para o curso de Química e havia obtido sucesso. Por isso, infelizmente só nos víamos nos finais de semana. Ele influenciou bastante a minha vida e sempre me mantinha motivada.

Com o objetivo de fazer com que os alunos estudassem cada vez mais, o coordenador do PRECE propôs uma gincana para a disciplina de ciências. Ao término do livro de ciências que estávamos lendo, com o prazo pré-estabelecido, haveria uma prova de todo o conteúdo. Quem tirasse a maior nota, ganharia uma coleção de livros de química, e a célula que tivesse o melhor desempenho ganharia alguns vale-refeições.

A campeã da gincana foi minha irmã, Maraiza, que estudava na mesma célula que eu. Para mim foi uma grande surpresa ficar em segundo lugar. E mais contente em saber que a célula vencedora era a que eu participava. Ter participado da gincana me motivou bastante a estudar ciências e a gostar da disciplina de biologia. No final do ano, os alunos que fariam a prova do vestibular foram para Fortaleza e os demais ficaram de férias.

No começo de 2003, o coordenador do projeto convocou uma reunião com os alunos de Pentecoste. Na mesma, foi proposto que o projeto precisava ser expandido a fim de atender mais pessoas, pois o Cipó não teria mais capacidade de receber os alunos vindos de Pentecoste. Para isso, o projeto seria expandido para a sede do município. Na hora de tomarmos a decisão, fiquei um pouco apreensiva se realmente daria certo, pois era uma grande responsabilidade que estávamos assumindo. Todos aqueles que haviam participado do PRECE em 2002 atuavam como líderes para a implantação do novo núcleo. Foi feita uma pré-matrícula para saber a demanda de estudantes e o resultado não foi diferente do previsto, a quantidade de estudantes inscritos foi muito grande. E, para que todos esses jovens pudessem ser atendidos, foram selecionados alguns monitores para colaborar. As pessoas que tinham participado do projeto em Cipó foram convidadas a colaborar como monitores. Eu participei como monitora de cinco disciplinas: português, história, biologia, geografia e matemática. A experiência foi maravilhosa porque, para tirar as dúvidas dos alunos, tinha que estudar bastante em casa, ou seja, eu aprendi ensinando.

Em Pentecoste, as aulas do PRECE eram realizadas em um espaço alugado do Centro Educacional João XXIII, no turno da noite, visto que nesse horário não havia outras atividades na escola. A disciplina que eu mais gostava de colaborar era biologia, por isso, a escolhi para ser uma de minhas específicas quando fosse fazer vestibular, mesmo sem ter um curso definido.

Esse foi um ano de muita dedicação aos estudos e, por isso, pouco saía de casa. Só saía para as aulas ou para estudar em grupo na casa de colegas.

Com o PRECE em Pentecoste, minha irmã Mauzirene também decidiu participar. Devido à dedicação que tínhamos ao projeto, não sobrava tempo para ajudar nossa mãe com as tarefas de casa e isso, às vezes, a aborrecia. Também participei de uma campanha de arrecadação de alimentos para ajudar na manutenção do PRECE. Dentre todas as equipes participantes a minha foi a vencedora.

A primeira vez que visitei a UFC, mais precisamente o campus do Pici, foi em 2003, quando conheci o laboratório de química orgânica do professor Andrade.

No final do ano de 2003, me inscrevi no vestibular da Universidade Federal do Ceará para o curso de Engenharia de Pesca. Um dia antes das provas, todos os precisatas que prestariam vestibular viajaram para Fortaleza. Ficamos alojados no CEFET. À noite, tivemos a visita de uma psicóloga que nos proporcionou uma sessão de relaxamento, o que nos deixou mais tranquilos para a prova do dia seguinte. No dia da prova, os universitários do PRECE nos serviram o café da manhã. Naquele momento, senti como se nós formássemos uma grande família e, por mais que não conseguisse obter êxito no vestibular, já me considerava vitoriosa, pois muitos não tinham conseguido chegar até ali.

Terminada a prova, voltei para casa. Agora era só esperar o resultado da primeira etapa. Certa tarde, o telefone toca, era o meu namorado dizendo que eu havia passado na primeira fase do vestibular.

Aqueles que haviam passado na primeira fase voltaram para Fortaleza com o objetivo de estudar para a segunda etapa. Ficamos instalados no Seminário Teológico da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, no qual o Pastor Áureo Rodrigues de Oliveira, o responsável pelo seminário, é um grande colaborador do PRECE. Durante todo o período que passamos lá, recebemos a assistência necessária para que pudéssemos estudar. Os dias e as noites de estudo foram intensos. Todas as dificuldades que enfrentei valeram a pena, pois consegui ser aprovada no vestibular e ainda para o primeiro semestre.

No começo de 2004, vim para Fortaleza matricular-me na faculdade e fazer o pedido de residência universitária, pois não tinha lugar para ficar e meus pais não tinham recursos para alugar uma casa. As aulas começaram muito antes de sair o resultado da seleção e eu e outros novos universitários do PRECE ficamos agregados em algumas das residências universitárias onde outros universitários veteranos do PRECE já estavam. Mas foi por pouco tempo, visto que a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, quando soube, exigiu que saíssemos das casas, o que deixou a mim e aos meus colegas em situação muito difícil, pois não tínhamos para onde ir. Depois de muito desgaste e negociações envolvendo as Pró-Reitorias de Assuntos Estudantis e Extensão e a coordenação do PRECE, a Pró-Reitoria de Extensão nos deu quatro bolsas no valor de R\$ 600,00 mensais para pudéssemos alugar uma casa até sair o resultado da seleção da residência. Devido à pressão para nos retirarmos das residências, tivemos que ir para uma casa que só depois ficamos sabendo não tinha água e luz, devido a dívidas do inquilino anterior com a Cagece e a Coelce.

Ficamos todo o semestre morando nessa casa, ajudados pelos vizinhos, porque o resultado da seleção para a residência só saiu quando o semestre estava terminando, e isso fez com que eu me atrasasse um pouco nas disciplinas, pois, por mais que eu quisesse estudar, durante a noite ficava bastante difícil, pois ainda não contávamos com energia elétrica. Infelizmente, o sonho de ingressar na faculdade havia, inicialmente, se tornado um pesadelo, mas, finalmente, foi solucionado com o resultado favorável do pedido de residência.

Apesar dos problemas que enfrentava, podia voltar para casa todos os finais de semana para me encontrar com minha família e compartilhar o pouco que sabia nas disciplinas de química e biologia com os estudantes do PRECE que ainda iam prestar vestibular. Para mim, era uma grande satisfação poder ajudar outras pessoas.

Por conta dos problemas com residência, passei por grandes dificuldades na faculdade e quase fui reprovada em algumas disciplinas. Como não estava habituada com o barulho, visto que no interior dispunha de ambientes tranquilos para estudar, foi difícil a adaptação.

Ainda em 2004, ajudei a preparar alguns integrantes do MST para prestar o vestibular para um curso especial da UFC, o curso de Pedagogia da Terra.

Atualmente, sou voluntária em um núcleo do PRECE em Pentecoste, atuando como facilitadora na disciplina de biologia para os pré-vestibulandos e sou iniciante à pesquisa no laboratório de química, sob a orientação do professor Manoel Andrade Neto, pois pretendo fazer mestrado e doutorado na área de Engenharia de Pesca e desenvolver alguma atividade de sustentabilidade na minha comunidade.

Por tudo que vivenciei, percebi que a cooperação, a união de um grupo base, a vontade de transformar sua realidade, o desejo de retribuir a educação que lhe foi concedida, a força de vontade e os exemplos de vitórias são algumas das muitas características que movem o PRECE, e que jamais deixará que seus ideais venham a ser abandonados.

Raimundo Nonato

Eu, Raimundo Nonato da Silva Nunes, nasci no município de General Sampaio, que fica distante 126km de Fortaleza, Ceará. Filho primogênito de Maria Luiza da Silva Nunes e Manuel Martins Nunes. Meus pais casaram muito jovens, ela com apenas 15anos e ele com 21.

Com relação à história da minha família, não sei quase nada a respeito. Mas, pelas características dos meus avós, devem ter sido de escravos, uma vez que meu avô é negro e minha avó é parda. Meu pai é negro minha mãe também é parda.

Então, quando nasci em 16 de maio de 1978, minha mãe tinha 16 anos. Eu era uma criança grande, pesando, aproximadamente, 4kg e, como meu avô, também sou negro. Passei os primeiros anos da minha infância no município onde nasci. Fui muito mimado pelos meus pais e pelas amigas da minha mãe. Aprendi a falar e a andar logo e, segundo contam meus pais, eu era o máximo para eles. Só que nasci em uma comunidade rural e minha família criava galinhas, patos, e eu representava uma ameaça para os filhotes dessas aves, pois eu os matava se os pegasse.

O interessante é que no mesmo dia em que eu estava completando dois anos de idade, nasceu meu primeiro irmão e, logo no princípio, passei a rejeitá-lo, porque não era mais o centro das atenções. Mas isso foi só no início até ele aprender a andar, depois passei a levá-lo a todos os lugares. Era o meu melhor amigo.

Vida estudantil

A minha inserção na vida escolar não foi das mais fáceis. Comecei a freqüentar a escola onde nasci, mas não era matriculado, freqüentava em virtude de a professora ser minha tia e minha mãe trabalhava nessa escola como cozinheira, então me levava para ficar com os outros alunos. No entanto, não queria ficar na sala e, quando isso aconteceu, só fazia chorar. Meu desejo era brincar com meus primos no pátio da escola.

Em busca de melhores condições de vida, minha família mudou para cidade de Apuiarés que fica distante 111km da cidade de Fortaleza. Nessa cidade, fui matriculado na Escola de 1º e 2º Grau São Sebastião, onde passei praticamente toda minha vida estudantil, desde o pré-escolar, onde só brincava. Mas quando estava na 2ª série, mais uma vez, meus pais mudaram para outro distrito da cidade de Apuiarés, chamado Boqueirão, com 7km de distância. Para continuar estudando, tive que morar durante um ano com meus avós. Agora, a situação era diferente, tinha que acordar cedo, pois ela me obrigava a ajudá-la nos afazeres domésticos. Depois fui morar com meus pais na localidade onde eles estavam e fui matriculado na Escola de 1º Grau Francisco Bernardo, que era uma bagunça total, além do que, para se chegar ao colégio tinha que percorrer mais de 3km. Quando cheguei nesse colégio, ocorreu uma regressão dos meus conhecimentos. Por falta de professores, estudava todo mundo junto, menino que estava na 3ª série estudava junto com os da 4ª e 5ª séries. Nessa época, não pensava muito

em estudar. Saí de um colégio onde era mais cobrado e passei a freqüentar uma escola onde não havia cobrança nenhuma.

Foi um período de muitas brincadeiras, mas também com bastante dificuldade. De brincadeiras, porque no caminho da escola era só divertimento com meus primos, e meus pais moravam próximo a um rio, então a todo instante eu estava tomando banho ou jogando bola na areia do rio. Isso acontecia, religiosamente, todos os dias. Também nessa época, meu pai criava ovelhas, cabras, e a gente cavalgava nelas como se fossem cavalos. Eu me lembro como se fosse hoje, lá havia um bode muito grande e se montasse só um ele derrubaria, então montavam os três ao mesmo tempo para ele não ter a possibilidade de nos derrubar. Foi uma época muito prazerosa; morar no campo, tirar leite de vaca de manhãzinha, andar a cavalo e pescar. São acontecimentos marcantes para minha vida.

Minha mãe sempre trabalhou para completar nossa renda familiar e, nessa época, ela não estava trabalhando, por morar no campo e também por estar grávida da minha irmã caçula. Portanto, o que a gente ganhava era do trabalho agrícola do meu pai, e o orçamento era apertado. Quando minha irmã nasceu, meu pai foi trabalhar em Brasília e minha mãe ficou com os quatro filhos: eu, Francisca Fabio da Silva Nunes, Manoel da Silva Nunes e Maria Aparecida da Silva Nunes. Nessa época, tinha 12 anos e fiquei responsável, com meus tios, para cuidar dos animais que meu pai criava e as pessoas que trabalhava com ele. Mas isso durou, aproximadamente, um ano e meio, nessa época as brincadeiras ficaram de lado. Como consequência, repeti a 5ª série e fiquei atrasado nos estudos.

Quando meu pai retornou de Brasília, em 1992, decidiu que sairíamos de Boqueirão para voltar a Apuiaries. Para mim, foi complicado esse retorno, pois já estava acostumado a viver onde morávamos, teria que mudar de colégio e não tinha muita facilidade em fazer novas amizades. Apesar de voltar para uma escola em que já havia estudado, mas quando era criança e, agora, já era adolescente e não lembrava mais dos meus antigos amigos. Entretanto, fui matriculado novamente na Escola de 1º e 2º Grau São Sebastião. Passei alguns meses e não me acostumei, então a coisa mais fácil para mim naquele momento foi desistir, e foi o que eu fiz, desisti de estudar e sai da escola por um mês.

Nesse momento, apareceram as figuras maravilhosas que são meus pais. Meu pai só sabe escrever o nome dele e ler alguma coisa. Minha mãe, quando veio a terminar o ensino médio, já estava com 40 anos. Ela terminou através do Telecurso 2000, mas sempre se empenharam para que seus filhos estudassem. Meu pai é agricultor e trabalhou desde criança para ajudar na renda de sua família, talvez por isso não teve oportunidade para estudar. Minha mãe é cozinheira, hoje é funcionária da prefeitura e cozinheira de uma escola estadual e tem enfrentado muitas dificuldades desde criança. Sua mãe faleceu quando ainda era criança e foi morar em casa de família, onde sofreu bastante, além de não ter podido estudar na idade própria, mesmo assim e sem condições favoráveis, ela e meu pai sempre lutaram para que nós estudássemos. Talvez por tudo isso, nesse momento da minha desistência, eles, com uma professora chamada Zulmira, me convenceram a voltar a estudar. Após as palavras dos meus pais, voltei a estudar bastante estimulado e terminei o ensino fundamental, em 1996.

No ensino médio, fiz novas amizades com colegas mais ou menos da mesma idade que eu e foi nessa época que eu comecei a experimentar bebidas alcoólicas. Talvez a falta de opção do que fazer, a falta de opções de lazer e o desestímulo na escola me faziam sair para beber todas as sextas-feiras após a aula, em um bar de propriedade da diretora da escola. E foi as-

sim durante todo o ensino médio, não aprendi absolutamente nada. Minha família reclamava mais eu não me importava muito. Estava a fim mesmo era de me divertir. No entanto, além de bebida alcoólica, chegou um dia que me envolvi com drogas, maconha, foi um momento difícil para mim. Difícil porque, embora todo mundo saiba dos malefícios causado por ela, poucos sabem do falso prazer ocasionado pelo uso da droga. O incrível é que, quando você experimenta a droga, ela causa uma sensação de bem-estar, de risos e, no outro dia, assim que você acorda, a primeira coisa que você lembra e de sentir novamente a mesma sensação. Se você não for forte o bastante passará a usar todo dia. Embora nunca tenha usado, religiosamente, todos os dias, me dava um medo danado de me viciar, mas o medo maior era que meus pais soubessem. Alias, é pela primeira vez que falo ou escrevo a respeito disso. Só quem sabe era a pessoa que me passava a droga e uma namorada que tinha na época. Meus pais nunca souberam e nem imaginam que fiz isso comigo. Tenho maior medo de decepcioná-los. Talvez tenha sido por isso que deixei de usá-la alguns meses depois.

Sei que, passado tudo isso, no 3º ano conheci um amigo chamado Luis José e um professor que dava aula de inglês no colégio São Sebastião, chamado Kill Patrick. Essas pessoas foram responsáveis pela verdadeira metamorfose da minha vida. Isso ocorreu porque, embora não fosse um aluno que estudava para aprender, queria tirar notas boas nas provas só para não perder para ninguém. O que importava era aquele momento, então decorava a prova e pronto. No entanto, nunca consegui vencer esse meu amigo. Ele era incrível, só tirava 10 em todas as provas. E de tanto desejar vencê-lo fui criando gosto pelos estudos. Passei a frequentar a biblioteca da escola e ele me convidava todos os dias para a gente estudar física e matemática antes das aulas. Esse professor nos conheceu e viu nosso entusiasmo, embora mais dele do que meu. E falou que nos colocaria na universidade. Ele ajudaria meu amigo, primeiro, e depois seria minha vez.

Logo, chegou o fim de 1999 e foi o ano em que terminei o ensino médio. No ano seguinte, apareceu a oportunidade de fazer um curso profissionalizante chamado 4º pedagógico, que dava oportunidade, quando concluisse, de ensinar até a 4º série, com duração de dois anos. Matriculei-me, embora não quisesse ensinar, naquele curso, só para não ficar parado. No primeiro dia de aula, a primeira pessoa que vi foi o Luis e, a partir daí, todos os dias a gente estudava na biblioteca. Como o Kill Patrick tinha e tem boas condições econômicas, já que era professor na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e no Colégio Militar de Fortaleza, ele comprava os livros e repassava para a gente. Estudava sozinho em casa, pois meu amigo morava no distrito distante de Apuiaries. No final do ano de 2001, ele prestou vestibular na UECE, para Física, mas não passou. No entanto, na metade do mesmo ano, ele tentou novamente e conseguiu. Todos do colégio São Sebastião ficaram felizes e admirados, inclusive eu, principalmente, porque o ensino nas escolas locais não é bom. E o melhor de tudo isso o cara é uma pessoa humilde e nunca frequentou um cursinho em Fortaleza ou em qualquer outro lugar. Esse acontecimento me deixou cheio de esperanças, uma vez que eu poderia fazer o mesmo, e feliz, também, já que seria o próximo a ser ajudado diretamente pelo Kill Patrick. Pela primeira vez na minha vida, enxerguei o que queria fazer de verdade.

Terminei o 4º pedagógico no ano de 2002 e, a partir daí, passei a me dedicar e a pensar exclusivamente no vestibular. Kill Patrick me deu alguns livros e passou a me incentivar mais diretamente; comecei estudando sozinho e tive que iniciar praticamente do zero, uma vez que no ensino médio não aprendi quase nada. Foi bastante difícil no início até me adaptar a estudar, todos os dias, várias horas seguidas.

Também foi complicado deixar a vida que eu levava para estudar, deixar de ir a festas, de beber, até a minha namorada ficou um pouco de lado. Houve também críticas de todas as partes, dos meus amigos, que falavam que estava ficando louco, de outros, que diziam que a universidade não era para pobres e só os ricos é que tinham acesso. Recebi críticas até mesmo dos meus familiares, menos dos meus pais, mas estes argumentavam que eu devia trabalhar ao invés de estudar. No início, foi bastante complicado estudar, no entanto, resisti só por causa do apoio que tive dos meus pais e do professor.

Como estudar sozinho estava sendo muito difícil, convidei algumas pessoas para estudar comigo, que também o sonho de cursar uma universidade, assim passamos a estudar juntos, compartilhando nossos conhecimentos. Estudávamos em nossas casas e na biblioteca municipal e do colégio São Sebastião. E o interessante é que diversas vezes fomos barrados nas bibliotecas, pois não havia funcionários suficientes para abri-las. Voltávamos tristes para casa, mas não desistimos por isso.

Em 2002, estudamos muito e, no final do ano, tentamos vestibular para a Universidade Federal do Ceará. Éramos eu e meus amigos, o Ítalo e o Junior. Um fato interessante era que nós nem conhecíamos Fortaleza. O meu amigo Kill Patrick, que era professor de vários colégios de Fortaleza, levou-me para a sua casa e foi me deixar nos locais das provas, mas, como ele trabalhava, tive que voltar sozinho. Fiquei com mais medo de me perder do que da prova do vestibular. Lembro-me como se fosse hoje, cheguei no local da prova, no Colégio Geo Dunas, em Fortaleza, antes do início da prova havia um sistema de som do colégio que tocava a música do Roberto Carlos na voz dos Titãs, chamada “É preciso saber viver”. Quando saiu o resultado, vi que tinha passado para a segunda fase, contudo os meus amigos não haviam passado. Kill Patrick conseguiu uma vaga para mim, no Colégio Ari de Sá, um dos cursinhos mais falados de Fortaleza. Era um intensivo de um mês, estudava só para as específicas. Fiz a segunda fase, mas não obtive êxito. E voltei para Apuíarés e continuei estudando ainda mais, pois percebi que, se me esforçasse mais um pouco, eu conseguiria.

Nosso grupo de estudo começou a agregar mais pessoas e, um ano depois, fiz novamente vestibular, só que dessa vez na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Inscrevi-me para o curso de Matemática. Na UFC, havia me inscrito para o curso de História. E mais uma vez a prova do vestibular havia me vencido. Mesmo ficando entre os classificados, não tinha esperanças, pois eram apenas trinta vagas e eu estava na quadragésima colocação. Fiquei triste, mas minha esperança aumentou, já que, dessa vez, eu havia chegado bem perto.

No ano de 2004, um dos melhores períodos para mim, conheci o PRECE, através de um amigo que havia estudado comigo, chamado Wagner. Só que esse projeto acontecia na cidade de Pentecoste a 29km da cidade de Apuiaries, onde eu morava. Então, para estudar nesse projeto, era necessário morar em Pentecoste, mas eu não tinha condições financeiras para me deslocar todos os dias de Apuiaries a Pentecoste.

Para minha felicidade, o PRECE tinha uma casa de apoio ao estudante e a coordenação local me permitiu morar nesta casa. O interessante é que eu não conhecia ninguém em Pentecoste e nem sabia onde ia me alimentar, já que a casa não estava mobiliada. Decidi ir só com a cara e a coragem. Como nesse projeto a grande característica é a solidariedade, quando cheguei em Pentecoste não faltaram pessoas para me ajudar, mesmo não me conhecendo. Então, a mãe de um amigo que havia conhecido em Fortaleza cozinhou para mim nas primeiras semanas. Depois disso, a casa passou a ter geladeira e fogão e eu passei a fazer minha própria alimentação. No início, foi bastante difícil. Além de estudar, tinha que cozinhar.

Esse projeto é protagonizado pelos próprios estudantes, que estão divididos em pré-vestibular e iniciantes. Logo, quem tem um pouco mais de conhecimento, colabora como monitor dos que sabem menos. E foi o que aconteceu comigo, como já tinha uma certa bagagem, fui monitor de História e Matemática. Os iniciantes são divididos em células e, no primeiro dia, fui monitor de uma célula de História que tinha, aproximadamente, 13 pessoas; quando me deparei com esses estudantes, fiquei tão nervoso que não sabia o que falar, embora conhecesse o assunto. Depois, fiquei mais tranquilo, era muito bom compartilhar conhecimento.

Além de colaborar como monitor, estudava em outro horário com a turma do pré-vestibular, de domingo a domingo. Durante a semana, estudava em célula, a exemplo dos iniciantes, e, nos finais de semana, estudava com os facilitadores que, por sua vez, eram universitários. Foi assim durante todo o ano. Aprendi bastante, não só conhecimento elaborado, mas de vida, fiz amizades, me tornei mais sociável e me sentia útil para o projeto e para a sociedade.

No final de 2004, fiz vestibular para a UFC e me escrevi no curso de Ciências Econômicas. Um dia antes da prova, todos os vestibulandos foram para Fortaleza e se reuniram no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) para se preparar psicologicamente para o exame. Chegou o dia do exame, fiz a prova com bastante tranquilidade e depois fui para casa aguardar o resultado da primeira fase. Quando foi divulgado o resultado, havia sido aprovado. Depois de vinte dias, fiz a segunda fase e, depois de um mês, saiu o resultado e vi que o meu nome estava entre os aprovados no curso de Economia. Foi a felicidade mais intensa da minha existência até hoje. Pela primeira vez, sentia-me feliz.

Depois que comecei a estudar, sempre alimentei o sonho de ajudar meus colegas de Apuiaries, por isso, depois de aprovado, eu e meu amigo Wagner, também do PRECE, que já havia sido aprovado anteriormente, transformamos esse sonho em realidade. Com a ajuda da Prefeitura Municipal de Apuiarés, fundamos um núcleo do PRECE em Apuiaries e, hoje, passo a semana em Fortaleza e, nos finais de semana, retorno para a minha cidade, onde ajudo a coordenar o núcleo e colaboro como facilitador nas disciplinas de História e Matemática.

Fico bastante contente em poder ajudar as pessoas de meu município, uma vez que o sistema educacional de lá é péssimo. É um município pobre que vive, basicamente, da agricultura de subsistência e seus estudantes, assim como eu, já nascemos condenados ao fracasso. Acreditamos que com esse projeto podemos ampliar os horizontes, criar esperanças e dar oportunidade a pessoas que a princípio não teriam nenhuma chance de ingressar na universidade.

Esse é o memorial de uma pessoa, a princípio, condenada ao fracasso e que está vencendo graças à ajuda de pessoas que nela acreditam. E também acredita que muito poucas pessoas acertaram antes de errar. Enfim, é uma vitória da persistência e da tenacidade.

Rita de Kácia Marques dos Santos

Eu sou Rita de Kácia Marques dos Santos e moro na comunidade de Canafístula, distrito do município de Apuiarés, Ceará.

Filha de agricultores – Antônio dos Santos Luz e Maria Carmezita Marques dos Santos –, nasci no município de Pentecoste, no dia 23 de março de 1984. Na família, somos dez irmãos, sendo que eu sou a última destes. Pouco antes do meu nascimento, minha mãe teve uma grave doença, corremos vários riscos, mas conseguimos resistir. Hoje, vivemos muito bem, e minha mãe sempre relembra essa história como um exemplo de vida.

Meus pais não frequentaram uma escola normal, pois antigamente a escola era de difícil acesso, principalmente no meio rural, por isso eles foram alfabetizados em suas próprias casas.

Mesmo sem frequentar uma escola, meus pais sempre souberam da importância que tem a educação para a vida das pessoas. Pensando nisso, eles deram oportunidades para que meus irmãos estudassem, mas naquela época a comunidade de Canafístula, onde sempre moramos, só oferecia até a quarta série do ensino fundamental, na escola pública Nely Ribeiro Luz. Por conta disso, alguns dos meus irmãos foram estudar no município de Pentecoste, morando na casa de parentes.

Hoje essa mesma escola oferece o ensino fundamental completo e foi exatamente lá que comecei minha vida estudantil. Antes de iniciar a primeira série do ensino fundamental, passei pelo processo de alfabetização. Nessa época, eu tinha cinco anos e gostava muito de ir para a escola, onde aprendi a ler e a escrever as primeiras palavras. Em casa, tinha o apoio de minha família, principalmente da minha irmã, que já era professora. Ela sempre me ensinava as tarefas de casa e não me deixava jamais faltar uma aula.

Aos sete anos de idade, iniciei o ensino fundamental. Nunca mudei de escola, o ensino era um pouco precário, não por culpa dos professores, pois sabemos que o estado não oferece um ensino gratuito de qualidade para todos.

Mesmo sem condições, os professores eram esforçados e muito contribuíram para o meu desempenho educacional. Não tive muitas dificuldades com o aprendizado, pois sempre tive um ambiente favorável para os estudos. Através da escola, participei de muitas experiências boas com minha comunidade. Eu gostava muito de praticar atividades físicas como jogar futebol e brincar de carimba na rua, com os amigos e primos.

No final de 1999, terminei a oitava série. A escola organizou uma festa muito bonita, na qual comemoramos o final de uma primeira etapa da nossa vida estudantil. Na verdade, era uma despedida dos colegas e professores, pois não iríamos mais estudar naquela escola.

Em 2000, como na minha comunidade não tinha o ensino médio, tive que me deslocar para a sede de Apuiarés, para cursar o ensino médio na escola estadual São Sebastião. Toda noite, percorríamos vários quilômetros de ônibus para chegarmos na escola. Era muito cansativo e o transporte usado não era muito confortável, além de as estradas serem péssimas. Passei três anos fazendo esse sacrifício, porque não queria deixar de morar com minha família.

O primeiro ano foi muito difícil, estudar à noite não traz muito rendimento, mas depois me acostumei. Nesse período fiz muitos amigos; um fato marcante foi o festival de talentos das escolas públicas (Festal), no qual participei de modalidades esportivas. Devido ao meu interesse pelos estudos, alguns professores me estimularam a fazer faculdade.

Enquanto eu estava no ensino médio, muitos dos meus primos estudaram no Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE), localizado na comunidade de Cipó, no município de Pentecoste. Esse programa engloba vários projetos, entre eles, o Pré-Vestibular Cooperativo que tem como um dos objetivos preparar o estudante para fazer vestibular.

No final do ano de 2002, concluí o ensino médio e, com meus colegas e familiares, participei da festa de término de curso. Foi uma festa simples, mas com um valor imenso, pois para terminar o ensino médio enfrentei muitas dificuldades, como todo aluno de escola pública. Nesse momento, eu me perguntava o que seria do meu futuro, depois de concluída essa nova etapa. Terminado o ensino médio, eu ficava sonhando em fazer faculdade, e o PRECE me ajudou a realizar o meu sonho.

Em 2003, ingressei no PRECE, participando do grupo de revisão do ensino fundamental, mas logo depois com a minha evolução nos estudos passei para o pré-vestibular cooperativo.

O pré-vestibular funcionava nos fins de semana, então eu saía da casa na sexta e só retornava no domingo. Nós ficávamos na casa do estudante do PRECE, onde estudávamos em grupo e recebíamos ajuda de universitários que eram ex-estudantes do PRECE. Recebemos todo o apoio necessário, tais como: alimentação, livros, transporte e muito estímulo para enfrentar o vestibular. Nas horas vagas, fazíamos a limpeza da casa e praticávamos esportes, como futebol e vôlei.

Esse período foi muito importante para mim, pois aprendi a viver em coletividade e aprendi o verdadeiro significado da educação para a vida das pessoas. Durante esse ano, dediquei-me inteiramente aos estudos e ao vestibular que se aproximava, então passei o mês de novembro inteiro no Cipó, junto com outros estudantes. Estudávamos de manhã, à tarde e à noite; nos intervalos, fazíamos a comida e a limpeza da casa. A experiência de estudar ao ar livre e debaixo das árvores foi ótima. Percebi que poderíamos aprender mesmo sem a presença de um professor, só precisávamos de condições e estímulo para isso.

Além do PRECE, recebi muito estímulo da minha família. Minha mãe sempre dizia que eu poderia fazer vestibular tantas vezes fosse necessário até conseguir a aprovação, pois ela sabia que a concorrência no vestibular era desleal.

Decidi fazer vestibular para o curso de Educação Física na Universidade Federal do Ceará (UFC), concorrendo com 1.259 estudantes para apenas 45 vagas.

No final de 2003, fiz as provas da primeira fase do vestibular, com vários colegas. Nesses dias, recebemos total apoio do PRECE. Consegui a aprovação na primeira fase, ficando dentro do número de vagas, mas ainda teria que me submeter à segunda fase. Passamos um mês em Fortaleza, nos preparando melhor para a segunda fase. Nesse período, estudamos juntos até no período de Natal e, somente na véspera do Ano Novo, fomos para o interior visitar nossas famílias. Éramos um grupo de 40 estudantes e, entre nós, não havia concorrência. No início de 2004, pensei nos meus amigos precisistas e em todas as dificuldades que passamos juntos. Percebi que todo um ano de esforço estava apostado naquelas provas. Voltamos para casa com a esperança da aprovação. Dias depois, recebi a notícia da aprovação no vestibular. Eu e minha família ficamos muito felizes.

Hoje já estou no quarto semestre do curso de Educação Física, moro numa residência universitária e, nos finais de semana, volto para minha comunidade para dar continuidade ao PRECE e rever minha família.

Para conseguirmos entrar no programa de residência universitária, enfrentamos várias barreiras, por isso, no primeiro semestre, ficamos sem lugar para morar e, depois de muita confusão, a Pró-Reitoria de Extensão nos deu três bolsas para que pudéssemos alugar, temporariamente, uma casa. Pela pressa, alugamos uma casa sem água e energia, mas apesar disso foi um tempo de convivência intensiva em que aprendemos muitas lições de vida, e o PRECE sempre esteve presente nos apoiando.

Na universidade ainda enfrentamos obstáculos, pois não estávamos acostumados com a vida na cidade e o ensino é muito diferente daquele que havíamos vivenciado no PRECE. Aos poucos, nosso grupo está conseguindo fazer diferença na UFC.

Participar do PRECE é muito importante para mim, pois sei que estou ajudando na transformação da nossa realidade social. Pretendo estudar mais e um dia voltar a morar na minha comunidade. Sonho que a profissão que escolhi me satisfaça para que eu possa continuar servindo as pessoas, que é o verdadeiro motivo pelo qual vivo.

Maria Viviane Matos de Lima

Eu sou Maria Viviane Matos de Lima, nasci no dia 8 de agosto de 1984, no município de Pentecoste, que fica a 86km da capital do Ceará, Fortaleza. Sou a única filha de Maria de Cássia Matos de Lima. Moro com minha mãe, minha avó, que se chama Raimunda Julião Matos de Lima, e meu tio, Carlos Alberto Matos de Lima.

Sempre morei na parte urbana de Pentecoste, na rua Nossa Senhora de Fátima, próximo à capela de Fátima. Mas nem sempre minha família morou no mesmo lugar. Há 22 anos, eles moravam no Posto Agrícola, uma pequena localidade que fica um pouco distante da cidade de Pentecoste.

Com quatro anos de idade, iniciei minha vida escolar. Minha mãe me matriculou na escola Francisco Sá, onde continuei estudando até a quarta série. Ao contrário de alguns coleguinhas, que ficavam chorando quando chegavam na escola, eu não via a hora de chegar a aula e ver minhas professoras, tia Águida, no jardim de infância, tia Socorro e tia Lindalva, na alfabetização, entre outras. A hora feliz para mim era quando chegava o recreio, em que eu ia brincar de elástico com minhas amigas e também esperar minha mãe, que sempre vinha, pontualmente, deixar meu lanche e não saía sem fazer a indispensável advertência: “Se comporta, tá, filha”.

Lembro-me que, no colégio Francisco Sá, os alunos, antes de iniciarem as atividades, tinham que cantar o hino municipal. Eu sempre gostava desse momento, estava aprendendo a ler e, para mim, era um prazer decifrar as primeiras palavras do mundo da leitura, cantando o hino da minha cidade. E então, depois das filas organizadas, rezávamos um Pai Nosso e iniciava a canção, que no refrão dizia: “É nosso dever cantar, o chão que nos viu nascer, a terra de nossa herança, de um povo que não se cansa, de ter coragem de ser”.

Foi no mesmo colégio que fiz minhas melhores amizades. Amizades que perduram até hoje, com a mesma intensidade de sentimentos, ou até mais forte, pois fomos amadurecendo à medida que o tempo passava.

Hoje vejo o quanto construímos vidas diferentes. Aquela pequena menina, no caso eu, que quando a professora perguntava: “O que você vai ser quando crescer?”, e ela respondia: “Professora”. Hoje, essa criança cresceu e está na universidade, lutando para se tornar uma boa profissional e realizar seu desejo de criança.

Mas, infelizmente, nem todas as minhas amigas conseguiram chegar na universidade e perderam na sua juventude a vontade de continuar e tentar uma vida melhor.

As mesmas meninas que, no recreio, brincavam de elástico seguiram caminhos diferentes. Continuamos com nossa bela amizade e, hoje, sou “tia” do filho de uma delas e estou preste a presenciar o casamento de outra. Assim, nossas vidas vão passando e, em mim, fica a lembrança daquelas meninas que sonhavam juntas. Uma delas gostaria de concluir os estudos e ir morar na capital. Outra falava que seria advogada e a outra queria ser professora. Sonhos simples, mas que infelizmente não se tornaram reais para algumas.

Até a quarta série, aprendi muito no colégio Francisco Sá, tive a sorte de ter professores amáveis e gentis. Com algumas, até hoje tenho contato, como a tia Lindalva e a tia Socorro. Outras fizeram a sua parte e passaram deixando apenas lembranças. Apesar do esforço das minhas professoras, tenho consciência de que o conhecimento que recebi no período escolar foi insuficiente e não me capacitou para um bom desempenho no futuro.

À medida que ia crescendo, sempre ansiava por mais conhecimentos. Queria aprender mais e comecei a perceber que aquele ensino não era suficiente. Na ilusão de que aprenderia mais, pedi à minha mãe para fazer um esforço e me colocar em uma escola melhor.

Então, na quinta série, passei a estudar no colégio João XXIII, uma escola filantrópica do Conselho Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC), um pouco melhor do que as escolas públicas locais. No início, tive dificuldades, tirei notas ruins e não usava o mesmo material dos outros colegas, pois os livros eram caros e minha mãe não tinha condições de comprar todos. Não me senti desestimulada com isso, pelo contrário, comecei a estudar com alguns colegas que estavam na mesma situação, até que consegui comprar uns livros usados.

As pessoas eram diferentes naquele colégio, não eram ricas, mas tinham vontade de ser e se comportavam como tais. Continuei nesse colégio por dois anos; com o tempo consegui recuperar as notas e até consegui o terceiro lugar de melhor aluna da sala, o que me deixou bastante feliz.

Agora, aquela imagem de bom professor que formei quando criança começa a ser destruída. Destruída por alguns indivíduos que utilizavam o cargo de professor para dominar os alunos pelo medo. No João XXIII, havia um temido professor de matemática, que tratava os alunos como animais irracionais, inclusive nos chamando de insetos e outros nomes do tipo. Ele chegava na sala, expunha a matéria e todos tinham que entender na primeira explicação, pois ele não gostava de ser incomodado com “perguntas idiotas”. Por conta disso, a matemática passou a ser um terror para toda a turma.

As coisas começaram a apertar, as mensalidades aumentavam e, conseqüentemente, houve atraso nos pagamentos. Já não me sentia mais satisfeita com aquela situação. Então, disse a minha mãe que queria mudar de colégio. Não era um ensino de muita qualidade, mas o material era melhor e os professores cobravam mais dos alunos e, por isso, gostaria de ter continuado.

Não queria mais retornar ao Francisco Sá, então volto à escola pública, para estudar na escola Tabela José Ribeiro Guimarães. Estudava no período da tarde e lembro-me que, algumas vezes, ficávamos sem aula porque faltava água ou energia no colégio. Então, os alunos diziam que não agüentavam e se autodispensavam da aula, isso quando a direção não dispensava por livre e espontânea vontade. Minha turma era a mais bagunceira, conversava e brincava muito, não deixando o professor dar uma aula em paz. Se quisesse entender alguma coisa da aula, teria que sentar bem na frente, perto do professor.

Estava na sétima série e, nesse período, começou a vigorar o sistema de AS e ANS, avaliação satisfatória e avaliação não satisfatória. Não tínhamos provas e isso deixava os alunos bem à vontade, pois éramos avaliados por assiduidade e comportamento. Enfim, não me sentia feliz nos estudos. No entanto, tinha que continuar, embora muito desestimulada.

Na oitava série, resolvi novamente mudar de colégio. Escolhi um bem menor, com menos alunos, pois pensava que seria diferente. No entanto, comecei a perceber que a situação era a mesma em qualquer colégio público.

O ensino no Valdemar de Alcântara era pela TV e, de interessante, não tinha nada. Quando chegava a hora de ligar a TV, muitos saíam para passear no pátio do colégio.

Se a professora saísse da sala, daria oportunidade para mudar de canal. E era isso que acontecia quando ela saía; os alunos mudavam de canal e assistiam a novelas ou outras coisas do tipo.

No colégio Valdemar de Alcântara, já não cantavam mais o hino municipal, e sim o nacional. Uma vez por semana era feita uma fila e, ao invés de cantarmos o hino de Pentecoste, cantávamos sobre o sol da liberdade, o penhor da igualdade e sobre uma pátria amada e idolatrada.

Já não sabia o que fazer, cada vez mais meu desejo de estudar diminuía. Não me sentia satisfeita, queria mudar, e mudar para melhor. Embora as influências fossem muitas, queria nadar contra a correnteza e aproveitar o que fosse possível desse ensino precário.

Concluí o ensino fundamental e, como era esperado, ia iniciar o ensino médio. Parecia previsível o que ia acontecer no ano seguinte. Isso mesmo, mudei de colégio outra vez. Retornei ao Tabelaio, não tinha opção, pois não agüentaria mais um ano tendo como professor uma televisão. Não retornaria ao Francisco Sá, e o João XXIII estava fora de questão para mim.

No Tabelaio, encontrei praticamente todas as minhas amigas de infância. Estávamos todas na mesma sala e íramos continuar juntas por dois anos. Já que não mudara de colégio, resolvi mudar de turno. No ano de 2000, estava no primeiro ano do ensino médio e tinha duas opções de turno, um à noite e outro de manhã. Como as pessoas diziam que à noite era o horário mais bagunçado, até bebida os alunos levavam, achei que era melhor estudar de manhã. Mas, no dia em que fui me matricular, não tinha mais vagas, pois os alunos da zona rural tinham prioridade naquele horário. Como eu já tinha estudado no período da tarde e não havia gostado, o único turno que restou foi o da noite. Então me matriculei nesse período.

Como já falei, tive a oportunidade de encontrar minhas amigas e isso me tranqüilizou um pouco. Se realmente fosse do jeito que as pessoas falavam, pelo menos teria companhia para compartilhar minha insatisfação.

Durante todo esse processo educacional, nunca estive tão desestimulada como estava naquele ano. Não tinha perspectiva futura e, muito menos, aspirações profissionais. O que seria de mim quando concluísse o ensino médio? Se continuasse em Pentecoste, teria como opção trabalhar numa fábrica inconstante, que pagava muito mal aos seus servidores e, além de tudo, tratava seus empregados como verdadeiros escravos, que a cada três meses demitia os empregados para não assinar a carteira, isso se eu conseguisse uma vaga. Também poderia ser empregada doméstica, babá ou, se tivesse sorte, arranjar um emprego como balconista numa lojinha no mercado, o que não seria muito diferente de trabalhar na fábrica. Nada contra esses trabalhadores, mas não era isso que eu queria para minha vida.

Em 2000, não estava interessada nos estudos, não tinha prazer em estudar nem, muito menos, boas influências para tal fim. É incrível, estava com 16 anos, momento de sonhar, de fazer planos para o futuro e estava lá, sem uma meta a seguir, praticamente não sabia nem o que era faculdade. Universidade era uma palavra que não existia no meu cotidiano, não sabia nem do que se tratava o vestibular.

E aquele ano passou. No segundo ano do ensino médio, em 2001, não mudei de colégio nem de horário. Esse ano correu praticamente do mesmo modo que o anterior, exceto pelo surgimento de uma oportunidade de emprego. Um estabelecimento de vender gás estava precisando de seis meninas para desenvolver uma pesquisa de mercado, além de vendedoras. Foi muito legal, pois eu e minhas amigas conseguimos entrar juntas. Eu, Ritinha, Clécia, Cris, Camila e Yara, todas trabalhando no mesmo estabelecimento. Foi minha primeira ex-

perícia de trabalho, não era carteira assinada, mas nos pagavam um salário e comissões. Trabalhamos seis meses e a pesquisa acabou.

Em 2002, continuei na escola Tabela José Ribeiro Guimarães, mas mudei de turno. Embora não estivesse muito dedicada aos estudos, não queria continuar naquele ambiente escolar. Fui para o turno da manhã, era melhor, não tinha tanta bagunça e os professores eram legais.

Nesse ano, não sei como explicar, mas voltei a me interessar um pouco mais pelos estudos. Talvez por ter mudado de turno. O período da manhã era mais propício para estudar. Acho que a vontade pelos estudos estava apenas adormecida. Foi um bom ano. Um fato interessante que aconteceu foi que eu levei meu primeiro cartão numa sala de aula. Havia um garoto que sentava perto de mim, dizendo que queria estudar e aprender mais. Parece que não era sua intenção. Ele começava bem quietinho, fazia perguntas e até parecia interessado na aula. Porém, seu instinto de bagunceiro não o deixava assim por muito tempo. Ele tinha que aprontar e numa dessas acabou sobrando para mim. Nunca esqueci, pois até aquele dia nenhum professor havia me chamado a atenção. Fiquei com muita vergonha, toda a classe ficou surpresa e eu não sabia como me redimir.

2002 foi um ano muito significativo. Voltei a me preocupar com meu futuro. Ficava pensando no que faria no ano seguinte, já que concluiria o ensino médio. Quem terminava o terceiro ano e tinha condições poderia morar na capital e fazer algum cursinho ou mesmo trabalhar.

Nessa época já tinha noção do que se tratava o vestibular. Sinceramente, não pensava que um dia faria esse tal de vestibular. Parecia algo de outro mundo, que não seria acessível para mim. Mas uma coisa tinha certeza, queria continuar estudando.

Ainda em 2002, aconteceu algo muito importante para mim. Fui solicitada para ser professora das crianças na igreja que freqüento. Desde criança, sou da Igreja Adventista do Sétimo Dia e sempre estive em contato com as crianças. Auxiliava as professoras e tinha vontade de eu mesma ensiná-las. Até que apareceu uma oportunidade. Já faz quase quatro anos que estou no ministério infantil da igreja. Adoro trabalhar com crianças, para mim é gratificante. Tenho aprendido a respeitá-las, cada um na sua individualidade. Hoje sou diretora do ministério infantil da igreja e tenho, com a ajuda de Deus, procurado melhorar, mesmo com meus erros.

No mesmo ano, ouvi falar de um grupo de pessoas que iam de Pentecoste no final de semana para estudar na comunidade de Cipó. Fiquei muito curiosa para saber como isso acontecia. Fiquei sabendo que eles saíam na sexta-feira de Pentecoste, num pau-de-arara, e retornavam no domingo. Lá, eles estudavam e se alimentavam numa casa de fazer farinha. Deus sabe o quanto aquela notícia me interessou. Justamente, naquele ano, em que meu desejo de estudar estava começando a renascer. Mas, infelizmente, não seria possível participar naquele momento. Minha mãe não ia gostar da idéia e eu também tinha um compromisso nos finais de semana, que era cuidar das crianças. Outra coisa que me impediu foi a proposta de retornar a trabalhar no mesmo estabelecimento de antes. Estava disposta a abrir mão, mas como alguns familiares diziam que estava na hora de arranjar um emprego, não me senti à vontade para tomar a decisão de estudar ao invés de trabalhar.

Aceitei a proposta de voltar a trabalhar, embora em outras condições. Receberia menos e algumas das minhas amigas que trabalharam antes não aceitaram o convite. Continuei estudando de manhã e, à tarde, trabalhava até as 18h.

Fiquei um pouco indignada, porque não estava fazendo o que queria. Mas havia esperança de que a situação mudasse, eu ainda acreditava que poderia mudar o rumo da minha própria história.

Não era o meu desejo, muito menos meus planos, terminar meus estudos e continuar em Pentecoste sem nenhuma perspectiva de vida. Estava ganhando meio salário e tinha que passar seis horas diariamente andando em pleno sol escaldante de Pentecoste para vender gás, além de estudar e ter que conciliar tudo com meus afazeres na igreja, que por sinal era a única coisa que me dava prazer naquele momento.

No começo de 2003, fiquei sabendo que o projeto que acontecia em Cipó, conhecido como PRECE, viria para Pentecoste. Não sabia ao certo se isso era realmente verdade. No entanto, fiquei feliz só de pensar na possibilidade de continuar estudando. Então, os boatos foram comprovados. Iniciou-se a pré-matrícula e, algum tempo depois, fizeram uma reunião na Igreja Assembléia de Deus. Nessa reunião, tinha muita gente, inclusive eu, claro. Não faltava a nada que estivesse relacionado ao projeto. Fiquei muito empolgada com aquela novidade, isso nunca tinha acontecido no meu município. Depois das matrículas foi realizada uma avaliação diagnóstica, com o objetivo de selecionar estudantes para atuar como monitores e para dividir os estudantes por nível de conhecimento em cada disciplina. Isso era importante porque o PRECE utilizava uma metodologia diferenciada da escola regular. Os estudantes estudavam em células (grupos), se ajudavam mutuamente e quem sabia mais funcionava como monitor. A essa altura já sabia da metodologia do PRECE e, desde então, o admirava, mesmo não tendo experimentado.

Iniciou-se os estudos, a primeira semana foi um período de adaptação. Particpei das células de estudo e conheci meus monitores. Alguns deles já haviam estudado comigo e estavam compartilhando o que tinham aprendido no Cipó. Tudo era muito novo, inclusive o estudo em grupo.

No começo, foi estranho, sou um pouco tímida e não me sentia muito à vontade para falar na célula. Mas isso foi uma barreira que derrubei no decorrer do tempo. Os monitores me deixavam à vontade e compreendi que estava ali para aprender e que também aprenderia compartilhando os meus conhecimentos com os colegas.

Além de estudar à noite, marcava encontros com minha amiga Neira e minha monitora de matemática, Ailca; ela nos auxiliava na matéria e nos levava para sua casa e então tirava nossas dúvidas.

Não fiz a prova do vestibular naquele ano, pois sabia que não tinha condições de passar. Havia saído de um ensino precário que não capacita o aluno para tal prova. Continuei trabalhando, mas não por muito tempo, pois falei com minha mãe e disse que queria sair do emprego para ficar só estudando. Ela aceitou e, por mais que não tenha falado nada, sei que me apoiava, acreditava que eu sabia o que estava fazendo.

Em 2004, continuei no projeto, nem pensei na possibilidade de sair. Minha tia conseguiu uma bolsa para um cursinho em Fortaleza, Evolutivo, e não hesitei em dizer que não ia.

Agora que minha consciência crítica estava despertando e que voltei a ter aspirações profissionais, não abriria mão disso por nada. Principalmente porque já estava colaborando como articuladora de história no PRECE e estava aprendendo muito e vivendo novas experiências. Nesse ano, decidi fazer o vestibular, sabia o que me esperava pela frente, mas não transformaria essa prova num obstáculo para minha vida e meu sucesso. Mesmo que não fosse aprovada, teria um importante papel para exercer na minha comunidade. Com certeza,

voltaria para Pentecoste para ajudar meus companheiros e estudar mais, para, no final de 2003, tentar novamente.

Antes das provas, viemos para Fortaleza, pois a coordenação do PRECE conseguiu lugar para nos hospedar e alimentação. Foi muito importante aquele momento em que passamos juntos. No dia da prova, estava tranqüila, depois de um maravilhoso café da manhã e das palavras de ânimo recebidas do professor Andrade e do apoio dos precistas que já eram universitários. Saí de lá do seminário, local onde estávamos hospedados, com muita coragem e segurança.

Era a primeira vez que eu fazia o vestibular e, graças a Deus, consegui a aprovação. Fiquei muito feliz, não via a hora de entrar na universidade e conhecer um novo mundo.

Quando cheguei em Fortaleza, tudo era muito novo, a agitação da cidade, o ar, as pessoas, tudo muito diferente do meu interior. Nos primeiros meses, foi um pouco difícil. Estava gastando com transporte e com muito material didático, entre outras coisas. Além disso, ainda não estava na residência universitária e isso dificultou muito minha vida na capital.

Há dois anos, estudava em grupo e compartilhava conhecimentos e, agora, na universidade, novamente estava sentada numa cadeira, ouvindo o professor dar aulas expositivas. Mas teria que me adaptar a muitas coisas, essa foi uma das etapas.

Estou cursando Letras (Português-Espanhol) e está sendo ótimo. Já adquiri novos conhecimentos e fiz novas amizades. O mundo na universidade e, propriamente, na capital do Ceará, é muito diferente daquele em que vivia antes.

Depois que fui para a residência universitária, as coisas melhoraram, mas ainda tenho algumas necessidades, que, na medida do possível, estou vencendo.

Atualmente, colaboro como coordenadora de interpretação de texto e, com outros universitários, faço o programa de rádio Coração de Estudante em Pentecoste. Todos os finais de semana, retornamos para Pentecoste para ajudar nossos colegas que continuam lá.

O PRECE teve papel fundamental na minha vida, me despertou a consciência crítica, me desenvolveu a autonomia intelectual e me deu a possibilidade de voltar a sonhar com um futuro melhor.

Desejo concluir minha formação universitária e me tornar uma boa profissional na área da educação. Não pretendo ser apenas uma professora, pretendo ser uma professora transformadora. Não quero entrar numa sala de aula, dar uma aula expositiva e sair como se não tivesse um papel importante para exercer. Minha missão não é somente preparar o aluno para a vida profissional, mas é, principalmente, preparar para a vida.

Estarei com as minhas aspirações profissionais realizadas quando retornar definitivamente para minha cidade e atuar como uma verdadeira e consciente profissional da educação.

Francisco Wagner Gomes de Sousa

Vinte e três de idade. Esse é o momento em que eu vivo e que é muito marcante na vida de muitos jovens, pois é nessa idade que começamos a traçar o nosso futuro. Muitos escolhem caminhos obscuros como: roubar, matar, envolvem-se com as drogas; outros, como eu, sonham em cursar e concluir uma faculdade.

Nasci em uma comunidade rural chamada Monte Alverne, que fica no município de Apuiarés, interior do Ceará. Apuiarés é um pequeno município que fica a uma distância de 111 quilômetros da capital Fortaleza. Sou filho do agricultor Geremias Gomes de Sousa e de Maria Vera Lucia G. de Sousa, uma digna senhora do lar. Tenho dois irmãos, que se chamam Francisco Daniel Gomes de Sousa e Francisco de Assis Gomes de Sousa, e moramos naquela comunidade desde que os meus pais se casaram.

Morar na zona rural é, para mim, um privilégio, pois nela temos liberdade para desenvolver todas as qualidades e fantasias que uma criança sempre sonhou; correr pelos campos, jogar futebol todos os dias, andar a cavalo, enfim, se divertir sem a preocupação de ser atropelado por carros ou correr o perigo de levar uma bala perdida na cabeça. Aquele lugar é um presente de Deus: calmo, exuberante, um lugar esquecido pelo tempo, mas não pelos homens. Como escreveu o poeta Casimiro de Abreu:

*“Ai que saudade que eu tenho,
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais!”*

Assim, falar da minha infância é recordar os melhores momentos e os apuros (não posso dizer piores momentos) da minha vida.

Desde criança, sempre adorei brincar. Ultimamente, o que mais sinto saudade é do futebol, nos finais de tarde, no campo perto da minha casa. Eu, meus dois irmãos e meus colegas fazíamos todos os dias uma festa na beira do campo, aqueles eram momentos de alegria e diversão. Não tinha hora para acabar, às vezes, ia noite adentro, ninguém queria perder um só instante. A bola de futebol sempre foi a minha melhor amiga, não desgrudava um só instante dela, nem mesmo para comer. Lembro-me das lâmpadas e dos jarros que quebrei, jogando bola dentro de casa com o meu irmão mais novo, de Assis.

Naquela época, odiava escola, pois para ir estudar era necessário, primeiramente, levar umas palmadas dos meus pais e, muitas vezes, não ia para a escola, eu ficava na casa de um colega qualquer jogando bola. A escola foi para mim, na infância, uma prisão.

Até os cinco anos de idade, a pergunta mais freqüente que tinha na minha cabeça era, porque eu tinha que estudar se, ao invés disso, poderia estar brincando, fazendo que eu gostava. E todas as respostas dadas pelos meus pais eram em vão, pois nenhuma satisfazia aquela intriga.

Meus pais são duas pessoas que só tiveram a oportunidade de estudar até a 4ª série do 1º grau. Mas não foi por isso que eles deixaram de dar uma boa educação para os filhos. Meu pai, um homem muito batalhador, acorda muito cedo para ir trabalhar. Já a minha mãe, junto com meu irmão mais novo, toma conta, além da casa, de uma pequena venda de alimentos que possuímos com muito trabalho e dedicação.

A descoberta

Chegou o momento da escola, o jardim de infância na escola de 1º grau José Januário da Mota, próxima a minha casa em Monte Alverne. Mas a pequena distância que separa as duas era um momento especial, com muitas brincadeiras, brigas e curtições. Ainda não havia descoberto o sentido de ir à escola. Contudo, aos poucos, ia me adaptando a freqüentá-la, deixava de ser uma prisão e passara a ser um lugar que eu não sabia bem nomear, mas era legal.

No jardim de infância, vivi momentos especiais, mas logo tive a minha primeira decepção com a escola. A minha professora me deixou reprovado, segundo ela, eu não tinha idade suficiente para passar para a alfabetização. Fiquei muito triste, pois todos os meus colegas passaram, essa foi uma separação que me abalou muito, na época. Tentei até sair da escola, porém meus pais não deixaram.

Contudo, a minha vida escolar continuou e, no ano seguinte, em 1993, passei para a 1ª série do 1º grau e eu cursei até a 4ª série naquela mesma escola em Monte Alverne. Passados os quatros anos, tive que ir estudar em outra escola, pois na minha comunidade só tinha até a 4ª série do 1º grau. Por isso, tive que ir estudar na escola de 1º grau Tabeliã Raimunda Nonata da Silva, que fica na Serrota, um dos distritos de Pentecoste. Agora, a distância entre a minha casa e a escola passara a ser de cinco quilômetros. Nessa escola, protagonizei momentos inesquecíveis, que ficaram marcados para sempre. Foi nela que descobri o prazer de estudar, ao conhecer um professor que me incentivou. E foi a partir de fato, que descobri a resposta para aquela pergunta que tanta me intrigava.

As dificuldades eram muitas para eu continuar estudando. Acordava muito cedo para ir à escola. Com o aumento da distância entre a minha casa e a escola, eu tinha que ir de bicicleta, pois a pé levava muito tempo. Lembro-me que, muitas vezes, saímos, eu e meu irmão mais velho, o Daniel, debaixo de chuva. Estudei nessa escola até a 7ª série, já que no ano de 1997 tive que mudar de escola de novo, pois agora a prefeitura do meu município já havia comprado um ônibus e o colocara da minha comunidade até outra vizinha, chamada Vila Soares, um dos distritos de Apuiarés. Nessa escola, que tem por nome Miguel Soares Guimarães, estudei por um ano, foi nela que conclui a 8ª série.

Como naquela escola não tinha o 2º grau, tive que me transferir para a Escola de 1º e 2º São Sebastião, que fica na sede do município de Apuiarés. Lá, conclui o 3º ano pedagógico, em 2002, pois meus pais desejavam que eu fosse professor, mas eu não possuía essa vocação.

Naquele mesmo ano, tive que trabalhar, pois a situação financeira da minha família não estava estável. A única qualificação que eu tinha era para ser professor, e foi o que eu fiz, assumi uma turma de alunos da Escola de Jovens e Adultos (EJA) na minha comunidade. Nessa época, já estava estudando sozinho para o vestibular. Também naquele ano, conclui o 3º científico pelo sistema de supletivo, e o mais interessante foi que conclui em menos de três meses.

O programa de educação em células cooperativas (PRECE)

Conheci o PRECE, no ano de 2003, e foi nele, na época ainda denominado Projeto Educacional Coração de Estudante que começou realmente a minha jornada educacional em busca de um antigo sonho; passar no vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC). Antes de fazer parte do PRECE, já havia tentado duas vezes vestibular para aquela mesma universidade, porém não havia obtido êxito. A prova do vestibular é muito difícil e, para nós que moramos no interior e não possuímos uma condição financeira para pagar um cursinho, é quase impossível passar.

Para participar do PRECE, tive que abandonar algumas coisas que já havia conquistado, por exemplo, o meu trabalho como professor, agora concursado, e também uma bolsa de estudo integral num dos melhores colégios de Fortaleza. Lembro-me que tomar aquela decisão foi muito difícil para mim, porém, decidi ficar e fazer parte do PRECE.

Logo de início, surgiram alguns problemas, pois a nossa família não possuía nenhuma casa em Pentecoste, um município que fica a 26 quilômetros de Apuiarés e 86 quilômetros de Fortaleza. Assim, tive que ir morar com uma prima, numa casa alugada. Nessa, passei por momentos cruciais da minha estória de vida, pois aprendi que a melhor forma de valorizarmos o que temos é ir morar fora da casa dos pais. As dificuldades foram muitas, mas eu tinha uma empenhamento que nem eu mesmo sabia de onde estava tirando.

No início, estranhei um pouco a metodologia do PRECE de estudo em grupo, pois para mim tudo aquilo era novo, já que era acostumado só a assistir às aulas e não participava devido aos professores não abrirem um espaço para o diálogo. Aquele ano também foi o ano da primeira multiplicação do PRECE, antes só existia um núcleo na comunidade rural do Cipó, que fica a 19 quilômetros de Pentecoste. E foi graças a essa multiplicação que pude participar. Eu fui um dos estudantes que colaborou para o desenvolvimento daquele novo núcleo, em que, apesar de ser um novato, era muito envolvido com os outros estudantes e com os coordenadores e estava disposto a trabalhar para o bom funcionamento e crescimento do núcleo de Pentecoste.

O núcleo de Pentecoste possuía uns 300 estudantes no início, e como nós não tínhamos e ainda não temos professores qualificados para desenvolverem o trabalho, somos nós, estudantes, que desenvolvemos.

No PRECE, eu e outros estudantes possuíamos um pouco mais de conhecimento elaborado e ajudávamos os outros estudantes; éramos monitores. Eu fui monitor daquele núcleo nas cinco disciplinas básicas (Português, Matemática, Biologia, Geografia e História). Eu colaborava todos os dias com os outros estudantes. Essa etapa da minha vida foi muito importante e gratificante, pois, ao colaborar, estava sedimentando meus conhecimentos. Lembro-me que muitas vezes o nosso grupo de estudo ficava até tarde, pois o tempo passava tão rápido que nem percebíamos.

O ano passou rápido, eu estava determinado a tentar, mais uma vez, vestibular para a Universidade Federal do Ceará. E foi o que fiz, tentei vestibular para o curso de Economia e consegui ser aprovado, obtendo ótima posição.

Com a minha aprovação no vestibular, logo pensei em ajudar a fazer outra multiplicação. Agora, eu queria implantá-lo no meu município, Apuiarés. Contudo, eu era só um e, devido às dificuldades, infelizmente não consegui. Mas eu levei para Pentecoste um amigo meu de Apuiarés, o Raimundo Nonato da Silva Nunes, para fazer parte daquele núcleo. E, no vestibular do ano seguinte, ele também foi aprovado para o curso de Economia. Agora, com a aprovação dele, foi possível realizar o meu sonho de implantar um núcleo em Apuiarés.

No início de 2005, multiplicamos mais uma vez o PRECE, agora conhecido nacionalmente como Programa de Educação em Células Cooperativas, um dos programas do Instituto Coração de Estudante, que é uma organização não-governamental (ONG), desde 2004.

O núcleo de Apuiarés começou com uns 80 estudantes, e muitos estão envolvidos na sua organização. Hoje, sou coordenador administrativo e facilitador das disciplinas de matemática e história. O núcleo se localiza na sede do município de Apuiarés, distante 12 quilômetros da minha casa, por isso eu fico, durante todo final de semana, numa casa alugada pelo aquele. E já estou colaborando, há seis meses, e espero ajudar muito mais o PRECE, não só na parte da coordenação de núcleo, mas também na organização da ONG.

A graduação na Universidade Federal do Ceará

Entrei na universidade no primeiro semestre de 2004, para o curso de Economia. Achava, antes de conhecer o PRECE, que seria impossível realizar esse sonho. Já havia tentado antes, mas não havia conseguido. O dia em que pisei pela primeira vez na faculdade foi muito especial para mim. Tirei um peso das minhas costas, foi como se fosse pentacampeão de futebol, aos 47 minutos do segundo tempo.

Hoje, em julho de 2005, acabei de concluir o 3º semestre do meu curso. Na faculdade, estou aprendendo muito, mas sei que os ensinamentos dela não são suficientes e que não dá para ir muito longe, por isso estou trabalhando em uma pesquisa na área do agronegócio, como ferramenta para o desenvolvimento sustentável, principalmente, da minha região, o baixo vale do Curu.

Depois que concluir o curso, desejo fazer mestrado na Alemanha, na área de desenvolvimento sustentável, para adquirir mais experiência para poder desenvolver projetos com maior eficiência e sem ferir a natureza. Eu acredito que é possível vivermos na zona rural, se nós empoderarmos o seu desenvolvimento, não só o social, como o PRECE faz, mas também o econômico.

Manoel Alves

Nasci na cidade de Pentecoste no bairro dos Barreiros, em uma casinha humilde, no dia 17 de fevereiro de 1980. Minha mãe não chegou a ir para a maternidade, pois estava sem condições, devido à grande distância. Como era natural no interior, ela acabou por dar a luz, com ajuda de uma parteira, em nossa própria casa. Dois anos depois do meu nascimento, minha mãe engravidou outra vez e, como não desejava criar mais outro filho, tentou fazer um aborto caseiro. Preparou então um chá e colocou-o em cima de uma pequena mesa para esfriá-lo, eu inocente, fui mexer na vasilha que continha o chá e acabei me queimando, ficando com essas cicatrizes até hoje. Com o acontecimento, ela resolve assumir sua gravidez e então veio ao mundo minha irmã caçula.

Minha mãe teve uma história de vida muito complicada, pois se casou muito jovem e teve três filhas: Rita Alves Ferreira Costa, mais velha, Francisca Marta Ferreira Paiva e Maria Zulene dos Santos Sousa, caçula. Devido às más condições de vida que levava, resolve então se separar e começar outra vida ao lado de Luiz Pereira de Sousa, e dessa união nasceram mais três filhos: José Cezar Alves, meu irmão mais velho, Manoel Alves, o próprio que vos escreve, e Ana Alves de Sousa, a caçula dessa segunda união. Meu pai resolve assumir minha mãe, juntamente com as minhas irmãs, que ainda eram muito pequenas, e na ocasião recebem duras críticas por parte de seus familiares, devido ao fato de se verem obrigados a mudar de cidade. Dos três filhos que meu pai teve com minha mãe, somente minha irmã caçula foi registrada em seu nome, contudo ele nunca deixou de nos dar apoio, me ajudado financeiramente até os dias de hoje.

Fui registrado com o nome de Manoel Alves, sendo o sobrenome Alves de minha mãe. A minha infância foi marcada por vários acidentes, em que fui vítima, em vista disso, minha mãe sempre me deu mais atenção, fazendo com que me tornasse dependente de seus cuidados.

Minha vida estudantil

Iniciei minha vida de estudante aos sete anos de idade, no colégio público de Pentecoste Governador Waldemar Alcântara, onde cursei do maternal à oitava série. Gostava muito de ir para a escola, não pelo interesse nos estudos, mas pelas amizades que tinha e, também, pela merenda escolar. Durante minha vida estudantil no colégio Waldemar Alcântara, me envolvi em algumas brigas com os meus colegas de sala. Tenho lembranças muito boas de todos os meus professores, aos quais sou muito grato por tudo que aprendi com eles e agradeço a Deus por ter colocado essas pessoas na minha vida.

Ao término da oitava série, tive que mudar de colégio, tendo em vista que o colégio Waldemar não oferecia o ensino médio. Essa mudança marcou muito a minha vida, foi como se alguém cortasse um dos meus membros. Fui então estudar no já extinto colégio Padre Antonio Moreira, onde passei somente um ano e fomos obrigados a abandoná-lo, pois seria

transformado em um CVT (Centro Vocacional Tecnológico). No ano seguinte, fui estudar no colégio Tabelião José Ribeiro Guimarães, também em Pentecoste, onde conseguir terminar o ensino médio, no ano de 1999. Na escola Tabelião, fiz muitas amizades, das quais algumas fazem parte da minha vida até hoje. No ano 2000, tentei cursar pedagogia no colégio Etelvina Gomes Bezerra, mas por falta de estímulo acabei desistindo. Fui então trabalhar como padeiro e passei os anos de 2000 e 2001 vendendo pão, de porta em porta.

Em uma oportunidade mandada por Deus, reencontrei um amigo chamado Marciano de Góes Moreira, conversamos muito e ele me falou que estava cursando Agronomia na UFC, ele também falou sobre um projeto chamado PRECE (Programa de Educação em Células), que prepara estudantes de escolas públicas que não tiveram uma educação de qualidade a ingressar nas faculdades públicas. Fiquei muito entusiasmado e perguntei onde ficava a sede desse projeto, foi então que ele me falou que ficava no Cipó. No início, pensei que Cipó fosse um bairro de Fortaleza, foi então que ele me esclareceu melhor, daí a minha agradável surpresa, pois Cipó era uma comunidade rural de Pentecoste que ficava próximo à comunidade de Capivara, que já conhecia. Fiquei muito orgulhoso ao saber que, no meu município tão castigado pelas más administrações, havia alguém com visão de mudanças para essa juventude calada e acomodada com suas situações.

Minha entrada no PRECE

No final de 2001, abandonei meu trabalho e fui para a comunidade de Cipó, que fica, aproximadamente, a 16km da sede Pentecoste. Chegando lá, conversei com o professor Andrade e falei do meu interesse em participar desse projeto, ele me fez algumas perguntas e, no início do ano de 2002, ingressei no PRECE, com outros jovens de Pentecoste. Saíamos todas as sextas-feiras, à tarde, rumo ao Cipó e voltávamos na segunda-feira de manhã. Lá no Cipó fazíamos revisão de algumas matérias, orientados por alunos que haviam conseguido ingressar na faculdade e que voltavam para ajudar aqueles que tinham os mesmos sonhos. Durante esse tempo, passamos por algumas dificuldades, tendo em vista aqueles jovens viajando em cima de um caminhão, arriscando suas vidas naquelas estradas ruins e ainda recebendo críticas de algumas pessoas de nossa cidade.

No Cipó, nossas dificuldades continuavam, tendo em vista o desconforto e a falta de água. Durante esse ano em que estava no Cipó, sofri a maior perda na minha vida, minha mãe falecera no mês de outubro e pensei em abandonar o projeto, porém vi que, sem ele, não conseguiria suportar aquela perda.

No ano de 2003, conseguimos que o projeto se expandisse e chegasse até a sede Pentecoste, nesse ano prestei vestibular, pela primeira vez, para o curso de Engenharia de Pesca e consegui passar na primeira fase, mas infelizmente não consegui ser aprovado na segunda. Durante esse ano, o PRECE teve seu funcionamento no colégio João XXII e, de 2004 até os dias de hoje, vem funcionando no Centro de Pesquisa Ictiológica do DNOCS de Pentecoste.

No ano de 2004, prestei vestibular pela segunda vez e, graças a Deus e aos meus facilitadores, consegui ser aprovado para o curso de Engenharia de Pesca 2005.2, na UFC. Fiquei muito feliz em ter realizado um sonho que nunca imaginei ser possível, e sei também que sozinho eu não teria conseguido, por esse motivo sou muito grato aos meus familiares, que sempre me apoiaram dentro de suas limitações, e a todo o pessoal que faz o PRECE, pois eles são transformadores de nossa história.

Penso em me formar e desenvolver projetos sustentáveis na minha região, pretendo também permanecer no PRECE e dar continuidade às atividades que já desenvolvia, com meus companheiros e amigos. Sei que somente com cooperativismos podemos transformar nosso país em uma nação mais justa e igualitária, pois através de pequenos gestos estamos transformando nossas comunidades e, com isso, forçando os jovens a pensar sobre seu papel nas decisões do município.

